



**AÇÃO INTEGRALISTA
BRASILEIRA EM
MINAS GERAIS**
ESTUDOS E HISTORIOGRAFIA

Everton Fernando Pimenta
Leandro Pereira Gonçalves
(Organizadores)

**AÇÃO INTEGRALISTA
BRASILEIRA EM
MINAS GERAIS
ESTUDOS E HISTORIOGRAFIA**

Everton Fernando Pimenta
Leandro Pereira Gonçalves
(Organizadores)



Juiz de Fora

2021

© Editora UFJF, 2021

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora. O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es), são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

REITOR

MARCUS VINICIUS DAVID

VICE-REITORA

GIRLENE ALVES DA SILVA



DIRETOR DA EDITORA UFJF

RICARDO BEZERRA CAVALCANTE

CONSELHO EDITORIAL

RICARDO BEZERRA CAVALCANTE (PRESIDENTE)

ANDRÉ NETTO BASTOS

CHARLENE MARTINS MIOTTI

CLAUDIA HELENA CERQUEIRA MARMORA

CRISTINA DIAS DA SILVA

ILUSKA MARIA DA SILVA COUTINHO

JAIR ADRIANO KOPKE DE AGUIAR

MARCO AURELIO KISTEMANN JUNIOR

RAPHAEL FORTES MARCOMINI

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

MALORGIO STUDIO DESIGN & COMMUNICATION

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFJF

Ação integralista em Minas Gerais : estudos e historiografia / Everton
Fernando Pimenta, Leandro Pereira Gonçalves (organizadores.) --
Juiz de Fora, MG : Editora UFJF, 2021.
Dados eletrônicos (1 arquivo: 7,5 mb)

ISBN 978-65-89512-14-1

1. Integralismo – Minas Gerais. 2. Fascismo. I. Pimenta, Everton.
II. Gonçalves, Leandro Pereira. III. Título.

CDU 329.18(815.1)

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
promulgado pelo Decreto n. 6.583 de 29 de setembro de 2008.



EDITORA UFJF

RUA BENJAMIN CONSTANT, 790

CENTRO - JUIZ DE FORA - MG - CEP 36015-400

FONE/FAX: (32) 3229-7646 / (32) 3229-7645

editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br

www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Rodrigo Patto Sá Mota	
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM MINAS GERAIS	9
Everton Fernando Pimenta, Leandro Pereira Gonçalves	
CAPÍTULO 1	11
O INTEGRALISMO EM MINAS GERAIS: DESENVOLVIMENTO ENTRE 1932 E 1935	
Guilherme Costa Pimentel	
CAPÍTULO 2	26
UMA ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO INTEGRALISTA EM MINAS GERAIS A PARTIR DOS ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA	
Emerson Nogueira Santana	
CAPÍTULO 3	37
OLBIANO DE MELO: A FORMAÇÃO DE UM REVOLUCIONÁRIO CONSERVADOR EM MINAS GERAIS	
Célia Cerqueira de Araújo	
CAPÍTULO 4	46
“EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA O HOMEM INTEGRAL”: AS ESCOLAS INTEGRALISTAS EM MINAS GERAIS	
Lenir Palhares	
CAPÍTULO 5	66
EM BELO HORIZONTE OPERÁRIOS VESTEM CAMISAS VERDES?	
Yonne de Souza Grossi, Maria Auxiliadora Faria	
CAPÍTULO 6	86
O SIGMA E A CRUZ: INTERSEÇÕES ENTRE INTEGRALISMO E CATOLICISMO EM BELO HORIZONTE NA DÉCADA DE 1930	
Leandro Ratton Pires da Silva	

SUMÁRIO

CAPÍTULO 7	99
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: SEUS REFLEXOS EM JUIZ DE FORA	
Maurício de Castro Corrêa	
CAPÍTULO 8	122
O NASCIMENTO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM JUIZ DE FORA	
Leandro Pereira Gonçalves	
CAPÍTULO 9	136
O INSTITUTO GRANBERY E A ARTICULAÇÃO DE ELEMENTOS “INCOMPATÍVEIS” NOS MOMENTOS INICIAIS DA PRESENÇA INTEGRALISTA EM JUIZ DE FORA (1933-1934)	
Everton Fernando Pimenta	
CAPÍTULO 10	157
INTELLECTUALIDADE E IDEOLOGIA: GUSTAVO BARROSO E O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA	
Vanessa Aparecida Lobo Amancio	
CAPÍTULO 11	166
O ESPÍRITO UNIVERSAL DO CATOLICISMO E A MÍSTICA INTEGRALISTA: MURILO MENDES REAGE À APROXIMAÇÃO ENTRE A IGREJA E A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA	
Rafael Velloso Macedo	
CAPÍTULO 12	179
DO FASCIO AO SIGMA: A PRESENÇA INTEGRALISTA EM BARBACENA (1934-1938)	
Everton Fernando Pimenta	
CAPÍTULO 13	194
A ATUAÇÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM DIAMANTINA	
Elias Maria de Oliveira Júnior	

SUMÁRIO

CAPÍTULO 14	211
REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS DO INTEGRALISMO NA IMPRENSA OLIVEIRENSE E POUSO-ALEGRENSE DA DÉCADA DE 1930 George Rodrigues Pereira	
CAPÍTULO 15	222
A RESPOSTA DAS CARTAS: O INTEGRALISMO EM POUSO ALEGRE Ivan Teodoro Marques	
CAPÍTULO 16	235
OS ANAUÊ NA TRILHA DOS UAI: A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA NAS PÁGINAS DO JORNAL “A RAZÃO” DE POUSO ALEGRE (1936 - 37) Márcio Tiago Rodrigues de Oliveira	
CAPÍTULO 17	246
AÇÃO INTEGRALISTA EM VARGINHA: ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA (1935-1938) José Roberto Sales	

PREFÁCIO

O integralismo foi o primeiro movimento de direita radical a alcançar capilaridade e organicidade no Brasil, podendo ser considerado como parte da onda fascista que varreu boa parte do mundo nos anos 1920-30. Naturalmente, todos os grupos fascistas tinham peculiaridades locais, afinal, tratava-se de movimentos nacionalistas, portanto, valorizavam as singularidades da própria nação ao ponto de considerarem-nas melhores, mais fortes e superiores às outras. No caso da AIB, as peculiaridades mais destacadas seriam a sua aproximação com a religião católica, o que existia em outros movimentos fascistas, mas não era prática comum, e o modo próprio – e ambíguo – no tratamento da questão racial, já que parte das lideranças integralistas negava o racismo e chegava a aceitar militantes negros, ao mesmo tempo em que outros líderes praticavam virulentos discursos antissemitas, portanto, gerando a dúvida se a negação do racismo era para valer ou apenas um dispositivo tático.

Entretanto, as características singulares do integralismo não mudam o fato de que tinha grande semelhança com outros movimentos fascistas, principalmente o anticomunismo e o nacionalismo extremos, o militarismo, o antiliberalismo, o culto ao líder/chefe e o enquadramento de militantes em partido rigidamente hierarquizado. No caso da AIB, a afinidade com os fascismos europeus fica evidente não apenas quando comparamos as características comuns em relação aos modelos estrangeiros, mas, também, ao observarmos a maneira como a imprensa integralista representava o fascismo italiano e o nazismo, com notável admiração e entusiasmo.

A AIB contou com centenas de milhares de aderentes e simpatizantes Brasil afora, não apenas nas grandes cidades, mas, também, em municípios de menor porte, como, aliás, pode ser observado em alguns dos capítulos deste livro dedicados ao estudo do integralismo no interior de Minas Gerais. O partido contou com forte estrutura de difusão e propaganda, que se baseava em uma miríade de jornais e publicações de variado tipo, inclusive livros doutrinários para orientar a militância, além de estruturas de organização capazes de conectar a militância em plano nacional e regional. Tornou-se, portanto, uma força política de relevante impacto, notadamente no contexto de polarização política dos anos 1934-37, quando o cenário político brasileiro parecia apontar para agudo embate esquerda x direita capitaneado por comunistas e integralistas em cada lado do espectro político, tendo a AIB se beneficiado (e ajudado a promover a) da grande maré anticomunista que se formou após a insurreição revolucionária de novembro de 1935.

Com seu lema Deus, Pátria e Família, a organização galvanizou a opinião de direita no Brasil, promovendo uma aproximação (às vezes tensa) entre setores conservadores tradicionais e os aderentes da novidade fascista. Mesmo que a AIB tenha sido reprimida após o malogrado putsch de maio de 1938, uma tentativa fracassada de ataque à residência oficial do Presidente Getúlio Vargas, a sua pregação deitou raízes fortes o suficiente para manter o ideário vivo e pronto a ser recuperado quando a situação permitisse, como se passou no período posterior

ao fim do Estado Novo, momento em que os integralistas criaram o Partido de Representação Popular (PRP).

O integralismo tornou-se uma das principais matrizes da direita brasileira, seguindo ativo pelas décadas seguintes, ainda que com novas roupagens. Durante a ditadura militar, em especial, ex-militantes da AIB ocuparam espaços de poder relevantes, a partir dos quais contribuíram para dar contorno a algumas ações do estado autoritário. Mais recentemente, no quadro da onda direitista dos últimos anos, temos visto o aumento da circulação de valores conservadores próximos ao ideário tradicional integralista, especialmente a religião (embora com a diferença de que agora a orientação neopentecostal tornou-se muito influente à direita), o anticomunismo e o nacionalismo ‘verde-amarelista’.

Assim, estão plenamente justificadas a relevância e a densidade histórica do objeto deste livro organizado por Everton Fernando Pimenta e Leandro Pereira Gonçalves. Trata-se de uma coletânea de estudos sobre o integralismo no estado de Minas Gerais, que, vale lembrar, nos anos 1930, ainda era o mais populoso do Brasil e peça central do jogo político nacional. O objetivo dos organizadores foi reunir uma ampla gama de estudos sobre a atuação integralista em Minas, projeto editorial que implicou mobilizar diversificado elenco de autores, desde jovens recém-graduados a pesquisadores doutores experientes. Perfil diverso também caracteriza os textos, pois há desde a republicação de estudos inauguradores desse campo de estudo e que foram produzidos nos 1970 e 1980, como os capítulos de Maurício de Castro Corrêa e de Yonne Grossi e Maria Auxiliadora Faria, até pesquisas recentes ou ainda em andamento realizadas por pós-graduandos.

Quanto ao arco de temas contemplados, dentre os textos da coletânea encontram-se estudos sobre o integralismo em diferentes municípios (capital e interior), pesquisas sobre líderes marcantes do movimento (como Olbiano de Melo, um dos precursores da AIB), análises sobre a imprensa integralista, considerações sobre os acervos documentais que permitem acesso ao tema, reflexões sobre algumas iniciativas educacionais dos integralistas e sobre suas relações com a religião e grupos sociais específicos (operários). Portanto, a coletânea oferece efetivamente um painel amplo de estudos sobre o integralismo em Minas, trabalho útil aos interessados não apenas para inteirar-se do ‘estado da arte’ nesse campo de pesquisas, mas para que possam perceber novas possibilidades de investigação a serem desenvolvidas. Além disso, a coletânea pode estimular o avanço de estudos comparativos envolvendo outros estados brasileiros, que poderiam colocar à prova, por exemplo, a impressão corrente de que as bases sociais mais fortes da AIB estavam nos estados sulistas.

A coletânea mostra a vitalidade dos nossos programas de pós-graduação e o crescimento de um campo de estudos em consolidação. Tanto a história das direitas em geral, como a pesquisa de algumas de suas expressões singulares mais importantes, como é o caso do integralismo, tornaram-se ainda mais importantes diante dos desafios vividos pelo Brasil nos últimos anos. Somente por isso a iniciativa já mereceria elogios, com potencial para tornar-se uma leitura muito útil nos dias que correm.

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta
Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador CNPq

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM MINAS GERAIS

O integralismo permanece atual. Com a posse de Jair Bolsonaro, o Brasil entrou em uma nova esfera política. Há um clássico exemplo da radicalização – que é um fenômeno global – e que possui nos anos 30 a gênese do fascismo nacional através da Ação Integralista Brasileira (AIB), experiência política que teve seu período de existência legal compreendido entre os anos de 1932 e 1937. Um movimento que não ficou restrito ao que podemos chamar de “era fascista”. O integralismo avançou o século XX e ultrapassou para o século XXI. Um movimento que foi constantemente reinventado em novos modelos e ações.

Em dezembro de 2019, um grupo de camisas-verdes ataca com coquetéis molotov a sede da produtora Porta dos Fundos. Para muitos, os integralistas estavam presos nos livros de história, mas, com a radicalização política contemporânea, alcançaram as ruas (e as redes sociais). O atual cenário político está se caracterizando cada vez mais pelo avanço de movimentos, partidos, culturas políticas nascidas no campo das direitas radicais que se encontram em um processo de ascensão que não era visto desde o período entre as duas guerras mundiais (1918-1939). Esses grupos, que em muitos casos expressam revolta contra o *status quo* político na democracia representativa, tem oferecido a base para a ascensão de governos caracterizados por um nacionalismo xenófobo, pelo descrédito aos direitos humanos e, principalmente, aos direitos das minorias.

O momento auge do integralismo, o fascismo brasileiro, foi nos anos 30, quando a AIB passou a estar presente em todas as regiões do país, tanto em áreas urbanas, quanto rurais, mesmo que se considere tal expansão ocorrida nos estudos que a tomaram como tema, constata-se, até os dias atuais, a permanência de uma concentração maior das pesquisas sobre o integralismo em algumas regiões, em especial no sul e no sudeste.

A iniciativa da presente obra se torna importante ao promover a reflexão da presença integralista em um dos principais focos de camisas-verdes: Minas Gerais. Com aproximadamente 180 cidades, o estado foi amplamente impactado pelo movimento de Plínio Salgado em diversas regiões.

A presença do fascismo brasileiro despertou interesse de alguns pesquisadores, que buscaram reconhecer as particularidades do integralismo mineiro, principalmente com a abertura de novos programas de pós-graduação, de arquivos estaduais e municipais, bem como as próprias mudanças ocorridas na historiografia que passou a destacar a direita como objeto de reflexões.

Deste modo, ao voltar o olhar, especificamente, sobre a presença da AIB em Minas Gerais e contemplar os esforços empreendidos pelos pesquisadores que se dedicaram à sua análise,

constata-se que, embora se tenha detectado um aumento do número de estudos, ainda assim, dada à grande extensão territorial do estado e à capilar presença integralista na terra das alterosas, fazem-se necessárias mais mãos para se propor um panorama mais fidedigno atinente às atividades dos camisas e blusas verdes mineiros. O livro proposto busca ser um manual de todos os estudos já realizados sobre o integralismo no estado.¹

Esperamos, portanto, que a obra possibilite não apenas reflexões e conhecimento, mas que as produções possam contribuir com novas pesquisas e futuras discussões.

Organizadores

¹ Três trabalhos foram mapeados sobre o tema, sem que tenhamos sucesso em fazer o contato com seus autores. São eles: SANTOS, Josiane Soares dos. *O Integralismo na imprensa montesclarensense na década de 1930*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, 2012; SILVA, Dangelis Nassar da. *A mobilização integralista em minas gerais (1934-1937)*. 1998. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 1998 e SILVA JUNIOR, Jadir Gomes da. *Deus Pátria e Família: o Integralismo em Belo Horizonte*. 1999. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte, 1998. Além disso, o artigo *Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João del-Rei e o caso de Tancredo Neves* é uma nova publicação da *Estudos Ibero-Americanos* (v. 47 n. 3, 2021) com autoria de Everton Fernando Pimenta e Leandro Pereira Gonçalves.

O INTEGRALISMO EM MINAS GERAIS: DESENVOLVIMENTO ENTRE 1932 E 1935¹

GUILHERME COSTA PIMENTEL²

INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi uma organização criada em outubro de 1932. Sua maior inspiração foi o fascismo italiano e seu líder foi o intelectual Plínio Salgado. Em dezembro de 1937, junto aos demais partidos, a AIB foi extinta por decreto presidencial. Contudo, entre sua fundação e extinção, a AIB cresceu em todo o país. Essa organização atraiu milhares de adeptos, desenvolveu uma sofisticada estrutura interna e almejou a presidência da República. Este crescimento, porém, não foi uniforme ao longo dos anos.

Por conseguinte, o objetivo desta reflexão é acompanhar e analisar o desenvolvimento da AIB em solo mineiro durante os anos de 1932 a 1935. Via de regra, até 1934 a AIB esteve presente em poucas cidades e distritos mineiros, onde atuava de modo precário e reunia poucos adeptos. A organização liderada por Plínio Salgado ganha força em Minas Gerais a partir de meados de 1935. No entanto, é mais seguro apontar o ano de 1936 como aquele em que, efetivamente, a AIB se consolida em Minas Gerais. Este é o argumento central deste trabalho. Embasam as reflexões deste texto os jornais relativos à década de 1930 contidos na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional e os arquivos do fundo DOPS-MG, sob guarda do Arquivo Público Mineiro (APM).

OLBIANO DE MELO – O PRECURSOR DO INTEGRALISMO EM MINAS

Não se pode discorrer sobre o início do integralismo em solo mineiro sem mencionar o intelectual Olbiano de Melo (COUTINHO, 2010). Nascido em Teófilo Otoni, Vale do Mucuri, este intelectual foi o precursor do integralismo em Minas Gerais. Sua cidade natal foi o “centro irradiador da Idéa Nova em Minas.”³ Olbiano de Melo foi um dos maiores responsáveis por conferir à AIB o

¹ Este capítulo baseia-se na pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): *O Sigma em Minas: desenvolvimento, representações, perseguições e desestruturação na AIB em Minas Gerais*.

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

³ *Anauê!*, 04/1934, num. 01, p. I.

modelo de organização estatal que esta pretendia adotar. Ele atuou na elaboração dos estatutos, escolha dos símbolos, uniforme e lema da AIB.

Em seus escritos Olbiano de Melo atacava o liberalismo, o comunismo e o pluripartidarismo. Baseando-se no Estado fascista de Mussolini, aquele intelectual mineiro concebeu um Estado nacionalista, centralizador e autoritário. *Anauê!*, jornal integralista de Belo Horizonte, postulou que o livro *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, de autoria de Olbiano de Melo, teve papel importante no início do integralismo em Minas Gerais. Segundo aquele periódico⁴ “foi elle que aproximou Olbiano de Melo do actual Chefe Nacional do integralismo, Plínio Salgado, e de outros intellectuaes com tendencias fascistas, alli pelos princípios de 32.”

Em março de 1932, Olbiano de Melo⁵ recebeu uma carta de Plínio Salgado em que este abordava a semelhança entre os posicionamentos de ambos. Na missiva o futuro *Chefe Nacional* da AIB comunica àquele intelectual mineiro sobre a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e o convida para escrever no jornal paulista *A Razão*. A correspondência entre ambos se mantém ao longo daquele ano de 1932.

O desejo de constituírem uma organização voltada à ação política era assunto obrigatório naquelas cartas. O primeiro encontro entre aqueles intelectuais foi abortado pela eclosão da Revolta Constitucionalista de 1932. Assentada a poeira, eles se encontram pela primeira vez em dezembro daquele ano na capital paulista.

Antes, porém, seguindo ordens de Plínio Salgado, Olbiano de Melo funda em Teófilo Otoni o segundo núcleo do sigma no Brasil. A data era nove de outubro de 1932. Portanto, foi inaugurado dois dias após o lançamento do *Manifesto de Outubro*, documento inaugural da AIB, e da fundação do primeiro núcleo integralista do Brasil, em São Paulo capital.

Ao longo de 1933, Olbiano de Melo divulgava⁶ o sigma em Minas Gerais por meio de artigos na imprensa mineira e através de impressos que distribuía pelo estado. Este intelectual de Teófilo Otoni permaneceria como *Chefe Provincial* mineiro até fins de 1935, quando alega motivos de saúde para se licenciar desta função. A militância de Olbiano de Melo contribuiu bastante para a disseminação do integralismo em Minas Gerais. Sobretudo, o núcleo de Teófilo Otoni atuou como um modelo a ser seguido pelos primeiros núcleos que se formavam em terras mineiras.

OS PRIMEIROS NÚCLEOS, AS CIDADES INTEGRALISTAS E O DESENVOLVIMENTO INICIAL DO INTEGRALISMO EM MINAS GERAIS

Os núcleos ou sedes integralistas eram os locais onde os militantes encontravam-se para suas reuniões periódicas. Estes núcleos podiam ser *provinciais* (estaduais), municipais e distritais.

⁴ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. III.

⁵ *Anauê!*, 20/05/1935, num. 06, p. I.

⁶ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, num. 01.

Cidades como Belo Horizonte e Juiz de Fora possuíam subnúcleos em bairros. Houve ainda os subnúcleos rurais, localizados em distritos, em pequenas comunidades e até mesmo em fazendas.

A fundação de núcleos em Minas Gerais seguiu, naturalmente, o desenvolvimento do integralismo neste estado. Logo, a partir de 1935 houve um aumento na quantidade de núcleos fundados. No entanto, há um salto deste crescimento nos anos de 1936 e 1937. Os núcleos do sigma obedeciam a um processo semelhante à autorreplacação. Em outras palavras, uma vez fundado, um núcleo se esforçava por realizar comícios em outras cidades e fundar nestas outros núcleos integralistas.

O primeiro núcleo integralista de Minas foi fundado em Teófilo Otoni ainda em outubro de 1932. Em 1933 o sigma era pouco expressivo em Minas Gerais. Até dezembro deste ano o estado mineiro abrigava núcleos⁷ em: Teófilo Otoni, Poté, Brazópolis, Presidente Bueno e Três Pontas. Havia os *núcleos em coordenação*⁸ nas cidades de: Araçuaí, Campina Verde, Monte Santo, Curvelo, Itajubá, Juiz de Fora, Monte Carmelo, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí e Uberaba.

Em fins de 1933, Olbiano de Melo solicitou a Plínio Salgado que lhe permitisse transferir para a *Chefia* da capital mineira os “encargos do movimento”⁹. Logo, não seria mais Teófilo Otoni a responsável por coordenar o movimento integralista em Minas Gerais. No entanto, à época desta solicitação a capital mineira sequer possuía um núcleo da AIB.

Este seria inaugurado em fevereiro de 1934, sobretudo por estudantes de Direito que estavam em contato com as ideias integralistas desde o ano anterior. Aquele primeiro núcleo da capital mineira funcionou até julho de 1935 simultaneamente como sede *provincial* e municipal. O núcleo belo-horizontino, no entanto, experimentou um notável crescimento inicial. Embora tenha sido fundado em fevereiro de 1934, em abril deste ano lançava o primeiro número do jornal *Anauê!*. Este jornal ganhou o status de periódico oficial do sigma em Minas. Ainda em meados de 1934 o núcleo da capital mineira realizava, no parque municipal, exercícios da *Milícia Integralista*.

A mudança da coordenação do movimento integralista para Belo Horizonte parece não ter diminuído significativamente a militância dos camisas-verdes de Teófilo Otoni. A resolução¹⁰ número quatro, de março de 1934, estabelecia o título de *Cidade Integralista* àqueles municípios que se distinguiam em sua campanha pelo sigma.

Recebiam aquele título as cidades cujo núcleo havia experimentado notório crescimento numérico e que haviam fundado subnúcleos em muitos de seus distritos. Àqueles municípios em que Plínio Salgado observava que os militantes demonstravam elevada disciplina e entusiasmo também era concedido o título de *Cidade Integralista*.¹¹ Minas Gerais contou com quatro *Cidades Integralistas*, ei-las: Itajubá, Teófilo Otoni, Pedra Branca e Santa Rita do Sapucaí.

⁷ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, p. II.

⁸ Eram constituídos por grupos de simpatizantes do integralismo. Nesta fase de coordenação, os simpatizantes locais recebiam visitas de integralistas juramentados de outras cidades. Estes traziam àqueles simpatizantes material de propaganda, jornais da imprensa verde, livros escritos por líderes integralistas, instruções e, sobretudo, discursos relativos ao sigma.

⁹ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1933, num. 01, p. I.

¹⁰ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de maio de 1934, num. 06, p. VII.

¹¹ Apenas ao *Chefe Nacional* cabia a prerrogativa de conceder este título a uma cidade.

Em Minas Gerais, Teófilo Otoni foi a primeira a receber aquele título, uma vez que foi também “[...] a primeira cidade mineira que respondeu ao apelo do Chefe Nacional do integralismo.”¹² Não foram encontrados registros precisando quando foi conferido o título de *Cidade Integralista* a Teófilo Otoni. Porém, em novembro de 1934 o título foi ratificado nas páginas de *Monitor Integralista*, periódico oficial do sigma.

O primeiro registro de desfile integralista em solo mineiro encontrado por este trabalho indica que em Teófilo Otoni no ano de 1934: “[...] desfilou no dia 1.º de Janeiro, por entre aclamações da população, a milícia local, composta por duzentos ‘Camisas-verdes’, em comemoração pela entrada do ano.”¹³

As fontes consultadas indicam que, em Minas Gerais, foi em Teófilo Otoni que a *Milícia Integralista* atingiu um considerável nível de desenvolvimento antes de ser extinta. Nesta cidade foi criado, por volta de maio de 1934, o “primeiro Corpo de Cavalaria”¹⁴ e no mês seguinte foram encomendados 60 cavalos e seus respectivos arreios para a “cavalaria integralista.”¹⁵

Em agosto de 1935, a Resolução número 113 da *Chefia Nacional* concedeu o título de *Cidade Integralista* a Itajubá. O *Chefe Nacional* asseverou que esta havia se tornado o “eixo do movimento integralista no Sul de Minas”¹⁶ e contava então como quase mil camisas-verdes. Santa Rita do Sapucaí¹⁷ tornou-se *Cidade Integralista* devido ao crescimento numérico de seus militantes. Em meados de 1935, Plínio Salgado visitou a referida cidade, onde encontrou pouco mais de 80 camisas-verdes. Prometeu retornar quando Santa Rita do Sapucaí contasse com trezentos integralistas. Três meses após sua visita, informaram-no de que ele poderia retornar. Uma vez naquela cidade o *Chefe Nacional* teria encontrado setecentos camisas-verdes.

Pedra Branca¹⁸ recebeu o título de *Cidade Integralista* em outubro de 1935 uma vez que possuía mil integralistas. Esta quantidade era expressiva, segundo Plínio Salgado em seu despacho, considerando-se a diminuta população daquele município.

Porém, até o ano de 1935 a maioria dos núcleos mineiros contava com poucas dezenas de militantes. Entre 1932 e 1934, ou seja, entre sua fundação e o seu *I Congresso Nacional*, realizado em vitória, a AIB tentava se estruturar internamente, se estabelecer nos vários estados do país e se afirmar enquanto organização política. Neste período, a AIB elaborou seus estatutos, fundou e legitimou núcleos fora da região Sudeste, aproximou-se de líderes de organizações semelhantes, absorvendo-as posteriormente.

O movimento de expansão da AIB no interior dos estados ganha força a partir de 1935. A esta altura, a AIB havia absorvido organizações semelhantes, já possuía estatutos, reconhecimento

¹² *Monitor Integralista*, primeira quinzena de dezembro de 1934, num. 08, p. IV.

¹³ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de janeiro de 1934, num. 03, p. II.

¹⁴ *Anauê!*, 05/1934, num. 02, p. IV.

¹⁵ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. I.

¹⁶ *Monitor Integralista*, 23/08/1935 num. 11, p. VI.

¹⁷ *Monitor Integralista*, 23/08/1935 num. 11, p. VI.

¹⁸ *Monitor Integralista*, 03/10/1935, num. 12, p. V.

enquanto partido político, os núcleos em todo o país obedeciam às mesmas diretrizes e a liderança de Plínio Salgado estava consolidada.

AS BANDEIRAS INTEGRALISTAS

Bandeiras ou caravanas integralistas foram os nomes atribuídos pelos camisas-verdes aos comícios que realizavam em cidades e distritos que não possuíam núcleos e/ou simpatizantes do sigma. O objetivo era justamente propagandear o integralismo a fim de atrair novos militantes para as fileiras verdes. Estas ações de propaganda foram uma das principais responsáveis pela expansão do integralismo em terras mineiras.

Houve também as bandeiras protagonizadas pelas lideranças principais do integralismo. O núcleo de Juiz de Fora, por exemplo, em grande medida foi criado devido às visitas que esta cidade recebeu daquelas lideranças (CORRÊA, 1973; GONÇALVES, 2016). Em meados de 1933, Plínio Salgado e Olbiano de Melo visitaram Juiz de Fora. Nesta ocasião, estabeleceram bases para a fundação do primeiro núcleo desta cidade.

Posteriormente, em outubro de 1933, Juiz de Fora recebeu palestras de Gustavo Barroso. Em novembro deste ano, Plínio Salgado regressou a Juiz de Fora onde realizou novas palestras. O núcleo de Juiz de Fora acabou sendo fundado em dezembro de 1933, mas somente em abril do ano seguinte o primeiro *Chefe Municipal* foi empossado. Em poucos meses de funcionamento, a AIB em Juiz de Fora já havia se mudado para uma sede própria, havia organizado sua *Milícia* e sua *Juventude Integralista* e contava com um jornal próprio.

No que tange às bandeiras realizadas por militantes de cidades mineiras, estas aconteciam geralmente aos domingos pela manhã ou à noite. Tratava-se de uma questão prática. Nestes casos, a propaganda integralista ocorria logo após o término das missas dominicais. As pessoas que saíam das igrejas eram convidadas pelos adeptos do sigma a assistirem ao comício que estes realizariam. Até março de 1936 os comícios podiam ser realizados em público. No entanto, o Estado de Guerra passou a vigorar em março daquele ano, proibindo as reuniões de natureza política em via pública.

O jornal¹⁹ editado pela Câmara de Brazópolis indica que esta cidade recebeu, em maio de 1935, uma bandeira composta por cerca de 40 integralistas vindos de Itajubá. O objetivo destes militantes era fundar em Brazópolis um núcleo da AIB. A população deste município foi convidada a assistir à cerimônia, que ocorreu em um cine local. Também no mês de maio de 1935, camisas-verdes de Itajubá levaram uma bandeira a um distrito desta cidade. Chegando àquela localidade:

[...] dirigiram-se os camisas-verdes para a Igreja local onde assistiram à missas. Cabem aqui algumas palavras de congratulações ao vigário local que, interpelado sobre a presença dos camisas-verdes quanto á sua intenção, e á sua situação perante a Igreja Catholica por

¹⁹ Brazópolis, 19/05/1935, num. 573, p. II.

peçoas, teve palavras de carinho para com os Integralistas, dizendo que eram merecedores de melhor acolhimento explicando que não era um movimento da Igreja Católica, mas que a Igreja o via com muita atenção.²⁰

Após a missa, os adeptos do sigma convidaram a população daquele distrito itajubense a comparecerem a um cine local onde discutiriam sobre o integralismo. Cerca de 40 pessoas atenderam àquele convite. Em princípios de junho de 1934, integralistas da capital mineira levaram uma bandeira ao município de Sabará. Nesta ocasião, a referida cidade teria revivido “deante do ardor e da fé patriótica dos bandeirantes da Idéia Nova, seus dias de entusiasmo e ardente vibração.”²¹

Em outros de seus números, *Anauê!* informa que integralistas de Curvelo, Raul Soares, Itambacuri, Presidente Pena, Formiga, Belo Horizonte e outras cidades levaram bandeiras a outros municípios, distritos, povoados e até a uma fazenda. Os integralistas que realizavam estas bandeiras o faziam, aponta *Anauê!*, em veículos próprios, em caminhões, a cavalo e até mesmo a pé.

Não foi incomum os padres aconselharem os fiéis a assistirem à propaganda integralista. Este foi o caso da bandeira que os camisas-verdes de Três Corações levaram à localidade de São Bento em novembro de 1935. Naquela ocasião eles fundaram:

[...] um Nucleo Distrital, tendo de início, se inscrito 81 brasileiros. Aproveitámos o dia em que se realiza naquela localidade, uma vez por mez, uma missa. O vigario de Carmo da Cachoeira, [...], anunciou o nosso comício, rogando a todos que o assistissem.²²

Em suas bandeiras os militantes apresentavam o integralismo e seus objetivos, enfatizando a plena legalidade da organização chefiada por Plínio Salgado. Dentre outras, eram pautas destas incursões: as promessas do sigma aos trabalhadores do campo e da cidade; as inúmeras mazelas inerentes ao regime político em vigor, a comunhão de interesses entre o sigma e diferentes atores sociais como Igreja Católica e Forças Armadas e as ameaças antepostas pelo comunismo e pela maçonaria ao Brasil.

Uma vez que expunham os riscos que acreditavam ameaçarem o país, os integralistas afirmavam que era dever de todo homem zeloso de suas obrigações se juntar à cruzada do sigma contra os inimigos do Brasil. Os problemas que assolavam o país, concluíam os integralistas em suas bandeiras, só seriam resolvidos com a implantação do Estado Integral. Dentre outras características, este seria um Estado livre de divisões internas, que na visão integralista eram os partidos políticos e os regionalismos.

O hino nacional, cantado pelos camisas-verdes, e brados de “Anauês” encerravam as bandeiras. Após o fim destas, os militantes buscavam em meio aos espectadores aqueles que revelavam simpatia pelas propostas da AIB. Acordava-se então que um ou mais destes atuariam

²⁰ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. IV.

²¹ *Anauê!*, 06/1934, num. 03, p. I.

²² APM: PASTA 5024 Três Corações - integralismo nov. 1934 - out. 1942. Doc. 116.

como elos entre os integralistas que realizaram a bandeira e a população da localidade alvo da propaganda verde. Nestes casos, eram lançadas as bases para um *núcleo em coordenação*, que poderia se transformar em um núcleo de fato.

Entretanto, houve muitos casos em que, através da troca de correspondências, simpatizantes locais entravam em contato com integralistas de outras cidades. Nestes casos, os simpatizantes locais solicitavam uma bandeira à localidade em que residiam. Conforme o jornal *O Integralista*, editado no distrito de Saúde, um simpatizante do sigma em Itabira solicitou uma bandeira a este município. Camisas-verdes de Saúde, São José da Lagoa e de Alvinópolis compuseram então a bandeira levada a Itabira em setembro de 1935.

O padre Benedicto de Lucca, *Chefe* do núcleo de São José da Lagoa, chefiou a bandeira. Encerrando este evento ele convidou a sociedade de Itabira a “[...] meditar sobre a pura semente Integralista que lá ficava plantada no terreno fértil daquelles corações que ainda palpitam de amor pela gloria de Deus, pela dignidade e integridade da familia e da patria.”²³

A atuação individual de alguns militantes também contribuiu para a disseminação do integralismo por Minas Gerais. Esta atuação ocorria através da troca de correspondências com simpatizantes de outras localidades e através do envio de jornais, regulamentos e livros integralistas a estes. Houve, inclusive, camisas-verdes que individualmente levaram a palavra do sigma a outras cidades e distritos.

MILITÂNCIA INDIVIDUAL – FUNDAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DE NÚCLEOS

A militância individual de alguns camisas-verdes foi particularmente importante entre os anos de 1932 e 1935. O militante Severino Bentmuller²⁴, *Secretário Municipal de Organização Política*, estava “desenvolvendo um optimo serviço de coordenação de elementos sympathisantes na Zona da Matta, e com elles organizando novos nucleos.” No município de Rio Casca, a militância daquele integralista já havia formado um *núcleo em coordenação*.

É muito emblemático o caso do integralista Júlio dos Santos, residente na cidade de Itanhandu, região Sul de Minas. Em meados de 1935, a convite²⁵ de integralistas de Itajubá, ele compareceu à fundação do núcleo de São Lourenço. Em fins de maio de 1935, chefiando outros integralistas, o professor Júlio dos Santos compareceu²⁶ à fundação do núcleo de Passa Quatro. Em meados de 1935 o professor Júlio dos Santos visitava, aos domingos, a cidade de Pouso Alto onde presidia a sessão do núcleo local. Em Alfenas, o camisa-verde Júlio dos Santos realizou duas

²³ *O Integralista*, 29/09/1935, num 02, p. IV.

²⁴ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

²⁵ *Anauê!*, 06/05/1935, num. 05, p. IV.

²⁶ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

conferências e fundou o núcleo local. Levou a palavra do sigma a Conceição do Rio Verde e em Areado “[...] fez uma conferência e lançou as bases para a fundação de um núcleo.”²⁷

Por ato²⁸ do *Secretário Provincial de Organização Política*, em julho de 1935, alguns camisas-verdes que se destacaram em sua militância individual de propaganda a outras localidades foram nomeados *Inspetores Regionais*. Os primeiros camisas-verdes a ocuparem este posto foram: coronel José Resende, José Sanches, Hamilton Leite, Severino Bentmuller, Dantas Mota, Júlio dos Santos e Francisco Batista.

Os *Inspetores Regionais* desempenharam um papel importante na difusão do integralismo em Minas Gerais antes deste se disseminar pelo estado. Além de fazer propaganda integralista em cidades e municípios, eles eram responsáveis por orientar, organizar e inspecionar núcleos em formação. Ao longo do ano de 1935, quando a AIB ainda não impressionava por seus números, a atuação dos *Inspetores Regionais* foi importante para manter a coesão e a rigidez em meio às fileiras integralistas.

A função de *Inspetor Regional* existiu até o início de 1936 quando foi substituída pelo *Governador de Região*. Tratou-se de uma mudança de nomenclatura, pois cabia ao *Governador de Região* as mesmas funções dos *Inspetores*, ou seja, fiscalizar os núcleos da *Região Integralista* sob sua jurisdição. Esta mudança foi instituída pela *Resolução*²⁹ 152 da *Chefia Nacional*. Conforme *Monitor Integralista* a mudança foi necessária em razão do crescimento da AIB, que trazia dificuldades às *Secretarias Provinciais* no trabalho de supervisão e assistência aos núcleos municipais.

O cenário de uma AIB que lutava entre 1932 a 1935 por se espalhar em Minas Gerais foi uma exclusividade deste estado durante aqueles anos. A fim de corroborar este argumento, o próximo tópico se encarrega de urdir uma comparação entre o cenário vivido pela AIB em Minas Gerais e em outros estados durante os anos de 1932 a 1935.

UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA

A documentação consultada, que não se resume aos exemplos citados ao longo do texto, afiança que ao longo dos anos de 1933 e 1934 o sigma estava presente em poucas cidades e mesmo nestas contava com reduzidos contingentes. Em 1934, os núcleos mais desenvolvidos e que contavam com maiores contingentes em Minas Gerais estavam nas cidades de Teófilo Otoni, de Belo Horizonte e Juiz de Fora, cenário que não destoava daquilo que se verificava em outras unidades federativas.

Para se ter uma ideia disto, no segundo semestre de 1933, a direção da AIB enviou alguns de seus líderes em expedição às capitais das regiões Norte e Nordeste (CALDEIRA, 1999, p. 31-40). O objetivo era alavancar a expansão do sigma naquelas regiões, orientar os militantes daqueles estados e, através da presença de lideranças nacionais, legitimar os núcleos integralistas já instalados. Devido à

²⁷ *Anauê!*, 21/07/1935, num. 08, p. I.

²⁸ *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. III.

²⁹ *Monitor Integralista*, 15/05/1936, num. 14, p. VII.

insuficiência de estradas interligando os estados, as viagens foram feitas em embarcações. As visitas às capitais, no entanto, quase sempre foram breves, pois condicionavam-se às paradas das embarcações para entrega de mercadorias, reabastecimento, embarque e desembarque de passageiros.

A análise do trabalho, integralismo e Política Regional permite afirmar que no estado do Maranhão o integralismo foi um movimento pouco expressivo na capital até princípios de 1934. Foi também pouco difundido pelo interior daquele estado até princípios de 1934. A primeira marcha dos camisas-verdes do Maranhão foi realizada em São Luís no dia 1º de Maio (CALDEIRA, 1999, p. 41).

O primeiro núcleo da então capital federal, cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurado em abril de 1933. Entre os anos de 1933 e 1934 a preocupação central dos integralistas do Rio de Janeiro foi de se organizarem e se difundirem neste estado. O integralismo chega ao Espírito Santo no segundo semestre de 1933. Vitória, capital do referido estado, foi a primeira cidade deste a receber uma reunião pública da AIB. Apenas em janeiro de 1934 a bandeira liderada por Gustavo Barroso às regiões Nordeste e Norte chega às cidades de Belém e Manaus. Em agosto de 1933, Miguel Reale comandou as bandeiras dirigidas aos estados do Sul (FAGUNDES, 2009, p. 27).

No que tange ao Rio Grande do Sul, os primeiros núcleos começaram a ser organizados no primeiro semestre de 1934. O primeiro núcleo de Santa Catarina foi inaugurado em abril de 1934 na capital Florianópolis. Observadores contemporâneos constataram que a aceitação do integralismo foi maior em municípios de colonização estrangeira. Esta constatação não estava equivocada (GERTZ, 1987, p.158-202).

No Maranhão, Santa Catarina, Rio de Janeiro e em Pernambuco (SILVA, 2016), o integralismo primeiro se instalou nas capitais para então se difundir para o interior. Este fenômeno não aconteceu em Minas Gerais, visto que em fevereiro de 1934, quando se dá a instalação do núcleo de Belo Horizonte, cidades interioranas já possuíam núcleos integralistas. A principal delas foi Teófilo Otoni, terra de natal de Olbiano de Melo, e sede do primeiro núcleo integralista mineiro.

No estado de São Paulo, o integralismo também parecia avançar com dificuldades até o ano de 1934 (DOTTA, 2010, p. 351-352). Embora a AIB tenha sido fundada em outubro de 1932, um de seus símbolos máximos, a camisa-verde foi utilizada pela primeira vez em princípios do ano seguinte. O palco deste acontecimento foi o município paulista de Rio Claro. *O Aço Verde*, criado em maio de 1935 e encerrado em outubro do mesmo ano após dezesseis números, foi o primeiro jornal com pretensões a ser um órgão oficial do integralismo no estado de São Paulo. No dia sete de outubro de 1936, quarto aniversário da AIB, Miguel Reale criou e passou a dirigir o jornal *Acção*. Este foi o principal jornal da imprensa integralista em São Paulo.

É pertinente lembrar que o núcleo *provincial* de Minas Gerais lançou *Anauê* em abril de 1934. Logo, o estado mineiro possuiu um jornal porta-voz do sigma antes do que São Paulo, berço do integralismo.

Em janeiro deste ano de 1934, o periódico oficial da AIB recomendou³⁰ aos militantes do sigma “[...] o habito da camisa e do respectivo distintivo”. No mês seguinte, o jornal lembrou

³⁰ *Monitor Integralista*, primeira quinzena de janeiro de 1934, num. 03, p. 1.

aos *Chefes Provinciais* e *Coordenadores de Província* que o uso da camisa-verde era obrigatório nas reuniões e solenidades “[...] para todos os Integralistas que ocupam cargos na A. I. B. Para os funcionarios de Secretarias e os empregados é obrigatorio o uso diario da camisa verde nas horas do expediente.”³¹ Depreende-se que em princípios de 1934 o uso da camisa-verde parecia não ser regra nem mesmo entre aqueles militantes que ocupavam cargos nesta organização.

Ao longo daquele ano de 1934, *Monitor Integralista* comumente solicitou que as *Chefias Provinciais* lhe enviassem relatórios das atividades realizadas no mês anterior. Este fenômeno denota que havia falta de contato entre algumas *Chefias Provinciais* e *Monitor Integralista*. Denota ainda que o integralismo buscava se afirmar enquanto organização política. Corrobora estas assertivas o fato de que foi em 1934 que os integralistas realizaram suas primeiras grandes passeatas simultâneas em várias cidades do Brasil. Seria naquele ano também que, na capital do Espírito Santo, os camisas-verdes fariam seu *Primeiro Congresso Nacional*, aprovando neste evento seu primeiro estatuto.

Mas, embora a AIB tenha elaborado seus estatutos e definido sua estrutura interna em 1934 acabou por refazer este percurso no ano seguinte. Desta forma, os meses subsequentes ao *Primeiro* e *Segundo Congresso Integralista* constituem um período de readequação interna da AIB em todo o país. Logo, boa parte do ano de 1935 representa um período em que a organização comandada por Plínio Salgado tentava implantar seu novo organograma pelos núcleos do país. No entanto, o formato de organização autoritária, centrada na figura de um líder e pautada pela rígida hierarquia e disciplina, já havia se estabelecido desde o lançamento da AIB (TRINDADE, 1979, p. 161-163).

Em fins de 1935 a AIB estava internamente estruturada, já havia feito dois congressos nacionais, já havia se elaborado e reelaborado internamente. Ao longo do referido ano aquela organização consegue atrair mais adeptos para as suas fileiras e se estabelecer em mais cidades e distritos mineiros. Porém, nos dias 27 e 28 de junho de 1935 foi realizado o *Congresso Integralista do Sul de Minas* em Itajubá. O objetivo dos camisas-verdes com este encontro era estruturar “[...] definitivamente, o movimento naquella região.”³²

Em Minas Gerais o integralismo esteve mais difundido e contou com núcleos mais atuantes nas regiões Central e Sul. Logo, não se pode afirmar com segurança que em 1935 a AIB era uma organização amplamente disseminada em Minas Gerais. É consenso entre a historiografia relativa à AIB que esta organização experimentou um notório crescimento em fins de 1935 devido à Intentona Comunista. Neste sentido, é mais seguro apontar 1936 como o ano em que, efetivamente a AIB se consolida em solo mineiro.

Os jornais da imprensa mineira relativos à década de 1930 conservados pela Biblioteca Nacional em poucas ocasiões referem-se ao integralismo antes de 1935. Fenômeno semelhante ocorre com a documentação do fundo DOPS-MG. Outro indicativo da força da AIB entre 1932 e 1934 em Minas são as relações entre a primeira e o aparato de segurança pública deste estado.

³¹ *Monitor Integralista*, segunda quinzena de fevereiro de 1934, num. 05, p. I.

³² *Anauê!*, 05/06/1935, num. 07, p. I.

Sucintamente, delegacias locais e o DOPS-MG demonstraram pouquíssimo cuidado no que tange ao integralismo no período em questão. Depreende-se que o sigma era um movimento numericamente pequeno em Minas Gerais até 1935 a ponto de despertar pouco a atenção dos jornais e da polícia.

O SIGMA E A POLÍCIA MINEIRA – 1932 A 1935

É a partir de meados do ano de 1935 que o DOPS-MG e as delegacias locais passam a creditar maior atenção ao integralismo em Minas Gerais. Porém, ao longo deste ano o integralismo foi mais monitorado do que cerceado em Minas Gerais. Comparativamente a 1935, há em 1936 uma explosão de casos de cerceamentos da militância integralista. A análise das edições³³ de *Anauê!* é um dos elementos que corrobora estas conclusões.

Em todas as edições pesquisadas, o referido jornal não noticia arbitrariedades e violências cometidas em Minas Gerais contra os integralistas a mando do governo estadual. Em pouquíssimas ocasiões, *Anauê!* mencionou que os camisas-verdes foram perseguidos e ou/sofreram algum tipo de distinção em solo mineiro. Mais especificamente, este jornal mencionou duas vezes em 1935, de modo impreciso, que o sigma começava a sofrer perseguições. Em uma destas ocasiões publicou:

E a política liberal, já prevendo, não mui distante, a victoria do ideal de um povo, iniciou cynicamente o enthulhamento das estradas que estamos percorrendo. As pedrinhas já estão saltando detraz dos arbustos para o meio da vereda, jogadas por homens de espírito velho e cérebro embolado. As perseguições já foram iniciadas. De todos os recantos chegam, semanalmente, pedidos dos camisas-verdes para que façamos cessar as arbitrariedades dos poderosos do regimen. E que poderemos fazer? Registrados no Tribunal Eleitoral como um movimento de amplitude Nacional, é para esse orgao de Justiça que os nossos S. O. S são dirigidos nos momentos de aperturas e provocações, nós que queremos viver dentro da lei, nós que somos uma grande força que renega os conchavos e as revoluçõesinhas, para só pensar na Grande Revolução, que é a Revolução cultural de toda uma Patria.³⁴

O trecho supracitado indica que, em 1935, a militância integralista era cerceada em diferentes cidades mineiras. Todavia, durante o referido ano *Anauê!* não expõe casos concretos de obstáculos antepostos à marcha dos camisas-verdes. Somente em 1936 *Anauê!* detalharia os casos de perseguição à militância integralista, apontando as cidades em que se registraram os episódios. O aludido jornal não faz, contudo, nenhuma referência a qualquer tipo de perseguição sofrida pelo integralismo ao longo do ano de 1934.

³³ Durante o ano de 1934 o jornal integralista *Anauê!* circulou entre os meses de abril a julho. Voltou a circular em maio de 1935 sendo editado até o fim deste ano. Este trabalho só teve acesso a dois números do aludido periódico relativo a 1936, ambos datados de janeiro deste ano.

³⁴ *Anauê!*, 21/08/1935, num. 09, p. II.

O dia três de junho de 1935 pode ser apontado como o marco inicial do monitoramento sistemático das atividades integralistas em Minas Gerais. Neste dia, o DOPS-MG emitiu a circular 6529 e a enviou a todas as delegacias do estado. Neste documento indagava às delegacias se em suas áreas de jurisdição havia: camisas-verdes e núcleos já formados da AIB e se havia funcionários públicos adeptos desta organização. Em caso positivo, as delegacias deveriam remeter ao DOPS-MG listas informando os nomes dos integralistas e discriminando aqueles que eram funcionários públicos e os órgãos em que estes trabalhavam.

Significativa quantidade de respostas das delegacias municipais e distritais àquela circular atesta que até 1935 o sigma não detinha números intimidadores em Minas Gerais. Foi bastante comum as delegacias responderem que, em suas áreas de atuação ou não havia núcleos integralistas ou que estes eram compostos por menos de dez ou vinte membros. Em julho de 1935 a delegacia de Itanhandu, por exemplo, assegurou³⁵ que esta cidade abrigava um núcleo da AIB que reunia, aproximadamente, dez membros.

No município de Viçosa, um agente do DOPS-MG apurou em meados de 1935 que:

[...] fundado o nucleo integralista de Viçosa porém, a propaganda não encontrou aplausos por parte da população, razão porque não conseguiram até hoje eleição de directoria e novos alistandos, estando o nucleo com poucos adeptos, sendo os componentes de pouca projecção social.³⁶

No entanto, comunicações datadas de 1936 atestam o crescimento daqueles mesmos núcleos que no ano anterior reuniam poucos adeptos. A cidade de Matias Barbosa é uma das que corrobora este exemplo. A delegacia da referida cidade afirmou,³⁷ em julho de 1935, que ali havia somente dois adeptos da AIB. No entanto, mencionou que havia diversos simpatizantes do integralismo no município. Alguns destes foram ouvidos pelo delegado e alegaram que eram apenas “[...] admiradores e não associados, visto que para isso depende de usual compromisso, o que ainda não fizeram.” Existia, por outro lado, um grupo de escoteiros que se orientava pelo integralismo, reunindo cerca de vinte crianças de diversas idades. Não havia membros da AIB nos demais distritos de Matias Barbosa.

Entretanto, em fevereiro de 1936 a delegacia de Matias Barbosa consultou³⁸ o DOPS-MG e indagou como deveria se portar frente ao núcleo integralista local. Decisões judiciais favoráveis à AIB e opiniões simpáticas e contrárias a esta organização suscitaram a dúvida do delegado de Matias Barbosa. Através de sua consulta ao DOPS-MG ele desejava “[...] evitar providencias contrarias á dispositivos de lei e contra o modo de julgar dessa Chefia [...]” Finalizando sua comunicação, o delegado atestou o crescimento da AIB em Matias Barbosa ao postular:

³⁵ APM: PASTA 4672 Itanhandu - integralismo jul. 1935 - dez. 1938. Doc. 16.

³⁶ APM: PASTA 4996 Viçosa - integralismo jul. 1935 - abr. 1938. Doc. 29.

³⁷ APM: PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949. Doc. 10.

³⁸ APM: PASTA 4755 Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949. Doc. 12.

[...] que tal agremiação vem se incrementado fortemente neste Município, como constantes exhibições em público, sahindo á Rua alem dos escoteiros, *grupos de rapazes uniformizados e praticando exercícios militares*, o que geralmente é feito á noite. Ainda agora, recentemente na passagem do Snr. Plinio Salgado, fizeram entusiasticas demonstrações, sem que esta Delegacia tivesse tido qualquer comunicação.³⁹

Os documentos do fundo DOPS-MG relativos ao integralismo em 1935 denotam que este movimento tentava se expandir, mas contava então com núcleos pouco numerosos. Será a partir de 1936 que delegacias enviarão inúmeras mensagens ao DOPS-MG e à Chefia de Polícia indicando que contavam com efetivos insuficientes para, se preciso fosse, conter os integralistas de suas áreas de jurisdição.

As *Escolas Integralistas*⁴⁰ são outro indicativo do crescimento da AIB em Minas Gerais a partir de 1935. Até o ano anterior, foram encontrados registros de *Escolas Integralistas* somente em Belo Horizonte e em Juiz de Fora. *Anauê!* indica que em setembro de 1935 havia treze *Escolas Integralistas* em Minas Gerais. No entanto, o mesmo jornal afirma que, em janeiro de 1936, este estado abrigava vinte e três *Escolas Integralistas*. Logo, o integralismo passa a crescer de modo mais intenso em Minas Gerais a partir do segundo semestre de 1935.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências arroladas ao longo do texto denotam que em 1935 o integralismo não estava suficientemente difundido por Minas Gerais. Por conseguinte, é mais seguro postular que foi em 1936 que o integralismo efetivamente se consolida em solo mineiro. Não foi por acaso que este ficou conhecido como “Ano Verde”, pois este período registrou notável crescimento da AIB em todo o país. Nas eleições de 1936 em Minas Gerais, a AIB elegeu vereadores, por exemplo, em Santa Rita do Sapucaí, Conceição do Rio Verde, Itajubá, Alvinópolis e Areado. Nesta cidade, inclusive, o movimento integralista foi capaz de eleger o prefeito. Este crescimento da AIB entre 1936 e 1937 foi registrado em todo o país. Esta organização passava a ser cada vez mais vista como uma ameaça.

Paralelamente os camisas-verdes alardeavam em todo o país que militares, intelectuais, juízes, clérigos e políticos de legendas tradicionais aderiam ao sigma. A retórica integralista reiterava a todo momento que a AIB não parava de crescer e que era impossível deter a marcha desta organização. Consequentemente, propalavam os camisas-verdes que a vitória final do integralismo era uma certeza. Esse discurso esteve presente desde o início da AIB. Em julho de 1934, quando o movimento do sigma era ainda incipiente em Minas Gerais, *Anauê!* publicou a seguinte declaração:

³⁹ APM: PASTA 4755 *Matias Barbosa nov. 1931 - jun. 1949. Doc. 12.*

⁴⁰ O que os militantes do sigma ofereciam eram turmas de alfabetização ou de cursos, por exemplo, como corte e costura, matemática, datilografia, culinária e história do Brasil. Voltadas a crianças, a homens e mulheres e à população não vinculada ao sigma, as *Escolas Integralistas* objetivavam, dentre outros, alfabetizar os membros do sigma a fim de qualificá-los como eleitores, atrair novos quadros para a AIB e difundir imagens positivas acerca desta organização.

O movimento integralista na Província – Toda a Capital mineira sente e acompanha a projecção luminosa do grande movimento de idéas que deslumbra, em todos os quadrantes, a terra brasileira. A magnífica Doutrina, única esperança da Pátria, rompe impetuosamente as muralhas do scepticismo e da descrença nacionaes. Como demonstração viva da fé desta população, basta lembrar as concorridíssimas sessões do Nucleo Central, onde tem vibrado, em uma explosão de verdadeiro civismo, o eterno espírito da Raça. Augmentam as inscripções de novos adeptos. Fundam-se sub-nucleos. Promovem-se comícios e conferencias. E o integralismo avança.⁴¹

No entanto, em 1936 o crescimento integralista era uma realidade que não podia ser ignorada em Minas Gerais. Naturalmente, houve delegados, jornalistas e chefes políticos em Minas cientes de que este crescimento era superestimado pelos camisas-verdes. Esta percepção é um dos elementos que explicam por que o integralismo foi mais ou menos cerceado a depender da cidade/distrito em Minas. Mas, o crescimento real e a retórica de que a AIB crescia vertiginosamente assustaram os adversários do sigma.

Logo, cada vez mais a partir de 1936 delegados, principalmente onde o integralismo era mais ativo e reunia mais adeptos, revelaram temor de não conseguirem manter a ordem. Cada vez mais, a partir daquele ano chefes políticos locais temeram perder a dominância política local. No entanto, até princípios de 1937 o sigma permanecia como uma ameaça às oligarquias municipais e regionais. As luzes de alerta tornam-se mais intensas quando a AIB revela seus planos de concorrer ao Executivo Nacional. Urgia, portanto, eliminar o sigma dos horizontes políticos. A resposta foi o fechamento do regime em NOVEMBRO DE 1937.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CORRÊA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. IIº Prêmio de Pesquisa DCE, Juiz de Fora, 1973.

COUTINHO, Amélia. Olbiano de Melo. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

DOTTA, Renato Alencar. Apontamentos para uma história da Ação Integralista Brasileira em São Paulo. In: SILVA, Giselda Brito. GONÇALVES, Leandro Pereira. PARADA, Maurício B. Alvarez. (Orgs.). *Histórias da política autoritária: Integralismos, Nacional-Sindicalismo, Nazismo e Fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010.

⁴¹ *Anauê!*, 07/1934, num. 04, p. I.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. *A Ofensiva Verde: A Ação Integralista Brasileira no estado do Rio de Janeiro (1932-1937)*. 2009. 254 fls. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SILVA, Giselda Brito. O integralismo em Pernambuco: uma história entre tantas da Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

TRINDADE, Héliqio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

UMA ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO INTEGRALISTA EM MINAS GERAIS A PARTIR DOS ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA¹

EMERSON NOGUEIRA SANTANA²

O presente capítulo é resultado de uma imersão na documentação do DOPS/MG em busca de fontes para a história do integralismo em Minas Gerais. É fruto de uma primeira viagem através de registros documentais acumulados pela polícia política durante o período compreendido entre 1927 e 1979. Pretende-se demonstrar a relevância da fonte histórica no intuito de instigar a pesquisa sobre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e o Partido de Representação Popular (PRP), duas organizações políticas de orientação integralista.

A história do integralismo está intrinsecamente vinculada ao movimento político de influência fascista denominado Ação Integralista Brasileira (AIB). Criada em 1932, inicialmente sem pretensões eleitorais, alguns anos depois a AIB se tornaria um partido político de massas. Para Trindade, o marco interno de referência que explica o surgimento da Ação Integralista Brasileira é a Revolução de 1930. “Desde a origem do movimento até sua dissolução, persistiu uma ambiguidade básica na relação entre o integralismo e a nova elite política emergente no após 30” (TRINDADE, 1979, p. 278).

Se por um lado a situação política interna proporcionou as condições para ascensão de pensamentos autoritários e antiliberais, por outro, a ideologia, o estilo de organização hierarquizada, a importância da figura do chefe e o ritualismo do movimento não podem ser explicados sem considerar a influência do fascismo europeu.

¹ Este capítulo baseia-se no estudo: SANTANA, Emerson Nogueira. Camisas-verdes em marcha no solo mineiro. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. XLII, n.1, Ano 42, p. 82-93, 2006..

² Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Especialista em Comunicação Pública pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Atualmente é Analista em Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Não pretendemos afirmar que o integralismo tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico (a tradição do pensamento político autoritário brasileiro contribuiu também decisivamente para formação da doutrina), mas a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da AIB enquanto movimento político (TRINDADE, 1979, p. 278).

Em seu primeiro manifesto público dirigido à nação brasileira, especialmente aos operários, aos homens de cultura, aos jovens e às Forças Armadas, a AIB se apresentou como um movimento social e político em defesa dos interesses do povo brasileiro. Seus líderes se diziam favoráveis à construção de um Estado forte, capaz de reorganizar a nação, colocando-a no rumo do progresso técnico-científico e promovendo a elevação moral dos brasileiros. Declaravam-se, ainda, anticomunistas e contrários ao cosmopolitismo e aos regionalismos.

O lema difundido – “Deus, Pátria e Família” – fazia alusão ao papel da família como base da organização social, indispensável à defesa dos valores e da moral cristã. Os integralistas se identificavam como soldados de Deus e da pátria em defesa da família, da moral, das tradições e dos bons costumes. A AIB foi um movimento político que pretendeu arregimentar as massas em torno do objetivo declarado de promover a independência e o desenvolvimento do Brasil.

Com o objetivo de concretizar a chamada “Revolução do Espírito”, o integralismo foi apresentado ao povo em forma de uma doutrina política capaz de enfrentar e sanar os problemas nacionais. A AIB utilizou símbolos, rituais, jornais, revistas, panfletos, cartazes, palestras e sessões doutrinárias como veículos de propagação de seu ideário político. Seus membros fundaram várias escolas, iniciaram a formação de uma milícia armada e desenvolveram atividades de assistência social.

Durante os primeiros anos de sua existência, a AIB teve maior liberdade de ação. Seus integrantes iniciaram sua marcha pelo Brasil, difundindo a doutrina do sigma³ e conquistando novos adeptos. Sempre se opondo ao liberalismo e combatendo a “ameaça comunista”, o movimento cresceu arregimentando grande número de militantes. A AIB atingiu o auge de sua atuação política no ano de 1936, que ficou conhecido como o “ano verde” – numa alusão à camisa verde⁴, peça principal da indumentária adotada pelos militantes.

De junho a setembro, daquele ano, o número de membros e de simpatizantes da AIB dobrou, ultrapassando a casa do milhão, e os núcleos integralistas locais multiplicaram-se. Nas eleições municipais, os integralistas conseguiram 250 mil votos, elegendo 500 vereadores e 24 prefeitos (CHAUI, 1978, p. 102).

³ A Ação Integralista Brasileira adotou o Σ (sigma) como símbolo máximo do movimento. Letra do alfabeto grego, correspondente ao S latino, o Σ carrega o significado de soma, é o símbolo do cálculo integral. Sobre a simbologia integralista ver: (BERTONHA, 1992, p. 87-110).

⁴ O uniforme é de suma importância para a compreensão de organizações de inspiração fascista como a AIB. Informa-nos sobre o modo hierarquizado e militarizado de apresentação desse tipo de organização política e carrega uma relação direta com o objetivo declarado de unificação e homogeneização das massas. A camisa verde tornou-se um dos símbolos mais importantes para a militância integralista, era vestida com orgulho pelos seus adeptos. Numa comparação direta com o fascismo italiano, cujos componentes eram denominados “camisas pretas”, os integralistas da AIB ficaram conhecidos como os “camisas-verdes”.

A DERROCADA DOS “VERDES”

Se o ano de 1936 foi de expansão do movimento integralista, trazendo a esperança de unificação da nação em torno de seus objetivos políticos e sociais, logo iniciaria sua queda. Em 1937, após a promulgação do Estado Novo, houve a cassação dos registros dos partidos políticos nacionais, dentre eles a AIB. Foi um momento de decepção e lamentos, pois os integralistas haviam apoiado o presidente Getúlio Vargas durante sua caminhada política. As lideranças do movimento desgostaram da inclusão da AIB no rol das siglas partidárias extintas. Não adiantou protestar. A polícia executou diligências para fechamento dos núcleos integralistas e apreensão de todo material “comprometedor” encontrado em poder dos militantes.

No ano seguinte, a AIB sofreria outro golpe. Após o fracassado atentado contra o presidente Vargas, que ficou conhecido como o *putsch* integralista de 1938, os partidários do sigma foram violentamente reprimidos pela polícia política. Os mais radicais foram presos. As lideranças integralistas foram para o exílio. Muitos militantes abandonaram o movimento. Os que continuaram defendendo a ideologia do sigma foram perseguidos pela polícia política do Estado Novo. O integralismo entrou em decadência enquanto doutrina política. Nunca mais conquistaria o prestígio alcançado em meados da década de 1930.

Excetuando-se, talvez, os dois primeiros anos logo após a criação da AIB, enquanto ela ainda estava se organizando e teve maior liberdade de ação, pode-se dizer que a relação entre a polícia política e a Ação Integralista Brasileira foi pautada pela ambiguidade e a desconfiança. Se, por um lado, os integralistas eram tratados como agitadores, por outro, alguns policiais manifestavam simpatia pelo movimento, chegando a fazer parte de seus quadros.

Delegados e agentes de polícia de cidades do interior, muitas vezes atuando de maneira arbitrária e em defesa de outros grupos políticos, aproveitaram todas as chances que tiveram para combater as ações dos “verdes”. Fecharam núcleos da AIB e prenderam militantes, interrompendo manifestações públicas e atividades de propaganda. Os integralistas não deixaram por menos. Recorreram às instâncias superiores da polícia e, até mesmo, à Justiça. Na maioria das vezes, conseguiram resgatar seus direitos políticos. Isso porque mesmo durante o estado de guerra, declarado após a “intentona” comunista de 1935, foi mantida a permissão para a realização de reuniões e eventos internos pelos partidos e organizações políticas, desde que as ações previstas fossem previamente comunicadas às autoridades.

O Partido de Representação Popular (PRP) foi criado por Plínio Salgado, em setembro de 1945, com o intuito de retomar os valores e ideais integralistas. Foi a maneira encontrada pelo antigo líder para dar continuidade à batalha interrompida pelos acontecimentos de 1937 e 1938. Cabe dizer que o PRP não consistiu na continuidade do movimento da Ação Integralista Brasileira, não fez uso da mesma estratégia de ação política. Foi uma retomada da ideologia integralista com o objetivo de participar do pleito eleitoral e obter espaço para influenciar as decisões políticas no período democrático.

Plínio Salgado tentou atrair as antigas lideranças e militantes integralistas para o novo partido. No entanto, nem todos se inscreveram e a legenda não obteve o sucesso alcançado anteriormente pela Ação Integralista Brasileira. Apesar do carisma de Salgado, o PRP foi um partido político modesto. Mesmo não tendo se firmado como uma das principais siglas políticas no período de sua existência, o PRP participou ativamente das eleições, conferindo sobrevida à ideologia integralista. Em 1955, lançou a candidatura de Plínio Salgado para a Presidência da República, angariando cerca de 8% dos votos. As maiores vitórias do partido foram as eleições de Salgado para a Câmara dos Deputados em 1958, pelo Estado do Paraná, e, em 1962, por São Paulo.⁵

Além de disputar eleições, o PRP se inseriu na política nacional por meio do combate ao comunismo, o que era de se esperar, tendo em vista a orientação ideológica do partido. A legenda foi extinta, juntamente com os demais partidos brasileiros, em outubro de 1965, através do segundo Ato Institucional (AI-2) promulgado pelo governo militar.

O ACERVO DOCUMENTAL

Durante a década de 1930, momento de maior militância integralista, o Departamento de Ordem Política e Social de Minas Gerais – DOPS/MG ainda não existia, pelo menos com essa denominação. O serviço estadual de polícia política remonta ao ano de 1927, quando da criação da Delegacia de Segurança Pessoal e de Ordem Política e Social. Quatro anos depois de sua criação, a delegacia sofreu modificações e o serviço de polícia política passou a ser responsabilidade do órgão denominado Delegacia de Ordem Pública (DOP), assim permanecendo até a criação do DOPS/MG (MOTTA, 2003, 126-153). Isso explica o fato de a maior parte da documentação referente ao integralismo presente no acervo ter sido acumulada pela Delegacia de Ordem Pública.

Essa delegacia tinha como principais atribuições zelar pela integridade política e segurança interna da República, garantir, por meios preventivos, a manutenção da ordem, além de vigiar quaisquer manifestações públicas e ações de indivíduos perturbadores da ordem. No desempenho dessas funções, os investigadores mantinham sob vigilância permanente os integrantes de organizações classificadas como perigosas para o regime estabelecido.

Assim, sob o pretexto de manter a ordem política e social, cabia à polícia exercer um controle permanente sobre todos os grupos e indivíduos que estivessem em condições de organizar e incentivar a deflagração de passeatas, greves, revoluções e atentados políticos. Com o argumento de livrar o país dos “fatores de desagregação”, conferia-se à polícia o direito de agir preventivamente contra partidos políticos, associações de trabalhadores, estudantes, jornalistas, sindicalistas, estrangeiros, etc.

A vigilância das ações dos integralistas resultou na produção de considerável volume de relatórios e correspondências policiais sobre o movimento. A polícia foi um excelente auxiliar de

⁵ Sobre a trajetória política de Plínio Salgado e sua participação nas eleições para o legislativo e o executivo, ver: (BRANDI, 2001).

pesquisa, coletando e garantindo a permanência de registros documentais de um passado ainda pouco conhecido. A dedicação policial durante a atividade investigativa, somada ao zelo na guarda da documentação apreendida, nos legou grande volume de informações sobre a trajetória do integralismo em Minas Gerais.

A documentação que se encontra no acervo proveniente do DOPS/MG, atualmente sobre a guarda do Arquivo Público Mineiro (APM), é rica e diversificada. Sua utilização em novas pesquisas permitirá a reconstrução de um cenário político no qual o integralismo esteve inserido como uma das peças principais. Para facilitar a compreensão do acervo, podemos dividir a documentação em dois grandes grupos: documentos produzidos pela polícia e documentos produzidos pelos integralistas.

A documentação produzida pela polícia política é constituída por ofícios, telegramas, ordens de serviços, relatórios de investigações, registros de ocorrências e diligências, cartas de agentes policiais, listas de integrantes da AIB, listas de material apreendido, atestados de antecedentes criminais, termos de apreensão, depoimentos de presos políticos e testemunhas, recortes de jornais diversos.

Os documentos produzidos pelos integralistas, em sua maioria, foram apreendidos pela polícia após o fechamento dos núcleos da AIB, entre 1937 e 1938. São carteiras de identidade partidária, listas de militantes, listas de livros, folhetos e jornais do núcleo nacional da AIB, jornais produzidos em núcleos municipais e distritais, panfletos políticos, volantes, cartazes, fotografias, boletins de estatística dos núcleos, comunicados, cadernetas e exames aplicados em escolas integralistas, cartas e anotações pessoais de militantes.

A maior parte da documentação encontrada foi produzida pela Delegacia de Ordem Pública no desempenho de sua atividade investigativa, ou apreendida após o fechamento dos núcleos da AIB. Alguns documentos que não se classificam nesses dois grupos são, no entanto, em menor quantidade. Tratam-se de cartas com denúncias anônimas, material de propaganda de conteúdo anti-integralista, documentos do Poder Judiciário, documentos de empresas e instituições públicas diversas.

A seguir relacionamos alguns tipos documentais mais frequentes, para efeito de ilustração da riqueza de conteúdo do acervo. Procuramos, assim, apontar caminhos possíveis para a realização de pesquisas inéditas sobre o integralismo em Minas Gerais.

CORRESPONDÊNCIA POLICIAL

Vários tipos de correspondência policial sobre o integralismo fazem parte do acervo. São ofícios, cartas e telegramas trocados entre órgãos policiais, relatando fatos alusivos à militância integralista no Estado. Esses documentos revelam a visão policial sobre os integralistas e suas ações. Constantemente, delegados do interior escreviam para a chefia da polícia na Capital, descrevendo acontecimentos e pedindo orientações para empreender a ação repressiva.

São documentos importantes para a compreensão dos temores da polícia e das classes dirigentes em relação aos integralistas. Investigadores faziam o controle dos “verdes”, sobretudo de

suas manifestações públicas e ações de formação da milícia armada. Em ofício do dia 2 de maio de 1937, o delegado especial do município de Areado faz a seguinte comunicação ao chefe de Polícia do Estado de Minas Gerais:

Em aditamento ao meu radiograma de hoje, informa a V. Excia, que o Prefeito do Município [...] que é atualmente o chefe municipal da Ação Integralista, nesta Cidade, hoje às 8 horas, seguiu com cento e tantos integralistas para um campo, retirado desta Cidade cerca de um quilômetro, mais ou menos, onde se instalaram para receberem instrução militar.⁶

Em seguida, o delegado relata como foi a abordagem do grupo e quais foram as providências tomadas, uma delas, a intimação do prefeito municipal para depor na delegacia. Aproveitou para comunicar que eram cada vez mais frequentes as visitas de mensageiros integralistas vindos do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Bahia. *“Esses mensageiros estão de ordem do chefe nacional, confabulando e dando instruções secretas aos núcleos do interior”.*⁷ Pede, também, instruções para agir “dentro do direito e da ordem” em relação ao movimento integralista, demonstrando insegurança quanto à atitude repressiva que deveria tomar.

Como partido político legalizado, a AIB não tolerava abusos de poder por parte das autoridades. Nesses casos, recorria aos superiores, causando um constrangimento às autoridades locais, uma vez que, geralmente, essas tinham de reconhecer o erro e voltar atrás em suas atitudes arbitrárias. No mesmo ofício, aparece ainda outra preocupação do delegado local: *“Sendo o núcleo desta cidade um dos maiores do Estado, acho que o destacamento policial local é impotente – composto de quatro praças apenas – para manter a ordem pública, no caso de haver um levante integralista.”*⁸

Esses escritos policiais nos permitem, ainda, estudar as ações de combate político e de doutrinação planejadas e executadas pelos integralistas. As manifestações públicas como palestras, marchas e visitas de lideranças regionais e nacionais eram especialmente vigiadas. Em 29 de agosto de 1936, o investigador enviado ao município de Três Corações relatava: *“Apurei que deverão chegar naquela cidade a 11 de setembro próximo, para uma concentração a 12, os senhores Plínio Salgado, Gustavo Barroso e outros.”*⁹ A presença de Salgado e Barroso era motivo de preocupação especial para as autoridades, pois significava aglomeração de militantes integralistas.

RECORTES DE PERIÓDICOS

Uma das maneiras utilizadas pela Delegacia de Ordem Pública para controlar a ação dos integralistas consistia em recortar e colar em folhas de papel, carimbadas e datadas, notícias publicadas em jornais e revistas, fossem elas da imprensa independente ou da própria organização

⁶ APM/Fundo Dops/Rolo 064 - Pasta 4499, imagens 2040 e 2041.

⁷ APM/Fundo Dops/Rolo 064 - Pasta 4499, imagens 2040 e 2041.

⁸ APM/Fundo Dops/Rolo 064 - Pasta 4499, imagens 2040 e 2041.

⁹ APM/Fundo Dops/Rolo 066 - Pasta 4560.

política. Era uma espécie de controle político através da informação jornalística. São fragmentos que nos informam sobre eventos integralistas – marchas, palestras, visitas de lideranças nacionais etc. –, confrontos com outros grupos políticos e ações policiais.

Matérias sobre a repressão policial ao integralismo tinham espaço garantido nas páginas iniciais de periódicos da imprensa integralista. As investidas da polícia contra os camisas-verdes, rapidamente eram interpretadas e divulgadas como fruto de perseguição política de autoridades simpatizantes do comunismo.

Em Minas Gerais, como em toda a parte do Brasil, a violência criminoso com que a politicagem persegue os camisas-verdes só encontra paralelo na campanha de atentados e chacinas com que os comunistas tentam impedir a marcha triunfal do sigma. [...] é a história dolorosa de uma autoridade policial que se põe a serviço dos politikeiros despeitados e dos comunistas agentes do Komintern para desgraçarem o Brasil o mais depressa possível, de modo a que ele não ofereça resistência ao domínio soviético.¹⁰

Por outro lado, a imprensa independente ou partidária de outras siglas também reservava páginas de seus periódicos para o ataque aos integralistas. Em 1938, foi noticiado para os brasileiros, em artigo intitulado “Doutrina de ferro em brasa”, que os integralistas de Juiz de Fora, na esperança de uma vitória política, “havam forjado um ferro idêntico aos que se usam para a marcação do gado, na premeditação de com ele estigmatizarem seus adversários da véspera”.¹¹ Para o jornalista, não havia dúvidas de que o ferro com o desenho do sigma seria utilizado em seres humanos, o que foi interpretado como uma prova do “requinte da perversidade integralista”. A possibilidade de o ferro ter sido cunhado por algum fazendeiro integralista para marcar seu gado foi imediatamente refutada.

LISTAS DE NOMES

Encontramos no acervo listas de nomes em vários formatos, algumas produzidas pela polícia e outras elaboradas pelos integralistas. São listas de investigados, de militantes, de simpatizantes, de eleitores etc., que podem ser muito úteis para o mapeamento do movimento integralista em Minas Gerais. Além de servir para a quantificação do número de integrantes de cada um dos núcleos municipais e distritais da AIB, trazem informações complementares.

Algumas listas registram a idade dos integrantes e o lugar que ocupam no movimento: plinianos, blusas-verdes, camisas-verdes, chefes etc. Outras foram organizadas de modo a identificar a profissão de cada um dos militantes ou simpatizantes. Essas listagens permitem a realização de pesquisas sobre o perfil social do movimento e o grau de penetração do integralismo em cada uma das classes profissionais e faixas etárias anotadas.

¹⁰ Recorte do jornal integralista *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1937. APM/Fundo Dops/Rolo 064 – Pasta 4496, imagem 1681.

¹¹ Recorte do jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1938. APM/Fundo Dops/Rolo 068 – Pasta 4704, imagens 1763 e 1764.

CORRESPONDÊNCIA INTEGRALISTA

A troca de informações entre os integrantes da Ação Integralista Brasileira era feita por cartas, ofícios, circulares, bilhetes e telegramas. São documentos imprescindíveis para a compreensão da forma de organização do movimento e a percepção das estratégias de ação e difusão ideológica utilizadas pelos integralistas. Essas comunicações, geralmente, eram feitas em papel timbrado, que trazia a identificação do núcleo emissor do documento e um mapa do Brasil com o sigma sobreposto. As cartas, ofícios e circulares da AIB eram encerrados com o lema “Pelo Bem do Brasil, Anauê!”, seguido da assinatura do remetente.

Em relação à organização política, a AIB contava com um departamento próprio de polícia, cuja atribuição era controlar seus adversários políticos. Correspondência de fevereiro de 1936 revela aspectos do funcionamento da polícia integralista em Minas Gerais, como, por exemplo, quem deveria ser controlado:

I. Os comunistas existentes nesta cidade – os principais – já foram fichados por este Departamento, cujas fichas já vos foram remetidas, as de Ns. 1, 2, 3 e 4, estando este último fichado ausente desta cidade, em gozo de férias. II. Quanto aos maçons informo-vos que aqui não há loja, o que dificulta descobri-los. Cogitou-se uma vez de sua fundação; investigando consegui apurar que eram elementos de fora, de outra cidade e que já tinham se retirado sem realizarem seu intento. Estiveram nesta cidade apenas um dia, o que impediu que fossem identificados por este DMP. III. Judeus temos dois aqui, dos quais enviar-vos-ei fichas em tempo oportuno, não o fazendo agora por não estarem completas.¹²

Os departamentos municipais da polícia integralista tinham como atribuição fichar as lideranças de partidos políticos, organizações sociais e sindicatos de orientação ideológica entendidas como contrárias aos valores do sigma. Apesar de o antissemitismo não ser um dos assuntos predominantes nas cartas integralistas, os judeus às vezes aparecem como alvo de investigações. Prosseguindo a leitura, percebemos, ainda, que a polícia integralista utilizava as mesmas técnicas consagradas na polícia do Estado, como a infiltração para a investigação de organizações e sindicatos.

V. Quanto aos sindicatos, há o dos “Ferroviários da E. F. Sul de Minas” e dos “Operários de Construção Civil”. Estou providenciando minha inscrição no dos ferroviários, como ferroviário que sou, poderei então informar com exatidão o tópico V de vossa circular. Acrescento, entretanto, que eles não tiveram influência alguma na fundação da A.N.L., pois que aqui não foi fundado núcleo.¹³

¹² Correspondência enviada pelo chefe municipal de polícia do núcleo integralista da cidade de Três Corações para o chefe do Departamento Provincial de Polícia, em Belo Horizonte, em resposta a circular número 2. Três Corações, 15 de fevereiro de 1936. APM/Fundo Dops/Rolo 075 – Pasta 5024, imagens 1827 e 1828.

¹³ Correspondência enviada pelo chefe municipal de polícia do núcleo integralista da cidade de Três Corações para o chefe do Departamento Provincial de Polícia, em Belo Horizonte, em resposta à Circular número 2. Três Corações, 15 de fevereiro de 1936. APM/Fundo Dops/Rolo 075 – Pasta 5024, imagens 1827 e 1828.

Também encontramos cartas e ofícios do Partido de Representação Popular (PRP). Em 1954, o presidente do Diretório Municipal de Belo Horizonte comunicava ao delegado de Ordem Pública a realização de “comícios de divulgação doutrinária contra o comunismo e a dissolução dos costumes”, em vários bairros da Capital. Pedia, ainda, “as providências necessárias à manutenção da ordem, evitando, destarte, a perturbação dos trabalhos pelos inimigos da Pátria”.¹⁴ O Partido de Representação Popular compartilhava com a polícia do Estado uma preocupação crescente com a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

PERIÓDICOS INTEGRALISTAS

Os jornais e boletins tinham a função de atualização da doutrina por meio da propagação de textos e reportagens que interpretavam a conjuntura política nacional e os problemas locais de acordo com a ideologia integralista. Pelo jornal, os camisas-verdes eram informados das mudanças de estratégia do movimento. Além de publicar os textos e manifestos das lideranças nacionais, as edições traziam notas e reportagens elaboradas por lideranças municipais, que tratavam da situação do movimento em municípios e distritos onde havia núcleo da AIB instalado.

Alguns exemplares de jornais integralistas podem ser consultados no acervo do APM. Os seguintes títulos já foram encontrados: *Brasil Novo* (São João Del Rei), *O Sigma* (Juiz de Fora), *Aço Verde* (Santa Rita do Sapucaí), *A Voz da Raça* (Passa Quatro), *O Integralista* (Carangola). Infelizmente são números esparsos, e alguns não propiciam uma boa leitura, mas com um pouco de dedicação é possível extrair muitas informações sobre o movimento.

PANFLETOS POLÍTICOS

Panfletos vêm sendo utilizados, há algum tempo, como fonte para a história política. O estudo do pensamento político, por exemplo, não se faz mais apenas com base nos livros de grandes pensadores e escritores. Percebeu-se que os panfletos produzidos pelos partidos e movimentos políticos durante seus trabalhos de difusão ideológica estão carregados de significados.

Para Bernard Bailyn, a grande vantagem dos panfletos como fontes para o estudo das ideologias políticas é que eles “[...] revelam não meramente posições tomadas, mas as razões pelas quais as posições foram tomadas; revelam motivo e entendimento: as suposições crenças e idéias – a visão de mundo articulada – que estavam por trás dos eventos manifestos da época” (BAILYN, 2003, p.15)

Panfleto integralista do núcleo municipal de Juiz de Fora é exemplar nesse sentido. Intitulado “O que é o integralismo”, lista lemas e objetivos (numerados de 1 a 19) da luta integralista, enquanto apresenta o movimento para a sociedade.

¹⁴ Carta do Presidente do Diretório Municipal do PRP de Belo Horizonte Aníbal de Castro Gilberto ao delegado de Ordem Pública, Doutor José Henrique Soares. Belo Horizonte, 22 de junho de 1954. APM/Fundo Dops/Rolo 080 – Pasta 5163, imagem 2294.

1. O lema do integralismo é DEUS, PÁTRIA e FAMÍLIA. 2. O integralismo declara-se espiritualista contra o materialismo que vem dissolvendo todas as forças vivas da Pátria. 3. Dentro desse critério, o integralismo respeita a liberdade de consciência e assegura a liberdade religiosa. 4. O integralismo prega a revolução interior do homem procurando orientá-lo para seus altos desígnios na vida. [...] 10. O integralismo não é ditadura, é democracia baseada nos valores espirituais e materiais da Nação.¹⁵

Em seguida, o mesmo panfleto revela visões dos integralistas sobre seus adversários políticos. À medida em que lista os motivos pelos quais comunistas e liberais são considerados seus adversários, tenta convencer a população dos perigos eminentes que só podem ser evitados por eles mesmos, os “soldados de Deus, da Pátria e da Família”.

17. O integralismo é contra a doutrina liberal porque esta tem por base o individualismo, dividindo a Nação e quebrando a sua unidade. 18. O integralismo é contra o liberalismo porque este prepara a Sociedade para o Comunismo. 19. O integralismo é contra o Comunismo porque este nega Deus, não reconhece a Pátria e destrói a Família.¹⁶

Os panfletos da AIB são fontes privilegiadas para o estudo da ideologia integralista. Trazem mensagens específicas para cada tipo de interlocutor: ferroviários, operários, trabalhadores rurais, católicos, donas de casa, pais de família etc. Permitem conhecer os argumentos da doutrinação e arregimentação de novos militantes. Portadores de mensagem simples e direta, às vezes virulenta, os panfletos são veículos de formulação e difusão de representações sobre uma organização política, seus oponentes e a sociedade como um todo.

Todo esse acervo documental sobre o integralismo encontra-se disponível na sede do Arquivo Público Mineiro (APM). São mais de 300 pastas de documentos os mais diversos, que tratam das trajetórias da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Partido de Representação Popular (PRP), duas organizações de orientação integralista que atuaram – entre 1932 e 1964 – em todo o território nacional.

A pesquisa com essa documentação permitirá compreender melhor como os mineiros se inseriram nesse movimento político de amplitude nacional. Os registros documentais sobre o integralismo acumulados pelo DOPS/MG são fundamentais para a elucidação de algumas questões que aguardam respostas: Quais grupos sociais participaram do integralismo em Minas Gerais? Quais cidades e regiões tiveram mais militantes? Como se deu a difusão do imaginário integralista em Minas Gerais? Quais estratégias de ação política e doutrinação ideológica foram utilizadas? Enfim, porque tantos brasileiros, dentre eles muitos mineiros, abraçaram e defenderam a ideologia do sigma?

¹⁵ APM/Fundo Dops/Rolo 068 – Pasta 4704, imagem 1900.

¹⁶ APM/Fundo Dops/Rolo 068 – Pasta 4704, imagem 1900.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BAILYN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru-SP: EDUSC, 2003.

BERTONHA, João Fábio. A Máquina Simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30. *História & Perspectivas*, Uberlândia, 87-110, v.7, 1992.

BRANDI, Paulo. Plínio Salgado *In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro - pós 1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e Política Regional*. São Paulo: Annablume, 1999.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In: Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GROSSI, Yonne de Souza; FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas-verdes? *Cadernos DCP, 8 & Revista do Departamento de História, 10 (número conjunto): 100 anos de República*, 1990, 151-170.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. et. al. República, política e direito à informação: os arquivos do DOPS/MG. *Varia História*. Belo Horizonte: UFMG / Dep. de História, v.29, 126-153, 2003.

SANTANA, Emerson Nogueira. Camisas-verdes em marcha no solo mineiro. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. XLII, n.1, Ano 42, p. 82-93, 2006.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979.

TRINDADE, Héglio. "Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30." *In: História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil republicano, Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: Difel, 1981. V.3.

OLBIANO DE MELO: A FORMAÇÃO DE UM REVOLUCIONÁRIO CONSERVADOR EM MINAS GERAIS¹

CÉLIA CERQUEIRA DE ARAÚJO²

Este trabalho de pesquisa analisa o pensamento do mineiro de Teófilo Otoni, Olbiano de Melo, ideólogo membro da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político surgido no Brasil em 1932 e dissolvido em 1937, por força do Estado Novo.

Embora a literatura acerca do movimento integralista seja rica, não existe um estudo específico sobre um de seus principais dirigentes, Olbiano de Melo. A interpretação de seu pensamento é, contudo, importante para a compreensão da formulação sindical-corporativa, tal como é defendida nos termos da concepção integralista do Estado.

Durante o ano de 1932, Olbiano de Melo, a convite de Plínio Salgado, colaborou no jornal *A Razão*, com artigos de caráter doutrinário, que versavam sobre a situação política, contribuindo para o debate que idealizou a AIB. Nesses artigos³, a maior preocupação era explicar a maneira como se deveria organizar o novo Estado que, na concepção do autor, surgiria após a fase de transição que então se vivia.

Nos livros⁴ escritos por Olbiano de Melo encontram-se desenvolvidos os conceitos teóricos que fundamentam sua argumentação em favor de um novo Estado e subsidiam sua crítica à situação política, econômica e social vigente na época.⁵

¹ Desenvolvido com base no capítulo 1 da dissertação: ARAÚJO, Célia Cerqueira de. *A ideologia integralista de Olbiano de Melo: estudo sobre o pensamento político de Olbiano de Melo nas décadas de 1920 e 1930*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991. O texto apresentado não possui atualizações historiográficas ou conceituais.

² Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é Diretora de escola da Prefeitura do Município de Jundiá.

³ Os títulos desses artigos são por si só significativos: “Prelúdios de uma Nova Era”, de 25/03/1932, “O Momento Nacional”, de 02/04/1932, “Estados Técnicos”, de 16/04/1932, “Ontem e Hoje”, de 27/04/1932, “Ne’o Pedagogismo” de 04/05/1932, “Dona Revolução”, de 13/05/1932 e “Outras Revoluções Virão”, de 25/05/1932.

⁴ *Comunismo ou Fascismo?*, de 1931; *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, de 1931; *Levanta-te Brasil*, de 1932; *Razões do Integralismo*, de 1935; *A Marcha da Revolução Social no Brasil*, 1957.

⁵ *A tese Crédito Agrícola*, de 1929, defendida no congresso de Crédito Popular e Agrícola, realizado no Rio de Janeiro em 1930, em que o autor defende o cooperativismo, não foi publicada.

Na análise dos escritos de Olbiano de Melo observou-se que certos temas desenvolvidos pelo autor foram especialmente revelados, permitindo a identificação das temáticas centrais de sua produção. A preponderância desses temas foi confirmada através do mapeamento das obras, identificando-se nelas a constância e repetição de algumas ideias básicas, formadoras do seu pensamento. De acordo com esse procedimento foi possível identificar, no conjunto do material documental (livros e artigos), os seguintes conceitos basilares do pensamento de Olbiano de Melo:

- O conceito de *Revolução Social*, no quadro no qual o autor interpreta todas as revoluções mundiais, incluindo a de 1930 no Brasil;
- O *Corporativismo*, que para o autor surge como solução para o problema da terra a nível nacional;
- O *Fascismo* e sua função ideológica dentro do integralismo. Na esteira de suas reflexões sobre o fascismo, incluem-se também as concepções de Olbiano de Melo sobre *Capitalismo* e *Comunismo*.
- O conceito (e formulação) do Estado Sindical – *Corporativismo Brasileiro*;
- O talhe espiritualista que, particularmente, fundamenta e inspira toda a sua doutrina.

Busca-se analisar a formação do “Revolucionário Conservador”, ou seja, situar historicamente o autor trazendo informações sobre a sua formação política e intelectual, durante os anos que precederam a organização da AIB.

FORMAÇÃO DE UM REVOLUCIONÁRIO CONSERVADOR

Nascido em outubro de 1892, na cidade mineira de Teófilo Otoni, Olbiano de Melo concluiu o curso universitário antes dos dezoito anos, mas a formação política do autor não ocorreu nos bancos acadêmicos. Conforme ele mesmo explica, não havia, nos cursos superiores de sua época, nenhuma cadeira versando sobre sociologia, o que tornava os jovens de sua geração ignorantes quanto às questões sociais:

Embora portador dum diploma de curso universitário minha cegueira era igual a de todos os de minha geração e explica-se pelo fato de no ‘currículum’ do curso ginásial e do universitário de nossa época não constar nenhuma cadeira versando o estudo das Ciências Sociais. O que ocorria comigo acontecia a todos os moços saídos das academias (MELO, 1957, p.23).

É somente a partir de 1925, aos 33 anos, que Olbiano passa a se preocupar em compreender efetivamente os acontecimentos políticos contemporâneos. O panorama de então é de um aberto questionamento ao tradicional jugo da oligarquia cafeeira, manifestado nas revoltas tenentistas de 1922 e de 24 que, embora debeladas pelo governo, deixam no ar a presença de insatisfações com a organização política brasileira.

Nesta época, Olbiano de Melo é diretor da Secretaria Municipal de Teófilo Otoni, cargo obtido graças à sua filiação ao Partido Republicano Mineiro. Recebe, entre as correspondências, um folheto de Plácido de Melo sobre as origens do cooperativismo e seu desenvolvimento no Brasil:

[...] numa tarde de novembro de 1925, entre a correspondência que chegara as minhas mãos na Câmara Municipal de Teófilo Otoni, de cuja Secretaria era então diretor, veio-me um folheto que marcaria em minha vida um novo rumo. Que seria a chave com que abriria eu, em pouco, sofregamente as portas dum novo mundo de conhecimentos. Este folheto despertaria minha curiosidade para o estudo dos problemas sociais, econômicos, financeiros e políticos (MELO, 1957, p.20).

Interessado em obter maiores informações sobre o assunto, escreve a Plácido de Melo no Rio de Janeiro, iniciando-se aí uma grande amizade entre ambos e processando-se no interior de Olbiano de Melo uma revolução. Do folheto de Plácido de Melo, pedra de toque de seu interesse político, resultou, em 1926, a criação em Teófilo Otoni de uma cooperativa de crédito, o “Banco comercial e Agrícola de Teófilo Otoni”, do qual Olbiano torna-se um dos diretores.

Plácido de Melo promovia no Rio de Janeiro congressos cooperativistas, onde compareciam representantes das entidades estaduais e federais. Por essa época havia, de fato, interesse do Governo Federal em abrir a discussão da questão agrícola no Brasil, em virtude da crise pela qual passava o setor. Num desses congressos (1930), Olbiano defenderia a tese de seu primeiro trabalho, “Crédito Agrícola”, escrito em 1929, participando desses eventos, custeados pelos próprios congressistas até 1933, quando foram interrompidos por ordem do Governo Federal.

Depois do primeiro contato com o cooperativismo, Olbiano começa a estudar por três anos (1926/27/28), Economia Política, Socialismo, Marxismo, Fascismo e Sociologia, lendo sobre o assunto em livros técnicos e teóricos. Esses estudos nortearão a sua compreensão sobre as razões da Guerra de 1914-18, a Revolução Comunista de 1917 na Rússia e a Marcha Sobre Roma de 1922, diferenciando a política de Lenin e Mussolini dos demais governantes: “até então, Lenin e Mussolini para mim não passavam de políticos comuns a toda a América Latina (civis e militares) que derrubavam governos e neles se instalavam para uso e gozo do poder.” (MELO, 1957, p. 23).

Mas a compreensão da situação mundial se dá apenas como subsídio para o entendimento do problema nacional, que especialmente o interessava.

Ao fazer uma análise mais geral dos problemas, constata que o mundo atravessava então uma fase revolucionária. Para o autor, os espíritos rebelavam-se contra a escravização das massas pela alta burguesia capitalista. Cada canto do mundo, engajado na luta pela libertação econômica das massas, apresentava uma solução diferente: a Rússia, o sistema soviético; a Itália, o sistema sindical-corporativo; a Alemanha, que renascia da derrota de 1918, optaria pela socialdemocracia, na qual, segundo o autor, as classes populares (proletariado e média burguesia) obteriam novos direitos no campo da justiça social, conservando-se a liberdade de iniciativa na economia e política. O mundo passava a viver em função de três correntes de opinião: comunismo, fascismo ou capitalismo. Nenhuma luta política fugiria a esses rumos.

Segundo Olbiano de Melo, a Revolução Social contra os abusos do sistema capitalista também já começara a se manifestar no Brasil. Teria aqui penetrado durante o governo de Epitácio Pessoa (1919-1922), e evoluído nos acontecimentos do Levante de Copacabana e na Revolução Tenentista, muito embora seus próprios agentes ignorassem esse processo. Era imprescindível subsidiar com uma ideologia a evolução dos acontecimentos, para que não conduzissem a um encaminhamento político desastroso. Por essas razões, Olbiano preocupava-se em conhecer aqueles três inevitáveis rumos para os quais se encaminhava o mundo, e discernir qual deles era o melhor para o Brasil.

Inclinado intimamente para o sistema corporativista do fascismo, alguns acontecimentos em sua cidade natal o fariam explicitar essa adesão. Em 1927, Antonio Carlos de Andrade, Presidente de Minas Gerais, preparava-se para substituir Washington Luiz no governo Federal. Queria apresentar, para tanto, seu estado coeso, já que ali dois grupos políticos confrontavam-se: o da situação, que apoiava o Governo central; e a oposição, que desejava conquistar o governo estadual. Olbiano de Melo, como já foi mencionado, era filiado à situação. Os chefes do partido firmam o “Acordo de Caxambu”, cedendo em alguns pontos para a oposição.

Considerando que o Brasil necessitava de reformas mais profundas que a simples substituição do Presidente, Olbiano entendia-se como a “politicalha” sem ideologia”, discordando do Acordo de Caxambu e rompendo com o Partido Republicano Mineiro, vindo a demitir-se do cargo que ocupava na Câmara Municipal. Esse episódio trouxe-lhes alguns dissabores, sendo sua carta de demissão publicada e criticada pelo jornal local “O Comércio”:

Publicada minha carta no jornal local – ‘O Comércio’ – e comentada no número seguinte em termos desprimorosos à minha pessoa. Cidade pequena, trabalhada de há muito pelas paixões suscitadas pelas duas facções em que se dividia e pelo descontentamento provocado pela pacificação compulsória feita pelo presidente Antonio Carlos – todo mundo ficou na expectativa de minha resposta. Realmente procurei, em seguida, o autor da nota, Sr. Marinho Vianna, diretor do jornal e solicitei dele, de acordo com a lei de imprensa em vigor, a publicação de meu revide. Rebelou-se contra isso e tentou agredir, sacando dum revolver. Travei com ele luta corporal, desarmando-o e da qual saiu o mesmo ferido, como também o seu auxiliar de redação. Neste momento, várias pessoas, atraídas pelo incidente, invadiram a redação (MELO, 1957, p. 29-30).

Após o incidente, Olbiano recolhe-se em sua residência, cercada pelos que não viam com bons olhos o seu gesto contrário ao Acordo de Caxambu. Ao depor, dias depois, é indiciado em inquérito, mas o processo foi anulado, em razão de uma anistia para crimes de ferimentos leves, decretada pelo Governo Provisório, logo após 30.

Esse episódio tem o mérito de desvincular Olbiano do compromisso partidário e situar-se como um “independente”, podendo mais livremente expressar suas opções políticas.

Começa, então (1929), a elaborar dois livros: *Comunismo ou Fascismo?* e *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil*, em que explicitaria sua adesão aos princípios fascistas:

Tendo me tornado fascista este fato não viera ainda a público. Continuava em silêncio, elaborando, como já relatei anteriormente, dois livros em os quais estudaria a marcha da revolução social no mundo, após a 1ª Guerra Mundial, concluindo por esposar uma solução sindical-corporativa para a crise brasileira (MELO, 1957, p. 29-30).

Em meio à crise mundial deflagrada em 1929, acirrou-se a questão da sucessão de Washington Luiz. O Presidente, ao contrário do que previa a política oligárquica, dava direito ao presidente de Minas Gerais, Antonio Carlos, de ser o candidato oficial, e decidiu apoiar outro paulista, Júlio Prestes. Com isso, rompe-se o acordo com Minas, tornando possível a composição de um novo arranjo político entre Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e grupos de oposição de outros estados. Surge assim a Aliança Liberal, reunindo forças políticas oposicionistas. Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul é lançado como candidato da Aliança Liberal, em oposição à Júlio Prestes.

Num dos congressos de Plácido de Melo, no Rio de Janeiro, Olbiano toma conhecimento de que os militares envolvidos nos acontecimentos de 22, 24 e 26, caso a Aliança Liberal não ganhasse as eleições, deflagrariam um movimento armado. Desde o princípio, Olbiano opõe-se ao plano, pois não concordava com a instauração de uma ditadura no país, feita naqueles moldes:

Claro, pois, que de modo algum não consultava meus propósitos naquela altura a implantação duma ditadura no país. Certamente, do conluio da insinceridade da maioria dos políticos brasileiros, agitados e levados tão somente pela obsessão do mandonismo oligárquico, com a impetuosidade dos moços militares perseguidos, exiliados ou foragidos em sua própria pátria – resultaria um regime de exceção, sem rumo filosófico e sem plasma ideológico, capazes de operar aqui uma reforma de base na política, capazes de criar as condições de libertação da Nação do estado de colonialismo econômico em que vivia. Aceitava, sem dúvida, uma ditadura orgânica, ou seja ideológica que, como ‘meio’, levasse o povo a um ‘fim’ – previamente programado. Nunca, porém uma ditadura caudilhesca, sem rumo e sem justificativa (MELO, 1957, p. 37)

Nesta altura, Antonio Carlos apoia a Aliança Liberal. Olbiano é então convidado por Carvalho de Brito, no Rio de Janeiro, a participar da “Concentração Conservadora”, movimento que visava a congregar os que de Minas não estivessem de acordo com o presidente do Estado, em apoio a Prestes. Em entrevista a Carvalho de Brito, antes de aderir ao movimento, Olbiano procurou expor o seu entendimento da situação político-econômica do país naquele momento:

Afirmei-lhe que estava o país entrando num novo ciclo político ditado pelo impacto direto dos efeitos da revolução social no mundo ‘post’ 1918, impacto este cujas consequências agravar-se-iam em pouco com a crise econômico-financeira deflagrada em Nova York naquele ano e que a má posição do café, principal esteio da economia nacional, cuja valorização vinha se mantendo artificialmente pelo Governo, tornaria, dentro de pouco tempo, muito grave a situação nacional. Certo que os políticos de oposição, no caso a Aliança Liberal, já em franca articulação com os militares afastados dos quartéis e foragidos

ou exilados, poderiam levar o Brasil a insurreição. Era patente que um pequeno número de pessoas, estudiosos desses problemas, sentia a situação, ao contrário dos militares revoltosos e dos políticos que não se preocupavam e não tinham mesmo atentado este lado da realidade nacional. Achava, porém, que o próprio Presidente da República não havia considerado ainda este ângulo da questão. Desde que o governo estava se preparando para enfrentar uma luta eleitoral da altitude e da amplitude da que se iniciava, devia a 'Concentração Conservadora' apresentar-se com um programa de ação definido, capaz de traçar novos rumos para a administração pública, a se inaugurar com o sr. Júlio Prestes (MELO, 1957, p. 43-44).

Interessado neste plano de ação, Carvalho de Brito pede a Olbiano que o esquematize, e o ponto central apontado pelo autor é a organização de empresas cooperativistas:

O sr. deveria encabeçar, desde já, um movimento acenando aos lavradores e pecuaristas do Estado a criação de três bancos cooperativos – um do café na Zona da Mata, outro do Algodão no Norte do Estado e ainda outro da Carne e Derivados no Triângulo Mineiro; capital misto, subscrito parte pelo governo e parte por particulares. Esta medida irá de encontro dos desejos e necessidades das três principais zonas geo-econômicas do Estado – a do café, a do algodão e a do gado, e congregará politicamente as forças vivas do Estado e, economicamente, vasta área humana, destruindo-se de início todas as raízes políticas do PRM (MELO, 1957, p. 45).

De um estudo posteriormente realizado neste sentido, resultou a elaboração de um projeto de três congressos em Minas Gerais – Congresso do Café, em Muriaé; Congresso do Algodão, em Montes Claros; Congresso Pecuarista, em Uberaba, onde a concentração Conservadora propunha, após empossado Júlio Prestes, a criação, em Muriaé, do Banco Cooperativo do Café. Contudo, face à reação hostil da oposição ao primeiro congresso, os dois últimos foram suspensos.

Júlio Prestes vence as eleições. Olbiano de Melo informa que, nesta ocasião, a Aliança Liberal teria pedido apoio a Luiz Carlos Prestes, mas este declarara não estar de acordo com a revolução que estava sendo preparada, afirmando que o único caminho para a emancipação econômica do país era o socialismo marxista.

Durante a viagem de Júlio Prestes à Europa, logo após ser eleito, Olbiano de Melo, em visita ao Rio de Janeiro, fica sabendo dos preparativos para o golpe de Estado, indo informar a concepção conservadora que, entretanto, não acreditava que os rebeldes viessem a obter êxito. De volta a Minas Gerais, porém, a 4 de outubro, Olbiano de Melo é considerado prisioneiro da revolução, como um dos chefes da Concentração Conservadora na região. Os insurretos lhe tomam armas e o proíbem de comunicar-se com seus correligionários, mantendo-o em prisão domiciliar.

Concluída a Revolução de 30 e Getúlio Vargas assumindo o poder, aqueles que, segundo Olbiano, "viam claro" as pretensões do ditador para o Brasil tomaram rumos opostos. Assim, surgem no Brasil o Comunismo e o Integralismo. Nessa época, Olbiano publica dois livros: *Comunismo ou Fascismo?* e *República Sindicalista dos Estados Unidos do Brasil* (1930 e 1931, respectivamente), amplamente inspirados no fascismo italiano. Posteriormente, declarou Olbiano que o primeiro desses

livros foi largamente utilizado pelo governo Provisório na estrutura sindical do país, ressentindo-se de que sua participação nesse sentido tenha sido sempre ignorada. Mesmo repudiando, anos depois, a primeira parte da obra corporativista, o autor ressalta a importância histórica deste livro:

[...] indico (o livro República Sindicalista) aos historiadores do futuro uma das principais matrizes onde os revolucionários de 30 foram buscar em grande parte a legislação só da Segunda República e do Estado Novo, como ainda hoje o integralismo foi encontrar, traçados objetivamente os principais pontos de seu ‘manifesto Programa’, tornado conhecido em 1933, e do qual o Sr. Francisco Campos decalcou grande parte da constituição de 1937 (MELO, 1957, p. 5-6).

De 1931 em diante, aqueles que apoiavam as ideias de Olbiano foram por ele congregados na Bahia, Rio de Janeiro e Belo Horizonte para estudos e discussões. Em 1932, Olbiano publica outro livro: *Levanta-te Brasil!*, em que conclama a nação a apoiar um partido político que ele e seus adeptos pretendiam fundar com o nome de Partido Nacional Sindicalista.

Para Hélgio Trindade, a idealização do Partido Sindicalista de Olbiano de Melo insere-se no contexto da ascensão da direita na década de 30, que desencadeou a organização de vários movimentos de inspiração fascista: a “Ação Social Brasileira”, de J. Fabrino, que se propusera a organizar um partido nacional fascista, não alcançando êxito; a Legião Cearense do Trabalho, idealizada por Severino Sombra, que teve importante penetração regional, etc. Esses movimentos, com exceção da Legião Cearense,

[...] são organizações reunindo pequeno grupo de indivíduos e com audiência política restrita, cuja relevância é ter precedido e reforçado a convergência ideológica de direita. Nascidos a margem das forças revolucionárias no poder, eles são dirigidos por líderes civis e militares, em geral hostis a Revolução de 30, mas consciência das novas perspectivas aberta à ação política pelo movimento revolucionário com a derrubada da Velha República (TRINDADE, 1979, p. 103).

Embora o projeto do Partido Nacional sindicalista tenha ficado somente no papel, os planos de organização destacam-se pelo seu alto grau de elaboração. Nele, dentre outras coisas, era prevista a criação de milícias da agremiação, o uniforme e o juramento de “Pela Família, Pela Pátria e Por Deus”, a todos que ingressassem no movimento:

Em março de 1932 publiquei um terceiro livro ‘levanta-te Brasil!’. Era mais um manifesto a Nação, contendo um programa de ação partidária [...] que se chamaria Partido Sindicalista Nacional, a criação de milícias da agremiação, seu uniforme e o juramento de pela Família, pela Pátria e por Deus, ao ingressarem no movimento. Esse juramento em 1933 foi transformado no ‘slogan’ Deus, Pátria e Família, do integralismo. (MELO, 1957, p. 60-61).

Um dos exemplares do livro *Levanta-te Brasil!* foi enviado a Plínio Salgado, que de São Paulo remete a Olbiano uma carta datada de 01 de março de 1932, nos seguintes termos:

Desculpe o papel e a intimidade: escrevo-lhe na minha mesa de redação. Seu livro e sua carta chegaram no instante em que eu lhe ia remeter uma longa missiva; porque eu já tinha lido o seu trabalho e tinha dito com meus botões: eis aqui um homem. Eu já havia organizado um esquema, muito parecido com o seu. Eu tinha chegado as mesmas conclusões que você [...] Fundamos aqui em São Paulo uma sociedade de Estudos Políticos, que nós chamamos, mais resumidamente de SEP [...]. Pretendo organizar comissões de estudo e divulgação especializada cada qual em assuntos econômico-financeiros, sociológicos, religiosos e culturais. Esse movimento deve ser efetuado em todos os Estados do Brasil, a fim de criarmos os capitães da futura campanha de renovação, ou melhor: de reposição na sua base de realidade, pois a liberal-democracia não tem feito mais do que contrariar a índole do povo brasileiro que é essencialmente governista e tanto assim é que os governadores de Estados nunca perderam eleições.

Sobre três bases deve assentar a obra de reconstrução nacional:

- a) base geográfica (Município)
- b) base econômico-social (Classe)
- c) base moral (tradição religiosa e patriarcal)

Fora disso tudo será mentira. Não acha? Pois bem. Venho pedir a V. dois favores para o Brasil: 1º) procure organizar em Minas uma sociedade semelhante, com irradiação por todos os municípios e articulação com a nossa de S. Paulo; 2º) envie-me o maior número possível de exemplares de seu livro, que quero dar uma grande divulgação entre nossos conscritos. (MELO, 1957, p. 61-62).

Nesta mesma ocasião, Plínio Salgado envia a Olbiano de Melo um exemplar do jornal *A Razão*. Esse jornal, no qual Olbiano passou a colaborar a partir de 25 de Março daquele ano, propõe-se a ser veículo divulgador das ideias da SEP em São Paulo.

Anuindo às solicitações de Salgado, Olbiano marca um encontro com ele e Severino Sombra, com o objetivo de fundirem suas atividades num único partido. Contudo, esse encontro não ocorreu, pois a Revolução Constitucionalista de 9 de Julho de 1932 reteve Plínio Salgado em São Paulo. Os revolucionários empastelaram o jornal *A Razão* em fins de maio. Pacificada a Revolução em São Paulo por Getúlio Vargas, Olbiano recebe em outubro um telegrama comunicando-lhe que Plínio Salgado fundara em São Paulo a Ação Integralista Brasileira e, conforme acertos anteriores, Olbiano deveria fazer o mesmo em Minas Gerais, reunindo os adeptos na cidade:

Dada precipitação dos acontecimentos fundamos a Ação Integralista Brasileira. Assembleia criação movimento formada estudantes, operários, elementos classe média – tudo dentro princípios já acertados nossa correspondência anterior: sindicalização, representação exclusivamente profissional. Base Estado na família, município, sindicato. Avise nossos amigos Bahia e Belo Horizonte restabelecer articulação, fomentar propaganda. Espero sua vida aqui urgente. Viva Brasil dirigido mocidade. (MELO, 1957, p. 66).

Entre os adeptos mineiros, Artur Atschin coloca o semanário *O Satélite*, do qual é diretor na época, a serviço do movimento. Segundo Olbiano de Melo, esse foi o primeiro jornal integralista em todo país. Suas publicações foram distribuídas em vários estados.

Em dezembro de 1932, Olbiano de Melo viaja a São Paulo a pedido de Plínio Salgado. Neste encontro foi elaborado o estatuto de sociedade civil, condição primeira para se solicitar o registro da Ação Integralista Brasileira como partido político. Ficou decidido também nesse encontro que

o juramento *Deus, Pátria e Família* seria obrigatório para a inscrição de membros no quadro do movimento. Iniciava-se assim, no Brasil, o surgimento do integralismo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Célia Cerqueira de. *A ideologia integralista de Olbiano de Melo: estudo sobre o pensamento político de Olbiano de Melo nas décadas de 1920 e 1930*. 1991. 147 fls. Dissertação. (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

MELO, Olbiano de. *A Marcha da Revolução Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1957.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

“EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA O HOMEM INTEGRAL”: AS ESCOLAS INTEGRALISTAS EM MINAS GERAIS¹

LENIR PALHARES²

O objetivo deste capítulo é investigar alguns aspectos da proposta pedagógica e educacional presente nas hostes da Ação Integralista Brasileira (AIB) para instruir suas fileiras, tendo como foco privilegiado as escolas instituídas em Minas Gerais no período de 1932 a 1937. Ressalta-se que, devido ao fato de os próprios integralistas afirmarem a inexistência de uma “pedagogia integralista” (SALGADO, 1959), ou seja, por não terem sido formalizadas filosofia e metodologia educacionais integralistas, foi demandado um esforço maior para o reconhecimento de suas diretrizes, implícitas nos documentos.

Referente às fontes para estudo das escolas integralistas, privilegia a Escola Integralista Nicola Rosica, em Diamantina/MG, a escola integralista da cidade de Monte Belo/MG e a Escola Integralista Luiz Schroeder em Cambuquira/MG, compreendendo as correspondências trocadas entre os núcleos da província³ e dos municípios, as atas, que contêm o ponto mensal dos alunos e os documentos produzidos pela Polícia Política de Minas Gerais, que mantinha sob vigilância as sedes do movimento e seus principais organizadores.⁴

¹ Este capítulo baseia-se no estudo: PALHARES, Lenir. “Educação integral para o homem integral”: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. 135f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Uma versão inicial pode ser consultada em: PALHARES, Lenir. *O integralismo e a educação: a Escola Integralista Nicola Rosica em Diamantina (1935-1937)*. 2013. 77 f. Monografia (Bacharel licenciada em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).

³ Utiliza-se neste trabalho o termo “Província” para tratar dos estados, visto que é dessa forma que aparece nos documentos integralistas presentes no Arquivo Público Mineiro.

⁴ Na análise das atas de ponto, foi possível quantificar o número de alunos alocados em cada turma, o gênero desses indivíduos em determinadas turmas e sua diferenciação em séries, o que possibilitou a observação dos critérios pedagógicos adotados pela instituição. Nos relatórios trocados entre os núcleos, puderam ser constatadas algumas das atividades empreendidas pela escola em determinados meses do ano e, conseqüentemente, sua forma de atuação. Observaram-se ainda a duração do período letivo, os professores e o assunto abordado nas aulas, uma vez que já foram encontradas aproximadamente trinta provas, de diferentes disciplinas, aplicadas aos alunos.

Na análise das atas de ponto, foi possível quantificar o número de alunos alocados em cada turma, o gênero desses indivíduos em determinadas turmas e sua diferenciação em séries, o que possibilitou a observação dos critérios pedagógicos adotados pela instituição. Nos relatórios trocados entre os núcleos, puderam ser constatadas algumas das atividades empreendidas pela escola em determinados meses do ano e, conseqüentemente, sua forma de atuação. Observaram-se ainda a duração do período letivo, os professores e o assunto abordado nas aulas, uma vez que já foram encontradas aproximadamente trinta provas, de diferentes disciplinas, aplicadas aos alunos.

Para um melhor entendimento sobre as propostas pedagógica e educacional da AIB é preciso mencionar que, em 1936, foi instituída a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (S.N.A.F.P.), órgão criado com a finalidade de “orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da mulher e da juventude integralista” (ENCICLOPÉDIA..., 1959, v. 9, p. 168), ao qual passam a ser submetidas as escolas integralistas.

Dentre estas, as escolas de alfabetização para adultos estavam a cargo do Departamento Feminino e as escolas primárias submetidas ao Departamento dos Plinianos. Ambos os departamentos eram subdivisões da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (S.N.A.F.P.), sendo que tanto o Departamento dos Plinianos quanto o Departamento Feminino eram hierarquicamente comandados por líderes específicos nos âmbitos nacional, provincial, municipal e distrital.⁵

Apesar de autores como Rosa Maria Cavalari (CAVALARI, 1995, p. 63-66) considerarem a criação da Secretaria mais como um esforço para alfabetizar e, assim, arregimentar eleitores com vistas à candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República – uma vez que era negado aos analfabetos o direito ao voto, desde 1881⁶ –, tem-se por bem compreendê-la em suas várias atribuições, das quais, mesmo que forma exígua, se poderiam destacar: a de alfabetizar crianças, jovens e adultos, dar formação profissionalizante àqueles que se interessassem e de criar formas de atender a comunidade em suas necessidades mais prementes.

Assim, observou-se que a Secretaria era integrada por uma Divisão de Escolas de Férias, que deveria angariar recursos para a criação dessa modalidade, subdivididas em secções de campo, montanha e beira-mar⁷ por uma Divisão de Divertimentos, que tinha por finalidade promover a interação das crianças com o meio exterior, na forma de atividades culturais (como cinema, teatro, circo), visitas a estabelecimentos comerciais, fábricas, feiras e exposições e excursões a parques infantis.

Por fim, era composta pela Divisão de Estudos, que se constituía das seguintes seções (ENCICLOPÉDIA..., 1959, v. 9, p. 176):

⁵ “A divisão administrativa atual do movimento integralista, na ordem superficial crescente, é a seguinte: a) distritos que constituem os municípios; b) municípios que constituem as regiões; c) regiões, que constituem as províncias; d) províncias, que constituem as circunscrições; e) circunscrições, que, reunidas, abrangem todo o território da Pátria, constituindo o Estado Integral, pessoa jurídica de direito público”. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. FUNDO DO DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL: INTEGRALISMO, PASTA Nº 4819, ROLO 071, IMAGEM 2322, S/D.

⁶ Lei Saraiva, Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881.

⁷ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 2167, 18 ago.1937.

- Jardim de Infância, destinada às crianças de quatro a seis anos de idade;
- Alfabetização, por meio de escolas fixas ou ambulantes, com permanência não inferior a três meses nos lugares em que se pudesse ministrar permanentemente a *instrução primária* (ENCICLOPÉDIA..., 1959, v. 9, p. 176, grifo nosso);
- Escolas Profissionais, para o aproveitamento das aptidões vocacionais das crianças e dos jovens;
- Cultura Geral, com estudo sobre História do Brasil e noções de história geral, ciências, artes e letras.

Grosso modo, esta Divisão de Estudos era compreendida dos setores de Cursos e de Conferência, que tinham como função estimular “a cultura e o aprimoramento do espírito da mulher” e objetivavam “promover e orientar cursos especializados em Sociologia, Filosofia e Pedagogia”, assim como “promover sistematicamente conferências sobre Economia Social, Geografia Humana, Literatura, Arte e Formação Moral e Cívica” (Enciclopédia..., 1959, v. 9, p. 172-3).⁸

Junto a estes órgãos havia também a Divisão de Educação, que se compunha das seções de:

- Educação Integralista, que previa o ensino da cartilha do Pliniano, noções de direito integralista, Sociologia e Economia, cujas temáticas deveriam estar em acordo com a orientação da Diretoria Nacional dos Plinianos;
- Educação Desportiva, que difundia o esporte como meio “eugênico” para a preparação física da criança, e como forma de socialização e aproximação dos plinianos;
- Educação Moral e Cívica, que se destinava a formar o caráter e despertar no jovem o amor aos valores integralistas e à pátria;
- Educação Sanitária, cujo objetivo era despertar os hábitos de higiene, tanto individuais quanto coletivos, estendendo-os às famílias – a quem seria também “ministrados rápidos conhecimentos de eugenia, puericultura, a necessidade do exame pré-nupcial, vantagens da helioterapia, etc.”;
- Boas Maneiras, que visava ensinar hábitos corteses e educados, como se comportar em público e os cuidados que se deviam ter com os idosos.⁹

Esta Divisão de Educação atuava no sentido de “orientar e controlar as atividades femininas no tocante à alfabetização, enfermagem, puericultura, datilografia, culinária, corte e costura, boas maneiras, contabilidade caseira e economia doméstica”. (Enciclopédia..., 1959, p. 172) Sob sua competência estavam a criação e a manutenção das escolas integralistas, não só de alfabetização, como também de ensino profissionalizante.

⁸ Ficava a cargo dessa divisão a organização e execução das conferências realizadas nos Núcleos para leitura e discussão de textos doutrinários. Além dessas reuniões, cuidava também das aulas de pedagogia destinadas às jovens integralistas, assim como da organização dos horários, local e periodicidade com que seriam realizados os cursos.

⁹ Sobre tais seções, ver: (ENCICLOPÉDIA..., 1959, V. 9, P. 176-177).

Tomando essa estrutura sob um ponto de vista mais amplo, observa-se que as proposições integralistas para suas escolas ou para as atividades educativas previstas para os plinianos estiveram em consonância com as teses discutidas no *Primeiro Congresso de Instrução Primária do Estado de Minas*, de 9 de maio de 1927, na disposição 1ª de sua Tese 1ª da “Organização geral do ensino”, sendo que tal evento definiu que os “objetivos gerais da escola primária são os seguintes: - extinguir o analfabetismo; ministrar noções de higiene; ensinar trabalhos manuais com finalidades educativas; formar o caráter dos alunos; dar-lhes educação cívica”. (PRIMEIRO..., 1927, p. 477).

PEDAGOGIA PARA A ALFABETIZAÇÃO: ALGUNS ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR INTEGRALISTA

Quando se analisa o setor educacional integralista é preciso levar em consideração a existência de uma certa dificuldade para tratar de aspectos delicados como a cultura escolar¹⁰ em razão dos escassos e dispersos indícios do cotidiano das escolas, acrescido do distanciamento temporal do objeto em questão.

A esse respeito, Rosa Cavaleri (1995) destacou não ter conseguido localizar nenhum documento que pudesse fornecer dados a respeito do funcionamento ou do cotidiano das escolas. Contudo, essa autora levantou duas hipóteses para a desaparecimento dos documentos, sendo que este estudo compactua com a primeira delas, postulando que: os “documentos relativos ao funcionamento e ao cotidiano dessas escolas teriam existido, mas teriam sido suprimidos devido à repressão sofrida, em alguns momentos, pelas escolas integralistas”. (CAVALARI, 1995, p. 49).

Este estudo pactua com a hipótese da autora, visto que se verificou, nos impressos integralistas, um número expressivo de casos de fechamento das escolas do Sigma como forma de repressão à Ação Integralista Brasileira.

Como exemplo desse estado de coisas, se poderá mencionar a matéria publicada no jornal *A Offensiva*, 28 de julho de 1936, página 5, sob a manchete “A alma do Brasil através de um desfile telegráfico”, que noticiou sobre os telegramas dos diversos Núcleos de várias regiões do Brasil comunicando ao Chefe Nacional da AIB terem enviado, ao Presidente da República e ao Governo do Paraná, mensagens de protesto contra o fechamento de escolas naquele estado. Alguns desses telegramas enviados a Getúlio Vargas são reproduzidos na íntegra, sendo que o procedimento de publicar as manifestações de protesto externadas pelos diversos núcleos é mantido durante toda a semana com várias páginas destinadas a esse fim.

¹⁰ De acordo com Dominique Julia, pode-se entender cultura escolar como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).” (2001, p. 10). Todavia, na mesma página, o autor lembra que ela “não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. (2001, p. 10).

Outrossim, numa direção oposta aos casos de fechamento de escolas, considerando que os regulamentos da Ação Integralista Brasileira, veiculados nos *Protocolos e Rituais* (1937), artigo 89, trazia o seguinte preceito: “as sedes Municipais e Distritais deverão instalar, *antes de qualquer outra organização de assistência social, uma Escola de Alfabetização* e um Posto Médico, destinado a todos os brasileiros”¹¹, é preciso mencionar também a significativa ampliação do número de escolas da AIB.

Destarte, num plano mais longo, a despeito das razões para o empreendimento das escolas, fossem elas eleitorais ou visando à formação doutrinária, ou mesmo para instruir, nota-se que, desde o nascimento do movimento em 1932, e nos anos que se seguiram (a publicação do referido manual foi em 1937), a empreitada da escolarização foi abraçada pelos militantes, o que indica relevância dentro da AIB.

Como um exemplo expressivo desse esforço, se poderia citar a inauguração da Escola Integralista Caetano Spinelli, festividade noticiada no jornal *A Offensiva* de 26 de julho de 1936, página 14, evento que contou com a presença do Major Cosme de Faria, “vulto proeminente da Liga Baiana Contra o Analfabetismo” e seu representante.

Nesta ocasião, entre os que discursaram, constava o Chefe Provincial Integralista, que, em sua fala, enalteceu o requerimento feito pelo referido Major à Assembleia Estadual da Bahia, no sentido de reconhecer como “de utilidade pública” as escolas integralistas de alfabetização que a AIB vinha “semeando por toda a província”. Dessa forma, observa-se o envolvimento dos integralistas com outras iniciativas de combate ao analfabetismo que atestavam, elas mesmas, a relevância das escolas do Sigma para a região.

Ainda sobre este caso da Escola Caetano Spinelli, é digno de nota que o alarde de sua inauguração fez brotar na localidade festejos com a presença de autoridades e personalidades do próprio município e de outros lugares. A este respeito, de acordo com a reportagem, a celebração,

[...] ao mesmo tempo grandiosa e comovedora, teve a presença do Chefe Provincial, do Chefe Municipal da capital, de muitas outras autoridades Integralistas e de numerosa e distinta assistência que saiu otimamente impressionada. Às 10 horas da manhã de domingo, 21 de junho, num ambiente de civismo e alegria, com música e flores, realizou-se a inauguração da escola [...]. (*A Offensiva*).

Acredita-se que tais festejos não tinham como finalidade apenas demarcar o número de instituições criadas pelos integralistas, de modo a engrossar suas estatísticas ou dar visibilidade às ações educacionais do movimento tanto na comunidade em que se instalavam quanto nas muitas reportagens veiculadas em seus impressos. Tinham também a intenção de datar, criar memória do movimento e, sobremaneira, expressavam a “importância cada vez maior que a escola, enquanto instituição vai adquirindo como força na construção e na legitimação de signos e símbolos políticos e culturais”. (FARIA FILHO, 2014, p. 89).

¹¹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 2035, rolo 035, imagem 2118, 1937. (Grifo nosso)

Tal importância pode ser dimensionada na implantação paulatina do sistema escolar no país através das várias reformas educacionais que pulularam em alguns estados, principalmente a partir da década de 1920. Assim sendo, pelo estudo feito na documentação das escolas integralistas, identificou-se que o processo de sua organização didática e pedagógica, em alguns aspectos, era similar ao de outras escolas da rede pública no tocante à motivação nacionalista que envolvia os professores, os exames, as disciplinas escolares ou mesmo a organização das classes.¹²

Na documentação consultada encontraram-se provas realizadas pelos alunos que atestam sua distribuição em classes homogêneas, como é o caso das provas¹³ de História do Brasil, Língua Portuguesa e Aritmética, referentes à escola integralista da cidade de Monte Belo/MG. Nessas provas há identificação de idade e gênero além do tipo da classe e a presença de alunos de 12 a 20 anos de idade de ambos os sexos. Além desses dados, no cabeçalho constavam: nome da escola, município, disciplina a que se referia, nome do aluno, série a que pertencia e a classificação da classe – A, B, C ou D.

A análise desse material confirma que a homogeneização dos alunos nas escolas integralistas se fazia também de acordo com seu desempenho, ou seja, as provas em que se nota uma maior familiaridade do aluno com a escrita, no caso, maior firmeza no traçado, contornos mais bem realizados, quase completa ausência de rasuras e borrões, distribuição mais simétrica dos conteúdos na folha, são as da série A. De outro modo, as que apresentaram linhas de traçado mais inconstantes, palavras riscadas e rasuradas, inobservância da margem e maior número de observações da professora, são as provas da série D.

Também por intermédio da documentação encontrada nas escolas integralistas, não é possível afirmar se seguiam rigorosamente o currículo do Estado, uma vez que se encontraram provas de apenas três disciplinas, Língua Portuguesa, Aritmética e História, além da prática de Educação Física. Todavia, de qualquer modo, é possível reconhecer como eram estruturadas pelo tipo de conteúdo cobrado.

Para se ter uma ideia disto, tem-se que as provas de Português eram compostas por um ditado, redação de uma carta, conjugação de verbos em tempos verbais, separação de palavras em sílabas, classificando-as quanto à quantidade silábica e, em outra, cobrou-se ainda a análise sintática de determinada oração. Em todas, entretanto, pode-se notar uma especial atenção a essa disciplina: elas são maiores e abrangem vários aspectos, diferentemente das provas de Aritmética e História do Brasil.

Tal acuidade maior com as provas de Português poderia ser atribuída ao fato de que, no integralismo, ao estudo da língua vernácula atrelava-se também o propósito de “ensinar a nacionalidade pela originalidade da língua, [...] resgatar a origem do Brasil através do estudo idiomático” (SACARDO, 2011, p. 140).

¹² Tem-se que as mudanças na organização das escolas públicas se fizeram nos anos iniciais da república através de várias reformas educacionais e, dentre elas, se destacam, principalmente, a distribuição dos alunos em classes homogêneas e a graduação progressiva em séries.

¹³ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4775, rolo 070, imagens 1214 até 1239, 1937.

Em contraposição com as provas de Português, as provas de Aritmética eram curtas, compostas, em média, por cinco questões de raciocínio lógico envolvendo as quatro operações (adição, subtração, divisão e multiplicação), o domínio de algumas unidades de medida e o cálculo com frações pois, ao estudo da Aritmética se atribuía a função de desenvolver o raciocínio lógico para a compreensão da Doutrina Integralista.

Por seu turno, as provas de História do Brasil analisadas, duas no total, versavam sobre o navegador espanhol Vicente Pizón. Devido à indicação, feita pelos alunos, no cabeçalho da prova, do número do “ponto sorteado”, presume-se que o conteúdo a ser estudado era composto por vários tópicos, e apenas um deles seria avaliado. Ao que tudo indica, os alunos decoravam tais “pontos”, pois as mesmas palavras e expressões foram utilizadas nas duas provas, a única diferença que se notou é a quantidade de informação memorizada pelos alunos. Acredita-se que a “memorização” era realmente valorizada no processo de aprendizado das escolas integralistas, pois aparece nas orientações pedagógicas.

Como se viu, também integrando a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (S.N.A.F.P.) acerca do Departamento dos Plinianos, tem-se que, entre as atividades previstas para crianças e adolescentes, estavam as excursões e os jogos esportivos, recreativos e educativos. Sobre essas excursões, destaca-se o seguinte trecho: “[buscava-se nos passeios ministrar às crianças] conhecimentos sobre a natureza, fazendo-se estudos sobre as plantas, flores, frutos, pedras, animais, sendo que dessas excursões às crianças farão uma pequena descrição não só para desenvolvimento de sua inteligência, como servirão de “test” de observação, de *memória* e outros”. (ENCICLOPÉDIA..., 1959, v. 9, p. 178, grifo nosso).

A segunda atividade reafirma o propósito de “decorar” as informações: os jogos esportivos, recreativos e educativos, tinham como fim o “desenvolvimento da *memória*, acuidade visual e auditiva, olfato, tato, jogos de pistas e demais jogos escoteiros”. (ENCICLOPÉDIA, 1959, v. 9, p. 178, grifo nosso).

Em que pese a importância da memorização no processo de aprendizado, cabe salientar que o caso integralista parece indicar a memorização como forma de repetição para cumprimento das obrigações escolares, sem se ater ao objetivo principal de compreender e relacionar a informação memorizada de modo a transformá-la em conhecimento. Por isso havia a necessidade de se decorar “os pontos” para a reprodução na prova.¹⁴

Noutra perspectiva, as disciplinas de História e Geografia, na proposta integralista, tinham como propósito “o ensinamento da grandeza natural e a unidade territorial e social, bem como o enaltecimento dos heróis, dos acontecimentos e da exaltação do convívio harmonioso entre as classes”. (SACARDO, 2011, p. 139). Evidentemente, essa proposta não era diferente da proposição da escola estatal. A esse respeito, de acordo com Maria Helena Capelato (1998, p. 220-221), o “ensino da História Pátria atrelava-se a uma concepção nacionalista que enfatizava a necessidade

¹⁴ Em pleno movimento de expansão do movimento escolanovista, com valorização da experimentação, da reflexão e do ensino pelas coisas e pelo fazer, observa-se na pedagogia integralista a permanência da orientação para a aprendizagem pela memorização.

de formação da consciência nacional” com a “função de criar nos adolescentes e jovens estudantes uma paixão e um saber, um sentimento e o conhecimento acerca das tradições do país”.

Não foi encontrada a disciplina Educação Religiosa como parte do currículo integralista, apesar de os integralistas se posicionarem em desacordo com a laicização do ensino, fato que não significava a ausência de práticas cristãs. Tal situação é o que se pode constatar no registro do relatório de 24 de julho de 1937, referente à Escola Nicola Rosica, segundo o qual “no dia 26 de junho, houve a Páscoa dos alunos da Escola em uma Missa celebrada pelo companheiro Reverendo Padre Moacir Starling. – Desse dia, até 15 de julho, a Escola esteve de férias – No início das aulas foi aberta nova matrícula”.¹⁵

Outra disciplina a ser considerada é a Educação Física, especialmente pela filiação dos integralistas aos ideais eugenistas em curso no contexto. A importância da Educação Física já se fazia notar nos pronunciamentos de Rui Barbosa, em 1882, e de Jorge Morais, em 1905, como forma de assegurar a homogeneidade étnica em face à miscigenação das raças branca, negra e indígena (PEIXOTO, 2003). Contudo, o discurso ganha força nas décadas seguintes em razão da expansão, não restrita ao integralismo, das concepções eugênicas que propagandeavam sobre necessidade de fortalecimento da raça do povo brasileiro pelo branqueamento e pela disseminação da Educação Física.

Ainda sobre a Educação Física, nos jornais do Sigma, o discurso da militância afirmava que “a indiferença centenária pelos problemas da cultura no Brasil se refletiu, de maneira muito particular, na Educação Física. Nada se fez para preservar e revigorar a saúde da raça”.¹⁶ Os integralistas consideravam que através das atividades esportivas seria possível construir uma “nação forte e respeitada”¹⁷, educar o povo e fortalecer a raça, além de propiciar a “formação cívica da mocidade pátria”.¹⁸

Com isto em vista, ressalta-se o aspecto da militarização embutido na dinâmica da disciplina. Isto é posto, pois, apesar de Plínio Salgado defender uma revolução desarmada para o Brasil, vez por outra trazia à baila que, havendo necessidade, os militantes integralistas precisariam estar dispostos física e mentalmente para a luta armada em defesa do Estado Integral. Também com essa intenção trabalhava-se o corpo na Educação Física – para a formação do soldado integralista (SIMÕES; GOELLNER, 2012, p. 263-272).

Desta feita, especificamente em se tratando dos discursos dos oradores do Sigma, a referência implícita à luta armada também estava presente em frases incitando os adeptos Camisas-Verdes a “derramarem o seu sangue na primeira oportunidade, pois era necessário fazer o enterro do cadáver da liberal democracia”.¹⁹

A Educação Física era imprescindível a todos os que ingressavam nas fileiras verdes. Os moços, moças e crianças que participavam do movimento eram incentivados a praticar e, em

¹⁵ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 1949, 24 jul. 1937.

¹⁶ *A Offensiva*, 4 de julho 1936, página 8.

¹⁷ *A Offensiva*, 23 de setembro 1936, página 7.

¹⁸ *A Offensiva*, 19 de julho 1936, página 7.

¹⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 5017, rolo 075, imagens 1217, 20 out.1935.

algumas ocasiões, nota-se que eram mesmo obrigados a participar das atividades físicas. Para se ter uma ideia disso, em meio à documentação da cidade de Entre Rios/MG, lê-se extensa relação de “integralistas que se acham *obrigados* a tomarem parte nos exercícios da *Escola de Educação Física*”.²⁰ Em outra passagem, vê-se a conclamação dos dirigentes à participação dos pequeninos: “a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, faz um apelo aos companheiros que tenham filhos, de os levar à próxima reunião de 4ª ou 6ª feira, para serem fichados e comecem a frequentar as aulas de Educação Física”.²¹

Além disso, a importância da Educação Física pode ser constatada através da existência de “Escolas” de Educação Física. Averiguou-se a existência de escolas e cursos de preparação de instrutores da disciplina, a exemplo da Escola Técnica de Instrutores de Educação Física integralista dirigida por Loyola Brandão, conhecido nacionalmente por seus livros e artigos sobre a matéria, mestre de campo da Milícia no Distrito Federal.

Ao ingressar para os quadros da AIB, Loyola redigiu vários artigos e crônicas sobre Educação Física e esportes para os jornais integralistas os quais circulavam durante todo o período de legalidade do movimento. Além de sua participação na *Revista Educação Physica* (primeiro periódico específico da área) e nos quadros da AIB, Loyola atuou como inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (MEC), foi presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física (ABEF) e diretor do Departamento de Educação Física da Universidade da Capital Federal (SIMOES; GOELLNER, 2012, p. 264).

Nota-se que o integralismo se preocupava em preparar seus professores para a função educativa. Tal cuidado não ocorria apenas para a Educação Física, mas também com aulas de Pedagogia. Um exemplo disso foi verificado no Núcleo de Diamantina no qual, visto que o professor é componente básico na organização escolar, a reputada professora diamantinense Maria Orminda Da Matta Machado, ministrou duas disciplinas abordando “Metodologia Geral” e “Especial”.²²

Ainda sobre este tema, e um modo geral sobre este período, Ana Maria Casasanta Peixoto estabeleceu algumas influências que orientaram as normas do exercício do magistério. Entre elas, citou os princípios escolanovistas de amor e respeito pela criança, “no reconhecimento das suas necessidades e interesses”, e fez referência até mesmo à influência do integralismo pois, segundo ela, “presente no humanismo espiritualista que o inspira na exigência de que o magistério, enquanto profissão, atinja o cidadão na sua forma total”, e no “nacionalismo difuso que o informa”. (PEIXOTO, 2003, p. 209)

Assim, percebe-se que o docente integralista, chamado a atuar nas hostes do Sigma, pautava-se, como bem salientou Ana Maria Casasanta Peixoto (2013), em grande medida pelo “humanismo espiritualista” e o “nacionalismo difuso”, aspectos recorrentemente veiculados nas proposições da intelectualidade da AIB.

²⁰ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4701, rolo 068, imagem 1312, S/D. (grifo nosso)

²¹ A Offensiva, 8 de agosto 1936, página 4.

²² ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 1950 e 1951, 24 jul. 1937.

O livro *Compêndio de Instrução Moral e Cívica* (SALGADO, 1972), obra de apelo didático que versa sobre aspectos da formação do caráter e alguns temas da história do Brasil (dirigido ao professor, visto que apresenta ao final de cada capítulo um questionário a ser respondido pelo aluno), é exemplo do nacionalismo e do humanismo espiritualista que perpassavam a orientação do militante e conseqüentemente daqueles que se habilitavam a educar as novas gerações. Nele, Plínio recomenda ao professor: “[torna] as aulas leves e atraentes. Serve-te dos pretextos que a matéria oferece, para incutir nos teus discípulos, nobres e elevados sentimentos de amor a Deus e à pátria”. (SALGADO, 1972, p. 48).

Na mesma medida têm-se as palavras do padre integralista Leopoldo Aires dirigindo-se aos “abnegados espíritos, que tomaram sobre si o encargo nobilíssimo de instruir e formar os plinianos e cuja pedagogia lhes é sugerida pela compreensão do Ideal e temperada pelas ardências do coração”. (ENCICLOPÉDIA, 1959, v. 9, p. 73-74).

Considerando os argumentos da autora Lídia Viana Possas (2004, p. 110-121), não se pretende uma generalização do comportamento das professoras integralistas em Minas Gerais, porém cabe evidenciar o ardor da atuação da professora Blusa-Verde em prol da causa. Acredita-se que o entusiasmo das docentes em defender e apregoar o integralismo poderia estar atrelado à ênfase dada por Plínio Salgado, e por grande parte da intelectualidade brasileira, à educação como forma de regeneração social, entremeada ainda pelo intenso nacionalismo que prevalecia no período – fatores que levavam o ato de “educar” a ganhar *status* de ação patriótica.

Algumas professoras Blusas-Verdes, além de ministrarem nas escolas do Sigma sem exigir remuneração, eram divulgadoras obstinadas da doutrina, não só nas escolas integralistas²³ e nas sessões semanais nos Núcleos²⁴, como também nas escolas públicas onde atuavam regularmente. São recorrentes nos relatórios policiais denúncias sobre sua forma de atuação como a ocorrida na cidade de Barbacena, no qual seu teor era o seguinte: “comunico-vos que a professora do Grupo Escolar ‘Bias Fortes’, desta cidade, Inês Piacesi, ao em vez de ensinar aos alunos o que o programa escolar manda, ensina-lhes a doutrina integralista”.²⁵

Outro exemplo similar foi encontrado no relatório da Delegacia de Ituiutaba, no qual o agente policial expôs a lista dos nomes das professoras atuantes na cidade e descreveu seus comportamentos: “as pessoas acima referidas fazem abertamente propaganda a favor do integralismo, nas escolas, na sede do Núcleo Integralista e na zona rural, atacando os nossos homens públicos e o nosso regime”.²⁶

Ainda nessa direção, outro exemplo de conduta extrema por parte da docente integralista foi verificado no distrito de Saúde/MG:

²³ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4683, rolo 068, imagens 626, 24 nov.1937.

²⁴ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4793, rolo 071, imagens 1220, 30 out.1937.

²⁵ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4793, rolo 071, imagens 1220, 30 out.1937.

²⁶ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4683, rolo 068, imagens 625, 3 set.1937.

Maria Nunes Grijó, integralista juramentada, trabalhou para o crescimento do “Sigma” nesta localidade, moral e materialmente. *Maltratou alunos no “Grupo Escolar de Saúde” filhos de pessoas contrárias às ideias verdes e fez preleção sobre os acontecimentos de Campos, estado do Rio de Janeiro, taxando a polícia fluminense de comunista.*²⁷

No entanto, a defesa e a divulgação da doutrina, por parte dos professores, nem sempre se davam de maneira clara e objetiva. Houve casos de integralistas que se infiltraram entre os alunos da rede pública de ensino com vistas a conseguir adeptos para o Movimento, fossem eles adultos ou crianças. No Núcleo municipal de São João Del Rei, em relatório ao Secretário Provincial de Propaganda, o Secretário integralista da localidade (também um professor) informa:

Iniciei há tempos uma propaganda num dos grupos escolares d’aqui, o grupo ‘Maria Thereza’ de uma maneira interessante, que passo a relatar: os pequenos de todas as classes desse grupo mantêm um jornalzinho cuja colaboração é também feita por todas as classes, calcadas em cousas nossas. Pois bem, encadernei grande número de artigos do Chefe Nacional publicados, na ‘A Offensiva’ e entreguei-os a um aluno do quarto ano, que nunca lera nada de integralismo e que sabia da nossa existência por ouvir dizer ou então pelos nossos anuês. Pedi-lhe que lesse e que passasse para os outros coleguinhos para que também lessem e escrevessem qualquer coisa no jornal ‘O Garoto’, calcados nas leituras dos artigos do Chefe. Resultado: escolheram dois artigos, ‘O Mattos’ e ‘Convocação’ e no próximo número de ‘O Garoto’ escreverão alguma coisa. *Muitos dos pequenos desse grupo, também estão ingressando nas nossas fileiras.*²⁸

A citação anterior foi marcada com dois grifos que merecem atenção. O primeiro refere-se ao “jornalzinho²⁹ cuja colaboração é também feita por todas as classes”. Neste caso a divulgação deu-se de forma implícita, visto que o jornal se constituía como “excelente meio de se registrar a vida escolar e de se estabelecer contato entre o lar e a escola, facultando aos pais acompanhar de perto as atividades dos filhos”. (PEIXOTO, 2003, p. 118). Através dele, a propaganda do integralismo atingia vários segmentos em uma mesma iniciativa: os alunos, que introjetavam a leitura, as famílias dos estudantes, que partilhavam de suas leituras, e os demais participantes da comunidade escolar.

O segundo grifo, em que se lê: “muitos dos pequenos desse grupo, também estão ingressando nas nossas fileiras”, faz menção ao Departamento dos Plinianos. Este Departamento tinha a missão de “reunir, disciplinar e educar, através da escola ativa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até quinze anos de idade, de modo a realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico”.³⁰ Assim, as crianças eram cooptadas a participar do integralismo também através da juventude

²⁷ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4793, rolo 071, imagens 1220, 30.

²⁸ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4965, rolo 074, imagens 1113 e 1114, 22 ago. 1936. (grifos nossos)

²⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4683, rolo 068, imagens 625, 3 set.1937; 4965, rolo 074, imagens 1113 e 1114, 22 ago. 1936. (grifos nossos)

³⁰ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 2166, 18 ago. 1937.

integralista, os chamados plinianos. Outras, como dito, podiam se inserir no movimento através das escolas primárias, de alfabetização ou profissionalizantes (as escolas estavam abertas à população em geral e não apenas aos adeptos da AIB).

Somando-se a isso um elemento importante para a análise da cultura escolar nas escolas do Sigma são os diários de presença, como os referentes à Escola Integralista Luiz Schoreder, em Cambuquira/MG, e à Escola Integralista Nicola Rosica, em Diamantina/MG. Da primeira escola, tem-se um diário que exerce a função não só de assinalar a presença, mas também a de guardar informações pessoais dos alunos. Da segunda escola, foram encontrados dois diários que denotam o aprimoramento do mecanismo de controle da frequência dos alunos e, acredita-se, o desenvolvimento da escola em questão, como se evidencia na descrição a seguir.

Um dos diários da Escola Integralista Nicola Rosica, que se acredita ser o primeiro³¹ – pois não traz indicação do ano, somente o mês, agosto – tem aspecto mais rudimentar, aparentando um caderno pautado comum do tipo brochura, no qual se listam os nomes dos alunos sem obedecer a uma ordem alfabética. À frente do nome do aluno, na página seguinte, produzido à mão, são feitos traçados verticais que separam os dias e neles são anotadas as letras “P” (presente) ou “A” (ausente).

Os nomes, tanto femininos quanto masculinos, indicam o princípio da coeducação. Outro aspecto interessante é a inscrição do símbolo do Sigma (Σ) à frente de alguns nomes e em outros o registro de valores precedidos de um cifrão. Supõe-se que tais marcações indiquem os alunos integralistas, portanto, dispensados de contribuir monetariamente com a escola, e os que não participavam do movimento e deveriam fazer a contribuição em dinheiro.

Dos mais de 50 inscritos, doze eram pouco frequentes ou completamente ausentes, os demais apresentaram frequência média de 60% no período de vinte dias compreendido pelo diário e, apesar de estarem numa mesma sala, não foi possível notar a separação desses alunos em níveis diferentes de aprendizado, prática comum na época.

O outro diário³², também da Escola Integralista Nicola Rosica, deixa transparecer maior grau de organização. Trata-se de um livro impresso, cujo título de cada página – “Ponto diário dos alunos” – vem seguido de espaço em branco para que se preenchesse a classe/série, mês e ano. Nele, registravam-se o número de alunos, o nome e a presença ou ausência em espaço adequado, referente a cada dia daquele específico mês. Havia ainda lugares para a anotação da frequência diária, mensal e total da turma, além de colunas destinadas a “aproveitamento” e “procedimento”. Em nota impressa no rodapé, indica-se que “nas colunas aproveitamento e procedimento se lançarão, mensalmente, as notas 1 a 10, conforme o merecimento”. Essas duas colunas, contudo, não foram preenchidas em nenhum dos dois diários encontrados, nem foram encontradas referências quanto ao nome do professor que ministrava as aulas.

³¹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagens 2103 a 2108, S/D.

³² Toda a análise do segundo diário de frequência toma por base os documentos: Arquivo Público Mineiro. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 2108 a 2153, 1936/1937.

Neles, observou-se a existência de três classes: primeira, segunda ou média e terceira. Como nesse diário foram anotadas as datas às quais ele se referia, foi possível acompanhar o registro diário dos alunos nos meses de julho, agosto e setembro do ano de 1937. Por meio desse exame, verificou-se que a Escola Integralista Nicola Rosica, da mesma maneira que em muitas escolas isoladas, atendia numa mesma sala de aula os três níveis de ensino. Isso porque no diário de presença da terceira classe era anotado o levantamento do número total de alunos frequentes ao final de cada aula. A soma dos alunos presentes diariamente em cada uma das classes perfaz a frequência total da sala no determinado dia.

O terceiro diário de classe analisado foi o da Escola Integralista Luiz Schoreder³³, da cidade de Cambuquira/MG. Trata-se de um impresso tal qual o da Escola Integralista Nicola Rosica, todavia, nota-se que o número de alunos é bem menor e apresenta índice elevado de ausências e desistências. No corpo da página, a professora anotou: “nesta data (1º de julho de 1936) iniciaram as aulas da Escola deste (?). ‘Escola Luiz Schoreder’”, e seguiu lançando o endereço e a profissão de alguns alunos: lavradores, padeiros, empregados do hotel local, etc. As características levam a crer que se tratava de uma escola de alfabetização de adultos.

Por fim, ainda no tocante aos elementos de composição da cultura escolar nas escolas integralistas, no que diz respeito aos espaços instituídos para o ensino, cabe destacar as bibliotecas do movimento. Dentro da organização do Departamento do Plinianos previa-se a manutenção de uma biblioteca “para colecionamento de tudo quanto possa interessar à infância, à juventude e aos chefes de Departamentos em matéria de educação sob todos os seus aspectos [...]”.³⁴

Sobre isso, o Núcleo de Ouro Fino, em circular destinada à Secretaria Provincial de Estudos, apresenta uma noção de como o empreendimento acontecia.

ORGANIZAÇÃO:

A biblioteca tem como bibliotecária a secretaria municipal de estudos. Tenho restaurado na medida do possível o patrimônio da mesma. Diversos volumes estão perdidos, é de todo impossível reavê-los e os quais venho substituindo com donativos dos integralistas. Tem havido fiscalização e controle de todo o movimento da biblioteca emprestando os volumes que mais benefícios trazem aos leitores. De acordo com a diretiva para a escolha de seu nome, recebeu o de “ALBERTO TORRES”. Desde o recebimento da diretiva, tem sido cobrada a taxa de empréstimo, iniciando o fundo de reserva para a aquisição de novos volumes.

FUNCIONAMENTO:

Funciona no mesmo horário do expediente da Chefia Municipal. Possui catálogo onde estão anotadas todas as obras. No mesmo catálogo, que é dividido em duas partes; há o registro do nome do leitor, nome da obra, data de retirada e de entrega. Procurarei enriquecer a biblioteca na medida do possível.³⁵

³³ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4531, rolo 065, imagens 1370 a 1379, 1936.

³⁴ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4596, rolo 066, imagem 2166, 18 ago. 1937.

³⁵ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 2608, rolo 037, imagem 1234, 30 nov. 1937.

Entretanto, a abrangência da iniciativa tinha seus limites impostos pela observância da ideologia. No quesito “ORIENTAÇÃO” lê-se: “A biblioteca municipal deste núcleo tem sido orientada por um sentimento profundamente doutrinário”.³⁶ A intenção doutrinária pode ser evidenciada nos documentos que trazem a lista do conteúdo das bibliotecas nas quais os livros, em sua grande maioria, são obras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e de outros proeminentes integralistas. Observam-se algumas poucas obras de expoentes de ideologias de extrema direita ou de governos totalitários, como é o caso da obra *Minha Luta* de Adolf Hitler e/ou *As Bases do Nacional Socialismo* de Gottfried Feder.³⁷ Não obstante, não se encontram livros de literatura, dicionários ou mesmo livros didáticos na relação de títulos das bibliotecas.³⁸

A iniciativa da biblioteca nos núcleos da AIB, ao que tudo indica, não foi em vão. Na sede integralista de Cambuquira/MG, o livro de controle de empréstimo das obras, no qual constam as datas de saída e entrada dos volumes, observa-se um movimento quase diário de circulação dos livros em quase dois anos de existência.³⁹ Entretanto, a concepção das bibliotecas do Sigma ainda estava atrelada ao conceito de mero “espaço colecionador e organizador de ‘bons livros’”, muito distante dos princípios da nova pedagogia que tinha por meta convertê-las “em ambientes estimuladores do gosto pela leitura”. (VEIGA, 2007, p. 230).

AS ATIVIDADES INTEGRALISTAS COMO FORMA DE ENGAJAMENTO SOCIAL E SENTIMENTO DE PERTENÇA

Embora as práticas educativas envolvendo atividades de socialização dos estudantes não fossem uma prerrogativa dos integralistas, posto que estavam inseridas numa tendência que se afinava com os pressupostos da Escola Nova⁴⁰, tem-se que, no interior deste movimento político, como os Núcleos da AIB eram os locais onde quase sempre aconteciam as atividades escolares e grande parte dos demais eventos dos camisas-verdes, eles assumiram um papel de centro aglutinador para a socialização.

³⁶ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 2608, rolo 037, imagem 1234, 30 nov. 1937.

³⁷ Foi através dos discursos de Gottfried Feder que Hitler buscou inspiração para a ideologia Nazista. Sua primeira publicação, o *Manifesto sobre a abolição dos juros*, realizada em 1918, impactou sobremaneira o jovem ditador, levando-o a convidá-lo posteriormente a atuar como Secretário de Estado da Economia do Reich.

³⁸ Tem-se por bem evidenciar algumas das poucas obras não dirigidas ao integralismo: “A Genealogia da Moral” (F. Nietzsche), “Maquiavel e o Brasil” (Otávio de Faria), “Minha Luta” (Adolf Hitler), “As Bases do Nacional Socialismo” (Gottfried Feder), “Formação Brasileira” (Oliveira Viana), “Organização do Estado Novo italiano” (G. Roux). Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4531, rolo 065, imagem 1364, S/D. E ainda: “Jornada Democrática” (Armando de Salles Oliveira), “Da Educação nos Estados Unidos” (Isaias Alves), “As raias de Mato Grosso” (Virgílio Correa Filho), “Frases e Curiosidades Latinas” (Arthur Azevedo), “A Revolução Vitoriosa” (Silva Duarte). Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4557, rolo 066, imagem 598, S/D.

³⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4531, rolo 065, imagens 1360, 1361, 1362, 1363, 1364.

⁴⁰ Em Minas Gerais, as atividades de socialização (auditório, excursões, clubes, etc.) foram introduzidas no currículo por Francisco Campos, com a denominação de “Instituições Escolares”. (PEIXOTO, 2003)

A existência de um espaço físico como ponto de encontros favorecia o estreitamento dos laços entre os militantes e o fortalecimento do sentimento de pertença ao grupo, como exemplificado a seguir:

A Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Juventude participa as companheiras deste núcleo que designou as quintas-feiras para realização das aulas de trabalhos manuais, as quais terão início no próximo dia 30, às 16 ½ horas. Participa mais que aos domingos, às 17 horas, são administradas aulas de educação física e recreativa à juventude, havendo diversão e distribuição de balas e doces (*A Offensiva*, 28 jul.1936, p. 11).

Deste modo, o chamado às relações e intercâmbios nas sedes era constante e visava à criação de vínculos de afetividade, uma vez que, estabelecidas as ligações emocionais, maior seria a solidificação do sentimento de unidade. Os dirigentes dos Núcleos tinham a clareza da importância daquele espaço, conforme se pôde observar na correspondência enviada pelo chefe do Núcleo Municipal de Itaúna ao superior imediato na província: “no próximo dia 8 de dezembro pretendemos inaugurar na sede jogos de ping-pong, ludo, damas e xadrez, além de bibliotecas para servirem de atrativo e darem movimento diário e satisfatório à sede”.⁴¹ Portanto, a medida em que se desenvolviam os laços de amizade por meio das redes de sociabilidade, estariam sendo garantidas tradição, história e, conseqüentemente, uma identidade coletiva.

Dessa forma, também funcionavam as atividades desenvolvidas em grupos, como corais e bandas de música. Especificamente sobre esse ponto, no livro *Protocolos e Rituais*, o artigo 90 prevê que “todas as sedes deverão esforçar-se por possuir, com a sua caixa própria, uma banda de música ou uma simples fanfara”.⁴² Por conta de elementos como esse, acredita-se que os integralistas, tal qual o secretário de Educação de Minas Gerais, Noraldino de Lima (1885-1951), viam a música como instrumento privilegiado para fins educativos e fator de agregação entre os indivíduos.

Além de desenvolver a memória auditiva e o senso rítmico, é de influência precípua e decisiva na formação do caráter e dos sentimentos... Cultivando e melhorando as vozes no canto de um hino ou de uma canção, esquecendo-se das desigualdades de condição e, vibrando à mesma emoção da alegria e de entusiasmo, sentem-se irmanados no mesmo afeto e no mesmo ideal (LIMA, 1934 apud PEIXOTO, 2003, p. 120).

Outra atividade de socialização destacada nos Núcleos foi o escotismo. A Divisão do Escotismo do Departamento de Plinianos, cuja criação, em 1936, estava atrelada à crença na atividade física como possibilidade para educar o povo e fortalecer a raça, além de propiciar a “formação cívica da mocidade pátria”⁴³, visto que suas premissas básicas se assentavam na formação do caráter e na saúde do corpo.

⁴¹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4677, rolo 068, imagem 478, 02 dez. 1937.

⁴² ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 2035, rolo 035, imagem 2118, 1937.

⁴³ *A Offensiva*, 19 de julho 1936, página 7.

Nesse sentido, é de se compreender a interação entre o Movimento Escoteiro e a AIB, uma vez que ambos almejavam a construção de uma ordem hierarquizada, voltada para o civismo, o nacionalismo e a religiosidade.⁴⁴

Contudo, o envolvimento entre integralistas e a União dos Escoteiros do Brasil não se deu em relação harmoniosa depois que a UEB impediu a incorporação dos plinianos na agremiação.

A argumentação para a recusa aos plinianos se baseou no fato de que o escotismo não admitia discussão política em seu meio, o episódio acabou criando cisões no Movimento Escoteiro com o desligamento do Movimento Escoteiro do então integralista e presidente da Comissão Reorganizadora do Escotismo Nacional, General Newton Cavalcanti. (NASCIMENTO, 2009)

AS DEMANDAS SOCIAIS POR ESCOLA E AS LACUNAS DEIXADAS PELO ESTADO

Tomando por base a atuação dos núcleos integralistas nos municípios, é válido compreender suas iniciativas como formas de suprir as necessidades da população onde a atuação do Estado se fazia insatisfatória, no caso específico da oferta de escolas?

Para tentar responder a esse questionamento, apoiando-se em intelectuais que teceram análises sobre os problemas que afligiam a nação nos anos iniciais da República, Alexandre Ramos (2014, p. 341) elenca Oliveira Vianna, na obra *Populações Meridionais do Brasil*, para se referir ao “insolidarismo” da sociedade brasileira, e Alberto Torres, em *A organização nacional*, no que diz respeito ao abandono da população pelo Estado, para fazer suas assertivas. Para ele, por meio de suas ideias, eles teriam influenciado decisivamente a formação dos intelectuais da AIB, indicando alvos para a atuação do movimento.

Neste íterim, ao analisar a perspectiva de Oliveira Vianna, Alexandre Ramos apresenta a percepção de que a implantação dos Núcleos integralistas, assim como o investimento “em uma série de outras atividades capazes de aproximar as pessoas”, animados “pela missão do movimento, a transformação do Brasil como interesse comum máximo” (RAMOS, 2014, p. 341), fazia parte do esforço em quebrar a falta de solidariedade entre o povo. Ademais, o autor discute também o “espírito clânico” do país, conceito presente nas ideias de Oliveira Vianna como motivação para a criação dos núcleos, uma vez que tal espírito podia ser verificado na falta de coesão entre as várias regiões brasileiras.

Nesse aspecto também se poderia ser compreendida a intenção de padronizar para todo o território nacional suas diretrizes através da publicação dos *Protocolos e Rituais*, a começar por questões práticas, como a disposição dos espaços e de materiais como fotos, mapas, bandeiras

⁴⁴ O método desenvolvido na pedagogia do escotismo se dava a partir da vivência ao ar livre, do aprendizado de técnicas de sobrevivência na natureza e do incremento do senso de responsabilidade. Nessa medida, como “a doutrina escoteira objetivava formar crianças e jovens num ideário que valorizava, de forma acentuada, o sentimento de pertencimento à Nação” (NASCIMENTO, 2009, p. 39), ela encontrou ressonância nas hostes da AIB, facultando ao militante, desde a infância, desenvolver o sentimento de pertencimento nacional e conectar-se à identidade do grupo.

e slogans utilizados nas sedes, além das festividades e dos rituais estabelecidos como tradição, unindo-os num sentimento de coesão social.

De Alberto Torres, Alexandre Ramos destaca seu entendimento de que grande parcela da sociedade “achava-se abandonada pelo Estado e carente de serviços fundamentais para a sobrevivência, como saúde e educação, os quais não teriam como se desenvolver a partir do jogo dos interesses locais, sendo necessária a ação de um Estado centralizador”. (RAMOS, 2014, p. 341).

Sob tal prisma, os pensadores integralistas, influenciados pela perspectiva desses intelectuais, dentre outros, buscaram estratégias no movimento para solucionar tais questões, criando ambulatórios e ações de assistência social voltados para as populações carentes, assim como escolas primárias e de alfabetização.

Nesse sentido, especificamente sobre Minas Gerais, a análise de Ana Amélia Lopes acerca dos anos iniciais de 1930, apesar de associar o clientelismo⁴⁵ político ao movimento de expansão/contenção do sistema de ensino público primário no estado e de estabelecer que o desenvolvimento da rede de escolas era utilizado como forma de barganha política, conclui que o ensino primário não correspondia às necessidades dos municípios e aponta para a existência de uma “demanda reprimida pelo acesso às oportunidades de ensino”. (LOPES, 2002, p. 601).

No Movimento Integralista, o desempenho de atividades educacionais para amenizar a carência da sociedade de escolas, ou mesmo só por meio do ato de alfabetizar, pode ser evidenciado em aspectos implícitos e ordinários das sedes ou explicitado de forma clara nos periódicos.

Como exemplo, tem-se o boletim do Núcleo do município de Cláudio⁴⁶, com dados estatísticos levantados no “distrito” de Ribeirão.⁴⁷ No boletim em questão, são apresentados os “totais estatísticos” daquela localidade referentes à sua organização, elencando quais itens já haviam sido implementados pela agremiação. Chama atenção o fato de que, ao responder sobre ao número de ambulatórios médicos e dentários, lactários, jornais, centros de cultura física ou mesmo a receita arrecada, o número é sempre “zero”. Contudo, assinalam a existência de “duas” escolas de alfabetização.

Já na correspondência do Núcleo municipal de Dores do Indaiá, ao referir-se à educação, o secretário explica que não trata de escolas “pelo pequeno que somos e a cidade e o município contam com as escolas necessárias”.⁴⁸ Em outras palavras,, a implantação das escolas levava em consideração a demanda para sua instalação sendo que, nas localidades em que o Estado se fazia presente e cumpria o papel na oferta da instrução básica, os integralistas direcionavam suas ações assistencialistas a outros setores.

⁴⁵ De acordo com José Murilo de Carvalho clientelismo de “modo geral, indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto”. (CARVALHO, 1997, p. 2).

⁴⁶ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4567, rolo 066, imagem 972, 31 jul.1937.

⁴⁷ Os distritos, regiões mais afastadas dos centros urbanos, via de regra caracterizam-se historicamente por reunir uma faixa social mais carente, não só de recursos financeiros, mas também da presença do Estado.

⁴⁸ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 4606, rolo 067, imagem 385, 23 ago.1937.

Por este ângulo, os integralistas não só assinalavam o problema da ineficiência dos governos em atender às necessidades da população, como realçavam suas próprias ações direcionadas a suprir essa demanda, principalmente nas iniciativas direcionadas a levar instrução básica aos que a ela não tinham acesso.

Tal posicionamento pode ser verificado no discurso proferido no núcleo de Diamantina, no qual se proclamam os benefícios trazidos pelo integralismo em face à ausência das ações governamentais: “em três mil núcleos semanalmente funcionando em perfeita concordância com a doutrina, é fundada uma e mais uma escola onde aos deserdados lhes é dado o direito de igualdade pedagógica, ardis para a infância”.⁴⁹

A percepção de que uma parcela considerável da população não estava sendo atendida em suas necessidades educacionais, acrescida à imprescindibilidade de instruir, civilizar e desenvolver normas, não só para crianças e jovens, mas também para as famílias na intenção de promover progresso e desenvolvimento do integralismo e da nação, levava Plínio Salgado a direcionar sua atenção à questão educacional: “um dos grandes planos, pois, que temos a executar no Brasil, não é simplesmente o da alfabetização: é o da elevação do nível cultural das massas”. (SALGADO, 1955, p. 149).

Concretamente, suas ações no âmbito da educação, tomada aqui como formação do indivíduo, e da instrução, compreendida como o desenvolvimento de conhecimentos práticos, materializaram-se na implantação das escolas de alfabetização, primárias, profissionalizantes e dos centros de sociabilidades – os Núcleos Integralistas – que atuavam não só como agremiações de cunho político, mas como centros de promoção da interação entre os militantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar as proposições pedagógicas e educacionais presentes no ideário integralista, por meio da investigação das experiências implementadas pela Ação Integralista Brasileira no sentido de instruir suas fileiras, com maior atenção à rede de escolas integralistas que se formou no estado de Minas Gerais, nos anos de 1932 a 1937 e, de forma destacada, às escolas: Escola Integralista Luiz Schoreder, em Cambuquira, Escola Integralista Nicola Rosica, em Diamantina, e a escola integralista da cidade de Monte Belo.

Os integralistas apoiavam a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino, contudo, sua retórica era voltada à condenação da educação utilitária que diziam estar sendo veiculada no período, pois estaria centrada nos interesses do capitalismo e sem preocupação com a formação moral, cívica e intelectual do indivíduo. (SALGADO, 1959).

De maneira geral, pode-se afirmar que o esforço educativo das divisões da AIB estava alinhado aos objetivos gerais da instrução primária do Estado de Minas Gerais. Da mesma forma, encontrava conformidade no projeto da escola primária republicana, como na “formação do caráter

⁴⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Fundo do Departamento de Ordem Política e Social: Integralismo, pasta nº 2789, rolo 037, imagem 2340,1937. (grifo nosso).

e no desenvolvimento de virtudes morais, de sentimentos patrióticos e de disciplina da criança [...]”.
(MAGALDI; SCHUELER, 2008, p. 45).

Assim, na perspectiva da cultura política do integralismo, seu projeto pedagógico se estabeleceu em aspectos compartilhados com a cultura política do período, de caráter nacionalista, autoritário e conservador. E as investidas da Ação Integralista Brasileira na seara educacional daquele período só foram possíveis em razão da deficiência do sistema democrático nacional que já prenunciava sua incapacidade em atender as demandas sociais em seus aspectos básicos como a instrução e a formação para a cidadania.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papiros, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual*. Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 1997.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Educação e integralismo: um estudo sobre estratégias de organização da Ação Integralista Brasileira – AIB (1932-1937)*. 1995. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 1995.

ENCICLOPÉDIA do integralismo. Rio de Janeiro: Clássica Bras., 1959. Vol. IX.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906-1918)*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

JULIA, Dominique. A Cultura escolar como objeto histórico. *Revista de História da Educação*. Campinas, v. 4, n. 1, p. 9-43. 2001.

LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães. A expansão/contenção do ensino em Minas Gerais (1931-1934): um jogo político. In: LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães (Org.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FUMEC/FCH, 2002. p. 595-604.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 32-55, 2008.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Movimento Escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argymentum, 2009.

PALHARES, Lenir. *“Educação integral para o homem integral”*: as escolas integralistas em Minas Gerais (1932-1937). 2016. 135f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PALHARES, Lenir. *O integralismo e a educação*: a Escola Integralista Nicola Rosica em Diamantina (1935-1937). 2013. 77 f. Monografia (Bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. *Educação e Estado Novo em Minas Gerais*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

POSSAS, Lídia Vianna. O Integralismo e a Mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Vianna; CAVALARI, Rosa Feiteiro, (Orgs.). *Integralismo: novos estudos e reinterpretções*. Rio Claro/SP: Arquivo Público, 2004.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. O Integralismo de Héglio Trindade quarenta anos depois: uma crítica à sua recepção. *Antíteses*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 324-347, jul./ dez. 2014.

SACARDO, Volnei Antônio. *O integralismo pliniano*: autoritarismo e ordem na defesa da nação. 2011. 181 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011.

SALGADO, Plínio. *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*. 4. ed. São Paulo: FTD, 1972.

SALGADO, Plínio. *Despertemos a noção!*, Páginas de ontem e Discursos. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

SALGADO, Plínio. Preparação para o coletivismo totalitário. In: ENCICLOPÉDIA do integralismo. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. v. 9.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 263-272, abr./jun. 2012.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

EM BELO HORIZONTE OPERÁRIOS VESTEM CAMISAS VERDES?¹

YONNE DE SOUZA GROSSI²

MARIA AUXILIADORA FARIA (IN MEMORIAN)³

A consciência não se encontra fora do desenvolvimento histórico. Não tem que esperar que o filósofo a Introduza no mundo; razão pela qual o filósofo não tem direito a contemplar orgulhosamente de cima para baixo as pequenas lutas do mundo e depreciá-las.
(Georg Lukács).

INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político-ideológico que aglutinou segmentos médios da população, na conturbada conjuntura que antecedeu a implementação do Estado Novo no país. Embora não possuísse uma base social orgânica, capaz de fornecer-lhe sustentação histórica estrutural, seus mecanismos de organização, divulgação e propaganda tornaram efetiva, em 1935, a mobilização de 400.000 adeptos no território nacional (TRINDADE, 1974).

Por constituir um movimento com uma proposta de transformação social, nossa indagação é se o operariado de Belo Horizonte foi atingido pela AIB, já que sua presença como classe não pode ser negada nas relações de força que configuraram a conjuntura 1933-1935. Apesar de a AIB tratar-se de uma organização política de setores médios urbanos, indagamos quais teriam sido as possibilidades de sua inserção no meio operário, dado o trânsito de trabalhadores no campo de forças dos anos que antecederam o golpe de Estado de 1937.

A escolha do período a ser investigado decorreu da estrutura da própria Ação Integralista Brasileira: 1931-1936. Esses anos corresponderam à criação do movimento por Plínio Salgado, que posteriormente tornou-se seu único chefe. Esse é, também, o período de organização e intensa

¹ Este capítulo foi publicado inicialmente em: GROSSI, Yonne de Souza; FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas-verdes? *Cadernos DCP, 8 & Revista do Departamento de História, 10 (número conjunto): 100 anos de República, 151-170, 1990.* O texto apresentado trata-se de uma versão sem modificações, em homenagem à Maria Auxiliadora Faria.

² Pesquisadora e professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

³ Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

mobilização dos integralistas, constatando-se um corte em 1936, quando o Estado passou a inibir manifestações da sociedade civil, atingindo a AIB e provocando sua redefinição política.

A importância dessa questão prende-se a problemas enfrentados pela sociedade brasileira pós-30, quanto à estruturação do Estado Nacional, preocupado em arregimentar a emergente classe operária, que em anos anteriores demonstrou sua capacidade de se organizar independentemente da tutela do Estado.

Os resultados desse trabalho evidenciam as dificuldades encontradas em sua elaboração. Essas limitações estão na complexidade de um objeto de estudo como o integralismo, que por ser amplo, exigiria aprofundamento teórico e maior detalhamento de dados.

Existem estudos publicados sobre a AIB, como os de Héglio Trindade (TRINDADE, 1974), Marilena Chauí (CHAUÍ, 1978), José Nilo Tavares (TAVARES, 1982), José Chasin (CHASIN, 1978), que apontam a dimensão ideológica do movimento, e o de Renato Benzaquen de Araújo (ARAÚJO, 1987), sob a ótica do totalitarismo. Porém, ao apresentar este fragmento sobre a presença integralista no meio operário de Belo Horizonte, estamos oferecendo uma contribuição à historiografia mineira, que carece de pesquisa nessa área.

Também consideramos oportuno provocar uma reflexão sobre um partido de massas, com um projeto político como o integralismo, e no qual as demandas dos cidadãos seriam canalizadas para o Estado, configurado na pessoa do Chefe. Este as converteria em decisões totalitárias, que não deixariam margem à contestação. Isso porque, através do aprendizado social homogêneo de obediência à autoridade, a população apoiaria aquelas determinações. Cabe aqui o conceito de totalitarismo, entendido a partir de duas instâncias: a primeira expressa uma concepção absolutizada da ideia de participação, pois conforma “um projeto de cidadania e soberania popular” (ARAÚJO, 1987, p. 20-21), utilizando a mobilização política que envolve a tudo e a todos, de forma permanente e ilimitada, na defesa de seus ideais; a segunda refere-se à Identificação entre as noções de igualdade e uniformidade, explicitada pela Imagem de uma sociedade totalmente sem conflitos e sem diferenças, movida “por cidadãos tão homogêneos quanto ativos” (ARAÚJO, 1987, p. 20-21).

PRESENÇA OPERÁRIA

O relato que apresentamos sobre a classe operária belorizontina nos anos 30 permitirá um resgate de seu movimento, contribuindo, também, para uma redefinição da memória histórica, assim como para desvendar questões não pesquisadas, dentre essas, a penetração da doutrina integralista no meio operário.

A implementação do parque industrial em Minas só ocorreu nos anos 50⁴. Contudo, a classe operária mineira, em especial a belorizontina, já apresentava, na década de 30, traços distintos dos

⁴ A bibliografia existente sobre a Economia Mineira ainda que parca indica um acentuado atraso em seu processo de industrialização, sobretudo, quando se toma o de S. Paulo como referência. Ver (LIMA, 1981) e (CAMPOLINA, 1981).

que a marcaram quando da edificação da Capital.⁵ Observe-se, por exemplo, que em agosto de 1930, antes portanto da eclosão do movimento revolucionário, já se registra uma preocupação dos trabalhadores da indústria gráfica em fundar a Federação das Associações Operárias de Belo Horizonte, atestando a crença de que só uma federação operária poderia, quando necessário, transformar-se em “sentinela vigilante contra todos os exploradores e contra todos os usurpadores”.⁶

À emergência política da classe operária percebe-se, ainda, uma mobilização mais ampla que envolve diversos segmentos da população. É que, ao acelerado crescimento da cidade que acarretava à população inúmeros problemas de infraestrutura, somava-se o discurso da Aliança Liberal que, apesar de ideologicamente frágil, acenava com uma perspectiva de “democracia” permitindo a abertura de um relativo espaço para essas mobilizações populares.

Após a Revolução de 1930, a presença da classe operária como um novo interlocutor a nível nacional e estadual só foi possível na medida em que a questão da democracia, tal como vinha sendo colocada no discurso das classes dirigentes, ultrapassava seus próprios limites.

Segundo Edgar de Decca, esse tema era apresentado como “modelo acabado, tendo no povo a sua validação universal” (1981, p. 184). Viram-se pois, os vitoriosos de 30, na contingência de reconhecer nesse “povo” a presença da classe operária, e neste reconhecimento criar mecanismos institucionais para silenciá-la como força política. Nesse sentido, percebe-se, em toda a legislação trabalhista dos anos 30, o intuito de conferir à nação uma face social orientada para a “colaboração das classes” merecendo atenção o Decreto 19.770, de 19 de março de 1931, exigindo o registro das organizações operárias junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Essa marca corporativista orientadora da política brasileira após 1930 foi explicitada no pensamento de Oliveira Vianna, que sintetizou em três pontos as diretrizes do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio que assessorava. Primeiro:

[...] a deliberada e taxativa dissociação deste binário histórico, característica das organizações sindicais dos velhos povos europeus... O binário ‘sindicalismo-socialismo’ [...] o nosso sindicalismo é profissional, corporativo, cristão. Não Marxismo revolucionário, nem o Marxismo Reformista. Busca nas encíclicas dos grandes papas, de Leão XIII e Pio XI, a sua inspiração e princípios. Segundo: separação rigorosa entre sindicatos e partidos políticos; e terceiro: estruturação dos sindicatos de forma a serem Instrumentos de integração social no processo de construção da vida nacional (DECCA apud KENETH, 1979, p. 51).

O intervencionismo do Estado em termos da nova legislação não foi, todavia, suficiente para conter a liberdade do movimento associativo brasileiro, conservando, os sindicatos, muito de sua autonomia anterior.

Em Belo Horizonte, a primeira “Carta Sindical”- significando o reconhecimento oficial do Ministério do Trabalho - foi entregue a 25 de janeiro de 1933 à União dos Empregados do

⁵ Para a formação da classe operária belorizontina cf. (FARIA; GROSSI, 1982).

⁶ *O Graphico Mineiro*. Belo Horizonte, ag./1930, p.1 s/n.

Comércio de Belo Horizonte, entidade que funcionava desde 1925.⁷ No ano de 1933 é significativo o número de associações e sindicatos de classe que adquiriram o seu reconhecimento oficial junto ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em destaque o Sindicato dos Ferroviários da Estrada de Ferro Oeste de Minas que contava, à época, com mais de quatro mil sindicalizados. A esta crescente sindicalização observada no biênio 32/33, como as inúmeras outorgas de Cartas Sindicais pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, às associações de classe - fossem elas de patrões e/ou de empregados - devem, no entanto, segundo Luiz Werneck Vianna (1978), ser entendidas num contexto mais amplo, onde o Estado buscava, ainda, às vésperas da instalação da Assembleia Constituinte, a sua própria estruturação. Aos interesses regionalistas notadamente dos paulistas, mineiros e gaúchos, defensores de um liberalismo excludente, à moda da República Velha, e, portanto, explicitamente contrários à representação classista na Assembleia Constituinte, opunham-se os defensores do corporativismo autoritário, representados pelo Clube 3 de Outubro e pela União Cívica Nacional. Optou o governo provisório por uma posição conciliatória.

O Decreto 22.653, de 20 de abril de 1933, estabeleceu o número e o modo de escolha dos representantes das associações profissionais a participarem da Assembleia Constituinte. Segundo esse Decreto, teriam assento na Assembleia 40 representantes classistas assim distribuídos: 17 empregadores, 18 empregados, 3 profissionais liberais e 2 funcionários públicos, eleitos por delegados - eleitores escolhidos por sindicatos devidamente reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (GOMES, 1980, p. 437).

As eleições para a bancada dos empregados foram realizadas no dia 20 de julho de 1933 e sua regulamentação só fora feita a 11 de maio daquele ano, sintomaticamente após o pleito de 3 de maio. O curto espaço entre o decreto que a regulamentou e a eleição dificultou, por certo, a participação dos sindicatos, já que apenas aqueles reconhecidos pelo Ministério até 15 de julho puderam enviar delegados-eleitores à Convenção Nacional que escolheu os deputados.⁸

A 2 de abril de 1933, reuniram-se na sede do recém-criado Partido dos Trabalhadores Mineiros (PTM) representantes dos sindicatos dos comerciários, dos gráficos, dos bancários, dos ferroviários, dos sapateiros, dos tecelões e dos operários da construção civil. O objetivo desta Assembleia foi a preparação do I Congresso dos Trabalhadores da Capital Mineira a ser realizado no dia 9 do mesmo mês. Este congresso, embora operário, elegeu representantes de outras categorias, que constituíram um comitê da campanha eleitoral dos trabalhadores, tendo em vista o pleito de 3 de maio. Além dos representantes do PTM, Srs. Baeta Neves e Luiz Medeiros, foram indicados: Clarindo Seabra (tecelões), Joaquim Domingos Leite (sapateiros), Arthur Barbosa Martins Torres (bancários), Waldemar Diniz (gráficos), Jorge Pereira da Silva (Cia. Força a Luz). Os operários da construção civil e os ferroviários não elegeram representantes, unindo-se em torno do nome de Luiz Medeiros já candidato oficial do PTM.⁹

⁷ JORNAL DA "UTLJ" (*União dos Trabalhadores do Livro e Jornal*). Belo Horizonte, 25/01/1933, p.1.

⁸ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 02/04/1933, p. 7.

⁹ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 10/04/1933, p. 7.

Até o dia 25 do mesmo mês, no entanto, o PTM não conseguiu o seu registro eleitoral, tendo que inscrever seus candidatos através do Partido Nacional Trabalhista. Desta forma, sua chapa foi acrescida em mais dois candidatos, representantes dos operários de Juiz de Fora.¹⁰

Em 1º de maio, antevéspera das eleições, realizou-se, com ampla cobertura da imprensa, o primeiro comício proletário de Belo Horizonte. O *Correio Mineiro* chamou a atenção para o fato de os candidatos terem conseguido “pela primeira vez trazer a praça pública os seus membros, já que até então as reuniões só se faziam entre as quatro paredes de suas sedes”. Entrevistando alguns dos candidatos do PTM, o *Correio Mineiro* enfatizou a opinião do representante dos bancários que, confessando-se católico, dispunha-se, ainda assim, a defender as reivindicações do Partido.¹¹ Todavia, o PTM não chegou a ser representado na Constituinte.

De fato, o momento que antecede a instalação da Assembleia é de grande mobilização para o operariado belorizontino. Mesmo que esta mobilização fosse permitida ou mesmo incentivada pelo governo, é preciso considerar ter sido através dela que a classe operária emergiu para uma ação mais organizada, abrindo espaços a que tendências político-ideológico se manifestassem.

Uma dessas tendências, identificada como comunista, de franca oposição à política oficial, lutava contra o atrelamento das associações operárias ao Estado. Em algumas ocasiões, chegou-se ao boicote e confronto com funcionários do Ministério do Trabalho, conforme fica evidenciado na notícia abaixo:

Em torno da fundação do Sindicato dos Trabalhadores em madeira elementos comunistas impedem seus companheiros de se sindicalizarem. Ao usar a palavra, Heitor Guariento, em termos hostis ao Governo Federal concita os seus companheiros a não se sindicalizarem porquanto o Ministério do Trabalho está fazendo uma campanha de espezinhamento ao operário nacional. O Sr. Sotto Maior, cassa a palavra do orador e o convida a retirar-se.¹²

Com a instalação da Assembleia, cresceram também as críticas dirigidas ao PTM que estaria, através de seu presidente, assumindo uma postura de acomodação face ao governo. O editorial de ‘O Debate’ de 21 de março de 1934 insistia na ideia de que “um partido não deve existir só no momento das eleições, mas que tendo um programa a defender e uma ideia a propagar deve estar sempre presente na luta. Mesmo porque aí estariam os integralistas a se infiltrar no meio operário procurando e conseguindo sempre novas adesões”.¹³

Marcado pela euforia do crescimento físico-espacial da cidade, o que importou em crescentes demandas da população por melhorias urbanas, a conjuntura foi marcada, ainda, por significativo índice de desemprego, o que de certa forma contribuiu para a maturação política do operariado. Esta maturidade tende a explicar, a partir de 1935, definições mais claras de posições político-ideológicas, não apenas da classe operária, mas da própria população. Assim, se foi notória

¹⁰ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 25/04/1933, p. 7.

¹¹ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 02/05/1933, p. 1.

¹² *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 12/12/1933, p. 2.

¹³ *O Debate*. Belo Horizonte, 21/03/1934, p. 1.

a difusão do modelo fascista, ao ponto de o Decreto-Lei Municipal mudar a denominação das escolas anexas à Sociedade Beneficente Italiana de “Escolas Dante Allghieri” para “Escolas Benito Mussolini”,¹⁴ digna de nota foi também a difusão de ideias socialistas, baseadas na “excelência do modelo Russo”. Há todo um campo de relações de forças explicitado num momento de efervescência social e política.

PRESENÇA INTEGRALISTA E CLASSE OPERÁRIA

As ideias políticas não surgem, nem se difundem, nem aliciam adeptos de modo aleatório. É necessária a criação de construtos de representação de interesses para viabilizar propostas de conquista de poder e assumir vontades coletivas parciais, através da inserção quotidiana dos militantes na luta política.

De fato, a criação, em Belo Horizonte, de núcleos da AIB, secretarias, sede municipal e posteriormente provincial, configura uma organização capaz de engendrar canais de mobilização social. Como forma de ação política organizada, registramos, em março de 1934, uma conferência para 300 pessoas, realizada na Escola Normal da capital, com a presença de uma caravana vinda do Rio, integrada por Plínio Salgado, chefe da AIB e Gustavo Barroso.¹⁵ Como produto da divulgação de seus objetivos, os integralistas conseguiram adesões entre estudantes e operários.¹⁶ Acontecendo a solenidade, propagaram-se pela grande imprensa os princípios doutrinários da AIB como o nacionalismo, espiritualismo, harmonia interclasses e a defesa de um governo forte, como alternativa à instabilidade política do liberalismo democrático.¹⁷

Essas táticas de manobra integralista desencadearam protestos de dirigentes sindicais, por perturbarem o momento em que a classe se mobilizava e se dividia quanto à realização do I Congresso Sindical Proletário do Estado de Minas Gerais, com data marcada para 15 do abril de 1934, em Juiz de Fora. Surgiram denúncias sobre a penetração integralista no meio operário, acusando acontecimento similar em São Paulo e Pernambuco.

A convocação para a realização do Congresso foi iniciativa do Bureau de Expansão Sindical sob o patrocínio do Deputado classista Alberto Surek e o objetivo era o de: “estudar os assuntos relacionados com os interesses das classes trabalhadoras sindicalizadas e auscultar as tendências e aspirações do proletariado mineiro, visando traçar um programa de ação sindical uniforme e coordenado entre os sindicalistas do Estado.”¹⁸

Dentre o elenco de vinte e duas teses discutidas em Juiz de Fora, destacavam-se algumas de interesse dos trabalhadores, como por exemplo, a instituição do salário-mínimo, a regulamentação

¹⁴ Decreto Lei s/nº de 19 de janeiro de 1935 – Leis e Decretos Municipais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1936.

¹⁵ O Dia de Ontem dos Integralistas. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 25/03/1934, p. 1.

¹⁶ O Dia de Ontem dos Integralistas. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 25/03/1934, p. 1.

¹⁷ Integralismo-Ramos de Carvalho. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte. 02/03/1934, p. 16.

¹⁸ Integralismo-Ramos de Carvalho. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 18/04/1934, p. 6.

do direito de greve e a liberdade de associação e de pensamento. No entanto, o que marcou a organização dos trabalhos preparatórios, bem como sua realização, foi a “coligação dos sindicatos ao Estado, sob uma só orientação para uma ação em conjunto bem orientada e coordenada” que se inscrevia como a tese de nº 7, a ser discutida. A natureza oficial do Congresso foi denunciada pelas lideranças operárias de Belo Horizonte que estiveram, como noticiam os jornais, prestes a não participar alegando a “falência” antecipada do referido Congresso, que se propunha, em última instância, a “levantar a candidatura de Vargas à presidência da República”.

Apesar da divisão da classe, a maturidade política do operariado belorizontino ficou evidenciada tanto pelas discussões que antecederam a realização do Congresso, quanto pela forma de sua participação retirando-se em bloco do plenário como forma de protesto, o que a notícia abaixo demonstra:

[...] A orientação do Congresso segundo propaganda oficial obedeceu à direção do Sr. Surek. Ora, um representante operário para justificar o seu próprio nome e a delegação de que foi incumbido tem que fazer o seguinte: reclamar contra a parcialidade na expedição dos convites; o local Impróprio, inadequado mesmo escolhido para funcionar o Congresso; a Censura exercida sobre os debates que devem ser livres; o fato de o Ministro do Trabalho presidir o Congresso, simples assistente que deveria ser, sem direito a opinião por não ser interessado nas teses; a presença de um general e de um político, que se não justifica por não serem também operários, e o governo já estar representado na pessoa do ministro; finalmente o fato de não ter mesmo nem um delegado de sindicato tomado parte na mesa dos trabalhos que foi entregue a estranhos e pessoas desinteressadas do assunto. Quem não dissesse isto, não seria operário, e quem dissesse... A nossa bancada retirou-se do recinto do Congresso porque reconheceu a inutilidade de seus esforços no sentido de manifestar claramente seu pensamento e cumprir seu mandato. Numa época em que os operários paralisam o trabalho, fazendo greve, para exigir os seus direitos e o governo reconhecer esses direitos, para se ver livre da greve geral, não é cabível que se vá submeter um Congresso Operário à censura total, fazendo dele um centro de palestras, centro de estudos que deve ser. Fizeram bem os nossos representantes, dando um alto exemplo de dignidade e altivez e quem for sincero, em matéria operária, há de reconhecer que aí está o espírito que há de presidir todas as conquistas futuras. [...].¹⁹

Os propósitos de assegurar ao movimento operário certa autonomia junto à política oficial foram traduzidos na atuação que tiveram os líderes belorizontinos naquele Congresso. Fortalecido assim politicamente, o movimento operário da capital conseguiu manter-se mobilizado, pelo menos até julho de 1935, quando, no dia 13, foi fechado o núcleo local da Aliança Nacional libertadora, e institucionalizada a repressão política e social.

Entretanto, o contexto de mobilização aberto pela conjuntura 1934-35 foi palmilhado por tentativas fragmentadas de penetração integralista no movimento operário. A própria Federação do Trabalho de Minas endereçou aos trabalhadores do Estado um manifesto expressivo contra a infiltração integralista. Alertava os operários para que não continuassem a servir de instrumento da

¹⁹ *O Debate*. Belo Horizonte, 18/04/1934, p. 6.

AIB em sua ascensão ao poder, considerando a Ação uma réplica do nazismo e fascismo europeus. Repudiava os “bonecos encamisados” que só sabiam usar de violência semelhante aos tempos da Inquisição. Citava Plínio Salgado e Gustavo Barroso agredindo trabalhadores em Niterói; um padre integralista no Ceará, “chefiando jagunços” na invasão de sindicato; incidentes, em Campos, entre integralistas e operários, terminando em tiroteio.²⁰

A identificação entre AIB e fascismo passou a figurar nos ataques ao movimento, configurando uma imagem de alerta. O sindicato dos sapateiros discutiu, em reunião, a natureza fascista da AIB; o centro israelita convocou, após a vinda de Salgado e Barroso a Belo Horizonte, um comício “antifascista”, com representante de operários panificadores, União dos barbeiros e dos sapateiros. Dentre os oradores destacaram-se Isaías Golgher, David Rabello e Aníbal Vaz de Mello, cujos discursos constituíram um libelo contra Hitler e Mussolini e sua escalada militarista. Como um dos motivos precipitadores dessa concentração de rua, registramos uma nota da grande imprensa sobre a organização do exército integralista em Minas. A informação fora colhida em entrevista de um estudante da Escola de Direito da Universidade de Minas (forte núcleo integralista), que falara da existência de 300 adeptos entre médicos, engenheiros, intelectuais e operários e o início de exercícios militares para a formação de três centúrias. Os núcleos mais expressivos da Ideia Nova, além de Belo Horizonte, eram Teófilo Otoni, Juiz de Fora, Três Corações, Itanhandu e Raul Soares. A partir de 15 de abril de 1934, informava ainda o entrevistado, o jornal *Anauê* passaria a circular, sob a direção de Isolino D’Ágular Camargos, em Belo Horizonte, e a nível nacional o jornal *A Ofensiva*, sob a direção de Plínio Salgado.²¹

A semelhança do integralismo com as correntes fascistas europeias, para José Chasin, não passa de uma generalização deformante, que transpõe de forma mecânica para um país economicamente dependente e agroexportador, os frutos do capitalismo europeu, em sua etapa de monopólio dirigida para a expansão imperialista. Aquela identificação, segundo o autor, nasceu de um pronunciamento na Assembleia Legislativa, quando se instalou a constituinte de 1934, e o deputado socialista Zoroastro Gouveia qualificou de fascista a AIB (CHASIN, 1978).

A divulgação da Ideia Nova ganhando espaço na imprensa e sua expansão pôde ser inferida pela adesão de setores da Igreja Católica, e por outro lado, pela virulência de ataques desfechados contra a AIB: “Que pode o Integralismo fazer pelo Operário? Acaso os líderes Plínio Salgado e Gustavo Barroso já tiveram alguma vez em sua vida um gesto, um só que se pudesse dizer em favor do operário? Não nos consta.”²²

Ampliava-se o noticiário da AIB na imprensa, ao mesmo tempo em que tendências opostas pronunciavam-se. Comentava-se que, no Rio, havia cisões internas no movimento; no Ceará, a Legião

²⁰ As Explorações Integralistas no Meio Operário. *O Debate*. Belo Horizonte, 23/03/1934, p. 6-7 e I Congresso Sindical Proletário do Estado. *O Debate*. Belo Horizonte, 23/03/1934, p. 6-7.

²¹ Nota. *O Debate*. Belo Horizonte, 03-04/04/1923, p. 6; Organização do Exército Integralista. *O Debate*. Belo Horizonte, 11/04/1934, p. 8 e O Protesto dos Filhos de Israel contra os Ataques dos Integralistas. *O Debate*. Belo Horizonte, 20/04/1934.

²² Comunismo e Integralismo. *O Horizonte*. Belo Horizonte, 14/05/1934. p. 2 e A Propósito da Palhaçada Integralista. *O Debate*. Belo Horizonte, 22/05/1934, p. 6.

do Trabalho se desvinculara do integralismo; frustrara-se a esperança depositada no General Góes Monteiro, que, por “se dizer inimigo do sistema democrático” supunha-se “um adepto espontâneo”, pois o general se declara categoricamente em contrário.²³ O clima de tensão não se justificava apenas pelo confronto ideológico, mas sobretudo como resultante do contexto político dos anos 1934-35, em que diferentes forças tentavam se afirmar como circuitos de poder, sendo uma delas o operariado, objeto por isto mesmo de atenção dos integralistas.

A vaga reivindicatória que marcou o movimento operário brasileiro na conjuntura 1934-35 incide também sobre a classe operária belorizontina, sendo inúmeros os conflitos que chegaram à sua expressão máxima - a greve. Foram nesses conflitos que tendências político-ideológicas de extrema esquerda ou direita se esboçaram de modo expressivo. De fato, a chance de atuação integralista no meio operário surgiu mais concretamente quando os ferroviários da Estrada de Ferro Oeste de Minas entraram em greve e a comissão grevista solicitou a participação dos camisas-verdes. Cerca de 600 ferroviários fizeram uma assembleia na sede municipal da AIB, a 22 de junho de 1934. Oradores integralistas presentes usaram da palavra, encaminhando sua proposta programática de simpatia aos trabalhadores. Nova reunião foi marcada para o dia seguinte. Já então, a comissão grevista havia assinado um “acordo revoltante”. A imprensa deixou entrever a manipulação dos operários pelos integralistas.²⁴

Também merece destaque a greve dos empregados da Cia. Força e Luz de Minas Gerais, ocorrida em julho de 1934. A paralisação por vários dias de um dos serviços básicos de Infraestrutura urbana custou ao movimento não apenas críticas severas como violenta repressão policial. Em nota que o comitê grevista divulgou a 14 de julho no *Correio Mineiro*, além de denunciar a morte de um companheiro “vítima de um projétil da cavalaria”, sustentava-se a tese que:

[...] a obra dos trabalhadores só pode ser feita pelos próprios trabalhadores, e compreendemos que a obra proletária só pode ser feita após uma perfeita coordenação do trabalhador universal, unidos todos por um mesmo objetivo, porque as necessidades do operário são as mesmas em toda a parte, e são os mesmos os seus direitos a defender em qualquer país. E partindo desse princípio é que proclamamos “Proletários de todos os países uní-vos”. Com relação à causa proletária não nutrimos qualquer preconceito racial e o sentido de nosso movimento reivindicativo não é nacionalista - combatemos o imperialismo internacional, aqui e em qualquer parte que nos tem espoliado de todos os direitos.²⁵

O boletim portador desta nota foi apreendido, assim como presos os que o divulgavam, dentre eles, diretores da Federação do Trabalho.²⁶ O movimento se alongou até setembro. A 19 daquele mês, o jornal *O Debate* chamava ainda a atenção de seus leitores para o “caso doloroso dos

²³ CARVALHO, Ramos. Aos Moços de Minas. *O Debate*. Belo Horizonte, 29/05/1934, p. 2 e A Falência do Integralismo. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 09/06/1934.

²⁴ Diante do Sigma Integralista. *O Debate*. Belo Horizonte, 23/06/1934, p. 3.

²⁵ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 14/07/1934, p. 1.

²⁶ *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 15/07/1934, p. 1.

condutores e motorneiros da Força e Luz demitidos em massa”, e esclarecida a posição da Federação Mineira de Estudantes, *reunião* do dia anterior decidiu, depois de calorosos debates contra a maioria dos integralistas presentes, manifestar inteiro apoio aos grevistas da Cia. Força e Luz.²⁷

Assim, podemos inferir pela intervenção integralista favorável ao patronato. Neste sentido, entrevistamos o professor da UFMG, Osório da Rocha Diniz, que não professava a doutrina, mas mantinha relações pessoais com empresários da área privada e pública, adeptos da AIB. Segundo suas informações, os empresários contavam com os operários integralistas, no sentido de garantir o apoio ao patronato, além de aliciá-los para indicar trabalhadores comunistas, que seriam posteriormente despedidos e/ou denunciados à polícia. Aqueles operários portavam carteira da AIB, bem como a promessa verbal de benesses quando os integralistas assumissem o poder.

Sobre a questão social, a AIB lançou, em 1934, um documento dirigido aos trabalhadores da cidade e do campo, onde aprofundava também a divergência diante “da vã promessa comunista”. Reafirmava o culto a Deus, Pátria e Família; defesa da propriedade, mais o direito de todos os operários terem seu pedaço de terra, sua casa, seus instrumentos de trabalho; defesa do corporativo com garantia do direito ao trabalho e harmonia entre todas as classes.²⁸ Ao mesmo tempo, o documento reivindicava do governo Vargas: jornada de 8 horas de trabalho, salário mínimo, cooperativas de consumo, participação operária nos lucros da empresa, direito de férias, assistência médica, igualdade de salário entre homem e mulher, quando no exercício de funções idênticas. O manifesto firmava posição contrária ao trabalho feminino, quando objetivasse complementar o salário do chefe de família, pois este deveria ganhar o suficiente. Apontava também a importância da instituição do salário-família, seguro social, seguro familiar etc.

As reivindicações trabalhistas da AIB não diferiam de bandeiras das demais organizações operárias do período, onde não se efetivara ainda o direito do trabalho. Já a sua proposta societária deixava claro pontos estruturalmente inegociáveis, como, por exemplo, a propriedade do operário sobre os instrumentos de produção, numa forma de organização social que institucionalizou a separação entre o trabalhador e a ferramenta, como suporte fundamental do sistema; desconhecia concretamente a existência de interesses divergentes entre as classes, quando propunha unificá-las nominalmente e ter como limite da propriedade o bem comum.

Como objetivo de uma mobilização permanente através da ação política organizada, registramos ainda em 1934: artigos em jornais, comícios no centro de Belo Horizonte e em bairros, onde as concentrações eram policiadas por cerca de 200 milicianos, devidamente fardados; celebração de missa pelo assassinato de um adepto paulista, considerado o primeiro mártir do integralismo; e, finalmente, organização de “bandeiras” que percorriam cidades como Curvelo e Diamantina, disseminando a doutrina do Sigma, através de conferências para Intelectuais e “representantes do proletariado”. Como nomes expressivos da AIB, registramos os de Fábio Motta, Adolfo Santos, Ramos

²⁷ O Debate. Belo Horizonte, 19/09/1934, p. 1.

²⁸ Operários dos campos e das cidades, trabalhadores em geral. Anauê, 11/09/1934 (capa).

de Carvalho, Mauricio Andrade, Samuel Teixeira de Siqueira Magalhães (brigadeiro e comandante da milícia em Belo Horizonte), José de Mello Alvim, Osolino Tavares (Secretário do Departamento Provincial de Organização Política) e Dr. Fortuna Mendes (Secretário do Departamento de Justiça da AIB, na província de Minas Gerais).²⁹

A atuação da AIB dinamizava-se em três frentes: político-social como partido político registrado legalmente; sociocultural, tendo como pontos-chaves a organização, a propaganda e a moral-espiritual. Embora tenha passado por modificações entre os anos 1931-1933 (manifesto de outubro), 1933-1936 (reconstrução interna), 1936-1938 (alternativas de tomada do poder), sempre persistiu a tônica de movimento anticomunista. A partir de 1934, segmentos médios e operários começaram a se organizar para enfrentar, dentre outras, a escalada integralista. Assim, em 1935 surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ANL), congregando nas áreas urbanas socialistas, comunistas, trotskistas, anarquistas, democratas cristãos e liberais democratas. Em Belo Horizonte, a imprensa informava sobre a presença da ANL e o debate sobre a provável “extinção do integralismo” face a lei de segurança nacional (LSN). Os integralistas desmentiram o fato, divulgando não serem afetados pela LSN, por estarem legalmente registrados como partido político.³⁰

Desse modo, a atuação dos integralistas continuou ininterrupta. No meio estudantil, os alunos da Escola de Direito da Universidade de Minas representavam um dos núcleos mais organizados da AIB, tentando levar sua influência a setores subalternos da população. Entretanto, nas eleições de 1935 para o Diretório Acadêmico, a chapa integralista foi derrotada.³¹

A AIB, porém, seguia incentivando a participação popular. O núcleo integralista da Lagoinha promoveu uma cerimônia religiosa, com a comunhão de 200 militantes católicos, e à noite realizou uma sessão doutrinária na sede. Integralistas católicos participaram de um “desfile religioso”, sendo obrigatório o uso da camisa verde. A Secretaria de Cultura Artística, sob a direção de Bueno da Rivera, iniciou os preparativos de uma promoção, que culminaria com um festival de arte integralista, a ser realizada a 7 de setembro de 1935. Criou-se uma biblioteca integralista e uma escola de oradores, sob a direção do acadêmico de direito Gerardo Grossi.³²

A ação expandiu-se para o interior do Estado, através de caravanas que visitaram Nova Lima, Barbacena, Santos Dumont, Juiz de Fora, Entre Rios. Em Lafaiete foi instalado um núcleo da AIB, sob a coordenação do padre Francisco Correia, e o tribuno integralista Santiago Dantas fez uma conferência, como convidado especial.³³ Em outubro de 1935, dois acontecimentos marcaram a ação política dos integralistas em Belo Horizonte: uma conferência de Carlos Cristi de São Paulo,

²⁹ Ação Integralista Brasileira. *O Debate*. Belo Horizonte, 01/10/1934, p. 6-8; Os Integralistas em Ação. *O Debate*. Belo Horizonte, 06/10/1934, p. 8; Integralismo. *O Debate*. Belo Horizonte, 12/10/1934, p. 8; Bandeira Integralista. *O Debate*. Belo Horizonte, 18/10/1934, p. 3; Bandeira Integralista no Norte de Minas. *O Debate*. Belo Horizonte, 27/10/1934, p. 6 e O Movimento Integralista visto por um de seus chefes. *O Debate*. Belo Horizonte, 26/10/1934, p. 8.

³⁰ Ação Integralista Brasileira. *O Debate*. Belo Horizonte, 23/04/1934, p. 2.

³¹ O Movimento Integralista Lança a Chapa para o Diretório Acadêmico. *O Debate*. Belo Horizonte, 13/04/1935, p. 3.

³² Pedindo a Deus pelo seu Chefe. *O Debate*. Belo Horizonte, 01/07/1935, p. 7.

³³ Ação Integralista Brasileira. *O Debate*. Belo Horizonte, 26/08/1935, p. 7.

na União dos Empregados do Comércio, e a organização de um “comício monstro” na Lagoinha, com os participantes devidamente fardados.³⁴

Ao lado da efervescência integralista e sua possibilidade de influenciar o campo de forças, emergia a ANL. O líder da ANL em Minas Gerais, David Rabello, confrontou-se com a AIB na pessoa de Gustavo Barroso e Dr. Samuel Teixeira de Magalhães, Chefe Provincial dos integralistas. David Rabello dizia que a ANL não desejava ouvir os integralistas e que faria o possível para evitar “conferências verdes” na universidade. Duvidava mesmo que o reitor Francisco Brant cedesse o salão nobre da Escola de Direito, onde estava programada uma conferência de Gustavo Barroso. O médico integralista Samuel D. de Magalhães dizia considerar “blague” os milhares de adeptos que a ANL registrava em Minas, insurgindo-se contra o “caráter subversivo” da organização anticlerical, que se levantava contra a propriedade e a família empregando a força, e defendia a AIB, obediente à autoridade e só empregando o livro, a imprensa e a tribuna para convencer, até que a sociedade exigisse a implantação do Estado Integral Brasileiro.³⁵ Esse destaque nos mostra que a ideologia tem sempre o apelo do que deseja construir, e que a história de uma organização é a história de suas propostas políticas que referendam sua locomoção no campo social.

No início de 1936 ainda se comentava sobre o fechamento da ANL,³⁶ que não resistira à crise desencadeada sobre ela pelo aparelho de Estado, enquanto a AIB continuava com suas sessões doutrinárias e seu trabalho de propaganda. As críticas à liberal democracia e hostilidade aos comunistas foram determinando cada vez mais a centralização de decisões na AIB, onde o que pensava o Chefe gerava a matriz ordem/obediência, e a luta ideológica dentro do movimento não interferia em sua unidade.

A partir de 1936, colocou-se a questão sucessória, havendo cisões nos quadros governamentais. Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul, apoiava o candidato Armando Salles. Benedito Valadares, governador de Minas Gerais, apoiava José Américo. As eleições provavelmente significavam ameaça à hegemonia de Vargas, dados os conflitos dentro do bloco de poder. Sem maiores possibilidades de êxito eleitoral, apesar de ser um movimento organizado de massas, os integralistas decidiram encaminhar a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República. Na certa, esperavam abalizar forças e conseguir posição de barganhas vantajosas. A plataforma da AIB subscrevia os princípios do Sigma: um Estado Integral, substituindo partidos políticos pelo sistema orgânico e cristão das corporações, como órgão de capacitação e expressão da vontade popular, ao operariado acenava com um salário capaz de atender às exigências de qualidade de vida; aos setores médicos prometia expurgar da sociedade os elementos que a corrompiam; enfim, a promoção da unidade da família e da pátria sem violência e opressão. Em Belo Horizonte,

³⁴ O Comício Integralista de Hoje. *O Debate*. Belo Horizonte, 05/10/1935, p. 8 e Sessão Integralista Brasileira. *O Debate*. Belo Horizonte, 11/10/1935, p. 20.

³⁵ Integralismo Versus Aliança Libertadora. *O Debate*. Belo Horizonte, 08/06/1935, p. 8.

³⁶ Ação Integralista Brasileira. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 18/06/1936, p. 2; Negado o Registro da Ação Integralista. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28/01/1936 e Anuê. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28/01/1936, p. 8.

Plínio falou sobre as eleições, no salão do Cine Metropolitano, com o comparecimento obrigatório das camisas-verdes. Segundo ele, os demais candidatos do Sigma nasceriam de sua “palavra de ordem” e não de congressos ou manifestos.³⁷ Todavia, a conjuntura de 1936 enrijecia-se com indícios do fechamento, tendo como evidências os estados de guerra solicitados por Vargas ao Congresso Nacional. Paralela à repressão aos comunistas, surgiram indicadores de ameaças à expansão da AIB. Por exemplo, na Bahia, em janeiro, a Delegacia de Segurança e Ordem apreendeu vários exemplares do jornal integralista *A Offensiva*, de circuito nacional; em Minas, em fevereiro, foi sustada pela polícia a realização do congresso universitário integralista, em São João Del Rey, com a presença de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Lá foram presos José Saba, chefe de polícia da AIB e Salustiano Pureza, por porte de arma e desacato à autoridade. A proibição do congresso desdobrou-se em duas etapas. Primeiramente porque Plínio falara da sacada do Hotel Macedo, desobedecendo à proibição de comício em logradouro público. Entendimentos entre a polícia e o governo do Estado restabeleceram o Congresso. Entretanto, este não passou da sessão preparatória, sendo definitivamente proibido. O motivo alegado foram “as inverdades” de um comunicado que a AIB distribuía à imprensa.³⁸

O clima de inquietação que circunscreveu o fato do fechamento do congresso não foi aliviado, apesar de Gustavo Barroso declarar que fora a melhor propaganda que se poderia esperar e Plínio Salgado lamentar que o estado de sítio estivesse criando dificuldades aos integralistas, quando fora votado apenas para facilitar o combate aos comunistas. Plínio declarou também que a proibição do congresso de São João del Rey fora uma represália, pela boa recepção que os integralistas tiveram na cidade. Informou ainda sobre a adesão de várias patentes do exército à doutrina do Sigma. Entretanto, o órgão integralista Brasil Novo fora apreendido, por infringir a Lei de Segurança Nacional, em seus comentários sobre o congresso de São João del Rey.³⁹

Apesar de promoções nas sedes com comparecimento obrigatório, de divulgação através da imprensa e comícios em locais fechados, devido à situação excepcional do país em estado de sítio, o avanço integralista foi perdendo espaço. Contudo, os preparativos eleitorais continuavam. Fora até divulgado um plano de mobilização eleitoral integralista, em que o município seria dividido em bairros, os bairros em quarteirões e estes em ruas. Para cada bairro, quarteirão e rua, seriam indicados chefes que ali residissem ou trabalhassem. Fora estabelecida uma hierarquia de penetração domiciliar para que não ficasse “uma única família na cidade sem receber as chapas integralistas”. O documento tratava ainda dos deveres de cada chefe de rua, quarteirão e bairro.⁴⁰

³⁷ A Plataforma dos Integralistas. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 28/01/1936, p. 10; Integralistas. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 30/01/1936, p. 1 e Na Capital. Plínio Salgado. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 3/01/1936, p. 3.

³⁸ O jornal Integralista. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 29/01/1936, p. 10; A Ofensiva. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 29/01/1936, p. 10; Apreendido pela Polícia Bahiana. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 29/01/1936, p. 10; Fechado pela Polícia o Congresso Universitário Integralista de São João Del Rey. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 11/02/1936, p. 1 e Retirou-se apressadamente de São José del Rey o Sr. Plínio Salgado. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12/02/1936, p. 10.

³⁹ Na Capital o Sr. Gustavo Barroso. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 16/02/1936, p. 9 e Como foi votado o Estado de Sítio. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12/02/1936, p. 10.

⁴⁰ Plano Eleitoral para Pleito que se Aproxima. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 01/04/1936, p. 10.

Nova proibição atingiu os adeptos do Sigma, quando os delegados de algumas cidades impediram o uso da camisa verde. A AIB impetrou mandado de segurança, mas a Corte de apelação do Estado julgou-se incompetente para apreciar o pedido.⁴¹

A inibição progressiva da sociedade civil recaía também sobre os integralistas, que procuraram fortalecer seus mecanismos de segurança interna. Um dos controles, já usados desde 1935, tomou-se público por ter chegado ao conhecimento da imprensa, através de um ex-integralista. Tratava-se de uma circular do Departamento Provincial da polícia da AIB de Minas Gerais para o Chefe do seu Departamento Municipal de Polícia, dando-lhes instruções para que fossem fichados todos os indivíduos que se manifestassem contra o integralismo, sob qualquer pretexto.⁴²

Apesar de ativar seus mecanismos de segurança e atender às exigências de estado de sítio, pretendia sobre a AIB a ameaça de fechamento, por ter sido solicitado o cancelamento de seu registro, pelo Partido Trabalhista do Brasil. Bulhões Pedreira apresentou a defesa da AIB ao Tribunal Superior Eleitoral, argumentando que somente os poderes públicos teriam competência para pedir a cassação do registro de um partido político.⁴³ O fato aconteceu em abril de 1936. Neste mesmo mês, a AIB, acompanhando a conjuntura que ia deslocando seu eixo de conflitos, percebeu a alternativa de possíveis alianças. Redefiniu sua direção, radicalizou sua luta anticomunista, decidiu-se pelo apoio de Vargas, tornando-se um dos suportes de sua perseguição aos vermelhos. Essa nova posição dos integralistas foi divulgada em Belo Horizonte, por um jornal de pequena imprensa.⁴⁴ Um novo curso de ação surgia dentro da AIB, através de três correntes políticas distintas: a tendência sindicalista, relacionada com o movimento operário, e a tendência anti-imperialista, de natureza revolucionária. Mas, segundo Olbiano de Melo, Plínio Salgado era o Chefe que parecia capaz de catalisar divergências, para que o movimento não se desestruturasse e não houvesse discordâncias manifestas sobre a possível adesão ao projeto golpista de Vargas (TAVARES, 1982).

Entretanto, essas tendências não significavam uma retomada do ideal integralista. Por conseguinte, uma organização – AIB – que objetivou fundar um Estado Integral Corporativista, ao renunciar a sua proposta política, mesmo que para contornar problemas conjunturais, correria o risco de não permanecer ileso. Na verdade, nenhuma organização resiste a uma crise, quando não tem propostas capazes de acionar o vetor imaginário de seus adeptos.

ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

As origens da AIB⁴⁵ remontam a 24 de fevereiro de 1932, quando, em São Paulo, foi criada oficialmente a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), formalizando a reunião dos primeiros adeptos

⁴¹ Mandado de Segurança Requerido pela AIB. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 16/02/1936, p. 3.

⁴² Esperando o Dia da Vitória. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 19/03/1936, p.10.

⁴³ O Pedido de Cancelamento de Registro da AIB. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 09/04/1936, p. 10.

⁴⁴ Combatemos o Comunismo sobre todos os Aspectos. *O Granito Mineiro*. Belo Horizonte, 29/04/1936, p. 7.

⁴⁵ As informações a seguir foram extraídas in: (CÂNDIDO FILHO, 1982; TAVARES, 1982 e TRINDADE, 1974).

do integralismo. Plínio Salgado, seu fundador e chefe, expôs os objetivos da SEP na segunda reunião realizada a 12 de março do mesmo ano: implantação do princípio de autoridade, respeito às tradições históricas brasileiras, realização da justiça humana, respeitado o princípio da propriedade, união de todas as classes sociais, harmonia entre o indivíduo e o Estado. Essa linha programática foi aprovada na terceira reunião da SEP, em 06 de maio de 1932. A SEP, entidade cultural, manteve o jornal *A Razão*, fundado em 1931, como veículo de propaganda doutrinária e instituiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), que desencadeou uma campanha política, objetivando implementar em todas as classes sociais o projeto de um Estado Integral, de natureza corporativa.

A par de contatos com intelectuais fluminenses e mineiros iniciados em 1931, Plínio redigiu o manifesto da AIB, distribuiu cópias entre os militantes, preparando-o para divulgação em 09 de julho de 1932. O projeto foi sustado pelo movimento constitucionalista de São Paulo, considerado por Plínio uma réplica política da Aliança Liberal, sem interesse para a sua causa. Após a derrota do movimento armado paulista, os integralistas divulgaram o manifesto de 07 de outubro; consagrado como primeiro documento doutrinário da AIB, que já contava com 148 membros. O passo seguinte foi o de agregar interesses integralistas, agora disseminados em distintas regiões do país.

Pelo menos quatro organizações existentes na época foram apontadas como condicionantes do surgimento da AIB, embora posteriormente viessem a se fundir ou permanecer autônomas face o movimento: Ação Social Brasileira; Legião Cearense do Trabalho; Ação Imperial Patrianovista Brasileira e o Partido Nacional Sindicalista, fundado em Minas Gerais, pelo jornalista e escritor Olbiano de Melo, em 1931. O programa integralista recebeu a adesão de intelectuais como Santiago Dantas, Lourival Fontes e Hélio Viana, da revista *Hierarquia* do Rio de Janeiro. O eixo de atuação da AIB foi a região Centro-Sul (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro), onde, paralelamente, expandia-se o movimento operário, que constituía aí os primeiros núcleos de expressão socialista. Em Minas, a AIB envolveu nomes da esfera governamental, como Francisco Campos e Gustavo Capanema, ambos do PRM, que fundaram uma legião de camisas cáqui. Entretanto, foram Olbiano de Melo, no Norte de Minas, e Osolino Tavares, em Belo Horizonte, que desenvolveram um trabalho sistemático de organização da AIB.

A 23 de abril de 1933, realizou-se em São Paulo o primeiro desfile integralista, com a presença de estudantes e operários. A segunda concentração de rua foi em Teófilo Otoni, cidade mineira, em julho do mesmo ano, com participação de 100 militantes.

Em 06 de julho de 1934, foi aprovado o uniforme da milícia: camisa verde, calça preta ou branca, gravata preta, casquete verde, botas pretas e o sigma como emblema da ação. Criou-se um juramento para inscrição nos quadros do movimento sob o signo de Deus, Pátria e Família. Posteriormente, foi composto o hino *Avante* e adotou-se o cumprimento de Anauê.⁴⁶ Ainda em 1934, surgiu o *Monitor Integralista*, órgão oficial da AIB.

Após a reabertura do Congresso Nacional, a expansão da AIB tornou-se mais expressiva, não só pelo espaço político aberto ao jogo de interesses, como por influências externas provocadas pela

⁴⁶ Corruptela de ENE (nove, o número dos tempos) + (YAUÉ (saudação dos índios tupis) = ENEYAUÉ.

crise do capitalismo financeiro, e determinações internas de ordem provocadas pela industrialização; de ordem social provenientes do processo de urbanização e reordenamento das relações de trabalho; de insatisfação das camadas médias, além de efervescente configuração política do conflito de classe que marcou 1934/35 como momento de crise.

Em 1935, havia 400.000 integralistas no país, e, ao ser fechada a AIB em 1937, encontramos 1.123 grupos organizados em 548 municípios, segundo Hégio Trindade. Os dados demonstram um trabalho de organização e mobilização permanentes permeados pela propaganda e divulgação que transformou a AIB numa força social, implementadora de um projeto político capaz de sensibilizar as massas, num período crítico da conjuntura brasileira, em que o Estado nacional brasileiro se reconstituía.

Referências históricas das tentativas de arregimentação integralista em Minas se depreendem da correspondência de Plínio Salgado a Olbiano de Melo, em março de 1931:

Fundamos aqui em São Paulo uma Sociedade de Estudos Políticos, que nós chamamos, mais resumidamente, de SEP. O fim da SEP é criar uma nova mentalidade. Na capital ela está aumentando cada vez mais o número de adeptos; estamos organizando células em cada uma das cidades do estado. Resolvi pedir aos editores e autores que nos auxiliem nesta hora de catequese e iniciação (TAVARES, 1982, p. 187).

Em julho de 1933 houve em Minas a segunda concentração de rua da AIB, referida anteriormente. A imprensa mineira noticiou, em novembro, uma entrevista com Gustavo Barroso, Secretário Nacional de Educação da AIB, que viria lançar as bases do movimento em Belo Horizonte, realizando, dentre outras atividades, uma conferência no Teatro Municipal sobre o tema Liberalismo, Comunismo, Integralismo.⁴⁷ Considerando o liberalismo insuficiente para atender as demandas sociais, e atacando o extremismo comunista por distinguir como classes somente o capital e o trabalho, propunha o integralismo como o caminho da harmonia e categorizava a sociedade num conjunto de atividades profissionais desenvolvidas por trabalhadores do capital, trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais. De modo especial referia-se aos operários, a quem a AIB pretendia resgatar a dignidade humana, enquanto o comunismo os transformaria em simples máquinas produtoras. Através de notícias publicadas em jornais da época, sobre a presença de um comitê de numerosas pessoas recepcionando Gustavo Barroso, percebem-se indicadores de um trabalho anterior de organização, que somente fontes orais auxiliariam a desvendar.

Quando Gustavo Barroso trata a sociedade como um conjunto de partes, cujo equilíbrio depende do arranjo que se proponha, revela-se a herança positivista da doutrina que pretende organizar a realidade, negando a natureza histórica de seu processo, em que forças se movimentam dependentes de condições concretas e não de esquemas forjados nominalmente. Ademais, a divisão social idealizada não leva em conta o largo espectro de interesses inegociáveis, demandas antagônicas, conflitos de classe etc.

A tônica especial do pronunciamento de Barroso, dirigindo-se aos operários, demonstra conhecimento da realidade local já matizada pela expressão socialista. As fontes impressas dizem da

⁴⁷ Integralistas a Postos. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 11/11/1933, p. 2.

movimentação operária entre o paternalismo anticomunista da Ação Católica do Trabalho (DUTRA, 1987) com a esquerda disputando eleições na União dos Empregados do Comércio e o sindicato dos ferroviários como palco de discussões contra a penetração socialista no meio operário.⁴⁸ É de conhecimento a tendência amarela, conciliatória e antiextremista dos sindicatos de empregados de setores públicos, enraizada na Primeira República, e só posteriormente adentrada pelo trabalho de organizações de esquerda. Registramos, finalmente, um alerta aos operários mineiros, ante a ameaça inusitada do integralismo: “[...] o bicho vem vestido com farrapos vistosos das palavras sonoras e das frases adocicadas, com a esperança de colher nas suas garras de aço o proletariado incauto”.⁴⁹

A partir do primeiro contato entre a cúpula dirigente da AIB e da população belorizontina, a atividade orgânica da entidade possibilitou a estruturação do movimento na capital.

Os primeiros meses de 1934, em Belo Horizonte, foram intensivos na organização de adeptos da Ideia Nova ou do Sigma, expressões que, dentre outras, identificavam os militantes integralistas.⁵⁰ Como fatos, destacamos as reuniões do triunvirato integralista do Ginásio Mineiro (João da Malta Machado, Manoel Campos, Ramos de Carvalho); fundação do triunvirato do Ginásio Arnaldo, a criação de uma comissão organizadora municipal, sob responsabilidade do Sr. Abelardo Fajardo, Chefe Provincial, que, juntamente com os triunviratos universitários, instalou a sede integralista na capital, à Av. Afonso Pena. Neste local realizavam-se reuniões semanais de natureza doutrinária sendo obrigatório o comparecimento dos militantes, trajando camisa verde-oliva.

Ao mesmo tempo, registrava-se intenso trabalho de divulgação doutrinária de envolvimento do operariado, tentando-se definir, como um indicador de nível de consciência alcançado pela classe, a não adesão a partidos políticos de esquerda. De fato, a instalação da sede da AIB correspondeu ao aumento de adeptos da Ideia Nova com a adesão de universitários, comerciários, funcionários públicos e operários. A solenidade inaugural contou com a presença de chefes organizadores do núcleo municipal, triunviratos universitários e de cursos secundários, além de militantes de outras províncias. Os trabalhos foram dirigidos por José F. Laudim, Assis Ribeiro e Erotides Diniz.

Os triunviratos, como núcleos organizacionais, iniciaram a ação política através de conferências, locomovendo-se no âmbito de todas as camadas sociais da população belorizontina. Para o operariado, cujo nível intelectual era considerado inferior ao de setores médios e empresariais atingidos, idealizou-se uma escola noturna gratuita para “levar luz do saber aos nossos princípios do meio proletário”. As aulas seriam ministradas por universitários integralistas e incluíam o ensino de português, aritmética, história e geografia do Brasil. Nesse sentido, a escola como instituição portadora de valores, crenças e normas servia eficazmente à estratégia da AIB, como agência formal de socialização política.

⁴⁸ A obra em Prol das Classes Operárias. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 22/04/1933, p. 7; O Grande Pleito Unionista. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 27/05/1933, p. 7.

⁴⁹ Artigo de Germano Alves Pereira (UTLJ). *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 11/07/1933, p. 7.

⁵⁰ Ação Integralista Brasileira. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 03/01/1934, p. 1; Ação Integralista Brasileira. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 25/01/1934; Ação Integralista Brasileira. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 27/01/1934; Ação Integralista Brasileira. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 17/02/1934; Integralismo. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 21/02/1934, p. 3 e Direita das Esquerdas. *Correio Mineiro*. Belo Horizonte, 24/02/1934, p. 1.

Em sua escalada de organização, a AIB inaugurou em 1935 a sede Provincial, à Rua Curitiba, 493, sendo a chefia interna de Isolino Tavares, um dos responsáveis pela estruturação do movimento em Belo Horizonte, a Secretaria Provincial de Cultura Artística de Milton Fortuna Mendes e a Secretária Municipal de Propaganda entregue a Ramos de Carvalho.⁵¹ Outros núcleos se constituíram em bairros, com sessões ordinárias semanais: a do bairro Santa Tereza, dirigido pelos estudantes de direito Cristalino de Abreu Castro, Rubens Rezende Vieira e José Geraldo de Oliveira; o do bairro Barro Preto, sob a responsabilidade dos estudantes de direito Fábio Motta, José Guerra Paixão, Aluizio de Meira e José Vieira Britto. Os órgãos do movimento seriam as células, o diretório municipal, os chefes provinciais e seu secretariado, a câmara dos 40, criada em 1936, junto com o conselho supremo e as cortes do Sigma, que representavam a reunião de todos os organismos, só convocados em casos excepcionais, como o foram por ocasião da indicação da candidatura de Plínio à presidência da República em 1937.⁵² Esse fato representou maiores possibilidades à implantação do Estado Integral Brasileiro.

A nível nacional, o movimento era composto de uma chefia com gabinetes civil e militar, secretarias, um conselho Nacional com secretarias etc. Podemos, pois inferir que, entre 1933-35, a AIB organizou-se em Belo Horizonte, atuando através de suas frentes programáticas, na arregimentação e mobilização de adeptos da Ideia Nova.

CONCLUSÃO

A questão aqui enunciada referiu-se às possibilidades de a AIB incluir como aliada, em seu projeto de conquista do poder, a classe operária, pela sua interveniência expressiva nas relações de força que configuram a conjuntura estudada. Assim acentuamos a presença operária em seu movimento de organização interna e sua locomoção a nível de instância superior do poder. Nesse contexto, projetamos a inserção da AIB no meio operário, através da divulgação e propaganda. Também apontamos sua estratégia orientadora e estipuladora de objetivos, na ação política a longo prazo, e direção detalhada de manobras para atingir sua meta.

Dado o exposto, podemos considerar que o integralismo foi um movimento de ideias, que atingiu setores médios urbanos, no sentido de tentar criar uma mentalidade nova. Careceu de uma base social concreta, de onde emergisse como produto político de circunstâncias históricas, ao invés de ser apenas um ideário autocrático. Nesse sentido, remetemos ao estudo de Chauí (CHAUÍ, 1978), que indaga como a debilidade teórica de um pensamento autoritário conseguiu alcançar eficácia prática através de seus temas mobilizadores. A autora aponta, no discurso integralista, o espectro das “conclusões que se sucedem com total ausência de premissas” e, uma vez ausentes, as premissas tornam-se “normativo-programático”. Formula-se um projeto de Estado como a “única via de se fazer política e história”. Para se compreender como o integralismo tornou-se bem sucedido num

⁵¹ A sede Municipal das Camisas Verdes. *O Debate*. Belo Horizonte, 22/07/1935, p. 8.

⁵² Ação Integralista Brasileira”. *O Debate*. Belo Horizonte, 08/08/1935, p. 3 e Ação Integralista Brasileira. *O Debate*. Belo Horizonte, 10/08/1935, p. 8.

determinado momento histórico brasileiro, a autora mostra a classe média como destinatária desse ideário, que atuava com imagens “facilmente reconhecidas na experiência cotidiana”, capazes de unificar o que aparece fragmentado na experiência. Ao invocar valores imputados tradicionalmente à classe média, tais como religião, família, propriedade, autoridade, ascensão social, posse de bens etc., convoca-a como “vanguarda política”.

Embora não se negue que o integralismo tenha sido um movimento de setores médios, dada a sua natureza totalizadora e transformadora, necessariamente tenderia a aproximar-se da classe operária, não como parceira, mas cooptável através de suas promessas. Desse modo temos o aceno integralista ao operário no sentido de resgatar sua dignidade humana como trabalhador, com direito à propriedade e a bens materiais, a fim de furtá-lo à influência comunista.

Entretanto, os dados coletados nos autorizam a concluir pela fragilidade da AIB no meio operário de Belo Horizonte. Como evidências, apontamos: a ausência de núcleos operários de militância integralista; conexões inconsistentes entre padres católicos integralistas e operários; referências fragmentadas de presença operária em desfiles, comícios, conferências etc. Apenas registramos um caso de solidariedade aos ferroviários em greve, reunindo-se na sede da AIB, e manipulação dos camisas-verdes, durante a greve dos trabalhadores da Cia. Força e Luz. É possível avançar a conclusão de que os integralistas estivessem menos interessados em organizar que divulgar suas ideias no meio operário, conseguindo simpatizantes, ou cooptando aliados para apontar militâncias comunistas nas empresas, a serem despedidos e/ou denunciados à polícia. Dada a natureza vertical e totalitária da AIB, a classe operária talvez constituísse apenas um setor social, passível de submissão à doutrina, quando o projeto do Sigma se efetivasse, na vaga mobilizadora permanente e ilimitada, dissolvendo as classes em uma massa uniforme, homogênea e indiferenciada, na defesa de seu ideário.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. *Totalitarismo e Revolução*. O Integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CAMPOLINA, Clélio Diniz. *Estado e Capital estrangeiro na industrialização mineira*. Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1981.

CÂNDIDO FILHO, José. *O movimento operário: o sindicato, o partido*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Silva Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DE DECCA, Edgar. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUTRA, Eliana R. De Freitas. *Caminhos Operários das Minas Gerais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

FARIA, Maria Auxiliadora; GROSSI, Yonne de Sousa. *A classe operária de Belo Horizonte, 1897-1920*. In: *Anais do V Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte: CEM/UFMG, 1982.

GOMES, Ângela Maria de Castro. A representação de classes na Constituinte de 1934. In: GOMES, Ângela Maria de Castro. (Org.) *Regionalismo e centralização política – Partidos e Constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.437.

GROSSI, Yonne de Souza; FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas-verdes? *Cadernos DCP, 8 & Revista do Departamento de História, 10 (número conjunto): 100 anos de República*, 1990, 151-170.

KENETH, Paul Erickson. *Sindicalismo no processo político no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LIMA, João Heraldo. *Café Indústria em Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

TAVARES, José Nilo. *Conciliação e radicalização política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

VIANNA, Francisco de Oliveira. *Direito do trabalho e Democracia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Paz e Terra: 1978.

O SIGMA E A CRUZ: INTERSEÇÕES ENTRE INTEGRALISMO E CATOLICISMO EM BELO HORIZONTE NA DÉCADA DE 1930¹

LEANDRO RATTON PIRES DA SILVA²

O palco histórico escolhido para analisar o movimento integralista em um ambiente católico foi a cidade de Belo Horizonte. Através da imprensa que circulava no ambiente confessional belo-horizontino na década de 1930, foram selecionados os periódicos *O Lutador* (1928 a 1938), *O Horizonte* (1923 a 1934) e *O Diário* (1935 a 1938), cujas páginas funcionaram como passarela ao catolicismo militante de teor apologético e combativo que caracterizou o período.

Fundada por Plínio Salgado em 1932, a Ação Integralista Brasileira nasceu oficialmente com a publicação do Manifesto de Outubro, documento onde foram apresentados os princípios gerais do integralismo. Adotando como lema *Deus, Pátria e Família*, o movimento buscou construir um projeto de nação a partir de uma linha de pensamento em que os integralistas se identificavam como os soldados de Deus e da pátria em defesa dos bons costumes, das tradições genuinamente nacionais e das raízes cristãs da sociedade. O objetivo declarado de instaurar uma ordem social harmônica, reforçando os princípios de autoridade, hierarquia e disciplina se aproximavam dos valores defendidos pelo catolicismo militante, apologético e centralizador que caracterizou os anos 1930.

A pesquisa bibliográfica realizada sobre o integralismo no Brasil demonstrou ser escassa a produção acadêmica que analisa, com maior detalhamento, as interseções e entrecruzamentos entre a religião católica e o movimento integralista. O trabalho que serviu de base para a produção deste capítulo considera que elementos plasmados ao ambiente católico estimularam o desenvolvimento do movimento integralista brasileiro, dotando-o de uma roupagem que despertou a atenção dos quadros católicos para a sua causa. Por isso, a própria difusão do integralismo esteve de certa forma vinculada à esfera católica ou, pelo menos, cristã, uma vez que, na década de 1930, a população brasileira, na qual o integralismo repercutiu largamente, apresentava um perfil religioso majoritariamente católico. Logo, foi pertinente tanto para o campo de estudos sobre o integralismo

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir do estudo SILVA, Leandro Rotton Pires da. *Deus, Pátria e Família: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte*. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

² Mestre em Ciências Sociais e Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Pesquisador no Projeto da História da Arquidiocese de Belo Horizonte.

quanto sobre o catolicismo no Brasil uma pesquisa que desenvolvesse com maior profundidade uma análise sobre a interação entre esses universos, destacando as aproximações de seus projetos para a sociedade brasileira.

O diálogo entre catolicismo e integralismo foi bastante profícuo, pois as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por intensa atuação da intelectualidade brasileira, que se movimentava para legitimar diferentes projetos de afirmação de uma identidade nacional. Tal ação também pode ser percebida nos círculos intelectuais católicos (clero e laicato) e no ambiente propriamente secular, no qual nasceu o integralismo. Por isso foi um movimento ultranacionalista da sociedade civil que possuiu alguns elementos em consonância com o projeto da Igreja Católica no período. Ambos propunham a construção de uma ordem social fundamentada em princípios cristãos onde a valorização dos aspectos telúricos do Brasil deveria se assentar sobre os princípios de ordem, tradição e autoridade. Outro aspecto comum à ação católica na década de 1920 e ao integralismo no decênio seguinte é a amálgama do binômio religião e pátria. Tal combinação preconizava que a religião, representada pelo catolicismo romano, era um sustentáculo essencial para a estrutura da nação, ao garantir a manutenção da ordem e impregnar a sociedade de valores morais que a elevavam e a aperfeiçoavam. Portanto, a religião é o elo que galvaniza a solidariedade social, constituindo um dos elementos definidores da nacionalidade. Vale apontar a seguinte observação: “faz-se de um princípio transcendente sobrenatural ou natural, a força determinante do civismo, quer dizer, da solidariedade social, e a fonte do poder político.” (AZEVEDO, 1981, p. 78).

Segundo Azzi (AZZI, 1977), o papel secundário da Igreja frente ao Estado no Brasil se manteve nas três primeiras décadas após a Proclamação da República, quando as elites nacionais abraçaram uma proposta liberal e positivista, assentada numa concepção laica de ordenamento do Estado e da vida social. Essa situação começou a mudar a partir da década de 1920, inaugurando o período de militância conhecido por Restauração Católica. Essa fase caracterizou-se pela necessidade, por parte da hierarquia eclesial, de uma presença mais atuante da Igreja na sociedade, na afirmação da fé católica como religião oficial e de sua importância fundadora para o povo brasileiro, percebendo no Estado o braço secular para o restabelecimento de sua influência junto à sociedade. Em consequência, ocorreu uma gradual reaproximação entre os poderes público e religioso, dada a força da penetração social do catolicismo na sociedade. O Estado buscou no catolicismo um aliado para a manutenção da ordem social e do exercício de sua autoridade política, principalmente porque as autoridades públicas acreditavam que a lei e a ordem se encontravam iminentemente ameaçadas por potenciais rebeliões populares e pelos movimentos de cunho revolucionário que eclodiram no Brasil nos primeiros vinte anos do período republicano. É interessante observar que se reata em um novo contexto histórico a velha colaboração entre o trono e o altar, que caracterizou de forma marcante o período da chamada Cristandade medieval (ZAGHENI, 1999).

A pesquisa bibliográfica sobre o catolicismo brasileiro também reafirmou a grande liderança de D. Sebastião Leme no movimento da Restauração Católica no Brasil, que também contou com o apoio da AIB. Nas décadas de 1920 e 1930 aconteceram vários eventos públicos significativos que

celebraram essa colaboração mútua entre Igreja e Estado. Durante esse período, o laicato católico teve papel fundamental na afirmação dos princípios do catolicismo, principalmente pela atuação de ponta de intelectuais como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, cuja influência no meio católico letrado se fez presente de forma acentuada. A guinada da militância católica e a convocação do leigo para a obra do apostolado se deu a partir do papado de Pio XI, principalmente a partir da fundação da Ação Católica (AZZI, 1977; TÔRRES, 1968).

Em Belo Horizonte, a liderança do movimento da Restauração Católica ficou a cargo de D. Antônio dos Santos Cabral (1884-1967), que concebia o catolicismo como uma força de renovação da sociedade. Sob seu arcebispado foram criados os jornais católicos *O Horizonte* e *O Diário*, veículos que se tornaram fundamentais para divulgação e penetração dos ideais da Igreja junto à população, principalmente nas camadas urbanas. Através desses periódicos, a hierarquia católica belo-horizontina pôde dar visibilidade aos seus projetos e disputar com outros sistemas de ideias o espaço de influência sobre as massas, como também combater seus principais adversários quando fosse necessário. E, em 25 de novembro de 1928, teve início *O Lutador*, jornal criado pelo Júlio Maria de Lombaerde na cidade de Manhumirim, interior de Minas Gerais e, posteriormente, transferido para Belo Horizonte. Em suas poucas páginas, lançou um intenso combate aos “inimigos da fé católica”, principalmente o protestantismo (a presença de imigrantes alemães e suíços foi marcante na região da Serra do Caparaó), o espiritismo, a maçonaria e o comunismo. Foi um jornal eminentemente opinativo.

Há pouco mais de um ano à frente da nova diocese, D. Cabral fundou o Conselho de Imprensa em 7 de março de 1923. Um mês depois, começou a circular *O Horizonte*, semanário de oito páginas que contou com “a fina flor” do laicato belo-horizontino, dentre eles: Lúcio José dos Santos, Olinto Orsini, Mário de Lima, Cristóvão Santos e o padre Álvaro Negromonte. Tornou-se bissemanal por ocasião do seu primeiro aniversário, encerrando suas atividades em 31 de dezembro de 1934. Também possuiu um caráter opinativo. Sobre o periódico, cabe destacar a seguinte afirmação de João Camilo: “nos últimos números já saíam referências mais ou menos simpáticas ao Integralismo.” (TÔRRES, 1972, p. 135).

Em seu lugar, nasceu, em 6 de fevereiro de 1935, *O Diário*, periódico de circulação cotidiana que contou com diversas páginas e seções, aos moldes dos jornais convencionais. Com uma apresentação mais moderna e tecnicamente bem trabalhada, esta folha teve uma atuação mais ampla e eficaz, contando com uma cobertura muito mais abrangente que o seu antecessor. Além de trazer todo o noticiário de um jornal profissional (incluindo até assuntos esportivos), possuiu um conteúdo voltado para as mulheres e as crianças. Enfim, pretendia se destinar a toda família e ser um baluarte na defesa dos interesses do “lar católico”. Sua orientação confessional se fez sentir, sobretudo, no editorial e nas páginas de opinião e, não escapando das tendências gerais do catolicismo naqueles anos, nutriu um caráter combativo e glorificador da doutrina da Igreja. Nas vésperas de entrar em circulação, um colaborador fez a seguinte observação no número final de

O Horizonte: “[*O Diário*] Será antes um defensor de Deus, da Pátria e da Família.” (MATOS, 1990), exatamente o tríplice lema do movimento integralista. A seguir, destacam-se alguns trechos de matérias publicadas sobre o integralismo nos periódicos católicos selecionados.

No jornal *O Lutador*, em uma nota do dia 11/11/1934, percebe-se a demanda dos leitores por uma posição a respeito do movimento integralista e o semanário católico se manifestou com as seguintes palavras:

Recebemos diversas consultas sobre o *integralismo*. Como se trata de um partido político, é-nos impossível entrar em pormenores a este respeito, pois o “*O Lutador*” é exclusivamente um jornal religioso. Como já dissemos anteriormente, os católicos devem, antes de tudo, seguir a orientação dos bispos. Analisamos uns pontos de *doutrina* errados, do integralismo, porém isto não prova que o próprio integralismo esteja errado. Há pontos fracos em sua doutrina, é certo, porém tudo depende agora da aplicação dos seus princípios. Se os Srs. Bispos o favorecerem, e se ele obedece à orientação da Liga Eleitoral Católica, nada temos que dizer a respeito. Apenas assinalamos erros de doutrina [...]. O integralismo tem coisa boa, é certo. Por exemplo, o fato de os comunistas atacarem-no já é uma prova de que ele segue uma orientação diferente e de que muito precisa o Brasil, na hora presente (*O Lutador*, 11/11/1934, p. 2).

Apesar de encontrar problemas na doutrina integralista, o jornal não declara motivos para a sua condenação. Pelo contrário, o fato de haver um inimigo em comum, o comunismo, torna o integralismo um movimento aceitável, provando que segue uma diretriz diferente. No dia 04/08/1935, o jornal estampou a principal matéria encontrada em suas páginas sobre a AIB, denominada *O Integralismo Brasileiro* e assinada pelo próprio padre Júlio Maria. Na apresentação do texto, o prelado observa o seguinte:

Tenho recebido muitas consultas a respeito do integralismo. Não me apressei em dar resposta, pois “*O Lutador*” não sendo um jornal político, mas doutrinal, encara sempre as questões pelo seu lado doutrinal, abstraindo as de qualquer orientação de partido. Parece, entretanto, ser necessário dizer algo a respeito do integralismo, que empolga hoje a massa popular, e muitos católicos desejam definir-se a respeito. É lógico. O “*O Lutador*”, em resposta anterior a mesma consulta, mostrou-se reservado, não aconselhando, nem desaconselhando, até o integralismo definir-se melhor e mostrar claramente o que é, e o que pretende. Não se pode negar que as idéias integralistas tenham consideravelmente evoluído, e que hoje elas se apresentam com uma feição bem determinada, que nos permite estudá-las, examinar o seu programa, o seu fim, os seus meios, e as possibilidades de seu êxito. Certas pessoas, por ignorância ou por maldade, procuram colocar o integralismo entre os partidos extremistas. Estudando a doutrina da Ação Integralista, vê-se claramente que o seu fim não é destruir, mas sanear e construir (*O Lutador*, 04/08/1935, p. 2).

Em seguida, Maria afirma que o grande inimigo do Brasil e do mundo é o comunismo, “este, sim, extremismo nefando, destruidor da paz e da ordem”, pregando “a revolta aberta contra Deus, contra a sociedade, contra os governos, contra a ordem, contra a família e contra a moral”. Já

o integralismo, “sonha com um Brasil novo”, não por meio da luta de classes, mas pela organização, investindo na educação, na formação moral e pregando “a união, o respeito à autoridade, a liberdade nos limites do bem, de modo que defende e solidifica as grandes bases do progresso e da felicidade: Deus, Pátria e Família”. São os amigos e inimigos comuns que constroem os “laços de simpatia” e as “aproximações indestrutíveis” entre católicos e integralistas. O autor ressalta, porém, que isso não quer dizer que todos devam entrar no integralismo, pois o que um católico deve almejar antes de tudo é “o reino de Cristo e não a vitória do Sigma”. “Podemos aproveitá-lo para o bem da Religião, para a cristianização da Sociedade, sem pessoalmente entrar em suas fileiras como membro participante-ativo”. E ainda ressalta que “pode-se trabalhar COM o integralismo, e pode-se trabalhar NO integralismo”. A primeira solução é preferível à segunda. Segundo Maria, a cooperação *com* o integralismo:

É a atitude que se nos afigura conveniente para grande número de intelectuais católicos, que não querem perder uma autonomia, sem dúvida preciosa, mas desejam participar do trabalho gigantesco de estudo e resolução dos problemas nacionais que o integralismo se propõe. É uma atitude de utilidade recíproca: para o integralismo, porque ele traz a contribuição valiosa da intelectualidade católica, onde a doutrina integralista já tanto se inspirou; para os católicos, porque lhes permite influir numa doutrina que, mesmo se não for vitoriosa politicamente, há de modificar, sem dúvida, e consideravelmente, a consciência nacional (*O Lutador*, 04/08/1935, p. 2).

Já a cooperação *no* integralismo é admitida mediante a ressalva de “dois graves perigos”: primeiro, a subordinação da consciência católica à consciência política; segundo, o desvio do laicato da Ação Católica e de suas obras auxiliares, pois o integralismo “é totalitário como *doutrina* e como *ação*, isto é, de um lado exige uma completa submissão ideológica às teorias integralistas, e de outro reclama um concurso capaz de ocupar todo o tempo disponível de seus filiados”. A rigor, o grande receio manifestado pelo padre Júlio Maria é que a orientação integralista seja vista como a única solução adequada, absorvendo a consciência católica da orientação doutrinal da Igreja e da participação em suas próprias associações religiosas. Na intervenção do prelado também subjaz a preocupação do clero em não deixar escapar da sua esfera de influência a militância católica. Assim, Maria traça os parâmetros da participação dos católicos como pode ser observado abaixo:

Como toda doutrina política, o integralismo faz surgir em seus adeptos uma consciência própria, um modo característico de encarar as coisas. Ora, isto que, em si, não é mau, pode, contudo, tornar-se, e de fato se torna perigoso para muita gente. Pelo entusiasmo que o movimento suscita, muitos integralistas são levados a desdenhar todas as doutrinas sociais ou políticas que não tragam o sinete do Sigma e a julgar ineficiente qualquer outra Ação que não se exerça de camisa verde. [...] E, persuadidos disso, passam a lamentar e depois a censurar abertamente os católicos que não vestem a camisa verde, taxando-os de comodistas, de maus católicos. Opera-se, assim, um retraimento da consciência católica ante à consciência integralista que, pouco a pouco, se vai substituindo aquela. O católico, em tais condições, já se torna um crítico das atitudes da Igreja. [...] As autoridades desta são

criticadas e pensa-se que se sabe melhor do que a Igreja qual a orientação conveniente. [...] A vontade firme e séria de conservar a consciência católica acima da consciência integralista e de obedecer à Igreja antes que aos homens, qualquer que seja a autoridade doutrinária ou política de que se revistam, é, pois, a primeira e mais importante condição para que um católico participe, sem prejuízo, do movimento integralista (*O Lutador*, 04/08/1935, p. 2).

A preocupação com a concorrência integralista no campo do catolicismo também aparece na seguinte passagem:

Um outro perigo, que a participação no integralismo pode trazer é, dissemos, o de desviar da Ação Católica e de suas obras auxiliares energias preciosas. De fato, é o que parece estar acontecendo, em um ou outro caso. Muitos católicos se entregam, com entusiasmo inaudito, à Ação Integralista, deixando de lado a Ação Católica. [...] Meditem os católicos, principalmente os que sentem em si qualidades de chefes de fila, onde poderão trabalhar melhor pelo “reino de Cristo”. E não se esqueçam de que, se são necessários católicos capazes dentro do integralismo, para assegurar a boa orientação do movimento, não são menos necessários católicos capazes dentro da Ação Católica para que ela seja de fato, como o Papa quer, uma força capaz de cristianizar a sociedade repaganizada. A segunda condição, pois, para que a participação no integralismo seja conveniente para um católico, é que essa participação não desvie da Ação Católica (e suas obras auxiliares: congregações, etc) energias necessárias. (*O Lutador*, 04/08/1935, p. 2).

Mudando de periódico, a investigação conduzida no jornal *O Horizonte* também revelou algumas entradas sobre o movimento integralista brasileiro, todas referentes ao ano de 1934. A primeira, estampada em 11 de janeiro, recebeu o título de *Espiritualidade do integralismo*. A matéria trouxe as palavras de duas das principais lideranças nacionais do movimento do Sigma, Gustavo Barroso e Miguel Reale, que podem ser observadas abaixo:

O Dr. Gustavo Barroso, em Fortaleza, falando sobre a espiritualidade da filosofia integralista, pronunciou estas palavras: “Não temos vergonha de dizer que cremos em Deus, e, por ele, havemos de lutar”. Miguel Reale afirma que o século XX é de síntese. É a época maravilhosa da totalidade. O século XIX foi a contemplação do fragmento. Quis explicar o homem através da parcela. Mas já se foi o tempo da análise. Vergastou parte da alta sociedade de São Paulo, que adotava o regime bolchevista e o prestigiava em toda linha. O comunismo e o liberalismo, irmãos gêmeos do século XVIII, inauguraram, no planeta, uma fase em que predominava o espírito mercantilista. O integralismo não acredita no fatalismo esmagando o ser humano. O homem é a centelha divina na Terra. “A nossa doutrina é uma expressão de valor humano. Queremos dar ao homem o lugar que ele tem no mundo”. (*O Horizonte*, 11/01/1934, p. 1).

Acima, as duas maiores lideranças depois de Plínio Salgado manifestaram o caráter espiritual da filosofia integralista, como o próprio Chefe Nacional havia feito no livro *O que é o integralismo*, e mais uma vez pode ser observada a crítica aos dois maiores adversários do Sigma, “os irmãos gêmeos do século XVIII”: liberalismo e comunismo. Já a segunda matéria publicada em *O Horizonte*

sobre o movimento foi escrita pelo integralista Ramos de Carvalho em 15/02/1934. Carvalho inicia o artigo (que mais se assemelha a um hino de louvor) evocando o tríplice lema integralista e os compromissos dos *camisas-verdes* para cada um deles, nos termos abaixo:

Deus – O integralista ama a seu Deus, com todas as forças de seu coração. Adora-O. Crê e justifica a existência de Ser, Infinitamente superior, que está imanente em todas as coisas, desde as névoas que se concentram ao esfriar da noite até ao pensamento dos poetas. Pátria – O Integralista glorifica e exalta a sua pátria, canta e louva as belezas incomparáveis de sua natureza prodigiosa, a imensidade de seus rios, a variedade de sua flora e de sua fauna, como sabe reconhecer, também, a deficiência de suas vias de comunicação, o atraso de sua instrução, e o abandono em que jazem as modestas mas valorosas populações do “hinterland” brasileiro. Família – O Integralista aplaude e respeita a Família, base de todo o organismo social (*O Horizonte*, 15/02/1934, p. 3).

Finalmente, a investigação conduzida nas páginas de *O Diário* revelou que o integralismo teve uma repercussão abundante e bem detalhada. Sobretudo nos seus influxos em Belo Horizonte, as atividades integralistas foram acompanhadas bem de perto e de forma cada vez mais crescente pelo matutino católico. Por esse motivo, *O Diário* se consubstancia em uma rica fonte de informações, trazendo vários registros sobre a movimentação da A.I.B. e sobre os seus núcleos doutrinários espalhados pela capital mineira. Belo Horizonte foi um importante palco histórico da atuação integralista, contando com a presença, em momentos diversos, de lideranças nacionais e regionais que procuravam cravar em solo mineiro a força do movimento. Na capital, a predominância de uma população com um feitiço religioso mais tradicional, majoritariamente cristã, onde a Igreja Católica gozava de uma influência bem consolidada no meio social, reforçou a penetração do integralismo em busca de quadros militantes e simpatizantes.

Portanto, em função de sua circulação diária e do maior número de páginas disponíveis, *O Diário* pôde reunir uma quantidade de dados acima dos dois periódicos anteriores. Por isso, as informações coletadas sobre o integralismo podem ser divididas em dois blocos: os editoriais, comentários e artigos expressados pelo jornal através de suas páginas de opinião; e as matérias, entrevistas e notas de caráter mais informativo, das quais se podem extrair dados importantes dos atores, das práticas e do cotidiano integralista em Belo Horizonte. Em ambos os tipos de artigo procurou-se coletar elementos reveladores da relação entre integralismo e catolicismo.

Entre os colaboradores do jornal, encontrava-se um integralista chamado Bolívar de Freitas, que em 17/03/1935 escreveu um artigo denominado *O integralismo*. Nele, Freitas afirmava que o integralismo combatia os elementos que provocavam a deterioração da ordem social e moral nação brasileira e buscava restaurar a autoridade, a disciplina, a economia dirigida, a família indissolúvel, a pessoa e a religião. Bolívar também discorreu sobre a relação catolicismo/ integralismo à luz das ideias de Tristão de Ataíde. Mesmo dizendo que o artigo não tinha por finalidade fazer propaganda do integralismo, a disposição favorável ao movimento e às suas posições fundamentais são nítidas já nas primeiras linhas, reproduzidas abaixo:

O movimento integralista é, pelo menos, um movimento simpático. Combate um regime político já quase completamente falido: a liberal-democracia; o sistema econômico que é a raiz de todo o mal-estar dos tempos modernos: o capitalismo; o sistema filosófico mais desastroso para a mentalidade brasileira: a filosofia burguesa [...]; o monopólio da vida natural, da ciência naturalista, da religião naturalista; a atrofiada personalidade e a hipertrofia do indivíduo. [...] Já se vê que não se pode querer mal ao integralismo. [...] Nos três últimos números de “A Ordem”, Tristão de Ataíde vem estudando a posição do católico diante do integralismo. Ele condena a exaltação. Mas também condena e indiferença e a oposição. [...] Apenas procurei mostrar que não há razão para combatê-lo [o integralismo] ou para desprezá-lo. Pode havê-los para não se aderir a esse movimento. Do qual, entretanto, nenhum mal poderá vir para o Brasil (*O Diário*, 17/03/1935, p. 10).

No dia 02/04/1935, na seção de comentários, o jornal estampou uma nota interessantíssima intitulada *O integralismo e a imprensa católica*. Nela, os redatores de *O Diário* procuraram justificar a cobertura detalhada que faziam do movimento integralista e, em tom repreensivo, rebateram as críticas e as acusações dos leitores que apontavam a proximidade e o favorecimento dele nas páginas do jornal. Segue abaixo o texto do comentário:

Uma das preocupações dos caluniadores do integralismo no Brasil, é a de chamá-lo de clericalista, tendo já afirmado o engraçadíssimo cidadão Manoel Rabello que o movimento é dirigido por sua eminência o cardeal D. Leme. Quem possua o bom senso necessário para distinguir as coisas mais simples deste mundo, perceberá sem dificuldade que a missão “política” do sr. Plínio Salgado, nada tem que ver com o papel “religioso” que o cardeal D. Leme deve desempenhar no Brasil. Entretanto, a acusação corrente faz com que, muitas vezes, nós católicos que trabalhamos na imprensa, e sobretudo nós daqui do *O Diário* nos sintamos de certo modo receosos de tocar no assunto, e quando o fazemos, os de fora, os leitores colhem pretexto para dizer que nos tornamos órgão integralista, etc, etc. Uma e outra atitude são erradas. O integralismo é hoje um movimento real, vivo, ponderável, definitivamente integrado na estrutura social do nosso país. E se temos direito e, mais que isto, obrigação, de criticar e acompanhar os passos de uma organização partidária qualquer, quanto mais do integralismo que é um movimento suprapartidário e que tenciona, não apenas assentar na cadeira presidencial alguém que nela não se tenha assentado ainda e deseje fazê-lo, mas promover a mudança do regime colocando o país em bases diversas e prometendo uma nova ordem de coisas no Brasil. Temos, portanto, direito e obrigação de nos preocupar com o movimento integralista, e os leitores nada poderão apresentar como justificativa de sua leviana acusação. A imprensa toda do país, sente-se agora impressionada pelo surto enorme que os soldados do sigma vão tomando em toda a parte. Não é natural que os jornalistas católicos procedam como avestruzes, escondendo a cabeça debaixo das asas para não ver o que se está passando há dois metros de distância. O que nos cumpre, é manter a nossa independência diante de qualquer movimento social ou político. E disto estamos perfeitamente capacitados. Reservamo-nos em qualquer terreno o direito de crítica livre e orientada para a Verdade (*O Diário*, 02/04/1935, p. 2).

Em outro texto do dia 04/07/1935, um colaborador do jornal (E. B. Lott) escreveu o texto *Integralismo e Comunismo*. Apesar do teor crítico às duas ideologias, a diferença de tratamento observada é nítida. O comunismo, capaz “dos mais negros crimes”, foi alvejado de forma muito mais

pesada, chegando-se a afirmar que no Brasil “devem ser dirigidos todos os nossos esforços a fim de aniquilá-los [os comunistas] no seu período de organização”. Sobre o integralismo, Lott declarou que:

O integralismo é uma grande utopia, que todos nós queríamos que se tornasse realidade, mas que dada a índole pacífica e comodista do brasileiro, não pode triunfar em nosso meio político-social. [...] Sendo o integralismo uma sincera ideologia nacional, só conta em seu seio com elementos brasileiros que como o já dissemos, por seu temperamento tradicionalmente pacífico, são infensos a qualquer golpe de violência, indispensável a implantação do novo regime (*O Diário*, 04/07/1935, p. 2).

Os dois últimos editoriais focalizados foram publicados nos dias 13/11/1935 e 23/11/1935. O primeiro, intitulado *Toques de despertar*, chamava a atenção das autoridades governamentais para “o programa de agitações, desordens e arruaças” dos comunistas brasileiros que, a pretexto de combater os integralistas, promoviam a subversão da ordem social. Ao falar sobre os *camisas-verdes*, o editorial fez referências elogiosas:

Com a desculpa de estar combatendo o integralismo, partido político de vida legal garantida pela Constituição e de princípios doutrinários respeitadores dos elementos básicos de qualquer sociedade cristã e civilizada: Deus, pátria e família, os agitadores contumazes vem perturbando a paz das famílias e atiçando a inquietação e o ódio entre as classes proletárias (*O Diário*, 13/11/1935, p. 2).

O segundo editorial, denominado *Falso Dilema*, fazia um alerta contra as confusões de interpretação e os erros de atitudes, “alimentados pela imprensa leiga”, em razão da “ignorância das ideologias em jogo” na arena política brasileira. As “paixões desordenadas” estariam levando a julgamentos equivocados, como no caso do integralismo brasileiro. Isso em função de um requerimento que tramitava no plenário da Câmara Federal pelo fechamento da Ação Integralista Brasileira ou, por medida de equidade, pela reabertura da Aliança Nacional Libertadora. No editorial, podem ser observadas as seguintes palavras:

Nesse movimento, que ora se processa, na Câmara Federal, contra o integralismo, vemos, por exemplo, como a ignorância, a paixão, a cretinice, agitam os deputados. Um grupo de deputados esquerdistas, muitos dos quais comunistas ou simpatizantes do credo de Moscou, em nome de uma falsa liberdade de pensamento, chefiou um movimento contra o integralismo, e, com ares de rábula vitorioso, encostou à parede o governo, pondo-o diante desse dilema: ou fechar a A.N.L. e a A.I.B. ou dar liberdade ampla de propaganda a ambas. [...] Por que a liberal-democracia não indaga, por exemplo, donde tiram os comunistas armas e petardos e bombas para suas agitações? E como fecha as sedes integralistas, se os próprios tribunais do país têm declarado o direito de liberdade dos partidários do Sigma para fazerem a propaganda de suas idéias políticas, dentro das leis que nos regem? (*O Diário*, 23/11/1935, p. 2).

Pelo que foi apresentado é possível perceber como as páginas de *O Diário*, através de seus editoriais e artigos de opinião, deram amplo espaço para a divulgação da doutrina integralista e para

manifestações simpáticas ao movimento. Mesmo que o periódico rebatesse as críticas afirmando que cumpria seu papel jornalístico, a aproximação com o integralismo resta evidente. Diferentes integrantes da AIB tiveram liberdade para manifestar as suas ideias, inclusive figurando entre os colaboradores do jornal. Mas a riqueza de informações contidas nas folhas de *O Diário* não se limita às páginas de opinião. As reportagens de cunho puramente informativo registraram vários dados importantes como as bandeiras integralistas na capital, as entrevistas com lideranças nacionais e regionais, a cobertura de conferências e eventos nos núcleos doutrinários em Belo Horizonte, a inauguração de novas sedes integralistas na cidade, os discursos, declarações e artigos do Chefe Nacional (Plínio Salgado), os nomes dos diversos *camisas-verdes* que atuaram na cidade, enfim, a participação no cotidiano da capital mineira. E para concluir, cabe destacar que a grande maioria das informações coletadas foi referente aos anos de 1935 e 1936, exatamente o período de auge da atuação política da AIB. O ano de 1936 ficou conhecido nos círculos integralistas como o “Ano Verde”. Isso explica que a maior parte das matérias jornalísticas produzidas e, portanto, encontradas, esteja localizada nesse espaço de tempo.

A pesquisa também destacou algumas intervenções do próprio Plínio Salgado nas bandeiras integralistas de que participou em Belo Horizonte. O primeiro registro de *O Diário* refere-se a uma visita feita pelo Chefe Nacional em 30/01/1936. Reportagem publicada no dia seguinte estampou todo o itinerário de Salgado pela capital: chegada na Estação da Central, almoço no Country Club e a conferência na Cúria Metropolitana. Sobre o almoço oferecido, o jornal fez o seguinte registro:

O orador [Plínio Salgado] começa sua oração afirmando ser Minas Gerais o repositório das grandes tradições nacionalistas do Brasil. Diz após da sua emoção em rever esta mesma terra que o recebeu no princípio do seu movimento. Passa em seguida a analisar a situação política nacional para dizer que o integralismo combate o liberalismo para restaurar a verdadeira liberdade, a liberdade cristã, baseada na unidade de pensamento, na unidade de sentimento (*O Diário*, 31/01/1936, p. 8).

Na palestra da Cúria Metropolitana, o periódico destacou que o discurso de Salgado se concentrou no ataque ao comunismo internacional e às suas ramificações no Brasil e na indicação da falência do regime liberal-democrático, a “mãe do comunismo”, segundo suas próprias palavras. No dia posterior, 01/02/1936, *O Diário* publicou uma entrevista exclusiva na qual Plínio Salgado fez interessantes declarações sobre a relação entre integralismo e catolicismo. Quando perguntado como o integralismo encarava o catolicismo, Salgado prestou o seguinte depoimento:

O catolicismo é uma grande força nacional, uma tradição da pátria, uma fonte perene de espiritualidade e delicadeza, de sentimentos nacionais, um princípio de ordem, de equilíbrio, de harmonia e de sabedoria. As relações entre a Igreja e o Estado estão claramente definidas não só nas Diretrizes publicadas pela Secretaria Nacional de Doutrina, há tempos, como também no Manifesto-Programa recentemente lançado à Nação. (*O Diário*, 01/02/1936, p. 3).

Às vésperas das eleições municipais realizadas em 7 de junho de 1936, a capital mineira recebeu outra visita do líder supremo da AIB. Após um longo passeio pela cidade, proferiu discursos nas sedes integralistas provinciais e municipais e, à noite, na Cúria Metropolitana de Belo Horizonte (rua Espírito Santo, nº 1065). E, mais uma vez *O Diário* conseguiu fazer uma entrevista exclusiva com Salgado, sinal de sua boa vontade com o jornal. Mas esta cordialidade não era à toa, já que o diário católico era uma fonte de divulgação e visibilidade maior que qualquer periódico integralista publicado nas terras mineiras. Como exemplo, vale citar que três dias após a sua visita anterior a Belo Horizonte, *O Diário* publicou, em 02/02/1936, na íntegra (ocupando totalmente duas páginas), os estatutos do Manifesto-Programa com que a AIB concorreria às próximas eleições presidenciais marcadas para o início de 1938. No pleito eleitoral belo-horizontino para vereadores e juízes de paz citado acima, o vespertino católico registrou a chapa integralista composta para disputá-lo. O resultado dessas eleições, divulgado pelo jornal dia 21/06/1936, registrou a vitória da Frente Única Municipal (FUM) com a eleição de 9 vereadores, seguida pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) com 5 candidatos e a cadeira restante foi conquistada pelo integralismo. O representante eleito dos *camisas-verdes* foi o prof. Affonso dos Santos. Os integralistas não elegeram nenhum juiz de paz.

Finalizando, é importante destacar que artigos do Chefe Nacional do integralismo também ganharam as páginas do jornal *O Diário*. Em um desses artigos, denominado *O nacional-socialismo e nacionalismo cristão*, ao discorrer sobre as relações entre os poderes público e religioso e a importância das tradições cristãs como fator de equilíbrio social, Salgado afirmou as seguintes palavras:

O Estado tem seus limites, como a personalidade humana tem seus limites. Do mesmo modo, a Religião tem seus limites. Só a inspiração cristã mantém essas relações e os equilíbrios perfeitos. Fora do cristianismo, só pode imperar a violência. Agora, se o Estado se conserva na sua linha precisa; se o Estado reconhece os limites e a área de ação da autoridade religiosa; se o Estado em matéria de educação estabelece um acordo justo entre os seus interesses nacionais e os interesses espirituais da religião; nesse caso toda e qualquer autoridade religiosa que se insurgir, não estará fazendo obra espiritual, porém, politicagem, e da mais barata. Nós, integralistas, que somos coisa absolutamente diferente do nazismo e do fascismo, não nos cansamos de dizer que o nosso fundamento é o fundamento cristão. Repetimos mil vezes que jamais caminharemos num rumo pagão, jamais deixaremos de ser um movimento, preliminarmente espiritual, em seguida, social-revolucionário, e sustentando aqueles dois rumos, colocamos os imperativos da nacionalidade, dentro da qual encontraremos ainda as mais sólidas tradições do cristianismo. [...] estribando-nos nele [sentimentos religiosos do povo brasileiro] que conseguiremos criar o Estado Integral (*O Diário*, 01/03/1936, p. 8).

Por tudo que foi apresentado acima, é possível notar que o movimento integralista teve um amplo espaço de repercussão e divulgação no maior jornal católico mineiro em circulação na década de 1930. Pelas folhas de *O Diário* puderam ser coletados vários dados importantes para resgatar a história do integralismo mineiro, especialmente em Belo Horizonte. A própria riqueza

de informações desse periódico estimula o desenvolvimento de novos objetos à medida que novas janelas temáticas vão se abrindo aos olhos do pesquisador que folheia as suas páginas.

A investigação conduzida sobre o integralismo nas suas relações com o catolicismo mostrou-se especialmente rica em um palco histórico como Belo Horizonte, onde “fundem-se nela, de um lado, os traços bem sedimentados do catolicismo mineiro, tradicionalista, excludente e, de outro, o projeto e a mentalidade modernas que presidiram sua construção.” (MATA, 1996). As características de sua formação, do seu planejamento, do perfil (também religioso) da população nela instalada, do mito da “Minas Católica” que se procurou robustecer, do simbolismo da montanha como calvário, rochedo, fortaleza e reduto dos baluartes da tradição, da Minas do “mártir” Tiradentes, todos esses elementos matizados no contexto metropolitano da capital estabelecerem uma correia de transmissão que favoreceu a difusão do integralismo em Belo Horizonte. Fazendo uma breve digressão sobre o tempo, Delgado afirma que:

[...] o tempo é uma categoria da história plena de múltiplos significados. Sendo substrato é paradoxalmente concreto, pois traduz processos efetivos de movimento e/ou estagnação; de continuidade e/ou ruptura; de inovação e/ou manutenção; de passagem e/ou permanência; de velocidade e/ou lentidão, entre outras inúmeras dicotomias e correlações. (DELGADO, 2004, p. 15).

Ao mesmo tempo moderna e tradicional, urbana e provinciana, de planejamento novo e de costumes antigos, a Belo Horizonte da década de 1930 guardou essas várias dicotomias, esses “substratos da dinâmica histórica”. Uma capital tão fortemente marcada (ou pensada) com essa dimensão da temporalidade era um *locus* frutífero para a divulgação de uma “idéia nova” zeladora dos bastiões da tradição cristã. Assim, pesquisar o integralismo na sociedade belo-horizontina da época foi também operar com os mecanismos que o catolicismo utilizou para expandir a sua influência na esfera pública e na vida social, já que os projetos de ambos se convergiam em determinados aspectos, mesmo quando seus representantes faziam algumas ressalvas. Como pôde ser observado, a proposta integralista de Plínio Salgado, sintetizada no lema Deus, Pátria e Família, procurou não apenas criar um Estado e uma nação integrais, mas um homem integral e cristão, indivisível em corpo e espírito. Fazendo um paralelismo, o belo-horizontino seria ele mesmo uma “fortaleza” dos princípios cristãos, um “rochedo” da fé católica.

O campo de estudos do integralismo é extenso e ainda comporta várias maneiras de se abordar o assunto. Muitas questões ainda estão abertas e merecem atenção dos pesquisadores do pensamento autoritário brasileiro e do pensamento nacionalista/conservador. O tipo de tratamento empregado nesta pesquisa privilegiou as relações do movimento integralista com o catolicismo, utilizando como fonte primária os jornais católicos que circulavam na década de 1930, em Belo Horizonte. Temos consciência de que os recortes temático e metodológico realizados enfocaram determinados aspectos em detrimento de outros. Inclusive, a pesquisa da qual nasceu este capítulo não esgota e estimula as possibilidades de novos caminhos na relação integralismo/catolicismo. Mesmo

dentro da abordagem do integralismo através da imprensa ficaram outras tantas possibilidades a serem desenvolvidas. Dentre algumas, pode-se destacar: a ressonância do integralismo na imprensa laica de Belo Horizonte; a ressonância do catolicismo na imprensa integralista da capital mineira; a ressonância do integralismo nos periódicos comunistas e vice-versa; e, finalmente, até que ponto os estudos eclesiológicos podem contribuir para elucidar a atração dos católicos ao integralismo, na medida em que a visão que a Igreja tem de si produz valores que são norteadores da experiência católica de seus membros. Estas e outras tantas perspectivas analíticas continuam sendo janelas semiabertas aos olhos do pesquisador.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales. *A religião civil brasileira: um instrumento político*. Petrópolis: Vozes, 1981.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil: 1920-1930 (I). *Revista Síntese*, n.10, 61-89, mai/ago, 1977.

DELGADO, Lucília Neves de Almeida. 1964: temporalidade e interpretações. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. de Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

MATA, Sérgio Ricardo da. *A fortaleza do catolicismo: identidades católicas e política na Belo Horizonte dos anos 60*. 1996. 281f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas, entre 1922 e 1936*. Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

SILVA, Leandro Ratton Pires da. *Deus, Pátria e Família: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte*. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *A Igreja de Deus em Belo Horizonte*. [S.l.: s.n.]; 1972.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira. *História das ideias religiosas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968.

ZAGHENI, Guido. *A Idade Contemporânea*. São Paulo: Paulus, 1999. (Curso de história da Igreja; 4).

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: SEUS REFLEXOS EM JUIZ DE FORA¹

MAURÍCIO DE CASTRO CORRÊA²

O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA

A primeira notícia que pudemos localizar em Juiz de Fora sobre o movimento integralista, fundado por Plínio Salgado, foi publicada no jornal *Gazeta Commercial*, em 22 de outubro de 1932:

O Fascismo Paulista

Um Novo Partido de Realidades Nacionais

Reuniram-se ontem em São Paulo, no Club português os outubristas³, sob a presidência do dr. Plínio Salgado. Estiveram presentes cerca de 300 pessoas, que trataram da organização da 'Ação Integralista Brasileira', cuja finalidade é implantar o fascismo no Brasil, adaptando-o às realidades nacionais.⁴

A VISITA DO MINISTRO ALEMÃO E A APOLOGIA AO NAZISMO

No ano seguinte, em junho de 1933, Juiz de Fora recebeu a visita do Ministro alemão Schmidt Elskop. Foram delineadas, então, as primeiras manifestações ostensivas de inspiração nitidamente fascista. Boa parte da imprensa de Juiz de Fora, nessa oportunidade, cobriu Hitler de glórias, como podemos observar no editorial da *Gazeta Commercial*, assinado por Everardo Backeuser⁵:

¹ Reprodução adaptada de: CORRÊA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. IIº Prêmio de Pesquisa DCE, Juiz de Fora, 1973. O trabalho original datilografado está depositado na Biblioteca Redentorista da Igreja da Glória de Juiz de Fora e foi dividido em cinco capítulos: "I – Os movimentos precursores"; "II – O Integralismo no Brasil"; "III – Oposição ao Integralismo"; "IV – O Integralismo em Juiz de Fora"; e "V – Através dos Tempos". Como o objetivo da discussão é trazer à tona questões referentes ao movimento em Juiz de Fora, o texto tem como propósito pautar as análises no resgate do capítulo quatro, que traz informações sobre o movimento na cidade com base na cobertura jornalística feita pelos integralistas e pelos não integralistas. Nas citações optamos pela atualização e adaptação nas novas normas ortográficas.

² Foi jornalista da área de economia nos jornais: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Gazeta Mercantil*. Hoje, edita, em Brasília, o site *Paranoá Energia*.

³ A confusão em torno de chamar os integralistas de "outubristas" está no fato de que aqueles, como esses, propagavam uma política antirregionalista para o Estado brasileiro.

⁴ *Gazeta Commercial*, 22 out. 1932, p. 1.

⁵ Everardo Backeuser foi um dos principais teóricos em educação da Ação Integralista Brasileira.

Hitler e o Comunismo

Em 1914, como impossíveis, por várias causas, contraditas imediatas, a mentira impávida sobre a Terra e houve gente de boa fé que odiou a Alemanha por piamente acreditar nas aleivosias criadas contra ela. Agora, graças a Deus, as coisas se passaram de outro modo. A verdade pode vir à tona, sem dificuldade e rapidamente. E as agências telegráficas não puderam agora, nas costas de Hitler, como em 1914, nas costas do Kaiser, lançar a desonra sobre aquele país. Hitler tomou sobre seus ombros um encargo que é talvez mais útil à França e ao Mundo do que à própria Alemanha. Hitler levantou-se e levantou consigo o povo germânico para quê? Para novas guerras? Não, simplesmente para opor uma corajosa barreira à avalanche comunista que desce de Moscou. Só isto. Mas isto é uma coisa enorme e benemérita. Extravasando da Rússia, o comunismo, à sombra de um mal-entendido liberalismo dos sociais-democratas germânicos, ancorava na Alemanha. As ‘demonstrações’ dos partidos eram tão acintosamente exibidas nas ruas de toda a Alemanha e eu mesmo no meu curto estágio naquele país, em 1928, pude presenciá-las. A ‘Internacional’ era cantada nas ruas e praças de toda a Alemanha com ousadia e desembaraço, e sem peias da polícia. Era preciso, portanto, combater por todos os modos, bravamente, desassombadamente, o comunismo. Foi isto que Hitler prometeu fazer e está, para felicidade do mundo, executando galhardamente sua palavra. É um caso de legítima defesa. Frente a frente a um salteador de pistola em punho, mas aponta o peito; não há lugar para complacências. Ou ferimos rudemente o adversário, jogando-o ao chão, ou seremos mortos. Derrubá-lo ou matá-lo não quiseram tentar os liberais teutônicos e por isto a pontaria já estava feita pelos homens de Liebknechthaus⁶ contra o coração social alemão. Bem haja Hitler por ter desviado o golpe. Não tenho simpatias especiais por esse homem. Mas devo respeitá-lo como defensor do sossego da sociedade, pois que na Alemanha se constituiu em barreira da defesa do capitalismo francês, à atividade fabril da Inglaterra e dos Estados Unidos, aos que labutam em os campos agrícolas de todo o universo. Hitler, em Berlim, é a muralha da Civilização tradicional contra a utopia sangrenta de Lenine. Hitler está se sacrificando em holocausto do bem-estar do Universo. Mal informados, alguns jornais brasileiros se fizeram eco da habilíssima confusão com que os judeus e outros elementos permanentemente antigermânicos procuraram tornar antipática a Alemanha conjuntamente com Hitler que, todavia, visto à sua verdadeira luz, nos aparece como um corajoso paladino da Ordem Social. Felizmente, todas essas coisas já estão esclarecidas.⁷

Está mais do que claro que Backeuser não possuía nenhuma visão histórica, obcecado que estava por um filogermanismo irracional. Como todos os fascistas, carregava a bandeira do anticomunismo para tentar explicar certas aberrações históricas, como o próprio fenômeno hitlerista. Dizer simplesmente, depois, que não se poderia adivinhar o que faria Hitler no poder é incoerente, pois as violências praticadas pelas SA e SS, antes da ascensão de Hitler ao poder, já prenunciavam um difícil futuro.

A visita do Sr. Elskop foi assunto na cidade, durante vários dias, como é comum acontecer nos ambientes provincianos. O mesmo jornal que publicou o editorial de Backeuser – a *Gazeta*

⁶ Karl Liebknechthaus era o maior expoente do movimento comunista alemão, juntamente a Rosa Luxemburgo. Ambos foram assassinados friamente pelo Exército alemão em janeiro de 1919, durante um intenso período de repressão aos “espartaquistas” (da Liga de Spartacus, como se denominava o movimento comunista na Alemanha).

⁷ *Gazeta Commercial*, 14 jun. 1933, p. 1.

Commercial, que, vale a pena lembrar, era o órgão da Associação Commercial de Juiz de Fora – no dia seguinte, trouxe uma entrevista de Joseph Goebbels, concedida ao então Adido Commercial da Embaixada brasileira em Berlim. Nessa entrevista, Goebbels dissertou elogiosamente sobre as relações teuto-brasileiras.⁸ Quanto ao Sr. Elskop, por sua vez, concedeu entrevista exclusiva à *Gazeta Commercial*, em 16 de junho de 1933.

O LANÇAMENTO DA SEMENTE

As referências relativas à visita do Ministro alemão Elskop são necessárias, pois serão despertadas as consciências locais para o fenômeno nazifascista. Essa visita coincidiu com o movimento inicial de propagação das ideias integralistas, tanto que o *Jornal do Comércio* de 13 de julho de 1933 perguntava: “Juiz de Fora terá um núcleo de camisas-verdes?”⁹, noticiava que a Ação Integralista Brasileira estava se estabelecendo em vários pontos do país e que já havia se estabelecido em Minas Gerais, na cidade de Teófilo Otoni, pela ação pioneira de Olbiano de Melo.

Nessa oportunidade, o jornal fazia referência, também, à passagem por Juiz de Fora, de Mello e Plínio Salgado, que se destinavam a Belo Horizonte, onde fundariam núcleos integralistas. Nos dois dias em que permaneceriam em Juiz de Fora, os dois líderes integralistas entabulariam as primeiras conversações para que fosse fundado o núcleo de Juiz de Fora.

AS CONFERÊNCIAS DOUTRINÁRIAS DE GUSTAVO BARROSO

Na fase de propaganda das ideias integralistas, a fundação do núcleo de Juiz de Fora só será impulsionada a partir de três conferências doutrinárias realizadas por Gustavo Barroso, em 20, 21 e 22 de outubro de 1933.

O pioneiro do movimento integralista em Juiz de Fora foi o professor Oscar Machado, então diretor do Instituto Granbery. O Professor Machado cedeu às dependências desse colégio a fim de que Barroso fizesse a primeira conferência em Juiz de Fora, com o título *A inquietação do século XIX e a reconstrução do século XX*.¹⁰

No dia 21, Barroso, ainda no Granbery, dissertou sobre o tema *O sentido novo da política, da educação e da economia*. A última das três primeiras conferências de Barroso em Juiz de Fora foi realizada em 22 de outubro de 1933, no salão de festas do Palace Hotel, intitulada *Liberalismo, comunismo e integralismo*. O conferencista, no final da reunião, proferiu as seguintes palavras, que não deixavam nenhuma dúvida quanto às reais intenções do movimento integralista:

⁸ *Gazeta Commercial*, 15 jun. 1933, p. 1.

⁹ *Jornal do Comércio*, 13 jul. 1933, p. 3.

¹⁰ As conferências realizadas em Juiz de Fora se encontram na íntegra em: BARROSO, 1934.

Mussolini, dominando as discórdias da Itália, adota como sinal o feixe dos litores romanos, o fascio, a reunião das duas caras sobre a proteção do machado. Hitler, salvando a Alemanha do descalabro, ostenta a cruz suástica, expressão do movimento universal, para indicar que os elementos reunidos já se movem devidamente sintonizados. E o integralismo vai buscar na matemática o sigma do cálculo integral, a fim de mostrar que a soma da união e do movimento se faz com as quantidades finitas e não com as infinitas, porque a dessas é o segredo de Deus! (BARROSO, 1934, p. 60).

A vinda de Barroso surtiu o efeito esperado. Assim, no mês seguinte, em 27 de novembro, Salgado chegou a Juiz de Fora com dupla missão: propagar suas ideias por meio de novas conferências doutrinárias e ultimar a fundação no núcleo integralista da cidade. O movimento integralista em Juiz de Fora foi fundado posteriormente à visita de Plínio Salgado, o Chefe Nacional, em dezembro de 1933.

A FUNDAÇÃO DO NÚCLEO DE JUIZ DE FORA

O *Correio de Minas* de 17 de janeiro de 1934, na página 1, deu a seguinte notícia:

Os integralistas agem

Na sede filial da Ação Integralista Brasileira de Porto Alegre, foram inaugurados em grandes solenidades, os retratos do chefe Plínio Salgado, Benito Mussolini e Adolf Hitler. Falaram então vários oradores, sobre as personalidades do ‘chefe’, do ‘duce’ e do ‘führer’. Entre eles, figurava o professor Oscar Machado, diretor do Ginásio Granbery desta cidade.¹¹

A primeira nota da Ação Integralista Brasileira de Juiz de Fora data de 25 de fevereiro de 1934:

O movimento integralista de Juiz de Fora, em consequência de ter sido lançado entre a mocidade estudantina, já no fim do ano, limitou-se, durante o período das férias escolares, a arregimentar os elementos que se identificaram com a causa defendida por Plínio Salgado e a fazer o trabalho de propaganda que as circunstâncias permitiram. Com a chegada de diversos integralistas de destaque que se achavam ausentes, o núcleo local novamente se movimenta no sentido de promover a sua organização definitiva e o prosseguimento de sua campanha cívica. Já está marcada uma reunião geral de propaganda para o dia 28 do corrente, na sede provisória, Galeria Pio X n.º 54; Juiz de Fora, que ouviu a palavra autorizada do Chefe Nacional da AIB e ainda do Dr. Gustavo Barroso, sem dúvida mostrará interesse pelo que os moços integralistas dizem ser o maior movimento cívico da História pátria.¹²

OS PRIMEIROS TEMPOS

No final de março de 1934, retornando de Belo Horizonte, uma caravana integralista formada por Gustavo Barroso, Olbiano de Melo, Madeira de Freitas e Jeováh Motta, chefiada por

¹¹ *Correio de Minas*, 17/01/1934, p. 1.

¹² *Correio de Minas*, 25/02/1934, p. 1.

Plínio Salgado, passou por Juiz de Fora. Contudo, a consolidação do integralismo em Juiz de Fora somente veio em 6 de abril de 1934, quando o professor Oscar Machado tomou posse no cargo de primeiro chefe municipal da Ação Integralista Brasileira. Na reunião de 6 de abril, Machado leu a carta de nomeação que lhe foi dirigida pelo Chefe Provincial de Minas Gerais, Olbiano de Melo. A partir de então, intensificou-se o trabalho de propaganda. Mauro Moreira (Secretário de Finanças) fez uma conferência intitulada *Técnicas da Revolução Bolchevista e os meios de combatê-la*, enquanto Miguel Burnier (presidente do Centro de Estudantes de Juiz de Fora) dissertou sobre *A liberal-democracia e os males que têm causado ao Brasil*.

Todavia, se a propagação das ideias integralistas ficasse restrita às conferências proferidas na sede do núcleo, não alcançaria resultados significativos. Assim é que, depois do aparecimento, no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1934, do jornal *A Offensiva* (principal órgão da Ação Integralista no Brasil), o núcleo local começou a preparar o lançamento de um veículo de propaganda para facilitar a penetração do movimento do *Sigma* nas mais diversas camadas da população juiz-forana.

Junho de 1934 foi um mês de grandes realizações no núcleo integralista de Juiz de Fora. Estava criada a Milícia Integralista, formação paramilitar nos moldes nazifascistas. O primeiro Chefe da Milícia foi Mauro Moreira, que treinava os milicianos no antigo Largo da Alfândega (hoje Praça Antônio Carlos). Na reunião do dia 15 daquele mês, ficou assentada a mudança da sede, agora para uma sede própria, no número 24, sala 1, da galeria Pio X. Na mesma reunião, Arthur Medeiros comunicou o aparecimento do jornal *O Sigma*¹³, órgão de propaganda integralista de Juiz de Fora. *O Sigma* inicialmente foi editado quinzenalmente. Depois, passou a sair semanalmente, sendo apoiado pelos próprios integralistas e por simpatizantes do movimento.

Aqui, deve-se fazer uma ressalva para a organização do movimento integralista. Enquanto outros movimentos fascistas não foram à frente, os integralistas, em pouco tempo, lançaram as bases de sua ideologia em vários pontos do país. Mesmo em Juiz de Fora, deve-se observar que, com poucos meses de fundação, o núcleo local já estava localizado em sede própria e contava com um jornal, além de fazer funcionar todos os seus órgãos.

Em 27 de julho de 1934, apareceu o primeiro número de *O Sigma*, dirigido por Mauro Moreira e Arthur Medeiros, trazendo as seguintes palavras: “O Sigma aqui ficará, à espera dos inimigos, de braços levantados, envergando uma camisa verde e gritando bem alto: – Anauê! Anauê! Anauê!”.¹⁴

De 9 a 14 de julho de 1934, foi realizada a Semana Integralista de Juiz de Fora, que tinha como principal objetivo a intensificação da propaganda na cidade. Esse tipo de trabalho, visando à arregimentação de novos membros, alcançou algum resultado, pois parte da população ficava impressionada com o volume da propaganda que era promovida pelos “camisas-verdes”.

¹³ *Correio de Minas*, 17/06/1934, p. 1.

¹⁴ *O Sigma*, 27/07/1934.

Por outro lado, sendo um movimento que abarcava várias faixas da população, providenciou-se a criação da Juventude Integralista, que se destinava à preparação dos futuros quadros do movimento, agrupando crianças na faixa etária entre 7 e 18 anos de idade. Em Juiz de Fora, a criação da Juventude deu-se no início de agosto de 1934.

Podemos, então, fazer um rápido balanço do que foi o movimento integralista até esse momento. Principiou com conferências de líderes nacionais; depois, seguiram-se as conferências dos primeiros líderes locais. A seguir, a constituição do quadro dirigente; logo após, o surgimento do jornal, da Milícia e da Juventude Integralista.

Em 1935, passado um ano de fundação do movimento em Juiz de Fora, é iniciado pelos “camisas-verdes” um intenso trabalho de propaganda:

AOS JUIZ-FORANOS

Juiz de Fora se tem orgulhado de ser a vanguarda das boas causas [...] precisa, nesta fase histórica da nossa nacionalidade, levantar-se para defender o sagrado patrimônio de nossa Pátria, que a liberal-democracia deixa periclitando nas mãos dos comunistas. É preciso sentir para compreender os sentimentos que se aninham no peito dos camisas-verdes.

Juiz-foranos, unamo-nos sob a bandeira do Sigma, para o bem do Brasil. Gustavo Barroso lançou a ideia integralista nesta gloriosa Princesa de Minas e ela tem florescido, embora acessada pelo vendaval terrível da indiferença de muitos, mostrando, deste modo, que nem tudo está perdido.¹⁵

MUDANÇA DE CHEFIA

Oscar Machado deixou a Chefia Municipal em setembro de 1934, transferindo-se para o Rio Grande do Sul, onde assumiu a Secretaria Provincial de Estudos. O novo chefe, Cyro Gusmão¹⁶, tomou posse somente no dia 29 de dezembro de 1934. Durante esse intervalo, Oscar Andrade, que era Secretário Municipal de Finanças, assumiu interinamente o controle do movimento em Juiz de Fora. Em 1935, durante o período da nova Chefia, a Milícia Integralista deixou de existir, por ato de 10 de março, do Chefe Nacional, sendo substituída pela Escola de Educação Física.

Com a nova Chefia, o núcleo prosseguiu com suas atividades doutrinárias, recebendo a visita do Chefe Provincial em Minas Gerais, Olbiano de Melo, em 6 de abril de 1935. Acompanhando Mello, estava o Secretário Nacional de Imprensa da Ação Integralista Brasileira, San Thiago Dantas. Os dois importantes líderes do movimento realizaram conferências em Juiz de Fora. No dia 6, no antigo cinema Glória, Olbiano de Melo afirmou que “[...] o integralismo não está fora da Lei; a Lei é que está fora do integralismo, porque a Lei que combate ou procura entravar um movimento que se bate por Deus, pela Pátria e pela Família, pela Ordem e pela Disciplina, é uma Lei contra todo o bom senso.”¹⁷

¹⁵ *O Sigma*, 01/01/1935, p. 1-4.

¹⁶ Cyro Gusmão prestou o juramento integralista em 1.º de setembro de 1934.

¹⁷ *Correio de Minas*, 08/04/1935, p. 5.

San Thiago Dantas, por sua vez,

[...] discorreu sobre a evolução social, econômica e religiosa da Idade Média até os nossos dias, descrevendo o advento, o apogeu e a decadência da liberal-democracia. Analisou todas as causas desta decadência e, sob os aplausos da assistência, chegou à conclusão que já não podemos viver sob o regime liberal.¹⁸

No dia seguinte, 7 de abril, ambos realizaram novas conferências no também extinto cinema Popular. Entrevistado pelo jornal *Correio de Minas*, Olbiano de Melo declarou: “[...] a minha impressão sobre Juiz de Fora não pode ser melhor. Estou certo de que a Manchester Mineira será um dos grandes baluartes do movimento no Brasil, haja vista a perseverança, o bom espírito e a convicção de seus atuais camisas-verdes.”¹⁹

A RÉPLICA AO GENERAL

Em 17 de abril de 1935, numa entrevista concedida ao jornal *Correio de Minas*, o então Comandante da Quarta Região Militar, General Franco Ferreira, ao referir-se à questão suscitada pelo reajustamento salarial dos militares, fez declarações contrárias ao movimento integralista, despertando um enérgico protesto do Secretário de Propaganda da Ação Integralista de Juiz de Fora, Arthur Medeiros, que foi dirigido ao *Correio*:

Da Secretaria Municipal de Propaganda do Núcleo Integralista
Sr. Redator²⁰

Lendo a entrevista que o General Franco Ferreira concedeu ao vosso conceituado vespertino, no dia 17 do corrente, sobre o reajustamento militar, fiquei grandemente surpreendido com o tópico em que o referido militar aborda a atitude do integralismo em face daquela momentosa questão. Diz o general: – ‘É possível que os comunistas e os integralistas, aproveitando-se do fato, procurem insuflar nas classes armadas suas teorias subversivas. Eles não perdem oportunidade...’ Só aquelas que desconhecem os princípios norteadores das correntes que se batem pela mudança do estado de coisas em que ora nos encontramos, poderiam lançar semelhantes incongruências. Colocar o integralismo e o comunismo no mesmo pé de igualdade é querer jungir na mesma canga o bem e o mal, a água e o fogo, Deus e Satanás. Dizer que pregamos ideias subversivas é confessar que ignora as mais rudimentares noções de um movimento que está empolgando a opinião nacional. Ora, não acreditamos que um general comandante de uma região militar do Brasil mereça dos brasileiros tão lamentável conceito. Julgamos até que o general Franco Ferreira tenha dito semelhante coisa num momento de irreflexão ou de exaltação. O Brasil está cansado de saber quem são os que procuram os quartéis para pregar ideias subversivas, para lançar a mocidade dos exércitos nas lutas fratricidas e sangrentas a fim de assegurar a grupos regionalistas, a políticos desalmados e egoístas, o mando supremo da Nação e

¹⁸ *Correio de Minas*, 08/04/1935, p. 5.

¹⁹ *Correio de Minas*, 08/04/1935, p. 5.

²⁰ Arthur Medeiros era Secretário de Propaganda da Ação Integralista Brasileira, sendo também o Redator de *Correio de Minas*. A carta, assim enviada por Medeiros para o Redator de *Correio*, curiosamente, foi remetida para ele mesmo.

dos cofres do erário público: os liberais-democratas e seus pseudoamigos²¹ na luta que nos movem, os comunistas. Nunca fomos aos quartéis. A mocidade dos quartéis é que vem até nossos núcleos retemperar-se no espírito sagrado de ordem de disciplina, de hierarquia e de nacionalismo que os liberais-democratas não se cansam de destruir neles. Sim, o general Franco Ferreira tem razão de dizer que não perdemos oportunidade. Nunca nos cansaremos de incutir na mente de todos os brasileiros os preceitos da moral teísta, o respeito pelas instituições matrimoniais e o culto sagrado e real de uma Pátria unida, respeitada e acatada por nós e pelas nações do Universo. É essa a réplica da mocidade às palavras impensadas do general Ferreira. Grato, senhor Redator, pela publicação destas linhas. Pelo bem do Brasil. Arthur Medeiros, Secretário Municipal de Propaganda.²²

A CIDADE VERDE

Em fins de maio de 1935, a cidade de Juiz de Fora apresentava uma moldura nitidamente integralista, segundo a descrição de jornal da época:

A cidade amanheceu ontem festivamente ornamentada. Em todos os postes da rua Halfed, havia escudos do Sigma ladeados por palmeiras. Na galeria, um grande cartaz saudava o chefe dos integralistas com o 'Anauê' de seus partidários. Em diversos edifícios da cidade, tremulava a bandeira alvianil do Sigma, ladeando o pavilhão nacional. Milhares de prospectos foram distribuídos em profusão por todos os recantos da cidade, nos bairros, nas portas das igrejas, no centro da cidade e na feira. Em todas as rodas, o assunto obrigatório era o integralismo e a conferência da tarde. Desde sábado começavam a afluir as caravanas integralistas. A primeira a chegar foi a de Belo Horizonte. Nela, tomavam parte as autoridades máximas do integralismo em Minas Gerais. Ontem, pela manhã, chegou a 'bandeira' de Leopoldina. Logo após, chegava outra caravana não menos numerosa de Santos Dumont, chefiada pelo industrial Boecke. Também de Barbacena e Matias Barbosa vieram numerosas bandeiras. Às 12:30 foram recebidos, sob 'Anauês' os integralistas de Petrópolis, Rio de Janeiro e Niterói. Com todas as honras de estilo, foi recebido pelos camisas-verdes locais o Secretário Nacional de Educação, Sr. Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras. Logo após, houve grande desfile pela rua Halfed. Na conferência, falaram Gustavo Barroso, Raimundo Padilha (Chefe de Petrópolis) e o dr. Cyro Gusmão. Na ocasião, 62 novos membros prestaram o juramento.²³

A 17ª REGIÃO

A 17ª Região da Ação Integralista Brasileira, em Minas Gerais, compreendia os municípios de Juiz de Fora, Matias Barbosa, Santos Dumont, Lima Duarte, Mercês, Rio Pomba, Ubá, Guarani, Rio Novo, São João Nepomuceno, Bicas, Mar de Espanha e Guarará. Era governador da 17ª Região, Severino Buettemuller, que também ocupou o cargo de Secretário Municipal de Educação do núcleo de Juiz de Fora e o alto posto de Chefe Provincial do Estado do Pará.

²¹ Em abril de 1935, a frente ampla formada pela Aliança Nacional Libertadora já estava constituída.

²² *Correio de Minas*, 22/04/1935, p. 2.

²³ *Correio de Minas*, 27/04/1935, p. 1.

O NÚCLEO DE PAULA LIMA

O núcleo de Paula Lima estava subordinado ao de Juiz de Fora. Quanto à instalação e funcionamento deste núcleo, não temos muitas informações, em virtude da sempre observada carência de fontes. Contudo, o *Correio de Minas* publicou a seguinte nota:

Domingo último (1.º de novembro de 1935) seguiu para Paula Lima uma numerosa bandeira²⁴ de integralistas, organizada pela Secretaria Municipal de Propaganda desta cidade, que ali foi instalar o núcleo daquele florescente distrito. Três caminhões superlotados conduziram os camisas-verdes que foram recebidos pela população de Paula Lima com as mais inequívocas provas de simpatia. Falara os camisas-verdes: Luiz Moreira Bartholo, Wilson de Lima Bastos, Sebastião de Oliveira Salles, Abel Rafael Pinto e Juvenal Costa. Por último falou o Dr. Severino Buettemuller, Secretário Municipal. De Educação que deu como instalado o núcleo de Paula Lima. Perto de 40 pessoas se inscreveram.²⁵

A outra informação que recolhemos com relação ao núcleo de Paula Lima é a seguinte:

Escola 7 de outubro

O núcleo distrital de Paula Lima vem encetando, de há muito, um programa de realizações notáveis: ainda agora, compreendendo que o problema educacional é um dos fundamentais do Brasil, inaugurou a sua escola de alfabetização, à qual foi dado o nome do dia do lançamento do movimento do Sigma. Está a cargo do companheiro José Prudente a direção da mesma.²⁶

O NÚCLEO DE SANTOS DUMONT

Santos Dumont, com 600 membros (em janeiro de 1937), foi o mais importante núcleo da 17ª Região, depois de Juiz de Fora. A Chefia Municipal daquele núcleo estava a cargo do industrial Pedro Boecke:

Cultuando a memória de Santos Dumont

Por ordem do Chefe Municipal, reuniram-se a 23 deste 'dia da asa', em Santos Dumont, terra que viu nascer o Pai da Aviação, os integralistas da 17ª Região de Minas, que em tocante solenidade levada a efeito na noite daquele mesmo dia, no núcleo daquela cidade, comemoraram condignamente a grande data. Representou o Chefe Nacional o companheiro deputado Jeováh Motta, tendo sido o Chefe Provincial representado pelo companheiro Lafayette Soares Pereira. Como orador oficial da solenidade, falou o companheiro San Thiago Dantas, Secretário Nacional de Imprensa [...] A fim de tomar parte nas homenagens prestadas a Santos Dumont, seguiu para a vizinha cidade, dia 23, à noite, a nossa Escola de Educação Física e Cívica, com um número aproximado de 120 homens.²⁷

²⁴ "Bandeiras" era como se chamavam as caravanas integralistas que iam de cidade para cidade, principalmente, com fins de propaganda.

²⁵ *Correio de Minas*, 12/11/1935, p. 2.

²⁶ *O Sigma*, 26/01/1937, p. 2.

²⁷ *O Sigma*, 27/10/1936, p. 4.

Pela ação direta do núcleo de Santos Dumont, foi instalado um núcleo integralista na pequena localidade de Dores do Paraibuna, situada naquele município:

Os camisas-verdes visitaram aquele próspero distrito, domingo p.p. para presenciarem a inauguração da nova sede do Núcleo local. A 'bandeira' dos integralistas de Santos Dumont, composta de quase 40 companheiros, chegou a Dores à 1 hora da tarde, sendo festivamente recebida [...] Foi iniciada a sessão doutrinária, precedida pela inauguração do retrato do Chefe Nacional, de acordo com o ritual integralista. Em eloquentes orações falaram então ao povo os companheiros Henrique da Rocha Freire, Hilda da Rocha Freire e Cesário Dulce, todos Secretários Municipais de Santos Dumont. Após a palavra dos oradores integralistas, teve lugar então a cerimônia de juramento dos novos companheiros.²⁸

Logo após a visita dessa caravana a Dores do Paraibuna, os integralistas de Santos Dumont lançaram as bases do núcleo de São João da Serra:

Domingo p.p. de 29 de novembro, a Secretaria Municipal de Propaganda de Santos Dumont, a cargo da esforçada companheira Hilda Rocha Freire, promoveu uma excelente 'bandeira' ao populoso distrito de São João da Serra. Não obstante quase nenhuma propaganda ter sido feita previamente, a sessão realizada na Serra teve uma numerosa assistência. Em palavras eloquentes, falou inicialmente ao povo de São João da Serra o companheiro Dr. Mário de Oliveira Neves, dissertando sobre o comunismo. Em seguida, a Secretária Municipal de Propaganda Hilda Rocha Freire produziu uma feliz oração, em que retratou ao vivo as misérias do regime liberal-democrático. Encerrando a reunião, falou o representante do Chefe Municipal, companheiro Cesário Dulce, que discorreu sobre diversos pontos da doutrina integralista.²⁹

A localidade de Ewbanck da Câmara também foi objeto de propaganda fascista:

Ewbanck da Câmara foi um lugar onde o integralismo vinha lutando há mais de um ano, num indiferentismo quase desanimador. Ali, íamos todas as semanas, mostrar aqueles brasileiros o único caminho para a salvação de nossa Pátria, e somente agora é que colhemos os primeiros frutos de nosso esforço, pois conseguimos que 28 brasileiros se inscrevessem nas fileiras do Sigma. No sentido de dar maior impulso àquele Núcleo Distrital, organizamos uma 'bandeira', no dia 27 de dezembro p.p. composta de 42 integralistas e 70 plinianos; esses, comandados pelo companheiro José Gonçalves Dias, desfilaram pelas ruas de Ewbanck da Câmara com garbo e disciplina [...] Encerrando a reunião, falou o chefe municipal do Núcleo de Santos Dumont, companheiro Pedro Boecke, que em entusiásticas palavras, historiou o nosso movimento, mostrando aos brasileiros que nos ouviam o esforço heroico desse grande patrício que é o nosso Chefe, no sentido de despertar no coração dos filhos desta grande Pátria, o amor patriótico. Como de costume, foi cantado o Hino Nacional.³⁰

²⁸ *O Sigma*, 01/12/1936, p. 2.

²⁹ *O Sigma*, 08/12/1936, p. 2.

³⁰ *O Sigma*, 12/01/1937, p. 2.

O NÚCLEO DE MERCÊS

Também o município de Mercês estava subordinado à jurisdição da 17ª Região da Ação Integralista, em Minas Gerais. Sobre este Núcleo recolhemos a nota que se segue:

Posse do secretariado

Em viagem de inspeção, esteve em visita à cidade de Mercês, o companheiro Severino Buettemuller, governador da 17ª Região [...]. No dia 1.º do corrente, realizou-se na sede do núcleo, uma sessão solene, para a posse dos novos secretários municipais. Às 20 horas, o salão do núcleo estava repleto, quando o Chefe Municipal, Amadeu Bozo, abriu a sessão, convidando para presidi-la o Governador da Região. Em seguida, foram lidos os decretos do Chefe Municipal, nomeando para os cargos de Secretário Municipal de Propaganda, o companheiro Orestes Barros de Almeida, de Secretário Municipal de Serviços Eleitorais, o companheiro José Carlos Motta; de Secretária Municipal de Arregimentação Feminina, a companheira Rachel Garcia de Almeida; de Secretário Municipal de Finanças, Francisco de Paula Cunha.³¹

IRRACIONALISMO

Como resultado do intenso trabalho de propaganda, os integralistas de Juiz de Fora arregimentavam sempre novos membros para o núcleo local, fazendo com que a sede da Galeria Pio X, n. 24, sala 1, não comportasse mais o número de membros do movimento. Assim, em junho de 1935, a Ação Integralista mudou o local de sua sede, transferindo-se para a Rua Halfed, n.º 405, onde funcionava o Clube dos Planetas.

Nesse ínterim, a oposição ao integralismo fora calada, com o fechamento da Aliança Nacional Libertadora. Ficava, dessa forma, a Ação Integralista, inteiramente livre para desenvolver suas ideias totalitárias. Porém, vencida a oposição da Aliança Nacional Libertadora, surgiram outros focos de oposição ao fascismo caboclo. Esses fragmentos de contrariedade davam origem a enérgicos protestos dos representantes integralistas, chamados, pelos seus adversários, de *galinhas-verdes*:

Um protesto de alguns representantes da mocidade estudantina

Tendo sido distribuído, nesta cidade, um boletim anônimo, em que se procura conclamar os estudantes de Juiz de Fora para o ‘movimento liberal anti-integralista’, nós, mocidade estudantina de Juiz de Fora, vimos, em nome da dignidade dos moços desta terra, intimar os dirigentes daquele movimento a assinarem o que escreveram, como nós agora o fazemos; pois, até agora, não os acreditamos estudantes nem homens dignos: são da escola de Assis Chateaubriand, da escola dos que usam da mentira, da calúnia, do anonimato, para encobrir os seus fins comunistas; são dos que escrevem, a pixe, nos muros da cidade, ‘morra o integralismo, viva Prestes’; são aqueles que figuram na Aliança Nacional Libertadora e que, por isso, perseguem o integralismo, único empecilho aos seus fins bolchevistas. Que

³¹ O Sigma, 09/11/1936, p. 2.

o *Diário Mercantil* retire o título: *Une-se a mocidade culta*. Não sabemos quem se reúne, pois não assinaram. Nós, estudantes, lhes negamos a qualidade de estudantes; também lhes negamos a cultura, coisa incompatível com a imbecilidade de atitudes. O 'Diário Mercantil' veicula todas as notícias referentes a esse movimento contra o Sigma e chefia essa campanha covarde nesta cidade. Tem razão. Até hoje, o Sr. Chateaubriand não provou a procedência dos seus dinheiros. Convidamos todas as pessoas sensatas a não mais comprarem esse jornal mentiroso, *órgão do comunismo* [grifo nosso]. E se esses pseudoestudantes o são de fato, e têm a cultura que apregoam, venham contra nós, dentro de nossas próprias escolas porque **CULTURA SE PROVA!**

Por Deus, pela Pátria e pela Família. Juiz de Fora, 20 de junho de 1936. (ass.) Abel Rafael Pinto (Instituto Comercial Mineiro), Geraldo Barroso Rodrigues (Colégio São José), Manoel Augusto Torres (Academia de Comércio), Luiz Milazzo (Granbery), Wilson de Lima Bastos (Escola de Medicina), José Joaquim Monteiro de Castro (Escola de Engenharia), Geraldo Monteiro de Castro (Escola de Veterinária) e Ricardo Arcuri (Escola de Odontologia).³²

O irracionalismo no manifesto acima é mais do que patente. Afinal, chamar o *Diário Mercantil* de "órgão do comunismo", realmente, não é consequência de uma situação normal. O fanatismo direitista chegou a tanto que se fizeram afirmações dessa natureza, confundindo completamente as preferências ideológicas de cada segmento. Uma afirmação totalmente sem sentido, destituída de toda e qualquer veracidade.

Outro manifesto que demonstra forte oposição aos integralistas e convoca a "mocidade" a lutar contra o movimento foi redigido por membros da União Democrática Estudantil de Juiz de Fora. O documento direciona um apelo aos estudantes "mineiros" para que defendam a democracia, a liberdade e a cultura, inadmitindo a submissão de pensamento ao Chefe.

INTERVALO

Em 7 de julho de 1936, Carmela Salgado, mulher de Plínio Salgado, fez uma conferência na sede do núcleo integralista local, abordando o aspecto da mulher inserida no Estado integralista.

Em outubro do mesmo ano, Paulo Japiassu, Secretário Municipal de Imprensa, assumiu, em caráter provisório, a chefia do núcleo de Juiz de Fora. No final desse mês, nunca se descuidando de trazer a Juiz de Fora os maiores teóricos do movimento, os integralistas trouxeram, mais uma vez, o Secretário Nacional de Imprensa, San Thiago Dantas, que fez nova conferência, no dia 26. Vez por outra, surgiam conflitos dos integralistas com seus adversários, dando margem ao lançamento de reptos:

Repto

A União Democrática Estudantil de Juiz de Fora voltou. Com a mesma ignorância e irresponsabilidade. Eu sou estudante noturno. Modesto, embora, mas representando os machadenses (Instituto Comercial Mineiro), não pela Diretoria, mas pelos alunos. Repto, portanto, à tal União Democrática Estudantil para um encontro inteligência contra

³² *Correio de Minas*, 23/06/1936, p. 6.

inteligência, cultura contra cultura. Ela que fala tanto em cultura, não pode deixar de aceitar este repto. Faça sua reunião, onde quiser. E eu comparecerei. Já sei, porém, de antemão, que não aceitarão. São covardes: – este é o segundo repto.

Juiz de Fora, 24 de outubro de 1936.

(ass.) Abel Raphael Pinto.³³

Em 20 de novembro de 1936, por ato do Chefe Provincial de Minas Gerais, Antônio Procópio Teixeira tomou posse no cargo de Chefe Municipal da Ação Integralista Brasileira de Juiz de Fora, cargo que exerceria até o fechamento do movimento, em 3 de dezembro de 1937.

A PROPAGANDA NO CINEMA

As sessões doutrinárias não se resumiam às conferências. Os meios de comunicação eram largamente empregados, utilizando-se, inclusive, o cinema. Eis como *O Sigma* noticiou uma sessão dessa natureza realizada em novembro de 1936:

Sigma-Film

Realizou-se quarta-feira passada, no cinema São Matheus, a esperada sessão cinematográfica integralista. Foi uma empolgante demonstração de pujança dos camisas-verdes. O companheiro Fritz Rummert, confeccionador das fitas integralistas e Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia, proporcionou aos camisas-verdes desta cidade duas horas de intensa vibração integralista. O programa foi o seguinte:

- festejos do aniversário da Província da Guanabara;
- concentração de Inhomirim, Província da Guanabara;
- a grande concentração em Paraíba do Sul;
- visita do Chefe Nacional a Porciúncula (RJ);
- visita do Chefe Nacional a Pureza, Província fluminense;
- festejos do centenário de Carlos Gomes, em Campinas;
- vários aspectos do movimento integralista na Bahia.³⁴

SOLENIIDADES

Em 27 de novembro de 1936, um ano após o levante aliancista, a Ação Integralista Brasileira realizou uma solenidade, na sua sede, para “relembrar o sacrifício de um punhado de bravos soldados e oficiais do Exército, em defesa da integridade da Pátria quando agredida pelos asseclas de Moscou”.³⁵ Naquela época, eram justificados tais disparates. Hoje, porém, sabe-se perfeitamente, depois do depoimento de Agildo Barata, que a morte da maioria dos oficiais e praças do 3.º RI não foi ocasionada pelas lutas internas dentro do quartel e, sim, pelos pesados bombardeios empreendidos pelas forças governistas, a fim de sufocar o levante.

³³ *O Sigma*, 27/10/1936, p. 1.

³⁴ *O Sigma*, 24/11/1936, p. 3.

³⁵ *O Sigma*, 01/12/1936, p. 1.

Em agradecimento à solenidade de 27 de novembro, o Ministro da Guerra enviou o seguinte telegrama para o Chefe Municipal da AIB:

Quartel General-Rio, 224/20 – Oficial
Antônio Procópio Teixeira
Juiz de fora
Nome Exército agradeço homenagem memória camaradas tombaram dia 27 PT Cordiais
Saudações PT General João Gomes.³⁶

Na sessão doutrinária de 5 de dezembro de 1936, o Secretário Assistente de Plínio Salgado, Loureiro Júnior (que, por sinal, era genro do Chefe Nacional) esteve presente. A vinda de Loureiro Júnior a Juiz de Fora se devia ao fato de que ele seria o advogado de defesa do investigador Manoel Rios.³⁷

Sobre o julgamento de Rios, *O Sigma* pronunciou-se da seguinte maneira:

Manoel Rios foi absolvido e nem outro poderia ser o veredito do júri; condenar-se um defensor da ordem pública que, no seu honroso e quão arriscado ministério, teve a sua vida por um fio na defesa da lei, seria condenar-se todo o nosso aparelho policial, seria o desprestígio e o desacato a esses compatriotas que com todos os riscos, em troca de minguada remuneração, zelam pelos nossos lares.³⁸

Em janeiro de 1937, os integralistas iniciaram a Campanha do Ouro para “salvar” as finanças do Brasil. Para motivar a Campanha do Ouro em Juiz de Fora, compareceu ao núcleo local o representante do Chefe Nacional, Jair Tavares. Assim se referiu *O Sigma* a respeito dessa campanha:

Depois de discursar brilhantemente sobre a situação angustiosa do Brasil, Jair Tavares falou sobre a campanha financeira e lançou a Campanha do Ouro, que foi recebida entusiasmamente pelos presentes, contribuindo os camisas-verdes e vários simpatizantes com as suas quotas de sacrifício.³⁹

O COMEÇO DO FIM

O ano de 1937, último da Ação Integralista Brasileira na legalidade, já não foi tão fácil para o movimento. As forças da oposição ao integralismo, em Juiz de Fora, despontavam com mais clareza. Sinal de guerra aberta ao integralismo foi o editorial publicado na primeira página da *Folha Mineira*, de 21 de agosto de 1937:

³⁶ *O Sigma*, 08/12/1936, p. 4.

³⁷ No dia 9 de novembro de 1935, há poucos dias da insurreição aliancista, foi assassinado em Juiz de Fora o contador Luiz Zuddio, da Aliança Nacional Libertadora, pelo investigador Manoel Rios. Zuddio era contador, formado pelo Instituto Comercial Mineiro. Casado com Áurea Novaes Zuddio, ao morrer, deixou sete filhos. [...] Segundo declaração do Sr. Delegado João L. A. Valadão, Zuddio teria 20 entradas na política, por motivos políticos. Cf. *GAZETA COMMERCIAL*, 10 nov. 1935, p. 3. Quanto a Manoel Rios, este, por coincidência, foi defendido por Loureiro Júnior [...] em julgamento ocorrido no início de dezembro de 1936. O veredito final foi a absolvição. No Capítulo III – Oposição ao Integralismo, do estudo original de 1973, informações mais detalhadas podem ser consultadas sobre a Aliança Nacional Libertadora em Juiz de Fora.

³⁸ *O Sigma*, 15/12/1936, p. 1.

³⁹ *O Sigma*, 19/01/1937, p. 3.

Contra o perigo do extremismo verde

A exemplo do que fez contra o comunismo, quando o perigo vermelho ameaçava subverter a ordem pública, pondo em perigo o regime sob o qual vivemos e que mais se coaduna com a índole e o temperamento de nosso povo, é necessário que todas as forças liberais democratas da nação se arregimentem neste momento, em combate ao integralismo que se apresenta mais violento e ameaçador por força de sua inegável organização, que o próprio comunismo. Convencido de que a luta das urnas lhe será desfavorável, o Sr. Plínio Salgado, dizendo-se 'emissário de Deus', está pondo os fanáticos que o obedecem cegamente a serviço da subversão da ordem pública, seja distribuindo boletins, insultos e depredando edifícios públicos, no intuito de criar confusionismo, seja agredindo na calada da noite os brasileiros que não acreditavam no milagre signoide. Diariamente, os jornais de todo o Brasil nos dão notícias das façanhas plinianas, sem que o governo da República tome as providências enérgicas que se fazem necessárias. Cumpre, pois, aos liberais-democratas, aqueles que não desejam ver a nossa pátria transformada numa colônia nazista, reagir energicamente contra o fanatismo dos camisas-verdes, dando-lhes o corretivo que a sua insolência está a exigir. Nesse sentido, conclamamos todos os liberais-democratas de Juiz de Fora, desta ou daquela corrente partidária, para que formem um bloco homogêneo capaz de evitar que os integralistas tentem fazer em nossa cidade o que já estão fazendo na calada da noite, os fanáticos de Plínio Salgado, apesar da sua ridícula minoria, serão capazes de tudo. É necessário, portanto, no momento oportuno, reduzi-los a sua insignificante posição no cenário da política municipal, dando um exemplo aos outros municípios e outros estados. É necessário convencê-los, de qualquer forma, que são retardatários porque a época do fanatismo já passou.⁴⁰

O SONHO ACABOU

No dia 2 de dezembro de 1937, pelo Decreto-Lei n.º 37, a Ação Integralista Brasileira foi dissolvida, como todos os partidos políticos. Em Juiz de Fora, a polícia, representada pelos delegados João Luiz Alves Valladão e Pedro Vieira Mendes, dando cumprimento ao decreto-lei mencionado, fechou a sede local da AIB, no dia posterior à edição do documento, na presença do último chefe municipal integralista, Antônio Procópio Teixeira.

Novas manifestações envolvendo integralistas em Juiz de Fora ocorrerão somente depois da tentativa de assassinato de Getúlio Vargas, em maio de 1938, no Rio de Janeiro. Em Juiz de Fora, muitos integralistas foram presos, inclusive Raimundo Padilha, recambiado de Além Paraíba, onde havia sido preso após se esconder desde março. Terminava o sonho verde em Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. *O integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

CORRÊA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. IIº Prêmio de Pesquisa DCE, Juiz de Fora, 1973.

⁴⁰ Folha Mineira, 21/08/1937.

JORNAIS

- Correio de Minas, Juiz de Fora, 1934-1936.
- Folha Mineira, Juiz de Fora, 1937.
- Gazeta Commercial, Juiz de Fora, 1932-1933, 1935.
- Jornal do Comércio, Juiz de Fora, 1933.
- O Juvenil, Juiz de Fora, 1934.
- O Sigma, Juiz de Fora, 1934-1937.

ANEXO 1 - PRIMEIRA PÁGINA DE O SIGMA, ÓRGÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA DE JUIZ DE FORA, EDIÇÃO DE 1.º DE JANEIRO DE 1935.

Brasil, levanta-te! Caminha enquanto é tempo!...

UMA PÁGINA DE PINHO SALGADO

(Do livro "O que é o Integralismo")

O Integralismo pretende, antes de tudo, libertar o Brasil de fórmulas ideológicas vãs de sentido prático, segundo as quais se tem submetido a nossa vida nacional a um critério de abstração, que não encontra o menor fundamento na realidade.

O Integralismo quer realizar a verdadeira democracia, que é a democracia de fato, e não a de nome.

O Integralismo, acelerando a penuração do plebiscito revolucionário na História, como expressão das tendências unitárias da humanidade, deseja transportar este plebiscito para o âmbito do Estado, de modo a evitar que se tornem e se regenerem duas forças autônomas: a do Estado e a da Sociedade.

O Integralismo objetiva, em contraste com a liberal-democracia:

- 1.) Identificar o Estado com a Nação;
- 2.) Substituir a lei de classe (poderes e salários) ao supremo critério da Pátria;
- 3.) Substituir a produção aos interesses nacionais;
- 4.) Impor às Províncias um plano uniforme de política nacionalista, visando a unidade da Pátria;
- 5.) Traçar nitidas linhas à autonomia política das unidades federativas e aos municípios, componendo as Províncias Integralistas;
- 6.) Reformar de alto a baixo o ensino, criando a Universidade, segundo o conceito filosófico e político do regime integral, moralizando os cursos de humanidades e imprimindo um caráter de extrema brasilidade à escola-pátria;
- 7.) Disciplinar o crédito, nacionalizar o aparelhamento bancário;
- 8.) Dar a maior amplitude à ação educativa nacional, armando o Ministério respectivo da capacidade de ação necessária;
- 9.) Reprimir o comunismo, não pelos métodos de violência da polícia liberal-democrática, que hipocritamente massacrava os pobres proletários enquanto protegia os comunistas de colarinho, mas pela ação energética contra os responsáveis intelectuais na propaganda desnationalizadora do bolchevismo, inimigo do Brasil, na medida em que tal deve ser considerado, perdendo os cargos que ocupam e abandonando a comunidade brasileira;
- 10.) Reprimir os abusos do capitalismo, sua ingenuidade e o "Wage-Slaves" Estado, sua covardia, para com as massas proletárias, sua ganância, sua avareza, e a repressão que exerce contra os produtores;
- 11.) Substituir o comunopolitismo, o anablismo, as imitações dos costumes estrangeiros, o viciado materialista das classes burguesas, ensinando-as a amar o Brasil, a cultivar a Pátria, pela razão ou pela força;
- 12.) Fundar toda a moral brasileira nos sentimentos religiosos, base da honestidade e da disciplina social.

Para isso, o Integralismo moverá, desde já, guerra de morte a todos os partidos, sejam eles quais forem. A Nação é uma e indivisível e os partidos dividem a Nação.

O Integralismo acabará com os partidos, que exploram o Povo, para dar ao Povo a verdadeira representação, que é a representação corporativa.

E sobre a base corporativa que o Integralismo construirá a Pátria Brasileira.

Só a corporação capta os legítimos interesses da Nacionalidade, não só porque constitui uma expressão econômica, mas principalmente porque representa uma expressão ética.

A Pátria Brasileira é a síntese do Estado e da Nação.

O Integralismo não pretende erigir o Estado em fetiche, como o socialismo, nem lhe buscar redentor, um fascismo, como o liberalismo; ao contrário de um e de outro, quer o Estado vivo, identificado com a própria Nação.

O Integralismo não admite que nenhuma Província se submeta à Nação ou pretenda dominar politicamente as outras. Não admite que o regionalismo exagerado e dissociado se desenvolva em qualquer ponto do território da Pátria.

O Integralismo não consente que as Províncias escravizem os municípios, que os poderes escravizem os operários, que o Capital estrangeiro escravize o nosso povo, que os agerics comunistas pretendam escravizar-nos a Moscou.

O Integralismo não permite que os demagogos incultos ou de má fé explorem a ingenuidade das massas, muito menos que a imprensa subordine a sua direção a interesses de agremiações ou de poderes em detrimento da Nação.

O Integralismo não tolera que os leões de escolas superiores, publicamente, as de Direito, conscrevem-se no obscurontismo em que a maior parte vive, recitando velhos textos sob o lenço e ignorando a marcha do pensamento universal.

O Integralismo não concede o direito de se denominarem "revolucionários" aqueles que revelam incultura e simples temperamento de aventureiros ou de intubados.

O Integralismo exige que a sociedade não se entregue aos poderes materiais, mas dignifique a sua Pátria no trabalho, no estudo, no aperfeiçoamento moral, intelectual e físico.

O Integralismo dá ao trabalho relevo aos pensadores, pesquisadores, cientistas, artistas, técnicos, proclamando-os os superiores guias da Nação.

O Integralismo declara verdadeiros heróis da Pátria: os chefes de família religiosos e honestos, os mestres, os humildes do trabalho no labor, das fabricas e dos campos, os realizadores pelo espírito, pelo cérebro, pelo coração e pelos braços, a prosperidade e grandura do Brasil.

O Integralismo considera inimigos de todos os que se denominam "liberais" e "democratas".

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

ANNO I
NUMERO 11
Juiz de Fora (Minas)
1.º de Janeiro de 1935

Director - OSCAR ANDRADE

O Integralismo em Juiz de Fora. Aqui estamos

Aos Juizforanos - Nossas saudações - Juventude - Músculos - Outras notas



Gustavo Barroso
Comandante Nacional da Milícia
1.º Membro do Sigma que preside
terras de Juiz de Fora

Juiz de Fora que se tem orgulhado de ter a vanguarda das boas causas; que se orgulha de ter sido o berço da chamada "revolução brasileira" - que de nada valeu, pois foi uma simples mudança de homens - poderíamos, nesta fase, ter a vanguarda da nossa nacionalidade.

Para defender o Sigma - o núcleo de massa Pátria, que liberal-democrata deixa perambulando nas mãos dos comunistas.

É preciso sentir para compreender os sentimentos que se aninham no peito dos comunistas.

Mas, Juizforanos, para aceitar essas emanações divinas de um patriotismo revivido, é preciso examinar, de forma honesta, o panorama político-social de nossa Pátria.

Depois de um exame cuidadoso chegamos à conclusão de que todos os partidos políticos, que dividem o Brasil, estão ferozes e nada fazem. Eles lutam, mas não com o desejo de formar grande e bela a nossa Pátria. Que eles desçam, então? Simplesmente collocarem no poder um determinado político.

Ha alguma coisa mais mesquinha do que isso? Lutar por honras ao invés de por ideias? Qual a doutrina, qual o programa que nos apresentam, qual exemplo, os candidatos do P. P.?

(Continua no 6.º página)

O SIGMA
Um pouco de Historia Integralista
(Olbirio de Mello, Chefe Provincial de Minas Ozeas, escreve especialmente para o O SIGMA)

Pede-me Oscar Pereira de Anchieta, chefe integralista de Juiz de Fora, uma linha para o "deste Juiz", a circular em 1.º de Janeiro de 35.

Com algumas linhas de papel, em ordem, para conversas pontuais minutos, por meio delas, com os comunistas-verdes (leia cidade - estico, um momento, a procura do que deve escrever, isto basta de material com que tenho de estruturar este artigo.

Mas, eis que, sem saber porque, venho buzear de material em que tenho de estruturar este artigo. Mas, eis que, sem saber porque, venho buzear de material em que tenho de estruturar este artigo.

São Paulo, 5 de Janeiro de 33. Faz já duas semanas que colinho pessoalmente Plínio Salgado. Para lá, desde o largo de São Paulo, que haviamos entrado em articulação e nos tornaramos amigos de uma mesma causa, que é a construção do Estado Integralista Brasileiro. A sombra do qual a Nação, livre do pluri-partidarismo político e da possibilidade de dissolver, como


Pátria, no internacionalismo so-mo-nismo, de publicar, pelos periódicos - emancipar-se-ia de vez graças do super-capitalismo instalado em 1911 - não que hoje, e passado, então, a viver, cessantemente eucoente, no caminho de minha vida, este homem - A atual figura de este homem que qual antes capitadora, instaurada, dentro de mais alguns anos, as exigências básicas da nova raça a um sentido profundamente nacionalista e, mais que isso, altamente humanista.

Por isso estava eu, a chamado de Plínio Salgado, em fins de dezembro d'aquelle anno, na Terra de Anchieta. Como nunca a minha frente o perli deste homem que, de primeira vista, se projectava no meu consciente como uma figura extranha de inquieto e adaptado ao ambiente político, tistinho e anorpa deste agostão de fim de uma civilização abastancamente materialista. Alii estava Plínio Salgado e tendo repudiado o com-

Fonte: O Sigma, órgão da Ação Integralista de Juiz de Fora, edição de 1.º de janeiro de 1935. Tamanho original = 48cm X 32cm.

ANEXO 2 - ÓRGÃO DA JUVENTUDE INTEGRALISTA DE JUIZ DE FORA,
O JUVENIL, N. 1, P. 1, 25 DEZ. 1934.

Por Deus, pela Patria, pela Familia
Anuário I



O JUVENIL

Órgão da Juventude Integralista de Juiz de Fora

Anno I | Juiz de F6ra (Minas), 25 de Dezembro de 1934 | Num. 1

DUAS PALAVRAS

Soam os sinos, bate o prelo. Christo nasce. O Juvenil aparece. Ambos veem á luz no mesmo dia, ambos trazem o mesmo ideal: redimir o povo. Aquelle conseguiu realizar o que seu privilegiado cerebro concebera e este fatalmente levará a termo seu intento. E' este o programma do «Juvenil». Para realizal-o está elle bem armado de entusiasmo patriótico, vontade firme e sinceridade de propositos. Com taes elementos, a campanha será levada a termo e a victoria dos principios Integralistas será certa, em toda sua plenitude, porque a Juventude Integralista será amanhã a reserva dos Integralistas de hoje.

Carta á Juventude Integralista de Juiz de F6ra

Meus caros meninos.
Hoje que vocês, numa verdadeira demonstração de entusiasmo, publicam o primeiro numero d'«O Juvenil», eu tenho algumas palavras para vocês.
Vocês serão, no futuro, os substitutos dos homens de hoje, por isso precisam aprender, desde já, a respeitar tudo que é brasileiro, a ter respeito ás auctoridades para que não aconteça o que aconteceu com os homens da actual geração.
Eu não sou muito mais velho do que vocês, talvez 6 ou 8 annos. Um nada, mas um nada que representa tanta coisa...
O Brasil necessita da cooperação

Continua na 6a. pagina

Aos jovens patricios

Almir de Oliveira
(Chefe da Juventude Integralista de Juiz de F6ra)

Quando o Integralismo arregimentou os primeiros meninos brasileiros e vestiu-os com sua camisa-verde, muita gente achou que isto era um absurdo, uma cousa sem cabimento! — Onde já se viu metter crianças em politica?

Essa pergunta deve ser respondida, para que não seja mal entendida a attitude Integralista.

O Integralismo é um movimento de educação moral, espiritual e civica do povo brasileiro. Elle quer formar para o futuro uma grande Nação. Para que seja possível a realização desta vontade é preciso educar o povo que deve realisar-a.

Continua na 6a. pagina

Fonte: Órgão da juventude integralista de Juiz de Fora, *O juvenil*, n. 1, p. 1, 25 dez. 1934.

ANEXO 3 -PUBLICIDADE NO JORNAL INTEGRALISTA DE JUIZ DE FORA O SIGMA

De acordo com os números pesquisados do jornal integralista de Juiz de Fora, *O Sigma*, que também foi o órgão da 17ª Região da Ação Integralista Brasileira em Minas Gerais, relacionamos os nomes de pessoas e firmas que colaboraram com o jornal, na forma de concessão de publicidade. Comparando-se, porém, esta relação com a relação nacional parcial dos membros da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora, constatamos que a publicidade no jornal *O Sigma* não era proporcionada na sua maioria por integralistas, e, sim, por elementos estranhos ao movimento, provavelmente simpatizantes. Com o sinal '+', os integralistas:

	NOME	PROFISSÃO
A	+ Arthur Medeiros	Professor
	Antônio Alves Coutinho (Lavanderia São Sebastião)	_____
	Agência Popular (Loterias)	_____
	Antônio Gomes Carneiro	Químico Industrial
	A. F. Costa Reis	Médico
	A. Moraes (Laboratório)	_____
	A. Revolução	_____
	A. Scanapieco	_____
	Arthar Vienna & Cia. Ltda.	_____
	+ Antônio Procópio Teixeira	Médico
	+ Altamiro de Oliveira	Engenheiro
C	Casa Azul (Augusto Brandão & Cia. Ltda.)	_____
	+ Cyro Guerião	Dentista
	Casa Flamengo	_____
	Casa Christiano Horn	_____
	Casa Rosa	_____
	Caixa Econômica	_____
	Casa Rex	_____
	+ Casa Hassif (Affonso Elias Bedran)	_____
	Casa Cardoso (José Alves Cardoso)	_____
	Café Apollo	_____
	Confeitaria e Restaurante Fluminense (Almeida & Cia.)	_____
	Constantino Simões (Depósito de doces)	_____
D	Drogaria São Sebastião (Caputo & Halfeld)	_____
	Dalvo de Campos Barros	Advogado
	+ Durval Pedro de Maraes	Dentista

F	Francisco G. De Lacerda Júnior	Dentista
	Francisco de Salles Oliveira	Advogado
	+ F. Villela Pedras	Médico
	Falci & Cia.	_____
	Fausto Musacchio	Médico
	Francisco Halfeld	Dentista
	Farmácia Brasil	_____
H	+ Hamilton Gribel	Protético
I	Ignácio L. Villela	Médico
	Itiberê de Castro Caiado	Médico
	+ Irineu José de Paula	Dentista
J	Jardim das Noivas	_____
	José Datra de Oliveira	Dentista
	Júlio Torres	Protético
	José Gribel	Dentista
	José Carlos Natal Rossi	Engenheiro Civil
	J. Fonseca Soares	Médico
	J. Rezende R. Oliveira	Dentista
	+ José Pedro de Moraes	Dentista
K	Koch, Ferreira & Cia.	_____
L	Leiteria Primor	_____
	Lenharia São José (Pinho & Aguiar)	_____
M	Miguel Burnier	Agrimensor
	Marcenaria e Colchoaria Rio Branco	_____
O	+ Olavo Lustosa	Médico
P	+Paulo Japiassu	Médico
	Pedro Peters	Médico
	Paschoal Senatore (Comércio de Mármore)	_____
R	Raimundo Carioca de Araújo (Loja'A Reformadora)	_____
	Rubens Dutra	Dentista
S	Stúdio Artístico Perdigão (Fotografia)	_____
	Simeão de Faria	Médico
T	Tipografia Brasil	_____

**ANEXO 4 - RELAÇÃO PARCIAL DOS INTEGRALISTAS DO NÚCLEO
DE JUIZ DE FORA, COM OS CARGOS OCUPADOS**

	NOME	CARGO
A	Abel Raphael Pinto	_____
	Affonso Elias Bedran	_____
	Almir de Oliveira	– Chefe da Juventude Integralista – Diretor de O Juvenil – Gerente-Auxiliar de O Sigma
	Altamiro de Oliveira	_____
	Álvaro Dutra de Moraes	_____
	Alzira C. Borges	_____
	Antônio Oliveira Martins	_____
	Antônio Procópio Teixeira	– Último Chefe Municipal
	Aparecida Barros Moraes	_____
	Arlindo Stephani	_____
	Arthur Medeiros	– Secretário Municipal de Propaganda. – Redator da Coluna Integralista, no jornal Correio de Minas
	Aurecílio Lima Guedes	– Comandante do Sub-destacamento Municipal da Milícia Integralista.
B	Bernardo Rosa Pimentel Barbosa	– Chefe do Departamento de Expediente da Secretaria Municipal de Estudos
C	Caetano Medeiros Senra	_____
	Cecílio Sampaio	_____
	Cláudio Machado Miranda	_____
	Cyro Gusmão	– 2º Chefe Municipal
	Custódio José da Silva	_____
D	Daniel S. da Silva	_____
	Deanir Mendonça	– Gerente de O Juvenil
	Dormeilly Nóbrega	– Secretário de O Juvenil
	Daílho Montoni	_____
	Durval Pedro de Moraes	_____
E	Edgard Ribeiro de Castro	– Chefe do Departamento Municipal de Arregimentação
F	F. Villela Pedras	_____
	Francisco de Oliveira Netto	_____
G	Geralda Ramos de Oliveira	_____
	Geraldo Araújo	_____
	Geraldo Barros Rodrigues	_____
	Geraldo Gaspar	– Gerente de O Sigma
	Geraldo Monteiro de Castro	_____
	Geraldo Tostes	_____

H	Hamilton Gribel	– Gerente de O Sigma
	Heloísa Barros	_____
	Homero Freitas Toledo	_____
	Hypólito Porto	_____
I	Iracema da Cruz	_____
	Irineu José de Paula	_____
	Ítalo Montoni	_____
J	J. de Paula Dias	_____
	J. C. d’Almeida	_____
	Jacy Ribeiro	_____
	João Chrysóstomo Santiago	_____
	João Lage	_____
	João Moreira Bartholo	_____
	José Augusto Fereira Júnior	_____
	José C. Freire	_____
	José de Paula Ferreira	_____
	José F. De Andrade	_____
	José Feliciano de Andrade	_____
	José Joaquim Monteiro de Castro	– Chefe do Departamento de Pesquisas da Secretaria Municipal de Estudos
	José Lima Dias	_____
	José Loures Valle	_____
	José Maria Fassheber	_____
	José Olympio Monteiro de Castro	_____
	José Pedro de Moraes	_____
	José Xavier	_____
	Joaquim Luiz da Silva	_____
	Joaquim Toledo de Oliveira	_____
L	Leonor Santos Eyer	_____
	Levy Xavier de Souza	– Redator de O Juvenil
	Luiz de Campos Barros	_____
	Luiz Milazzo	_____
	Luiz Moreira Bartholo	_____
	Luiz Rocha	_____
	Luzia Ferrari	_____
M	Manoel Augusto Torres	_____
	Maria das Dores Campolina	_____
	Maria de Lourdes Araújo	_____
	Mário Barreiros	_____
	Mauro Moreira	– Comandante da Milícia Integralista – Redator de O Sigma
	Murilo Ferrari	_____

N	Nelson Bizaggio	_____
	Ney de Carvalho	_____
	Noêmia Ribeiro Gribel	_____
O	Oscar Andrade	Diretor de O Sigma Secretário Municipal de Finanças; Secretário do Departamento Municipal de Organização Política; Chefe Municipal Provisório
	Oscar Machado	1º Chefe Municipal Secretário Provincial de Estudos do Rio Grande do Sul.
	Olavo Lustosa	_____
	Paulo Japiassu	Diretor de O Sigma Secretário Municipal de Imprensa Chefe Municipal Provisório
P	Paulo Peixoto Moraes	_____
	Petrônio Ferreira Bretas	_____
R	Renê Eyer Thomaz	– Chefe do Departamento Municipal de Serviços Sindicais
	Ricardo Arcuri	– Chefe do Departamento de Coordenação e Inspeção da Secretaria Municipal de Estudos
	Rodolpho Fagundes	_____
S	Sebastião de Oliveira Salles	_____
	Sebastião Dutra de Moraes	_____
	Severino Buettemuller	Secretário Municipal de Educação Governador da 17ª Região da AIB em Minas Gerais; Chefe Provincial do Estado do Pará
	Silvino Costa	– Chefe do Departamento Municipal de Estatística
	Sylvia Barros	– Secretária Municipal do Departamento de Arregimentação Feminina e dos Plinianos
V	Vespasiano Pinto Vieira Filho	_____
W	Wilson de Lima Bastos	Chefe da Juventude Integralista; Secretário Municipal de Estudos

Evidentemente, os quadros da Ação Integralista Brasileira de Juiz de Fora comportaram um número bem superior no que apresentamos. Sabemos, por informações verbais, que muitos outros elementos pertenceram à AIB, em Juiz de Fora. Contudo, para melhor observarmos o rigor científico neste difícil trabalho de reconstituição histórica, limitamo-nos aos nomes encontrados nas fontes escritas, que são os próprios jornais integralistas de Juiz de Fora: *O Sigma* e *O Juvenil*.

A cidade de Santos Dumont tinha, em janeiro de 1937, aproximadamente 800 membros da AIB. Por associação, Juiz de Fora deve ter tido um número bem superior de integralistas, que, em virtude das limitações das nossas fontes, não conseguimos precisar. Segundo informações orais prestadas pelos professores Almir de Oliveira e Wilson de Lima Bastos, o número de membros da AIB de Juiz de Fora deve ter sido da ordem de aproximadamente 1.000 ou 1.200.

Nas diversas fontes pesquisadas, conseguimos obter o número de 107 integralistas juramentados em Juiz de Fora, conforme se segue:

DATAS	FONTES DAS INFORMAÇÕES	QUANTIDADES
Setembro/34	Foto do Arquivo Almir de Oliveira	30
26/maio/35	Correio de Minas, de 27.05.35	62
14/junho/35	Correio de Minas, de 18.06.35	45
19/outubro/35	Correio de Minas, de 19.10.35	04
Outubro/36	O Sigma, de 09.11.35	28
Novembro/36	O Sigma, de 01.12.36	06
Dezembro/36	O Sigma, de 15.12.36	16
Janeiro/37	O Sigma, de 26.01.37	06

*Observação: as quantidades se referem ao número de juramentados nas datas especificadas.

O NASCIMENTO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM JUIZ DE FORA¹

LEANDRO PEREIRA GONÇALVES²

Minas Gerais, desde o pequeno povoado de Matias Barbosa, onde a cavalaria de crianças rompeu a marcha da multidão; e , através de Juiz de Fora, magnífica na sua mística da Nacionalidade; a humilde Paula Lima, com seus camisas-verdes camponeses, a entusiástica Santos Dumont, com sua empolgante sessão no teatro; a antiga Barbacena, insistente por me ouvir; e finalmente, São João Del Rei, a imprevista e imponente, com sua gigantesca manifestação; e, ainda os ecos vibrantes que me vieram da zona da Mata, do Sul de Minas, do Norte, do Triangulo, do Centro, - Minas Gerais falou tão alto aos meus ouvidos, exprimiu-se de modo tão eloquente, tão decisivo...
(SALGADO, 1936, p.133).

Em Juiz de Fora, a Ação Integralista Brasileira (AIB) possui algumas particularidades em relação às demais localidades. A semente do movimento foi plantada dentro de uma instituição religiosa metodista, diferente, portanto, de muitas localidades onde o catolicismo foi o grande pioneiro. A Igreja Católica chegou a apoiar o movimento na cidade, mas a base inicial se encontra na Igreja Metodista, através do centro de ensino, Instituto Granbery³, que investiu na construção ideológica de controle da população pela educação metodista, veiculando um discurso previamente preparado de acordo com a situação. Foi justamente através da força dos ideólogos metodistas que

¹ Este capítulo baseia-se no estudo: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. 2004. 50f. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. A pesquisa foi publicada posteriormente em: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: O nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. In: SILVA, Giselda Brito. (Org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007, p. 81-95. E em seguida com atualizações em: GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: O nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. In: SILVA, Giselda Brito. (Org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. 2ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016, p. 121-142. O capítulo apresentado não possui atualizações historiográficas ou conceituais. Financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Professor adjunto do Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisador do CNPq. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com estágio (*junior visiting fellowship*), no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e com pós-doutoramento pela Universidad Nacional de Córdoba (Centro de Estudios Avanzados/Argentina).

³ Fundado com o nome Juiz de Fora High School and Seminary foi alterado posteriormente para Collegio Americano Granbery”, em homenagem a John Cowper Granbery, bispo que estava à frente das incursões de representantes da Igreja Metodista dos EUA em território brasileiro. Atualmente é denominado Instituto Metodista Granbery. Cf.: (NOVAES NETTO, 1995).

nasceu o integralismo juiz-forano, com a integração do discurso integralista conservador ao discurso metodista do contexto religioso da década de 1930.

O movimento integralista surgiu por meio do interesse de vários grupos de intelectuais no Brasil, todos descontentes com a política existente. Esse movimento foi decisivo na formação política da década de 1930, tendo ampla repercussão no campo político e social no Brasil. Iniciando suas atividades no princípio da década de 1930, sob a liderança do escritor e jornalista Plínio Salgado, a AIB passou a atuar formalmente através do Manifesto de outubro de 1932, divulgado para todo o país. Com uma organização influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica e burocrática. A partir de então, alcançou rápido crescimento até a decretação do Estado Novo em novembro de 1937, quando foi proibido de atuar juntamente com outros partidos e movimentos. A hierarquia do movimento colocava Plínio Salgado como Chefe Nacional e todos os demais membros tinham que jurar obediência às suas ordens, sem discussão. Logo após o lançamento oficial da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado inicia suas articulações políticas pelo país, aglutinando o apoio da mocidade e transformando, assim, a AIB no principal partido de extrema-direita em busca do poder nos anos 30.

Ao analisar a década de 1930, no Brasil, logo nos deparamos com as ações da Ação Integralista Brasileira, movimento político de extremo conservadorismo que se articula com os discursos religiosos, defendendo principalmente a tradição. No país, o integralismo propõe-se a combater o liberalismo, o comunismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria. Com esse discurso ideológico de combate em defesa das tradições, cujo lema é Deus, Pátria e Família, os integralistas contaram com um expressivo número de filiados. Na crise liberal, as opções eram comunismo e fascismo, e as famílias religiosas tradicionais, que possuíam tendências políticas, ficaram ao lado do fascismo. Descartando, principalmente, o comunismo, essas famílias investem no integralismo que apresenta grande relação entre a religião e a política, mas forte combate ao comunismo.

Em 1936, o integralismo chegou ao auge de suas atividades, com milhares de células espalhadas por todo o país, e Plínio Salgado vangloriava-se de que o número de seus militantes alcançava a cifra de um milhão de pessoas. Ao mesmo tempo, defendia que sua milícia reunia cerca de cem mil indivíduos em condições de combate. As pretensões integralistas em atingir o poder pareciam, assim, bastante realistas até que Getúlio Vargas resolveu pôr fim às pretensões do líder integralista em 1937.

Mostraremos um pouco de toda essa atuação na cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, onde a AIB passou a se destacar logo após três conferências doutrinárias ocorridas nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 1933⁴, realizadas pelo Chefe das Milícias Integralistas, presidente da Academia Brasileira de Letras, Gustavo Barroso.

⁴ As duas primeiras conferências foram realizadas no salão do Instituto Granbery da Igreja Metodista, com os títulos: “A Inquietação do século XIX e a Reconstrução do século XX” e “O sentido Novo da Política, da Educação e da economia”. Já última conferência ocorreu no salão de festas do Pálace Hotel, intitulada: “Liberalismo, Comunismo e Integralismo.”

A INSERÇÃO DO INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA

A presença de Gustavo Barroso a Juiz de Fora ocorreu através do Instituto Granbery da Igreja Metodista, que, em seu jornal de circulação interna do dia 20 de outubro de 1933, divulga a seguinte manchete: “O Granbery orgulha-se de ter como hóspede de honra, o ilustre brasileiro Dr. Gustavo Barroso, digno presidente da Academia Brasileira de Letras!”⁵

Em Juiz de Fora, ele fez parte do que era chamado de Bandeira ou Caravana Integralista, movimento que tinha como objetivo a doutrinação, a divulgação e a propagação da ideologia integralista pelo Brasil. O Chefe das Milícias Integralistas, Gustavo Barroso, utilizou seu prestígio de presidente da ABL para divulgar as ideologias políticas integralistas entre os professores e alunos.⁶

Figura 1: Professores, diretores e alunos do Granbery com Gustavo Barroso na porta do Instituto.



Fonte: Arquivo Fotográfico Dr. Tarboux do Museu Granbery da Igreja Metodista.

Desse grupo, o pioneiro do movimento integralista em Juiz de Fora foi o professor de Sociologia Oscar Machado, então diretor dos cursos Ginásial e Comercial do Instituto Granbery da Igreja Metodista e membro da Igreja Metodista Central de Juiz de Fora que cedeu as dependências do colégio para Gustavo Barroso.⁷ Segundo Maurício Corrêa, além de Barroso, também Plínio Salgado

⁵ *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 1, 20 out. 1933.

⁶ Sobre sua presença na escola pode ser comprovada pelas fotos de 20 e/ou 21 de outubro de 1933 no Arquivo fotográfico Dr. Tarboux, do Museu Granbery.

⁷ Rol n.º 1719, livro n. 01, pág. 58. Data de recepção na Igreja Metodista Central: 09/01/1930, pelo Pastor César Darcorso Filho. Transferido para Porto Alegre em 11/09/1934.

teve atuação em Juiz de Fora. No dia 27 de novembro de 1933, o chefe dos integralistas proferiu uma série de conferências doutrinárias para divulgar a ideologia integralista. Sua visita foi fundamental para consolidar a fundação do núcleo municipal que ganhou muitos adeptos logo após a visita do Chefe em dezembro de 1933 (CORRÊA, 1973).

Em março de 1934, um grupo de integralistas chegou à cidade ampliando a consolidação do movimento, quando ocorreu a posse do professor Oscar Machado como primeiro chefe municipal do integralismo. Após o lançamento da semente integralista, o professor iniciou o processo de divulgação e ampliação do movimento com a preparação de um forte veículo de propaganda através do jornal *O Sigma*. A partir daí, instalou-se a organização da milícia integralista juiz-forana e da sede oficial do movimento.

Figura 2: Professores e diretores do Granbery com Gustavo Barroso na porta do Instituto.



Fonte: Arquivo Fotográfico Dr. Tarboux do Museu Granbery da Igreja Metodista.

A IGREJA METODISTA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

O metodismo, que fez parte do movimento da Reforma Protestante, nasceu na Inglaterra no século XVIII, sob as ideias de John Wesley, ministro da Igreja Anglicana que teve a oportunidade de viajar por cinquenta anos, pregando e organizando uma sociedade metodista por todo o Reino Unido. Essas viagens tiveram como meta destacar os problemas sociais da época oriundos da Revolução Industrial, apontada como responsável por uma transformação de toda a estrutura social

inglesa. As ideias de John Wesley foram ainda a base da organização de uma educação destinada especificamente aos adultos. Com isso, o ensino ocupou um lugar privilegiado na ação social, servindo para construir escolas destinadas à instrução de todos.

A Igreja Metodista em pouco tempo se expandiu por todo o Reino Unido, inclusive tornando-se muito poderosa na América do Norte. No decorrer do século XVIII, na América Inglesa, a difusão do Iluminismo permitiu a abertura de novas formas de pensamentos religiosos, tendo como participação a Igreja Metodista. Após o processo de Independência das Treze Colônias e a formação dos Estados Unidos da América, os metodistas iniciaram um movimento de expansão religiosa com muito sucesso, sendo o maior movimento protestante dos Estados Unidos, com vários princípios como o individualismo, marca do Iluminismo liberal, presente no século XVIII.

O metodismo chegou ao Brasil através das missões dos Estados Unidos, no século XIX, tendo uma primeira tentativa entre 1836 e 1841 e a segunda investida iniciada em 1876. Os metodistas, além de quererem implantar a religião no Brasil, têm o objetivo de transmitir os valores estadunidenses de liberdade, civilização e progresso. Com os ideais do liberalismo já consolidados na América do Norte, o metodismo chegou no país e foram justamente esses ideais que exerceram um especial atrativo naqueles que desejavam modificações, devido a uma política escravocrata e tradicional que era a do Brasil. Com isso, a expansão do metodismo ocorreu no meio urbano, favorecida por uma burguesia em ascensão com características modernas e por instituições de ensino que começavam a ser criadas.

É nesse contexto que o metodismo chega a Juiz de Fora no ano de 1884, com uma identidade liberal e progressista. Em pouco tempo, avançou por toda a região mineira, inclusive a cidade de Juiz de Fora, com a fundação de uma instituição de ensino, o Collegio Americano Granbery, no ano de 1890. Segundo Clifton E. Olmstead, (apud MESQUIDA, 1994, p. 146) as instituições metodistas de ensino privilegiavam os filhos dos membros da Igreja com o objetivo de criar homens de moral elevada capaz de influenciarem a comunidade em que viviam. Com esse objetivo de criar uma obra educacional com teor missionário, o metodismo difunde na sociedade juiz-forana uma cultura protestante estadunidense, pautada no liberalismo (MESQUIDA, 1994, p. 162).

A EDUCAÇÃO METODISTA E O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA

A Igreja Metodista, desde os seus primórdios, teve uma característica básica em sua doutrina ideológica que era a de ser um movimento reformador e educativo. Em *Letters of John Wesley*, (apud MESQUIDA, 1994, p.162) observa-se o pensamento do seu fundador sobre a educação, ponto estratégico usado na doutrina, por isso a necessidade de se construir escolas. A educação passou a ser vista como um processo de formação contínua do indivíduo, tendo como objetivo reformar o caráter e a vida dos homens.

Em pouco tempo, o metodismo se transformou numa das maiores forças educacionais da Inglaterra no século XIX e, de forma rápida, chegou aos Estados Unidos como uma grande força

religiosa influenciando a vida e a cultura da população. Na segunda metade do século XIX, era a instituição religiosa de maior denominação e dominação nos Estados Unidos. Identificava-se como a nação escolhida por Deus como dominante, devido à liberdade conquistada após a Guerra Civil, por isso acreditava que as nações mais evoluídas tinham o dever de civilizar as nações mais atrasadas do mundo. Essa dominação não só é restrita ao campo religioso, mas também, ao político. Segundo Hooding Carter, quando os pregadores metodistas falam, os políticos os ouvem com a mesma atenção que suas próprias congregações (apud MESQUIDA, 1994, p.212).

O nacionalismo religioso metodista, que está presente nos Estados Unidos, propunha comunicar, ao mundo, valores e ideais da América do Norte, dando assim legitimidade ao expansionismo imperialista. O liberalismo foi o principal referencial teórico dessa expansão. É nessa linha de raciocínio que foram enviadas, ao Brasil, algumas missões procurando promover a ideologia estadunidense no continente.

Segundo Mesquida (1994), o *Journal of the General Conference of the Methodist Episcopal Church* (1880) publicou que o metodismo dos Estados Unidos manifesta um profundo sentimento nacionalista e a aceitação à política liberal, por isso as instituições de ensino têm como propósito modelar e promover essas ideias. O metodismo tem como objetivo, onde quer que seja, formar uma população livre, trabalhadora, honesta, obediente; difundir, pela educação e liberdade, o progresso e todas as forças racionais e morais que fazem o aperfeiçoamento da civilização americana.

A educação metodista passou a ser então um canal de convicção intelectual que tem como objetivo manobrar a massa, pois esse grupo teve como finalidade transmitir o projeto passando a ser o produto das ideias e do pensamento. Assim, a ideologia como criação de domínio da realidade passou com o tempo e com a força dos intelectuais a ser uma ideia vista como verdadeira e válida para toda a sociedade.

Os missionários metodistas estavam conscientes de que era no interior que sua dominação ideológica iria ocorrer com maior sucesso, pois não seria, inicialmente, nas grandes cidades, a conversão das classes sociais importantes (LÉONARD, 1981, p. 55). De acordo com esse pensamento, a educação metodista tem como objetivo estratégico desenvolver sua doutrina em municípios do interior, dentre eles a cidade de Juiz de Fora conhecida como o Vaticano do Metodismo Brasileiro.

A Igreja Metodista, então, passa a exercer influência sobre a cultura da elite e da nação, sendo suas instituições educacionais, pontos estratégicos para defender e propagar os princípios liberais, que era algo vangloriado pela elite intelectual e política.

Os colégios metodistas mostram claramente o desejo de se dedicar particularmente à formação das elites. Percebe-se mais uma vez que a instituição existe com o objetivo de ter um controle ideológico, concedendo privilégios aos membros da elite religiosa. Esses, formados pelo Granbery, nada mais serão do que porta-vozes dos ideólogos que é o próprio metodismo. No periódico metodista *Expositor Cristão*, é registrado que a doutrina tem como objetivo resolver as questões sociais, políticas e religiosas do país. Entre os documentos relacionados por Mesquida

(1994, p. 154), destaca-se o *Livro de atas da diretoria do Colégio Americano Granbery (1895-1912)* sobre o objetivo do corpo docente de ministrar a instrução sobre uma base moral e espiritual sólida, para que o colégio fosse um centro de influências poderosas e agressivas (MESQUIDA, 1994, p. 157).

A ação da educação metodista pode ser vista como a conquistadora da hegemonia cultural, representante de uma sociedade considerada mais evoluída, que irá conduzir perfeitamente a prática educativa pautada no iluminismo e no liberalismo. Os educadores queriam criar uma mentalidade no cidadão, por isso dedicaram-se à formação das elites na esperança de conquistas à hegemonia cultural.

E é justamente dessa exigência de criar uma mentalidade para se ter a hegemonia cultural que passamos a falar do Diretor dos Cursos Ginásio e Comércio do Granbery. Como já foi dito, a educação metodista tem como objetivo proporcionar uma doutrina de dominação ideológica elitizada desde o seu início com John Wesley. A característica principal dessa educação era privilegiar o liberalismo, marco da política e da economia dos Estados Unidos no início do século XX. Partindo do princípio de que foram os missionários estadunidenses que implantaram o metodismo no Brasil e, conseqüentemente, a educação, o liberalismo passa a ser a base de doutrinação dos estabelecimentos de ensino no Brasil.

Já que a ideia inicial das instituições metodistas é a de formar pessoas que possam resolver as questões sociais, políticas e religiosas do país, existe a necessidade de formar uma concepção política nos educandos para que os ideólogos tenham a garantia de seus interesses. É a partir daí que se observa uma força do integralismo dentro do Granbery, que é alvo de análise. Cabe lembrar que não está sendo afirmado que o Granbery é integralista, muito menos a Igreja Metodista, mas certos grupos de domínio ideológico dentro da instituição.

De acordo com periódicos de circulação interna, o Professor Oscar Machado era uma pessoa detentora de grande respeito dentro da Instituição, membro da Igreja e com raízes metodistas. Ele foi o principal responsável pela divulgação e propagação do integralismo no Granbery e pioneiro na cidade. Em pouco tempo, as palavras de Oscar Machado penetram no corpo docente e discente do colégio, alcançando assim seu objetivo inicial, que era formar um grupo anticomunista e posteriormente um integralista em Juiz de Fora, tendo inclusive, ele próprio, o cargo de Chefe Municipal do integralismo.

A responsabilidade da formação de uma ideologia fica a cargo dos intelectuais, que julgam as ideias verdadeiras e as transformam em ideias válidas para toda a sociedade, moldando o pensamento de todos. O professor Oscar Machado foi considerado um desses, já que por ocupar um posto de destaque dentro da Instituição e por contar com todos os mecanismos a seu favor, iniciou um movimento de persuasão de suas ideias como sendo de todos.

Figura 3: Charge do Prof. Oscar Machado.



Fonte: Arquivo Documental Dr. Lander do Museu Granbery da Igreja Metodista. *O Granberlyense* (15/04/1934).

O domínio político de Oscar Machado começou quando ele convidou para estar presente no Granbery, em 1933, um dos militantes mais destacados da Ação Integralista Brasileira, o chefe das milícias integralistas Gustavo Barroso. Como já foi citado, o principal representante do antissemitismo brasileiro realizou uma série de conferências, sendo duas delas dentro do Granbery. De acordo com um artigo do periódico *O Granberlyense*:

O Dr. Gustavo Barroso é um desses brasileiros preclaros, que se impõe pela personalidade intangível e pelo idealismo sadio, bem como pelo caráter inflexível. Autor de cinquenta e tantos livros, colaborador de inúmeras revistas, redator chefe do nosso popular 'Fon-Fon',

conhecedor profundo de todo o movimento político do Brasil, coloca-se ainda como líder invulnerável do Partido Integralista. Sua excelência não virá realizar um desejo seu, mas, sim, atender gentilmente a um convite nosso, pelo que, desde já hipotecamos-lhe a nossa sincera gratidão, certos de que sua vinda ao Granbery marcará um ponto luminoso nas nossas páginas e terá um dos mais raros acontecimentos na nossa vida colegial. Certos de que tudo o que pleiteamos é pela honra da pátria, saudamo-la na pessoa ilustre do dr. Gustavo Barroso.⁸

Como pode ser observado, é muito claro no artigo que a vinda de Gustavo Barroso não tem ligação com a política integralista e com sua posição de intelectual. Entretanto, nas palestras realizadas por ele no Granbery nos dias 20 e 21 de outubro, verifica-se que existe uma posição de doutrinação política nas conferências. Em uma de suas palestras, deixa clara a sua defesa do regime fascista, que para ele não é uma simples ditadura, porém uma filosofia que realiza um projeto cultural na sociedade, criando assim um sentido da vida, renovando e reconstituindo a doutrina política dos Estados cristãos (BARROSO, 1934, p. 120).

De forma tendenciosa, percebe-se a expansão do pensamento político de Gustavo Barroso, mesmo não sendo o divulgado pelo Granbery. Vê-se isso como mais uma tentativa de controle sobre as posições políticas na instituição. Essa passa a ter acesso a esse discurso, que é dado como verdade absoluta dentro da instituição. A presença de Gustavo foi noticiada em toda a imprensa local, como se nota, por exemplo, no jornal de maior acesso na cidade, o *Diário Mercantil*:

Deverá chegar amanhã à cidade, o ilustre escritor brasileiro Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras. Gustavo Barroso vem a Juiz de Fora a fim de, a convite do Centro Cívico do Granbery, realizar uma conferência literária. Essa conferência terá lugar amanhã, às 8 horas da noite, no salão nobre do importante estabelecimento de ensino. Vê se bem que o Granbery vai proporcionar ao mundo intelectual de Juiz de Fora uma grande noite de indizível prazer artístico, ao ensejo de ouvir a palavra encantadora de Gustavo Barroso, nome de grande projeção na nossa literatura.⁹

Observa-se, com isso, que Gustavo Barroso vem a Juiz de Fora com o objetivo de doutrinar, utilizando seu prestígio por ser presidente da ABL, algo que irá ajudar muito os interesses integralistas.

Na década de 30, um grupo de intelectuais, liderado pelo Professor Oscar Machado, inicia um projeto de dominação ideológica da massa, mas esse projeto não fica obviamente restrito à vinda de Gustavo Barroso. Pode-se dizer que a presença dele contribuiu para um controle de Oscar Machado, inicialmente no Granbery, para, posteriormente, expandir por toda a cidade, onde contou com o apoio de diversos segmentos, inclusive o da Igreja Católica. Mas esse não é o alvo desta investigação, ficando restrita ao início do movimento no Granbery da Igreja Metodista.

⁸ O GRANBERY orgulha-se de ter como hóspede de honra, o ilustre brasileiro Dr. Gustavo Barroso, digno presidente da Academia Brasileira de Letras! *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 1, 20 out. 1933

⁹ GUSTAVO BARROSO chegará amanhã a cidade: a sua anunciada conferência no Granbery. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, p. 1, 19 out. 1933.

Figura 4: Professor Oscar Machado.



Fonte: Arquivo Documental Dr. Lander do Museu Granbery da Igreja Metodista: *O Granberyense* (15/04/1934).

Continuando, então, com esse projeto de expansão ideológica, observa-se, na mesma edição sobre a vinda de Gustavo Barroso, anunciado no periódico *O Granberyense*, um artigo intitulado “*Nacionalismo*” de autoria de A. Vasconcelos e nele mais uma vez notam-se passagens em que os pensantes se julgam superiores à massa: “A multidão não assimila ideias; apenas deixa-se fermentar por elas”.¹⁰ A dominação intelectual é algo que está presente de forma explícita dentro do Granbery.

Ainda nessa edição existe uma entrevista do Professor Oscar Machado com o título “*Acerca de um movimento patriótico*”, comentando a visita de Gustavo Barroso e ali se pode perceber quais são as posições do Professor sobre o integralismo que começa a estar presente no Granbery.

Acho que Gustavo Barroso veio ao Granbery numa hora oportuníssima [...] A inquietação social contemporânea repercute enormemente em nosso meio [...] É isso que nós estávamos precisando ouvir o que ele disse. Quer vistamos a camisa-verde ou não, todos nós devemos ser integralistas. A grande maioria dos granberyenses reagiu favoravelmente diante do apelo feito ao espírito moço pelo eminente brasileiro que nos visitou [...] Acho que o integralismo tem vantagens sobre as demais correntes políticas [...] A principal dessas vantagens é a concepção filosófica que serve de base à doutrina integralista [...] As massas humanas precisam marchar para frente [...] O liberalismo, por exemplo, hipertrofia um aspecto do indivíduo. Crê o homem cívico. Tudo resolve pela mentira do voto. [...] O Socialismo, do

¹⁰ VASCONCELOS, A. Nacionalismo. *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 2, 20 out. 1933.

outro lado, exagera o aspecto econômico da vida [...] O integralismo une esses dois aspectos da vida pela influência do Espírito. Vê o homem total, integral – corpo, razão e espírito. Logo tem lugar para a Economia e a Política, mas completando, superpõe a ambas a Religião. Essa é a concepção totalitária da vida.¹¹

De acordo com Oscar Machado, existe no Brasil uma inquietação que deve ser abolida. Gustavo Barroso propõe a solução: ser integralista porque é mais vantajoso que as outras doutrinas existentes. Portanto, os granberyenses devem seguir as doutrinas do sigma, pois são as que mais se adequam ao espírito de vida dos que fazem parte desse meio. Pode-se, então, verificar facilmente que as palavras e as doutrinas integralistas entram na instituição com o apoio incondicional de um líder do próprio Granbery, considerado nesse meio um detentor da intelectualidade formadora de opiniões, como pode ser visto na sequência da entrevista:

Aceito a concepção integralista, que é o ponto de vista totalitário, isto, aliás, decorre da concepção do Universo [...] O movimento integralista é no sentido de integrar todas as forças sociais do país na expressão da nacionalidade. Só assim pode o povo identificar-se com a Nação. [...] A Revolução integralista é um esforço para conseguir o equilíbrio, ordem, harmonia entre as forças que se processam dentro da órbita da sociedade humana. [...] O mundo contemporâneo caracteriza-se pela indisciplina, pela ausência do senso hierárquico e pelo desprestígio da autoridade. Para combater esses males, o Estado precisa ter autoridade para intervir e disciplinar a vida coletiva. [...] O integralismo, para tornar possível a disciplina, crê na unidade de pensamento. Por isso é superior às demais correntes políticas. As correntes políticas não dão unidade ao pensamento. Não dão, porque conservam o povo na ignorância. Só existe unidade nacional quando existe unidade cultural. [...] O sistema corporativo sobre o qual se baseia a organização social integralista visa precisamente a essa chaga social que é a luta classista. A sociedade é um conjunto de atividades profissionais em função harmônica. [...] O integralismo, porém, é a grande tendência do século XX. [...] E o Brasil precisa de um grande surto nacionalista. [...] O integralista tem certeza da vitória.¹²

Pode ser visto, nessa entrevista, que os ideais integralistas estão presentes no líder da instituição de ensino que ocupa o posto de diretor e professor de Sociologia. Com esse discurso e com a ideia de ser o intelectual ativo, em pouco tempo essa fala será colocada em prática, como já mencionada pela fundação do núcleo integralista na cidade e, inclusive, dentro da instituição, pois as práticas do professor Oscar Machado, como diretor, serão de acordo com a doutrina integralista, como se observa na transcrição de um discurso feito por ele no momento de abertura das aulas em 1934, publicado na íntegra no periódico *O Granberyense*:

Desde o princípio dos tempos, dois conceitos têm muitas vezes se chocado, algumas vezes se associado e raras vezes se integrado. Um é o conceito da liberdade, tantas vezes mal compreendido, pelo qual se batem os indivíduos e as multidões. O outro é o conceito da autoridade, tantas vezes mal interpretado, que tem servido de um lado à audácia dos prepotentes, e, de outro lado, as inclinações baixas dos desordeiros [...] Nós assumimos a

¹¹ MACHADO, Oscar. Acerca de um movimento patriótico. *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 9, 20 out. 1933.

¹² MACHADO, Oscar. Acerca de um movimento patriótico. *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 9, 20 out. 1933.

direção do Ginásio e da E. de Comércio numa hora em que graves acusações pesam sobre a coletividade granberyense no que diz respeito às suas diretrizes educativas [...] Queremos estabelecer um regime baseado em harmonia da autoridade com liberdade. [...] Senhores, o nosso maior problema no Brasil continua sendo o da educação, mas educação no sentido da criação de uma mentalidade nova que venha substituir a anarquia mental e moral deste nosso século XX, pela implantação da ordem, da disciplina e da hierarquia.¹³

De acordo com Oscar Machado, o Granbery será dirigido com autoridade e educação e deve ter como objetivo a ordem, a disciplina e a hierarquia. Diz ainda que quer estabelecer uma harmonia da autoridade com a liberdade. Pode-se ver uma transposição do ideário integralista dentro da instituição, ao analisar o discurso de Plínio Salgado:

Nós, no Brasil [...] queremos um governo forte. [...] quando nós, integralistas, falamos em governos fortes, não falamos em ditaduras e sim 'num regime'. Um regime é o que queremos [...] a liberdade é o maior dom humano. [...] não pode existir governo forte sem cultura forte. Só ela cria a disciplina. Porque cria a consciência de necessidade (SALGADO, 1935, p. 63-64).

Como se percebe, Oscar Machado diz que no Granbery deve existir autoridade com liberdade e nos faz remeter a Plínio Salgado quando diz que o Brasil precisa ter um governo forte, mas que a liberdade é o maior dom humano.

Existe uma mescla das práticas integralistas com as ações existentes dentro do Colégio onde o propósito da educação metodista é o de criar nova mentalidade no cidadão e Oscar Machado propõe em seu discurso a formação de uma nova mentalidade educacional. O que se observa de oposto a esse propósito tão igualitário é a doutrina defendida pelos pioneiros da educação metodista: o liberalismo. Já no tempo de Oscar Machado, era o integralismo. Mas o objetivo final é o mesmo: dedicar-se à formação das elites na esperança de conquistas à hegemonia cultural.

De fato, o integralismo passou a fazer parte do Granbery. A partir dessas doutrinações ideológicas, a elite intelectual alcança seu objetivo. Um exemplo claro do integralismo no cotidiano do Granbery pode ser observado no periódico da instituição na seção "Um pouco de humorismo", em uma piada envolvendo uma funcionária do Granbery: "Até hoje a pessoa que continua como integralista irresistível é a D. Eliza. Por quê? Porque toda vez que ela toca a campainha para a saída do refeitório, ela logo toma posição de sentido e estende a mão em correta saudação integralista".¹⁴ Podemos notar a doutrinação integralista, tanto no cotidiano, quanto na esfera institucional.

A partir de 1934, Juiz de Fora já tem uma sede própria da AIB e o movimento na cidade passa a ter um destaque nacional durante todo o período em que esteve em funcionamento. No jornal integralista *Acção de São Paulo é possível ver um relato do movimento em Juiz de Fora:*

¹³ MACHADO, Oscar. Discurso proferido pelo diretor do Ginásio e Comércio, pela ocasião em que se realizou a cerimônia da abertura das aulas. *O Granberyense*, Juiz de Fora, p. 3, 15 abr. 1934.

¹⁴ UM POUCO de humorismo. *O Granberyense*. Juiz de Fora, p. 12, 15 abr. 1934.

Numa espetacular consagração: O integralismo realiza em Juiz de Fora a sua maior parada cívica: Juiz de Fora, sede da 17ª Região mineira, viveu no domingo passado, horas de profundo entusiasmo cívico. Dois mil integralistas recepcionaram, sob calorosos aplausos, a comitiva que desta capital partiu no sábado, 27, sob a orientação do dr. Miguel Reale, [...] A comitiva viajou de automóvel, sendo recebida em Juiz de Fora, com vibrantes manifestações dos camisas-verdes locais [...] Impressionados com o entusiasmo invulgar dos elementos que constituíram a comitiva, quisemos ouvir o dr. Miguel Reale [...] A minha impressão sobre o integralismo em Juiz de Fora é magnífica. Volto encantado com o alto sentido de disciplina dos camisas-verdes na 17ª Região da Província de Minas Gerais.¹⁵

Após análise, o movimento integralista em Juiz de Fora merece um destaque especial na historiografia devido a sua força e as suas particularidades. O objetivo do estudo não é pesquisar o movimento em Juiz de Fora, mas apenas elucidar alguns pontos no processo de sua consolidação na cidade com a forte presença do Instituto Granbery da Igreja Metodista. Não foi a intenção esgotar as informações sobre a fundação do integralismo em Juiz de Fora, muito menos do movimento de uma maneira completa, mas, sim, a de promover uma discussão entre as doutrinas educacionais da Igreja Metodista com o propósito da Ação Integralista Brasileira na cidade.

O ponto desta análise, baseado na reflexão ideológica, é um elemento de ligação entre a AIB e o Metodismo de Juiz de Fora, norteado pelo Granbery, pois a educação metodista subsiste com o propósito de se dedicar à formação das elites. A instituição existe com o objetivo de formar a ideologia de dominação, pois os privilégios serão dados aos filhos dos membros da Igreja com o propósito de influenciarem positivamente a comunidade, sendo capazes de resolver as questões sociais, políticas e religiosas do país. Os educadores, também, têm como objetivo ministrar a instrução sobre uma base moral e espiritual sólida, para que o Granbery seja um centro de influências poderosas e agressivas. Junto a esse processo de dominação, encontra-se o integralismo na década de 1930, que como se nota tem uma forte influência dentro da instituição, principalmente através do Professor Oscar Machado, grande defensor do movimento. E, assim, verifica-se que essa elite intelectual, que possui o controle e a consciência social, tem o poder de transmitir as ideias dominantes para a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 17-149.

¹⁵ Numa espetacular consagração, o integralismo realiza em Juiz de Fora a sua maior parada cívica. *Acção*. São Paulo, p. 1, 1 dez. 1937.

CORRÊA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Trabalho apresentado ao II Prêmio de Pesquisa DCE, 1973.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. 2004. 50f. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: O nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. In: SILVA, Giselda Brito. (Org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 2007, p. 81-95.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Tradição e Cristianismo: O nascimento do integralismo em Juiz de Fora*. In: SILVA, Giselda Brito. (Org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. 2ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016, p. 121-142. O capítulo apresentado não possui atualizações historiográficas ou conceituais.

LÉONARD, Emile-G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste-Juerp, 1981.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: Edufjf/Editel, 1994.

NOVAES NETTO, Arsênio Firmino de. *As Crises de um Ideal: os Primórdios do Instituto Granbery (1889-1922)*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

SALGADO, Plínio. *A doutrina do sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935.

SALGADO, Plínio. A primeira estrofe de um poema. In: SALGADO, Plínio. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

O INSTITUTO GRANBERY E A ARTICULAÇÃO DE ELEMENTOS “INCOMPATÍVEIS” NOS MOMENTOS INICIAIS DA PRESENÇA INTEGRALISTA EM JUIZ DE FORA (1933-1934)¹

EVERTON FERNANDO PIMENTA²

A LÓGICA DA MISSÃO METODISTA E A CHEGADA DOS NORTE-AMERICANOS AO SUDESTE BRASILEIRO

Criado na Inglaterra, em 1739, o metodismo se configurou como a última etapa do Protestantismo Histórico.³ Por intermédio da ação de missionários oriundos dos Estados Unidos, ele se fez presente na região sudeste do Brasil de modo definitivo, a partir do último quarto do século XIX. Por entenderem que seus fiéis precisariam saber ler e escrever para interiorizarem os ensinamentos de John Wesley e da Bíblia⁴, os missionários norte-americanos que para cá vieram, além de tentar difundir sua religião, também atuaram como transmissores dos valores da liberdade, civilização e progresso de sua sociedade, em especial as concepções de “destino manifesto” e do “mito da fronteira”, que se amalgamavam com sua religião.

¹ Este capítulo deriva de algumas discussões presentes no início de nossa tese de doutorado, na qual foi realizada a biografia do metodista Oscar Machado da Silva. Ver: PIMENTA, Everton Fernando. *Oscar Machado: uma trajetória em meio ao metodismo, integralismo e maçonaria (1930-1965)*. 2019. 423 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Todas as citações com grafias originais de época terão seus formatos preservados.

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), campus Salinas.

³ Entende-se por Protestantismo Histórico o cristianismo praticado por denominações religiosas como as igrejas Presbiteriana, Luterana, Metodista, Anglicana e Congregacional.

⁴ Sob a justificativa de que a aprendizagem decorreria de um incessante processo educativo, uma vez presente nos Estados Unidos, entre os anos de 1831 e 1870, os metodistas construíram algo em torno de 34 instituições universitárias e 200 escolas, assumindo o posto de maior agência educacional protestante no país.

A ideia de “destino manifesto” pode ser definida como a crença de que, como resultante de valores como o voluntarismo e o individualismo de seu povo, ao alcançar um significativo desenvolvimento econômico, os Estados Unidos se configuraram como uma nação escolhida para realizar uma “ação civilizadora” por meio de seus missionários, levando essa “excepcionalidade” a povos situados em suas “fronteiras” e em regiões mais distantes, como o Brasil.⁵

Seria, portanto, a junção das noções de “destino manifesto” e do “mito da fronteira” que, desde ao menos o século XIX, justificaram e motivaram as ações imperialistas dos EUA e, por consequência, a atuação dos missionários metodistas oriundos deste país:

A ideia americana de missão permanece uma concepção grandiosa. Nas mentes de alguns de seus apóstolos, ela tem refletido o desejo de educar, de libertar, ou de melhorar o mundo. Eles têm pensado a América como a reveladora das grandes verdades que irá definir os homens livres e como a criadora e praticante de um estilo de vida que ultrapassa de longe todos os outros em possibilidades de justiça e felicidade. Alguns ficaram impressionados com as responsabilidades e os perigos envolvidos em um papel de liderança mundial. Um número muito maior se alegrou com o sentido de poder e importância transmitida pela ideia do Destino Manifesto. Para eles, a Missão da América é sinônimo da vontade de dominar, desempenhando o papel de uma Nova Roma, para buscar nos próximos cem anos do Século [XX] Americano todo o autoengrandecimento que esse nome implica (BURNS, 1972 apud PIRES, 2013, p. 23).

Com tais elementos em vista, os missionários metodistas norte-americanos, atuando sob a lógica do binômio educação e fé, ao trazerem consigo os ideais do liberalismo consolidados nos EUA, exerceram uma atração especial sobre parcelas da burguesia em ascensão da região sudeste, com destaque, para o que interessa neste estudo, àquelas localizadas na zona da mata mineira.

A DÉCADA DE 1930 E A “ERA GRANBERY”

A iniciativa dos missionários de se radicar na zona da mata mineira não foi aleatória. Com a intenção de criar espaços para divulgação de sua fé e atrair novos fiéis, ela foi impulsionada pelo “projeto civilizatório norte-americano”, pela localização desta região, seu fácil acesso e seu dinamismo econômico. A esses fatores também se associou a boa recepção que parcelas de sua burguesia então ascendente dedicava à sua obra educacional, aos valores e ideais norte-americanos dos quais os metodistas eram portadores.

Em paralelo a esses motivos, existiam outros elementos aglutinadores que, ao aproximar os missionários da burguesia dessa região, facilitaram a escolha pela cidade como, por exemplo, o apreço pelo ideal republicano e, principalmente, o fato de que muitos membros destes dois grupos eram maçons:

⁵ A noção de “fronteira” era concebida como uma “linha imaginária” em constante movimento, localizada entre a civilização encarnada pelos Estados Unidos e a barbárie. Ela se fazia presente nas terras indígenas conquistadas na expansão para o oeste que, ao longo do tempo, se inseriam ao mundo civilizado, empurrando a barbárie para uma nova “fronteira”. Sobre as noções de “destino manifesto” e “fronteira”, ver (PIRES, 2013, 15-23).

Todos falavam a mesma “linguagem” e possuíam, portanto, os mesmos símbolos de expressão. Sua vinculação à organização maçônica estimulava ideais comuns. Ao lado do ideal republicano fomentado pelas lojas maçônicas e difundido pela imprensa posta à serviço da Fraternidade, havia também o fato de que a educação ocupava um lugar importante no movimento maçônico. Um novo contexto exigia uma maneira diferente de formar as novas gerações, seja a nível de conteúdo, seja com relação aos métodos didático-pedagógicos. As escolas protestantes nos Estados Unidos contribuíram eficazmente para a formação das elites liberais do país. Os intelectuais brasileiros vinculados aos fazendeiros do Oeste de São Paulo e da Zona da Mata, em Minas, estavam convencidos de que a educação norteamericana transferida para o Brasil poderia ser um instrumento de fundamental importância para inculcar no espírito dos filhos dos fazendeiros da Região Sudeste a confiança em si e o apego à liberdade individual e de empresa que, na sua opinião, haviam promovido a força da Grande Nação Americana (MESQUIDA, 1994, p. 18).

Desta feita, em 1884, os missionários metodistas já se encontravam radicados em Juiz de Fora iniciando suas atividades de proselitismo religioso. Sem deixar de lado a resistência por eles enfrentada (KENNEDY, 1928, p. 37)⁶, os laços que os vinculavam a parcelas da burguesia da região e suas ações no setor educacional, com a abertura do Juiz de Fora High School and Seminary, ocorrida em setembro de 1889, paulatinamente iria ocorrer uma diminuição das animosidades que sua presença causava.

Ao responder aos anseios desta elite, que aspirava que seus filhos fossem educados dentro de valores e ideias mais modernos do que os ofertados nas escolas católicas e leigas da cidade, em suas primeiras décadas de existência, sem minimizar as dificuldades enfrentadas, o educandário, renomeado de Instituto Granbery, passou por um grande processo de expansão.⁷

Atraindo cada vez mais alunos, que não eram oriundos apenas de Minas Gerais, mas também de outros estados, como o Rio Grande do Sul, outro forte polo da presença metodista no país⁸, o Granbery se transformou no mais importante educandário metodista do Brasil ao ponto da década de 1930 ter sido denominada de a “Era Granbery” pelos membros desta denominação religiosa. (BOAVENTURA, 1994, p. 98). Nele seria forjada sua “intelligentsia” e, também intelectuais que, não necessariamente, integrariam postos diretivos na Igreja ou no setor educacional metodista.

Para se ter uma dimensão disso, tomando como base os dados oferecidos pela Associação de Ex-granberyenses, foi possível identificar vários ex-alunos do colégio que conseguiram posição de destaque junto ao serviço público ou exerceram cargos eletivos como: Odilon Duarte Braga (1894-1958), que foi deputado estadual (1923), deputado federal (1927), deputado constituinte (1933) e

⁶ Exemplo disso ocorreu quando a primeira sede dos metodistas foi apedrejada por meninos que teriam agido a mando de um padre da Igreja Católica. (KENNEDY, 1928, p. 37).

⁷ O Granbery atendia aos alunos de diferentes faixas etárias, que se estendiam pelos diferentes níveis de ensino desde o ensino primário à educação de nível superior. Para mais detalhes do histórico da instituição, ver: (NOVAES NETTO, 1997).

⁸ Os mais renomados gaúchos que passaram pelo Granbery nesse contexto a fim de se formar foram César Dacorso Filho, que se tornaria o primeiro bispo brasileiro da Igreja Metodista e Derly de Azevedo Chaves, que se tornaria reverendo e um dos mais importantes intelectuais da denominação religiosa no século XX no país. Ambos saíram de Uruguaiana para estudar no Granbery, sendo este o mesmo caminho feito por outros jovens. Sobre isso ver: (COSTA, 1967, p. 49-51).

Guaracy Silveira. Odilon Braga foi ainda Ministro da Agricultura entre 1934 e 1937. Outros ocuparam cargos nos seus estados, como o mineiro J. Guimarães Menegale e o paranaense José Justino Alves Pereira. Por fim, cabe mencionar os egressos que se tornaram professores – Affonso Romano e Nilo Camilo Ayupe. (PIRES, 2013, p. 153-154).

Assim, foi justamente no início desta década de sucesso vivida pelo educandário que diferentes correntes políticas passaram a se fazer presentes em seu interior, dentre elas o integralismo, situação que trouxe um quadro incomum para o partido e os membros da comunidade do Granbery, por conta da articulação de elementos tidos como “incompatíveis” pelos discursos dos líderes nacionais destas instituições, temas que serão abordados adiante.

O GRANBERY E AS DISPUTAS POLÍTICAS NA COMUNIDADE METODISTA DE JUIZ DE FORA

No início do ano letivo de 1930, numa reunião presidida pelo reitor do Granbery, Walter Harvey Moore, foi feita a apresentação dos novos professores, Oscar Machado e Dr. Maurício Gurgel, à equipe docente. Nesta, junto das instruções ordinárias relativas ao funcionamento do educandário, uma recomendação dada pelo reitor chamou a atenção: o pedido para que os professores não tratassem de assuntos relativos à política durante suas aulas.⁹

Sopesando essa solicitação feita por Walter Harvey Moore, ao investigarmos como era o cotidiano vivido no Granbery, notou-se que ela não foi atendida mesmo após o clima de incertezas que foi criado pelo golpe ocorrido em outubro de 1930¹⁰, em razão das práticas realizadas por parte de seus professores, alunos e pessoal administrativo que trouxeram diferentes correntes políticas para seu interior, situação que passou a gerar disputas nessa esfera.

Tais embates políticos trazidos para dentro do educandário, em boa medida, reproduziam aqueles que se encontravam na ordem do dia em esfera nacional ou mundial, marcadas, sobremaneira, pela descrença no sistema liberal e pela contraposição dos ideários comunistas e fascistas. Desta forma, não é de se estranhar que, no interior de um instituto criado pelos missionários metodistas oriundos dos Estados Unidos – que ainda se faziam presentes em seu corpo docente, administrativo, incluindo a figura de seu reitor –, cuja proposta educacional pautava-se pelo ideário liberal de progresso individual e de liberdade de escolha, em suma, uma prática educacional ligada ao moderno modelo norte-americano, ainda assim tenham surgido duras críticas ao liberalismo em seu periódico.

⁹ Acervo Histórico do Museu do Granbery Juiz de Fora: *Ata da Congregação do Granbery*, 14/02/1930, p. 79.

¹⁰ Em relação a este evento, encontrou-se uma menção importante sobre o posicionamento oficial da instituição, publicado em seu periódico: “Durante os dias de revolução o collegio não suspendeu suas aulas. [...] Chamados os reservistas compareceram quasi todos. Alguns conseguiram transpor as fronteiras, já nos ultimos momentos da luta e se apresentaram as hostes revolucionarias. O Granbery não prega partidos politicos. Prega o civismo que é a completa liberdade consciente. Assim é que victoriosa a revolução e de novo a paz, as senhoras Yonne Saldanha da Affonseca e Eunice Weaver offereceram uma festa em alegria pela volta de todos, pela paz e pelo cumprimento do dever. A administração do collegio foi estremamente rigorosa em prohibir qualquer discussão em aula e qualquer manifestação que pudesse trazer dificuldades á ordem ou ao nome do estabelecimento”. (*O Granbery*, 29/11/1930, p. 4)

A primeira delas ocorreu em setembro de 1933, numa matéria do jornal publicado pelo Granbery¹¹, na qual o autor, sob o pseudônimo de “Banco”, asseverou que as conquistas provenientes das ações dos liberais só foram possíveis num contexto no qual, graças a certa ignorância dos povos, uma pequena parcela conseguiu se beneficiar de seus resultados. Na sequência, o autor defendeu ser necessária a ocorrência de uma renovação política geral, que só ocorreria mediante a ação da juventude e da construção do Estado Corporativo¹², solução que entendia ser a ideal para a crise da liberal-democracia no mundo. (*O Granberyense*, 08/09/1933, p. 3).

Na verdade, entretanto a fala de Walter Harvey Moore na reunião do início do ano de 1930 possa ter decorrido do clima de instabilidade vivido, é importante frisar que não só no Granbery, mas em vários outros educandários metodistas do Brasil, seria inevitável que as discussões políticas viessem à tona. Isto é posto, haja vista que, ao reproduzir o modelo educacional dos colégios e universidades da denominação religiosa existentes nos EUA, uma de suas principais marcas seria a existência de uma cultura de incentivo à participação política, inspirada no lema “pensar e ser livre para pensar”, que era introjetado nos alunos pelas ações de órgãos como os grêmios literários. (NOVAES NETTO, 1997, p. 59-63).¹³

A intenção destes grêmios – como, por exemplo, o Centro Cívico que se encontra descrito na citação a seguir – ao englobarem debates que versavam sobre questões culturais e políticas, era a de preparar os discentes para as disputas que enfrentariam em sua vida profissional, com o fito de transformá-los em agentes que, uma vez assumindo postos importantes na política ou administração pública, ajudariam a difundir a ideologia protestante e os valores que embasavam as atividades metodistas, ampliando seu poder no país.

O Cento Civico d’OGranbery, fundado em 12 de Outubro de 1928 pelo professor Irineu Guimarães, vem, desde o seu início, exercendo as suas atividades, colocando-se á frente de todos os movimentos patrióticos no seio da mocidade granberriense, despertando na mesma o interesse pelo civismo nacional. As sessões civicas do colegio caracterizam-se pela solenidade com que são revestidas. Todos os feriados, bons oradores fazem ressaltar os acontecimentos históricos mais célebres. E as datas mais significativas, com carinho, são lembradas e homenageadas, insuflando no espirito da coletividade o verdadeiro amor pelo que é nosso e o modo pelo qual havemos de prosperar (*O Granberyense*, 20/10/1933, p. 1).

Foi nesta conjuntura que, ao lado das críticas dirigidas ao liberalismo no jornal *O Granberyense*, um fato vinculado às ações desenvolvidas pelo Centro Cívico marcaria as disputas políticas no interior do educandário, o convite para que Gustavo Barroso, um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira (AIB), visitasse o Granbery para a realização de algumas conferências.

¹¹ O jornal, antes denominado *O Granbery*, a partir da edição de junho de 1933, passou a se chamar *O Granberyense*.

¹² Como se tentou demonstrar em nossa tese de doutoramento, esse liberalismo do qual os missionários norte-americanos se configuraram como importantes divulgadores se tratava de um liberalismo que se poderia adjetivar de conservador. (PIMENTA, 2019).

¹³ Em 1933, o Granbery possuía três Grêmios Literários: o Grêmio Literário Coelho Neto, o Grêmio Literário Castro Alves e o Grêmio Literário Silvío Romero. Para se mensurar a similaridade entre estes órgãos presentes em diferentes educandários metodistas, que reproduziam o modelo educacional metodista vindo dos EUA.

AS RELAÇÕES ENTRE O METODISMO E O SURGIMENTO DO PRIMEIRO NÚCLEO INTEGRALISTA DE JUIZ DE FORA

Se as primeiras manifestações de simpatia pelo fascismo em Juiz de Fora se fizeram presentes a partir de junho de 1933, quando o ministro alemão, Schmidt Elskop, visitou a cidade, ensejando elogios a Adolf Hitler por seu combate ao comunismo num editorial da *Gazeta Commercial* (CORREA, 1973, p. 66), seria a partir da visita da caravana integralista¹⁴, liderada por Gustavo Barroso¹⁵, que, meses depois, elas se tornariam mais fortes.¹⁶

Desde o trabalho pioneiro sobre a presença integralista em Juiz de Fora foi informado que a visita de Gustavo Barroso para a realização de duas conferências no Granbery e uma no Palace Hotel, ocorreu devido a um convite feito pelo professor Oscar Machado – que se transformaria no chefe municipal dos camisas-verdes na cidade. Contudo, é necessário pontuar que tal narrativa não é correta, pois, ainda que se leve em conta que Oscar Machado tenha exercido também influência nesse processo, na verdade, foi o professor Irineu Guimarães quem, de fato, o teria convidado.

O convite por ele feito, se, por um lado, poderia ser tomado como uma das atribuições deste professor à frente do Centro Cívico, por outro, indica que não só as ideias políticas de Irineu Guimarães ainda poderiam estar se delineando nesse contexto¹⁷, assim como as disputas políticas que se fariam presentes no instituto.

Nessa direção, uma conjectura possível para se interpretar tal convite advém do fato de que, à época, buscar entender quais seriam as propostas dos integralistas, poderia haver algum tipo de aproximação entre ele e Oscar Machado¹⁸, sobretudo em relação à crítica que eles faziam do liberalismo, situação que iria se desfazer com o passar do tempo e a consolidação de suas posições políticas. (NOVAES NETTO, 2004, p. 46).

Reavivando a crítica ao liberalismo que já se fazia presente no Granbery, o teor das falas de Gustavo Barroso serviu para aprofundá-la, ao mesmo tempo em que, pela primeira vez, trouxe para o educandário uma efusiva defesa do integralismo, como a única forma de combater a crise vivenciada e conter o avanço comunista.

¹⁴ As bandeiras ou caravanas eram uma das mais importantes e eficazes estratégias de divulgação do integralismo, alcançando um significativo sucesso. Os principais líderes nacionais da AIB, Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, ladeados por outros importantes nomes dos camisas-verdes em esfera nacional ou regional, percorriam o país, do litoral ao interior, para realizar conferências de divulgação de modo a fomentar a criação e o fortalecimento de núcleos integralistas de norte a sul do país.

¹⁵ Além de suas atividades na AIB, nas quais escreveu uma série de obras doutrinárias, Gustavo Barroso consolidou sua condição de intelectual ao fundar, em 1922, o Museu Histórico Nacional e em 1923 ser aceito como membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

¹⁶ A concepção de fascismo aqui adotada insere o integralismo brasileiro no seio de uma série de movimentos políticos, partidos e governos que podem ser tipificados como tal. Ver: (PIMENTA, 2015, p. 127-130).

¹⁷ Num futuro próximo ele seria uma das personalidades de proa a defender os ideais comunistas no interior do metodismo, transformando-se num dos principais inimigos dos integralistas.

¹⁸ Embora isso não tenha sido um argumento defendido pelo autor da obra que abordou a trajetória de Irineu Guimarães, ele apresentou um trecho do depoimento do advogado e ex-professor do Granbery, José de Freitas e Silva que, ao abordar esse período de consolidação de suas ideias políticas, sugeriu ter havido um breve flerte deste personagem com o integralismo: “[...] inicialmente, simpatizante do integralismo, passou às fileiras do comunismo, tendo sido considerado, segundo voz corrente, mentor da juventude comunista sul-americana”. (NOVAES NETTO, 2004, p. 46).

Para se ter uma ideia do modo como as palavras de Gustavo Barroso influenciariam as falas de Oscar Machado, a seguir se compara um trecho de uma conferência que o líder nacional do integralismo proferiu nas dependências do Palace Hotel, com uma entrevista dada pelo educador metodista ao periódico do educandário. Denota-se que havia poucas mudanças em seu teor, sendo que ambos lançaram mão de um léxico semelhante:

O liberalismo isolou o homem no individualismo e somente o considerou como cidadão-eleitor. O comunismo submerge-o no oceano da massa e o transforma em parafuso com estomago e libido dum maquinismo social. O mundo inteiro sente a imprescindível necessidade duma síntese que combate essas análises unilaterais. No duelo travado entre burgueses e operarios, os verdadeiros intelectuais entram com uma terceira fórmula de justiça social. Karl Marx não previu este aspecto da luta de classes. Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-socialismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo. (BARROSO, 1934, p. 45)

O liberalismo, por exemplo, hipertrofia um aspecto do individuo. Crêa o homem cívico. Tudo resolve pela mentira do voto. Dá lugar ao racionalismo individualista que, sendo egoista, gera o capitalismo internacional, que é a causa da depressão econômica presente. O Socialismo, do outro lado, exagera o aspecto econômico da vida. Assim como o Liberalismo crêa o homem cívico, o Socialismo crêa o homem estomago. O integralismo une esses dois aspectos da vida pela influência superior do Espírito. Vê o homem total, integral – corpo razão e espírito. Logo tem lugar para a Economia e a Política, mas, completando, superpõe a ambas a Religião. Essa é a concepção totalitária da vida (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 3-4).¹⁹

Pode-se afirmar que, se até o último quarto de 1933, os líderes nacionais da AIB haviam dedicado pouco ou quase nenhum grande esforço para que o integralismo se fizesse presente de forma institucional em Juiz de Fora, pelo que se pôde observar, tal cenário se alteraria substancialmente.

Uma vez lançada a semente nas três conferências que Gustavo realizou entre os dias 20/10/1933 e 22/10/1933, no mês seguinte, em 27/11/1933, evidenciando que a cidade despertava cada vez mais a atenção das lideranças nacionais da AIB, a presença de uma nova bandeira integralista, desta vez capitaneada pelo próprio Plínio Salgado, contribuiu decisivamente para que o primeiro núcleo dos camisas-verdes de Juiz de Fora fosse criado em dezembro.

É neste interstício que a comunidade metodista local passou a se configurar como um dos focos principais para a penetração do integralismo em Juiz de Fora pois, não só o Granbery convidou e também sediou as conferências de Barroso, como o primeiro líder municipal dos camisas-verdes, o professor Oscar Machado, era um dos mais renomados metodistas da cidade.²⁰

¹⁹ ACERCA de um movimento patriótico. *O Granberyense*, Juiz de Fora, 18/12/1933, p. 3-4.

²⁰ A importância de Oscar Machado para sua disseminação na comunidade metodista foi explicitada por Arsênio Firmino Novaes Netto que situou o Granbery e a Igreja Metodista como os focos a partir dos quais o integralismo penetrou na cidade. (Entrevista concedida por Arsênio Firmino Novaes Netto a Everton Fernando Pimenta, Juiz de Fora, 31/03/2017).

SOB A BATUTA DE OSCAR MACHADO: A ESTRUTURAÇÃO E A CONSOLIDAÇÃO DA AIB EM JUIZ DE FORA

Sendo um dos primeiros entusiastas da AIB em Juiz de Fora, desde a fundação de seu primeiro núcleo, Oscar Machado passou a ocupar um importante papel em sua estruturação na cidade. Em entrevista concedida ao jornal do Granbery, pelo que se infere, quando ele integrava as hostes dos camisas-verdes na cidade, ao se referir à importância da visita de Gustavo Barroso para a recepção das ideias integralistas no educandário, o educador declarou:

Acho que Gustavo Barroso veio ao Granbery numa hora oportuníssima. O Granbery é uma sociedade em miniatura. A inquietação social contemporânea repercute em nosso meio. Todos nos deleitamos com as palavras do grande líder da mocidade. E isso porque nós estávamos precisando ouvir o que êle disse. Quer vistamos a camisa verde ou não, todos nós devemos ser integralistas. A grande maioria dos granberenses reagiu favoravelmente diante do apêlo feito ao espirito moço pelo eminente brasileiro que nos visitou. Acredito que a vinda de Gustavo Barroso é a maior contribuição que o Centro Civico já fez ao nosso Instituto (*O Granberyense*, Juiz de Fora, 18/12/1933, p. 3-4).

Contrariando os pedidos anteriores, para que o corpo docente do Granbery não falasse de política, Oscar Machado atuou sob uma perspectiva bastante diferente. Além de ter contribuído para viabilizar a visita de Gustavo Barroso ao instituto, ele também realizou a propaganda da AIB durante suas aulas, situação que o colocou como alvo de uma charge no jornal do educandário, representando-o ladeado pela letra grega Sigma (Σ), um dos símbolos dos camisas-verdes. (*O Granberyense*, 18/12/1933, p. 7).

Em entrevista realizada com Arsênio Firmino Novaes Netto, que pesquisou o histórico do Granbery e também a trajetória de Irineu Guimarães (NOVAES NETTO, 1997; 2004), quando perguntado sobre a atuação política de Oscar Machado no interior do instituto e da igreja Metodista em Juiz de Fora, ele reforçou a afirmação de que eram constantes suas manifestações pró AIB durante suas aulas:

O professor Oscar Machado, ele realmente era o... o coordenador - o nome não é esse - da célula integralista na igreja central. Porque tinha muitos integralistas na igreja central de Juiz de Fora... [Metodista] central. E, também, aqui no Granbery, ele fazia proselitismo mesmo a favor do... do integralismo. Nós sabemos que é uma organização fascista, não é? E... E ele aqui ficou, trouxe Plínio Salgado [...]. E... E outros... O Barroso. [...] E ele falava... Apesar de que o Granbery não deixava que os professores tivessem as suas opções, mas pedia a eles que não falassem em política em sala de aula. Mas o professor Oscar Machado, ele não se continha e ele defendia o integralismo em sala de aula, não é? (Entrevista concedida por Arsênio Firmino Novaes Netto a Everton Fernando Pimenta, Juiz de Fora, 31/03/2017).

De toda sorte, já na condição de figura de proa da AIB na cidade, no fim de 1933, Oscar Machado e sua família saíram de férias para visitar sua terra natal, o Rio Grande do Sul. Lá, ele participou do 2º Concílio Geral da Igreja entre 04/01/1934 e 19/01/1934 sendo que, por isso, suas ações no núcleo integralista de Juiz de Fora só voltariam a ocorrer meses depois.²¹

Para ser mais preciso, elas foram reiniciadas em abril de 1934, quando Oscar Machado foi nomeado como chefe municipal da AIB de Juiz de Fora. A estruturação iniciada a partir de sua designação para tal posto trouxe uma nova dinâmica para os camisas-verdes. Foram criadas suas secretarias municipais e escolhidos seus respectivos chefes, assim como, em relação às estratégias de publicidade adotadas, a criação do primeiro periódico integralista a circular na cidade, *O Sigma*, foi importante:

Na reunião de 6 de abril, Machado leu a carta de nomeação que lhe foi dirigida pelo Chefe Provincial de Minas Gerais, Olbiano de Melo. A partir de então, intensificou-se o trabalho de propaganda. Mauro Moreira (secretário de Finanças) fez uma conferência intitulada *Técnicas da Revolução Bolchevista e os meios de combatê-la*, enquanto Miguel Burnier (presidente do Centro de Estudantes de Juiz de Fora) dissertou sobre *A liberal-democracia e os males que têm causado ao Brasil*. Todavia, se a propagação das ideias integralistas ficasse restrita às conferências proferidas na sede do núcleo, não alcançaria resultados significativos. Assim é que, depois do aparecimento, no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1934, do jornal *A Offensiva* (principal órgão da Ação Integralista no Brasil), o núcleo local começou a preparar o lançamento de um veículo de propaganda para facilitar a penetração do movimento do *Sigma* nas mais diversas camadas da população juiz-forana (CORREA, 1973, p. 70).

A partir de então, sob a batuta de Oscar Machado, a presença dos camisas-verdes se complexificaria ainda mais em Juiz de Fora. Em junho, foi criada a milícia integralista local, ao mesmo tempo em que, acompanhando o crescimento do número de militantes do Sigma, eles mudariam de endereço, localizando-se no número 24, sala 1, da galeria Pio X. (CORREA, 1973, p. 70).

Intensificando ainda mais seus esforços propagandísticos, além das sessões doutrinárias ocorridas na sede local dos camisas-verdes, em julho, foi realizada a Semana Integralista de Juiz de Fora, com o intento de atrair novos adeptos, iniciativa que também foi acompanhada pela criação da Juventude Integralista, ocorrida em agosto. (CORREA, 1973, p. 70-71).

Em suma, passados esses momentos iniciais da presença integralista em Juiz de Fora, que foram de fundamental importância para o grande crescimento que a AIB alcançaria no futuro, a chefia de Oscar Machado chegaria ao fim em setembro de 1934, quando ele foi transferido para ser o reitor de um educandário metodista na capital gaúcha.

Se este fato não levou ao enfraquecimento dos integralistas na cidade, ao menos serviu para ilustrar como alguns dos elementos tidos como “incompatíveis”, seja para a militância na AIB, seja para a participação no metodismo, iriam, pouco a pouco, se mostrar cada vez mais fortes, aspectos que precisam ser melhores explorados a partir de agora.

²¹ Conforme foi noticiado pelo jornal *Correio de Minas*, não se pode perder de vista que, durante sua estada em Porto Alegre, ele participou de uma reunião em um dos núcleos da capital gaúcha. (*Correio de Minas*, 17/01/1934, p. 1).

DESCOMPASSOS ENTRE O DISCURSO OFICIAL E AS EFETIVAS PRÁTICAS POLÍTICAS DOS CAMISAS-VERDES

Quando se analisa uma dada experiência política e se busca compreender as práticas de seus integrantes à luz de seu corpo doutrinário, tomado como parâmetro para uma participação tida como “desejável” por parte de sua alta hierarquia, muitas vezes, se podem encontrar certos descompassos entre o discurso oficial proferido e as reais atividades de seus membros, mormente, quando aquela passa por um processo de complexificação.

Um exemplo bastante elucidativo disso ocorreu durante o período de existência do fascismo histórico na Itália quando, no plano discursivo, apesar dele assumir uma posição contrária ao liberalismo, de modo a atuar no sentido de um maior diretivismo na economia para possibilitar seu desenvolvimento, na prática, uma vez tendo atingido o poder, esta situação não se mostrou tão clara:

A dificuldade de visualizar esse quadro se verifica em função dos apelos que o fascismo havia feito aos grandes proprietários de terra, às classes conservadoras em geral, manifestando, assim, uma oposição à indústria. Mas, na verdade, essa situação de fato nunca chegou a ocorrer. A questão é ter sempre presente a diferença entre fascismo na oposição e o fascismo no poder. A discussão se coloca na forma de apoio que o grande capital dá ao fascismo e no que exige em troca (RODRIGUES, 1974, p. 13).

No que tange ao integralismo brasileiro, ao nos atentar sobre o que apregoavam seus ideólogos, temos que, desde seu documento fundador, o Manifesto de Outubro, dentre os principais inimigos, como era de se esperar, foram situados o comunismo e o liberalismo:

Nós não ensinamos ao operário a doutrina da covardia, da desilusão, do ódio, da renúncia, como o comunismo, ou a anarquia; a doutrina da submissão, do ostracismo inevitável, da conformação com as imposições dos políticos, como a democracia liberal. Nós ensinamos a doutrina da coragem, da esperança, do amor à Pátria, à Sociedade, à Vida, no que esta tem de mais belo e de conquistável, da ambição justa de progredir, de possuir os bens, de elevar-se, de elevar a família. Não destruímos a pessoa, como o comunismo; nem a oprimimos, como a liberal-democracia; dignificamo-la (SALGADO, 1932).

Nessa seara, no mapeamento feito por Héliog Trindade sobre as principais motivações que levaram sua militância a entrar para a AIB – realizado com base em entrevistas semidiretivas com líderes e militantes comuns desta –, além dos já citados liberalismo e comunismo, ao abordar os inimigos declarados do integralismo, o autor, nos seguintes termos, apresentou aqueles que seriam, na ótica dos camisas-verdes, seus principais opositores e motivos de adesão ao sigma:

O integralismo propõe-se a combater o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria. A neutralidade do Estado liberal diante do desenvolvimento da sociedade criou condições favoráveis à ação do capitalismo internacional e ao desenvolvimento do socialismo. Nesta perspectiva, os integralistas consideram que o socialismo não seria a antítese do capitalismo, mas o

resultado natural de sua evolução, porque ambos se apóiam nas mesmas bases materialistas. Uma parte significativa dos integralistas considera que todos os adversários do movimento formam um bloco sob a dominação judaica. Esta tendência anti-semita, embora não seja dominante entre os teóricos integralistas por razões de princípio ou tática política, era no entanto, muito difundida entre os militantes de base em função da simplicidade de seu esquema explicativo [...] (TRINDADE, 1979, p. 227-228).

Portanto, poder-se-ia afirmar que, desde o Manifesto de Outubro, no corpo doutrinário do integralismo, que era difundido por meio de suas publicações mais aprofundadas, a exemplo de seus livros e daquelas mais simplificadas destinadas aos militantes comuns – jornais, revistas e panfletos –, que os inimigos principais declarados do movimento seriam o comunismo, o liberalismo, a maçonaria e o judaísmo.²²

Entretanto, tirante não tenha conseguido chegar ao poder como o ocorrido com o fascismo italiano, a AIB elencava estes grupos como aqueles que deveriam ser combatidos e semelhantemente ao ocorrido com os camisas-negras de Mussolini, passou por uma significativa reestruturação no ano de 1936.

Esta situação, que representou sua mudança da “fase revolucionária” para “fase eleitoral” (TRINDADE, 1974, p. 176-178), fez com que ela deixasse um pouco de lado sua “pureza doutrinária” e se colocasse como um partido político de massa de representatividade nacional, que tinha como objetivo eleger Plínio Salgado, no pleito para a presidência da República, que estava marcado para o ano de 1938.²³

Em outro texto que abordou a presença integralista no Rio Grande do Sul, ao analisar as medidas adotadas por Plínio Salgado e outros líderes frente às situações conflitantes ocorridas, seja em relação às divergências religiosas ou ao modo como um de seus inimigos principais seriam confrontados, a maçonaria, foi possível verificar essa mudança no posicionamento ocorrido na AIB (PIMENTA, 2019, p. 228-276).

A partir do momento no qual essa “pureza doutrinária” foi posta de lado em detrimento da atuação dos camisas-verdes no jogo político-partidário, – posição que se colocava apartada daquela que, anteriormente, era apregoada como “ideal” por parte dos principais teóricos e da chefia nacional – o modo como elas passaram a ser tratadas demonstram que existiam hiatos entre o plano teórico e as efetivas ações realizadas pelos camisas-verdes.

A seguir, se tentará entender melhor esta situação ao exemplificar como, em Juiz de Fora, algumas dessas questões foram abordadas, comparando o contexto no qual Oscar Machado era o líder municipal da AIB, com o período posterior à sua saída.

²² O antisemitismo e o conseqüente combate aos judeus, que se faziam presentes nos discursos de líderes como Gustavo Barroso – tendo sido forte entre importantes camisas e blusas verdes gaúchos como, por exemplo, Aurora Wagner que, em entrevista à Héglio Trindade, assumiu ter entrado para a AIB por influência de Gustavo Barroso (TRINDADE, 2016, p. 424) –, não era comungado por todos do movimento, representando uma difícil e espinhosa questão a ser resolvida pelo próprio líder máximo da AIB, Plínio Salgado, caso os integralistas viessem a assumir o poder.

²³ É preciso lembrar, porém, que, desde 1934, os camisas-verdes já participavam das eleições, situação que, somada a outros fatores, parecem ter levado a esta alteração da AIB.

ENTRE A CRUZ, COMPASSO E O SIGMA: AS “INCOMPATIBILIDADES” ENTRE O INTEGRALISMO E O METODISMO

De acordo com o que se vislumbrou no início deste capítulo, os missionários metodistas norte-americanos que se radicaram na cidade de Juiz de Fora, em larga escala, eram membros da maçonaria, situação que foi confirmada pelo depoimento de Arsênio Firmino Novaes Netto:

Mas, naquela época, John Wesley era maçom, Mister Moore era maçom, todo mundo era maçom. E esse pessoal contribuiu pra Proclamação da República. Grande parte da vinda do Granbery para aqui pra Juiz de Fora se deveu ao fato de que aqui era reduto liberal, dos liberais. Era reduto dos maçons [...] O Granbery, ele... A própria Igreja Metodista e o Granbery eram... as lideranças eram maçônicas, não é? E, como eu lhe disse anteriormente, a... Uma das... Um dos motivos que fez o Granbery vir pra Juiz de Fora foi, naturalmente, pelo ambiente cultural que havia aqui na cidade e pela forte ligação com os... com os maçons, com os liberais e os republicanos. Já havia um reduto importante aqui de maçons e de republicanos aqui em Juiz de Fora que apoiaram muito a vinda do Granbery pra cá. (Entrevista concedida por Arsênio Firmino Novaes Netto a Everton Fernando Pimenta, Juiz de Fora, 31/03/2017).

Por este motivo e também pelo fato de que todo o sistema educacional por eles implementado, eivado de um ideário que, além de religioso, possuía marcas profundas advindas do liberalismo e de elementos da cultura dos EUA, como o “mito da fronteira” e concepção do “destino manifesto”, constituíram-se como características que, inicialmente, aproximaram os metodistas das elites dessa região, contribuindo para sua instalação mais fácil em tal localidade.

Nesse sentido, reiterando que o liberalismo era uma das marcas principais do modelo educacional que transformou o Granbery na maior instituição de ensino metodista do país, ainda assim, verificou-se que, a partir de 1933, críticas a ele surgiram em seu interior. Estas, que foram fomentadas, sobretudo, pela presença de adeptos e simpatizantes da AIB no educandário, além de reproduzir o discurso oficial dos camisas-verdes, que tomava o liberalismo como um de seus principais inimigos, notadamente podem também terem sido influenciadas pela fala de Gustavo Barroso.

Destarte, se sua presença influenciou o surgimento do integralismo em Juiz de Fora, é preciso frisar que, tal qual o ocorrido com o fascismo na Itália, por seu corpo doutrinário não ser uniforme, tampouco o posicionamento adotado por seus líderes principais em relação às principais bandeiras e inimigos da AIB também o era.

Por essa trilha, ao situar o integralismo no interior de uma família de movimentos, partidos e governos fascistas que se espalharam pelo mundo a partir do período compreendido entre as duas guerras mundiais, concorda-se aqui com as proposições de Umberto Eco que asseverou:

[...] Não adianta dizer que o fascismo continha em si todos os elementos dos totalitarismos sucessivos, por assim dizer, “em estado quintessencial”. Ao contrário, o fascismo não possuía nenhuma quintessência e sequer uma essência. O fascismo era um totalitarismo fuzzy. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições (ECO, 2006, p. 37 -38).

Sob tal prisma, essas situações que apontam, tanto para uma posição hesitante por parte de lideranças dos camisas-verdes, quanto para a existência de um certo hiato entre discurso e práticas – que também refletia a falta de clareza de suas chefias – podem ser visualizadas por meio de dois exemplos. O primeiro deles, que poderia ter impactado a presença integralista no Granbery ou na igreja metodista de Juiz de Fora, adveio da notória busca empreendida por Plínio Salgado de apoio oficial da Igreja Católica para a AIB.²⁴

Essa tentativa que, preliminarmente, poderia sugerir que ele teria algumas ressalvas em relação às igrejas protestantes, não gerou maiores problemas²⁵ pois, apesar de não ser tão comum a presença destes grupos religiosos entre os camisas-verdes, as lideranças regionais ou nacionais dos últimos não apresentavam objeções a ela – ainda que poucas exceções possam ter sido verificadas –, mesmo num estado marcado pela forte presença do catolicismo como era Minas Gerais.

Um segundo exemplo mais marcante, que poderia ter inviabilizado a penetração integralista entre os metodistas de Juiz de Fora, se remete às incisivas críticas realizadas por Gustavo Barroso frente as sociedades secretas como a maçonaria em suas obras que, inclusive, foram feitas de modo explícito nas conferências por ele proferidas na cidade.

Embora essa não fosse uma posição unânime da chefia nacional, não se constataram quaisquer represálias às falas de Gustavo Barroso nesse contexto de surgimento, expansão e das atividades dos camisas em Juiz de Fora, mesmo sendo Oscar Machado um membro da comunidade metodista local que era também participante da maçonaria e da AIB.

Numa direção inversa, destaca-se que, além de, em seu plano doutrinário, os integralistas terem declarado que a sociedade secreta era um dos inimigos a serem por eles combatidos, argumentos reprisados na segunda conferência realizada por Gustavo Barroso no Granbery²⁶, até onde se conseguiu apurar, isso não criou dificuldades para suas ações, seja no educandário ou na igreja metodista.

Uma possível interpretação para a não observância de significativas críticas realizadas por parte dos metodistas aos ataques realizados contra o liberalismo e a maçonaria – nada obstante se conjecture que existiam membros desta denominação religiosa que não tenham abraçado o integralismo na cidade e que, pelo contrário, tenham até se colocado contrários a ele – podem derivar do fato de que, malgrado em seu discurso oficial, a administração do Granbery tenha pedido

²⁴ A discussão mais aprofundada sobre isso foi feita no trabalho: (PIMENTA; GONÇALVES, 2019, p. 251-286).

²⁵ Abordando a relação entre protestantismo e integralismo no Rio Grande do Sul, conquanto se faça o alerta de que não havia uma correlação imediata entre o luteranismo e a adesão ao Sigma, René Gertz afirmou que, numa parcela dos membros dessa denominação religiosa no estado, a atuação dos camisas-verdes era vista com bons olhos. Essa situação serviu de incentivo para que muitos deles adentrassem no integralismo, já que integrar a AIB lhes possibilitaria atuar no campo político que era, notadamente, então dominado pelos católicos. Ver: (GERTZ, 1987).

²⁶ Sobre o constante ataque de Gustavo Barroso aos judeus internacionais e a maçonaria, vários trechos das conferências realizadas no Granbery poderiam ser aqui lembrados. A título de ilustração, seguem dois pequenos excertos: “Em todas essas manifestações, não é possível deixar de sentir como o plano de conjunto, a trama completa duma empresa secreta anti-tradicional, anti-cristã, tendente a partir todas as fôrmas da cultura, a quebrar todos os padrões de valor da humanidade, de maneira a deixa-la sem defeza às mãos dum empirismo grosseiro e dum materialismo desabusado.” (BARROSO, 1934, p. 118); “A bancarrota final do mundo, se até lá fôssemos sem uma reação salvadora pelo caminho, o que não é mais possível, seria também, castigo justo, a bancarrota total do argentarismo judaico que a provocou.” (BARROSO, 1934, p. 119).

que as manifestações políticas não ocorressem dentro do instituto, a alta hierarquia metodista, veladamente, poderia ter passado a ver o contato com diferentes correntes políticas com bons olhos nesse período.

Ademais, visando a criar futuros líderes para trabalhar na Igreja Metodista, em seus educandários, mas também para atuar nos grandes centros decisórios, não só as atividades políticas desempenhadas por Oscar Machado, como a ampliação da penetração dos metodistas em diferentes partidos, dos mais variados matizes programáticos, a posterior atuação política de Irineu Guimarães²⁷ e de outros membros de seu corpo docente, passaram a ser vistas como uma boa ocasião para a maximização das chances da denominação religiosa capilarizar seus valores e ideologia protestante.

Logo, tais manifestações políticas não só foram toleradas nesta pequena comunidade metodista, como também passaram a ser festejadas pelo jornal do Granbery, por conta da participação de alguns de seus docentes no pleito do ano de 1934:

Para representarem na Camara Federal e Estadual, alguns nomes de relevo entre os nossos mestres granberyenses foram indicados nas chapas formadas por alguns dos partidos. Os nomes granberienenses, que foram indigitados para o referido pleito eleitoral, cujas cédulas já deverão ter sido apuradas, são: Drs. Josué Cardoso e Derlí de Azevedo Chaves, ambos em atividade no O Granbery como diretores; O prof. Oscar Machado, atualmente residindo no R. G. do Sul e diretor do Porto Alegre College. O Prof. Irineu Guimarães, com residência em Belo Horizonte e figura de grande destaque no corpo docente do Instituto Isabella Hendrix, bem como na sociedade belorizontina. Muitos outros granberienenses foram candidatos e certamente sufragados. Aguardamos ansiosos, com um voto esperançoso aos candidatos, para o bem do Brasil (*O Granberyense*, 20/10/1934, p. 4).

Sob tal prisma, se notou que, quando Oscar Machado se encontrava à frente dos camisas-verdes em Juiz de Fora, o Granbery e a Igreja Metodista se configuraram como dois importantes ambientes que facilitaram a chegada do integralismo à cidade. Porém, desde a transferência do educador para Porto Alegre, é perceptível que, tanto a AIB passou por um processo de grande crescimento, como também as possíveis animosidades que, presumivelmente, eram amainadas, de lado a lado, pelo fato dele ser uma figura importante no metodismo e entre os camisas-verdes, aos poucos vieram à tona.

Sobre o primeiro ponto, para se ter uma dimensão do grande crescimento alcançado pela AIB em Juiz de Fora, tem-se que, em 1937, somando-se o núcleo central da cidade com os demais subnúcleos e núcleos distritais a ele subordinados, ela chegou a contar com um contingente superior ao atingido pelos integralistas de Porto Alegre, cidade que, além de ser capital do Rio Grande do Sul, possuía uma população quase três vezes maior no período. (PIMENTA, 2019, p. 176-177).

²⁷ Poucos anos depois, conquanto comungasse dos ideais comunistas e viesse a integrar o PCB, Irineu Guimarães foi eleito vereador em Juiz de Fora pelo PTB para a legislatura do período compreendido entre 1947 e 1950 por conta de o partido comunista ter sido colocado na ilegalidade. Nesta conjuntura, junto de Lindolfo Hill, que também integrara o PCB, teve como um de seus principais adversários políticos Abel Rafael Pinto, ex-integrante da AIB que, após 1945, integrava o PRP, sigla que representou a continuidade dos integralistas nesse novo contexto, Ver: (BRAGA, 2006, p. 36).

Indubitavelmente, Oscar Machado foi importante para este crescimento obtido pelo integralismo na cidade, contudo, não se devem menosprezar as iniciativas tomadas pelos outros líderes que os procederam na chefia municipal do movimento, como Cyro Gusmão, Dr. Vespasiano Pinto Vieira Filho, Dr. Antonio Procópio Teixeira e Luiz Campos Barros. (*Panorama*, 03/12/2000, p. 2).

Faz-se tal ponderação, pois foi no período no qual a AIB se encontrava comandada por essas outras lideranças que, em escala nacional ou local, cresceram as divergências, tanto dos metodistas em relação aos integralistas, quanto dos integralistas em relação aos metodistas, ao ponto de se tornar, ao menos no plano discursivo, incompatível que uma pessoa fosse integralista e metodista simultaneamente.

Do lado dos metodistas, publicado em seu principal periódico, O Expositor Cristão, um artigo de autoria de Couto Esher, relativo à participação dos evangélicos no integralismo, era bastante enfático sobre a posição adotada pela denominação religiosa:

[...] um crente ou mesmo um liberal não pode ser integralista [...]. O lema distintivo do integralismo, como o da ação social brasileira, que é a mesma cousa, na sua propaganda de princípios, e seus meios de levar a convicção aos espíritos, é pela razão ou pela força. Daí a formação das chamadas ‘tropas de assalto’ (à moda do fascismo)” Indo mais além, esse jornal traz, entre outras contraposições ao integralismo, a de atentar contra a liberdade, o direito e a democracia: “não somente perpetua a exploração do fraco senão que, em grotesco culto de auto-adoração, pretende sustentar o caráter messiânico de determinada ideologia, nacionalidade ou raça; estabelecendo-a da mesma maneira que o comunismo, por meio da ditadura, sabe-se como e quando começa; ignora-se, porém, quando e como termina (NOVAES NETTO, 2004, p. 45).

Salienta-se que são necessários estudos mais aprofundados para se avaliar, em se tratando da alta hierarquia do metodismo no Brasil, a mudança de posição adotada pela denominação religiosa frente ao integralismo ao longo do tempo e se ela teve alguma vinculação ao posicionamento adotado pela maçonaria brasileira frente ao movimento político liderado por Plínio Salgado.

Outrossim, existindo ou não alguma vinculação entre eles, passados os eventos ocorridos na chamada Batalha da Praça da Sé - no qual os que celebravam a data de aniversário de dois anos do lançamento do Manifesto de Outubro foram atacados pelos comunistas, sendo também aventada a participação dos maçons nesse ataque, posto que possuíam uma loja neste local (ABRAMO, 2014), o Grande Oriente do Brasil (GOB), sob a liderança do Grão-Mestre General Moreira Guimarães, emitiu uma circular para todas as Lojas a ele subordinadas que, atendendo às consultas feitas pelas lojas maçônicas de diversas localidades, sobre qual deveria ser a medida tomada em relação aos camisas-verdes, tinha como conteúdo o seguinte:

O integralismo e a maçonaria são instituições que se repelem; não deve a maçonaria admitir integralistas em seu seio, o que motiva em considerações que expõe; os Maçons integralistas renegam os princípios liberais maçônicos, prova já dada pelos respectivos procedimentos na Itália, em Portugal e na Alemanha; às Lojas compete deliberar sobre a conveniência de conservar ou eliminar dos seus quadros os Maçons que agem contra os princípios maçônicos (CASTELANNI, 2012, p. 155).

Essas diretrizes foram encaminhadas a todas as lojas maçônicas sob a supervisão do Grande Oriente do Brasil²⁸ e, ainda que, possivelmente, existissem metodistas vinculados a lojas que não fossem subordinados a ele, não é descabido pressupor que o documento, somado à posição publicada no *Expositor Cristão*, tenham concorrido para uma ruptura dos metodistas com a AIB.

Se o posicionamento dos maçons, pelo que se pôde apurar, parece ter se verticalizado aqui e acolá, ao longo do tempo²⁹, quando voltamos para qual a postura adotada pelos líderes integralistas em relação à participação de maçons na AIB, verificamos que elas permaneceram vacilantes, não raro causando até tensões por conta de uma não definitiva tomada de posição.

Uma destas tensões ocorreu no Rio Grande do Sul, no qual, um dos três líderes da AIB no estado, Anor Butler Maciel, ao escrever um artigo no jornal pertencente aos integralistas, sobre como funcionaria o Estado Integral, aproveitou para criticar a maçonaria:

O Estado, no entanto, vela pelo interesse coletivo. Por isso, as seitas fechadas, de caráter secreto, têm de ser ventiladas. O Estado não tolerará sociedades e praticas secretas, por que toda a ação individual tem de se harmonizar com o bem estar da coletividade e, por isso, se faz mistér a divulgação da finalidade de todas as associação. Nem o extremismo, nem a indiferença (*O Integralista*, 03/03/1934, p. 1).

No mês seguinte, um grupo de católicos que fazia parte da AIB, capitaneados por Ernani Fiori, questionou no jornal *Correio do Povo* a participação de maçons nas hostes do sigma, criticando o fato de que o chefe dos camisas-verdes no estado, Dario de Bittencourt, era um dos integrantes da sociedade secreta. Sem saber como lidar com esses questionamentos, o posicionamento pelo triunvirato que comandava a sessão gaúcha da AIB, dentre eles, o próprio Anor Butler Maciel, foi o de consultar a chefia nacional para resolver tal celeuma.

Dias depois, pautando-se pelas respostas dadas por Miguel Reale, o triunvirato reproduziu os argumentos dados pelo chefe nacional de doutrina por meio das páginas do *Correio do Povo*:

²⁸ Sobreleva-se entre elas a Loja Perseverança de Paranaguá-PR. Pelo que se infere, após os eventos ocorridos na Parça da Sé, o maçom Dario Nogueira dos Santos, num pequeno opúsculo, fez duras críticas ao Manifesto Integralista, à sua violência, inserindo os posicionamentos da AIB ao lado das experiências fascistas europeias que eram combatidas pela Sociedade Secreta: “A Maçonaria combate as guerras que estiolam, aviltam, deprimem, e ferem diretamente a solidariedade, fraternidade e igualdade humana, no entanto, a Ação Integralista está francamente ao lado das forças armadas desejosas de seu apoio, para conquistar o poder, para a anunciada grande marcha sobre o poder, como Mussolini e Hitler já fizeram nos seus Países. O Integralismo estabelece a luta racial de acordo com os dizeres do Chefe Nacional Plínio Salgado: “- O Brasil, poderá viver unido e forte, indestrutível, livre da invasão do proletariado internacional, livre o judaísmo capitalista de Londres e Nova York, assim como livre do judaísmo”. Como estabelecer a fraternidade universal alimentando campanhas raciais quando a Maçonaria tenta e tentou sempre pela frateria humana. As leis sociais e científicas não podem estar divorciadas da natureza e atualmente que nosso planeta já foi volteado tantas vezes e diariamente e circumscrito pelas mais soberbas aeronaves ele anuncia um ideal mais elevado, humanismo, universal, e não calcado aos pés de um chefe nacional que quer ser infalível como o papa e, tem uma ousadia de prometer a formação da consciencia nacional em torno de programa tão mesquinho.” (SANTOS, 1934, p. 8-9).

²⁹ Segundo Jeferson W. Göhl, em 1937, na Loja Maçônica União III, de Porto União da Vitória-PR, foram encontradas correspondências trocadas entre diversas de suas lojas, nas quais seus membros foram incitados a se colocar em guerra contra o integralismo: “No mês de setembro de 1937, chegavam à Loja comunicações inter-lojas, como a da Loja Ordem e Justiça 11 no Oriente de Assis, concitava aos maçons a mover em guerra de extermínio ao seu inimigo número 1, o Integralismo. E não raras eram as manifestações dando inteiro apoio por parte da União III”. (GÖHL, 2003, p. 130)

1) que, no integralismo, deve haver a cooperação de todas as forças espirituais que defendem as idéas de Deus, Patria e da Família; 2) que, neste momento de arrancada materialista, é necessario a união de todos aquellos que são christãos; não sendo época para bizantinismo em torno de questões particulares; 4) que o Chefe Nacional, em sua memoravel mensagem, citou uma passagem da encyclica “Caritati compulsi” na qual está, em linhas geraes, escripto que “é chegado o momento em que se devem unir, contra o materialismo, NÃO SÓ AQUELLES QUE SE VALNGLORIAM DO GLORIOSO NOME DE CHRISTÃOS, MAS TAMBEM AQUELLES QUE DEFENDEM OS VALORES DO ESPIRITO [...] 5) que, como sempre acontece, ha quem se quer mostrar mais catholico que o Papa (*Correio do Povo*, 18/04/1934, p. 11).

De modo semelhante à posição hesitante de Anor Butler Maciel, que criticou firmemente a maçonaria num artigo de jornal, mas acabou voltando atrás pouco tempo depois, alinhando-se a uma posição adotada pela chefia nacional, quando se observa a postura adotada pelo próprio Plínio Salgado sobre a polêmica questão da participação de maçons no integralismo, percebe-se que ele também mantinha uma atitude titubeante.

Dentre os exemplos que poderiam ser aqui dados sobre tal hesitação do chefe nacional, recupera-se um texto de sua autoria, republicado pela chefia estadual do integralismo no Rio Grande do Sul nas páginas do periódico regional da AIB deste estado no ano de 1935:

III – Nós e a maçonaria – tendo, durante treis annos seguidos, o integralismo se conservado silencioso a respeito da maçonaria, jamais lhe dirigindo o menor ataque, podereis explicar a razão por que começaram a circular pelas lojas directivas no sentido de nos combater? (*A Offensiva*, 24/08/1935, p. 1-12).

Como se afirmou, a AIB passou por significativas modificações ao se transformar em partido político que, ao distanciá-la de sua “pureza ideológica” e de boa parte daquilo que constava em seu corpo doutrinário, lhe conferiram uma feição muito mais próxima do fisiologismo encontrado nos demais partidos que ela tanto combatia.

Desta forma, quando se observa a mudança de posição de Anor Butler Maciel, ou a reação de suas lideranças estaduais no Rio Grande do Sul, ao serem questionadas sobre qual deveria ser a posição adotada frente a atuação de maçons nas hostes integralistas, observou-se que o hiato entre o discurso e as práticas integralistas decorria, não apenas da falta de homogeneidade das lideranças regionais, como do desorientamento destas frentes às questões doutrinárias, surgido pela posição titubeante da chefia nacional em relação aos temas mais complexos (PIMENTA, 2019, p. 28-30).

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Em virtude das discrepantes atividades integralistas tomadas frente àquilo que era preconizado por seu corpo doutrinário, entende-se que, como ocorre em quaisquer partidos

políticos, havia no seio do Sigma diferentes correntes, com diferentes demandas, por vezes, quase irreconciliáveis que, no entanto, mantinham-se unidas pelo fato de existir um mínimo comum e uma postura procrastinatória para se tomar decisões que poderiam levar a cisões profundas.

Esta afirmação – nada inovadora, mas ainda atual – parece ser pertinente na medida em que, ao avaliar que não existia uma ideologia integralista monolítica, abre a possibilidade para que se verifique a existência de espaços nos quais os camisas-verdes, dentro de uma certa margem de ação, conseguissem manter atuações menos presas aos ideais “prescritos” pelas lideranças nacionais como “desejada”, em especial quando esses integralistas gozassem de um posto mais bem situado na hierarquia do Sigma.

Seria, justamente, no interior destes espaços que figuras como Oscar Machado conseguiram articular facetas que, à primeira vista, pareciam ser irreconciliáveis, a exemplo de ser maçom e integralista, sincronicamente. Numa direção oposta, pôde-se verificar que, no caso específico de Juiz de Fora³⁰, o amalgamento destes elementos, no lugar de enfraquecer a presença dos camisas-verdes, parece ter ajudado a causar o efeito contrário.

De modo similar, o mesmo argumento poderia ser utilizado para explicar os motivos pelos quais membros desse partido atuaram no interior do metodismo e também da maçonaria, mesmo com todas as ressalvas que ambos fizeram aos integralistas, sendo que a explicação a ser dada giraria, novamente, em torno do alto posto por ele alçado no metodismo e, eventualmente, na própria sociedade secreta.

Para concluir, é necessário pontuar que, como este capítulo é resultado de um recorte de nossa tese de doutoramento, que abordou a presença integralista em Juiz de Fora por meio das ações de Oscar Machado, não tendo como preocupação observar como se deu o declínio do Sigma na cidade, ele necessita ser mais aprofundado.

Isso se coloca pois nossa abordagem, embora tenha se valido de documentos produzidos pelos próprios integralistas e pela polícia política em suas atividades de vigilância sobre estes, tal qual a da maioria dos trabalhos que se dedicaram ao exame da AIB na cidade, não se debruçou sobre o período posterior à saída de Oscar Machado da chefia integralista local, bem como sobre conjuntos documentais ricos, a exemplo dos jornais locais sendo, portanto, preciso e urgente que novos pesquisadores tragam mais mãos para que se construam novos conhecimentos acerca de tão relevante movimento político de nossa história, cujos reflexos se fazem sentir em nossa política atual.

³⁰ Situação semelhante em relação à participação de protestantes ocorreu no Rio Grande do Sul, onde, ao invés de surgir como um elemento que enfraqueceu o movimento, a presença de luteranos e metodistas em seu interior contribuiu para que ele ampliasse sua base de penetração num estado no qual as igrejas ligadas ao Protestantismo Histórico se fizeram bastante presentes em diversas regiões. Sobre isso, ver (PIMENTA; GONCALVES, 2019, p. 251-286).

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes*. São Paulo: Veneta, 2014.
- BARROSO, Gustavo. Liberalismo, comunismo e integralismo. In: BARROSO, Gustavo. *O integralismo de norte a sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, p. 45.
- BOAVENTURA, Elias. Instituições Metodistas de Ensino na República Velha. *Revista de Educação Cogeime*, n. 5, 89-100, dez. 1994.
- BRAGA, Virna Ligia Fernandes. *Entre a Honra e o Mercado: Análise do processo de formação do movimento sindical docente em Juiz de Fora (1934-1964)*. 2006. 151 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2006.
- CASTELLANI, José. *A ação secreta da maçonaria na política mundial*. São Paulo: Editora Landmark, 2012, p. 155.
- CORRÊA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. IIº Prêmio de Pesquisa DCE, Juiz de Fora, 1973.
- COSTA, Nelson de Godoy. *César Dacorso Filho, Príncipe da Igreja Metodista do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista 1967.
- ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- FERRIRA, Vanessa Barbosa Leite. *Granbery: um colégio americano no Brasil. A prática do modelo americano de ensino em Juiz de Fora (1889-1930)*. 2010. 129 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo e Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GÖHL, Jeferson Willian. *O real e o imaginário: a experiência da maçonaria ne Loja União III em Porto União da Vitória - 1936 a 1950*. 2003. 225 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2003.
- MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

NOVAES NETTO, Arsênio. *As crises de um ideal: os primórdios do Instituto Granbery*. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

NOVAES NETTO, Arsênio. *Irineu Guimarães: a prática socialista de um educador cristão*. São Paulo: Yangraf Gráfica e Editora Ltda, 2004.

PIMENTA, Everton Fernando. *Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945*. 2015. 362 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2015.

PIMENTA, Everton Fernando. *Oscar Machado: uma trajetória em meio ao metodismo, integralismo e maçonaria (1930-1965)*. 2019. 423 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PIMENTA, Everton Fernando. O Porto Alegre College no processo de nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: resistência ou a verticalização do projeto educacional metodista? *Observatório da Religião*, v 4, n. 1, 26-48, jan/jun, 2017b.

PIMENTA, Everton Fernando. Plínio Salgado e sua atuação frente às cisões do integralismo gaúcho: um grande articulista ou líder hesitante? *O Lince*, Aparecida-SP, p. 28-30, jan/jun. 2019.

PIMENTA, Everton Fernando; GONÇALVES, Leandro Pereira. O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso. In: GRECCO, Gabriela de Lima; NETO, Odilon Caldeira. (Org.). *Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social*. Rio de Janeiro, Recife, Madrid: Autografia, EDUPE, UAM, 2019.

PIRES, Jackson Luiz de Oliveira. *Empreendimento missionário americano: o modelo educacional granberyense e o universo político cultural de Juiz de Fora (1889-1930)*. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2013. p. 15-23.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. A problemática geral da historiografia do fascismo. In: FALCON, Francisco José C. et. all. *Fascismo*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974, p. 13.

SALGADO, Plínio. Manifesto de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

SANTOS, Dario Nogueira dos. *A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira. Paranaguá: Loja Capitular Perseverança de Paranaguá, 1934*.

TRINDADE, Hégio. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1974

FONTES PRIMÁRIAS

ENTREVISTA

Entrevista concedida por Arsênio Firmino Novaes Netto a Everton Fernando Pimenta, Juiz de Fora, 31/03/2017.

PERIÓDICOS

A Offensiva (Rio de Janeiro).

Correio de Minas (Juiz de Fora).

Correio do Povo (Porto Alegre).

O Granbery (Juiz de Fora).

O Granberyense (Juiz de Fora).

O Integralista. (Porto Alegre).

Panorama (Juiz de Fora).

Prospecto d' O Granbery (Juiz de Fora).

INTELECTUALIDADE E IDEOLOGIA: GUSTAVO BARROSO E O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA¹

VANESSA APARECIDA LOBO AMANCIO²

O estudo *Intelectualidade e ideologia: Gustavo Barroso e o integralismo em Juiz de Fora* visa identificar os aspectos acerca da disseminação de uma ideologia, de um intelectual, e das intenções deste último com a sociedade brasileira expressa na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, no decorrer dos anos da década de 1930.

O intelectual e seu papel como criador, mediador, transmissor de uma certa ideologia retrata-se na figura de Gustavo Barroso, membro honorário nos círculos sociais do Brasil do século XX, difusor e um dos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira (AIB). A AIB, movimento político fundado em 7 de outubro de 1932 por Plínio Salgado, articulado como um movimento classe média, de grande repercussão no Brasil dos anos 30, mostrou-se presente nos discursos de Gustavo Barroso em Juiz de Fora, Minas Gerais. Certamente, o que mais condiciona o prumo deste trabalho é o aprofundamento nos discursos realizados por Barroso em Juiz de Fora, enquanto propagador da ideologia integralista, articulando, junto a um espaço educacional da época, o Instituto Granbery da Igreja Metodista, a busca pela hegemonia cultural através dos jovens alunos.

O momento de reflexão ocorre centralmente a partir da presença do integralista Gustavo Barroso em 1933 na cidade de Juiz de Fora. Foram realizadas três conferências, nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 1933 (as duas primeiras no salão do Instituto Granbery e a última no salão de festas do Palace Hotel), sendo esse conteúdo o utilizado para demonstrar a importância da atuação do integralista em âmbito educacional.

¹ Este capítulo baseia-se no estudo: AMANCIO, Vanessa Aparecida Lobo. *Intelectualidade e Ideologia: Gustavo Barroso e o integralismo em Juiz de Fora*. 2009. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

² Graduada em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e com Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Professora de História do Sistema Prisional PPACP.

GUSTAVO BARROSO: UM INTELLECTUAL ORGÂNICO

Gustavo Barroso, cearense nascido em 1888, formou-se em Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi, dentre tantas outras participações políticas, um dos fundadores da Ação Integralista Brasileira juntamente com Plínio Salgado e Miguel Reale. A ideologia integralista esteve presente na formulação, desenvolvimento e propagação dos ideais modernistas verde-amarelos. Gustavo Barroso ocupou diversos cargos de destaque, como presidente da Academia Brasileira de Letras aos 34 anos, autor de mais de cem obras, exerceu cargos públicos e diplomáticos em outros países, além de professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, orador, historiador, geógrafo e romancista, ainda foi o mentor fundador do Museu Histórico Nacional. Suas obras políticas tinham o integralismo como principal foco doutrinário político, sua posição antissemita o caracterizou diferentemente de outros intelectuais integralistas como Plínio Salgado e Miguel Reale. Não obstante suas explicações e acusações aos judeus, o que de fato Gustavo Barroso exerceu fora o papel de funcionário de uma ideologia em pauta nos anos 30 no Brasil, através do integralismo.

Antonio Gramsci foi o marxista que mais priorizou a figura do intelectual. Os estudos do teórico italiano repercutiram nas responsabilidades e funções do intelectual. Contra um economicismo mecanicista e reducionista da II Internacional, Gramsci elevou a importância das superestruturas, desmistificou a ideologia como unicamente determinada pela economia, ou mesmo como uma falsa consciência ou explicitamente ilusória, atribuiu ao papel do intelectual a função organizativa da ideologia.

Assim sendo, Gramsci critica a figura do intelectual desvinculado da realidade social, autônomo em seus pensamentos e decisões, para ele, esse tipo de intelectual é denominado como tradicional. Estes “sentem como ‘espírito de grupo’ sua ininterrupta continuidade histórica e sua ‘qualificação’, eles consideram a si mesmo como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante.” (GRAMSCI, 1979, p. 06). Essa posição idealista na perspectiva gramsciana expressa a relação conturbada que os intelectuais se sobrepuseram durante séculos nas sociedades ocidentais. A esfera cultural artística condicionada ao campo idealista traduz, paralelamente a ela, a figura do intelectual que perpassa ora como desinteressada, ora determinada pela história material (FACINA, 2004). Nesse viés, Gramsci assume uma transformação da história intelectual que se modifica com a complexidade do aparelho estatal, com a transição de uma época, com a nova divisão do trabalho, com a ampliação das instituições educacionais, com o desenvolvimento de novos intelectuais, os chamados “intelectuais modernos” ou “intelectuais orgânicos.” (FACINA, 2004).

Dessa forma, os intelectuais distinguem-se por assumirem posições de reprodução ou transformação. O intelectual orgânico, remanescente de um envolvimento político social, é responsável pela organização da sociedade, das ideias que formam uma nova vontade nacional popular. Não mais visando um cosmopolitismo – utilizado em grande escala pelos intelectuais tradicionais – desligando-se das necessidades nacionais, articulando em prol do meio externo e assumindo postura indiferente às questões internas.

Assim como a importância proferida por Gramsci às superestruturas, a função mediadora do intelectual determina a relação entre grupo dominante e organização social. Para Gramsci, os intelectuais são os funcionários dessas superestruturas, responsáveis pela hegemonia e dominação destas. A essas superestruturas dois planos delimitariam a atuação do intelectual orgânico: a sociedade civil e a sociedade política. Os intelectuais orgânicos funcionam então como mediadores dessa relação entre Estado e sociedade, poder dominante e demais classes. A relação do intelectual orgânico está sujeita a uma hierarquização do próprio domínio intelectual. No mais alto grau hierárquico está para Gramsci o intelectual orgânico, com uma autonomia relativa e, os mais humildes, ou mais imediatistas, que funcionam como agentes passivos, mais receptivos.

Assim, Gustavo Barroso assumiu seu papel de intelectual orgânico, como exemplo, aprofundou-se posteriormente ao intercâmbio político, ao título de presidente da Academia de Letras, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde mostrou-se altamente influente, disseminando o integralismo em suas palestras, realizadas duas no salão do Instituto Granbery da Igreja Metodista e a última no salão de festas do Palace Hotel, as três no decorrer dos primeiros anos do decênio de 1930 (GONÇALVES, 2007). Gustavo Barroso engendrou sua estratégia política em uma das instituições que funciona como instrumento de persuasão e propagação: as escolas. Desde a sua importância originária no mundo medieval e, posteriormente, no mundo moderno, a organização escolar funcionou com uma determinante social de intelectuais. Gramsci aponta que “a escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade de escolas especializadas e pela sua hierarquização” (GRAMSCI, 1979, p. 09). Nos anos de 30, no Brasil, o crescimento das instituições educacionais era visível, se comparado com os anos anteriores, pois, “em 1932, as escolas superiores nos ramos tradicionais se haviam multiplicado em virtude da ampliação da rede de estabelecimentos privados bem como em consequência da extensão da rede de estabelecimentos públicos” (MICELI, 1979, p. 37).

Diante dessa transformação, ou ruptura com o modelo político vigente, esteve espelhado o movimento integralista, subsidiado por seus intelectuais, na tentativa de incorporar as necessidades do panorama brasileiro da década de 30, exaltando características peculiares de um movimento dos anos de 1930, através, sobretudo, da atuação de intelectuais orgânicos que, como Gustavo Barroso, no núcleo dirigente do movimento político integralista, atuou na função organizativa do partido, na disseminação ideológica, na mediação das classes sociais envolvidas, na exaltação ao Estado Integral, na ambição hegemônica, na perspectiva gramsciana de intelectualidade.

O INTEGRALISMO EM JUIZ DE FORA ATRAVÉS DO INTELLECTUAL GUSTAVO BARROSO

Juiz de Fora, outubro de 1933. A cidade entrava de forma notória para a história do integralismo nacional. Esta pode ser considerada a data marco da influência e do desenvolvimento do

ideal integralista em terras juizforanas. A esse momento deve-se a relação do integralismo com uma instituição de ensino, o Instituto Granbery da Igreja Metodista. Como propulsor dessa empreitada ideológica, esteve à frente o professor do instituto e mediador da vinda de um dos militantes mais destacados da Ação Integralista Brasileira, Oscar Machado. Ao lado dessa iniciativa esteve presente uma figura de grande peso na época, o então Presidente da Academia de Letras, uma das principais influências ideológicas dentro do movimento integralista, Gustavo Barroso.

A trajetória de Barroso, que desde cedo apontava grande querência pelo ofício militar, profissão de desinteresse pela elite, seguiu o caminho que a maioria dos pais encaminhava seus filhos neste momento, as profissões liberais de advogado ou médico. Em 1907, Barroso ingressou na Faculdade de Direito de Fortaleza. Em 1910, transferiu-se para o Distrito Federal concluindo seus estudos de Direito. Em 1912, Barroso publicou seu primeiro livro, *Terra de Sol*. Desenvolveu nos anos posteriores reconhecida presença e influência nos âmbitos políticos, educacionais, culturais e de imprensa. Perpassou por importantes cargos, como na fundação do Museu Histórico Nacional, esteve nos anos 20 praticamente afastado da vida política, e nos anos 30 participou ativamente da campanha eleitoral à presidência da República, apoiando Júlio Prestes Vital Soares. Derrotado politicamente nesta eleição, Barroso em 1933 ingressou na AIB.

A AIB, como um movimento de extrema direita, resultante de um contexto permeado pelas mais diversas tensões políticas, sociais e econômicas das décadas de 20 e 30 no Brasil, não pode ser vista ou estudada como um movimento de origens doutrinárias uniformes e monolíticas. Assim sendo, seus intelectuais mantinham suas particularidades, como Plínio Salgado, o Chefe Nacional, detentor do maior posto dentro da hierarquia integralista, apresentou-se através do caráter doutrinário católico, defendia a revolução espiritual, agia no compromisso de revigorar a alma brasileira, resgatar as raízes nacionais. Com Miguel Reale, a reflexão jurídica política do intelectual o fez imprescindível ao movimento e ao momento, buscando através do integralismo uma meditação sobre os problemas brasileiros, em suas especificidades. E, por sua vez, o militante e antissemita Gustavo Barroso, que longe de condenar o sionismo por seu caráter étnico-racial, o acusava das influências econômicas que os judeus promoveram no Brasil desde a sua independência, relacionando a situação precária do Brasil dos anos de 1930 com um passado de dívidas e empréstimos aos banqueiros judeus, chegando até mesmo a ser o tradutor do livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*.

Foi esse intelectual que recebeu grande parcela de mérito na influência do integralismo em Juiz de Fora. Uma influência que remonta, sobretudo, às primeiras notícias do movimento no jornal *Gazeta Mercantil* de 22 de outubro de 1932, descrevendo a presença e as propostas de Plínio Salgado. Em junho de 1933, Juiz de Fora contou com a presença do Ministro alemão Schmidt Elskop, e Hitler foi coberto pela imprensa desse momento de inúmeras glórias e satisfações (CORREA, 1973).

Percebe-se então a figura do intelectual, do interesse de se homogeneizar uma classe social, de transmitir uma ideologia concisa e adaptável ao momento, de realizar dentro de uma instituição de educação uma superestrutura, como já propunha Gramsci, mesmo sendo esse um

adepto da doutrina partidária esquerda. Nesse momento, sendo utilizada pela extrema direita, a verdadeira revolução ideológica proposta pelo pensador marxista, tendo à frente dessa missão uma mente pensante, é utilizada de forma diferente do proposto por sua base teórica de origem esquerdista, mas nem por isso utilizada erroneamente. Pelo contrário, neste caso, a mente pensante foi o intelectual Gustavo Barroso e sua ideologia o integralismo:

É preciso, sem perda de tempo, refundir o estudo, moralizá-lo, arejá-lo, a fim de preparar gerações de outra espécie, capazes de trabalhar, pela grandeza do Brasil. Ao mesmo tempo, é necessário ir desintoxicando as gerações empeçonhadas a pouco e pouco. Uma obra dessas só poderá ser realizada por um grande movimento cultural. Entretanto, os moços ignorantes são agitados uma demagogia comunista sem escrúpulos. Sem instrução, sem capacidade de refletir, sem gosto pelo esforço, sem escola de sacrifício, são facilmente pasto de ideologias baratas e trabalham pela própria escravidão, pensando que agem a prol de reivindicações das massas (BARROSO, 1937, p.28).

Os jovens constituíam o público-alvo dos movimentos políticos. Era à mocidade da época que a ideologia deveria sensibilizar, reflexionar, ser compatível. E nada mais lógico do que inferir em âmbito educacional para promover essa conscientização ideológica que o integralismo tanto propunha:

Ensinares aos moços a, dentro do cultivo das tradições regionais, se sentirem brasileiros em primeiro lugar, para, depois, se lembrarem de que são pararas ou capixabas, goianos ou mineiros, paulistas ou gaúchos. Se atingirmos um dia esse marco milíario, teremos realizado a obra majestosa da imunização espiritual pela educação (BARROSO, 1934, p.126).

A isso, somou-se o tipo de educação do Instituto Granbery, mesmo não sendo baseado na doutrina religiosa católica, as intenções entre o integralismo e instituição aliam-se na medida em que “existe uma necessidade de formar uma concepção política nos educandos para que os ideólogos tenham a garantia de seus interesses” (GONÇALVES, 2007, p. 87). A religião, que em um primeiro momento pode ser alvo de especulações, uma vez que o Instituto Granbery da Igreja Metodista era de religião protestante. Justifica-se, sobretudo, essa aproximação entre campos sumariamente tão opostos em suas ideologias, a necessidade de mudança através de um movimento reformador e educativo, uma proposta que se tornou o elo entre eles. Em relação a essas diferenças, discorre Barroso:

O integralismo quer inteira liberdade de confissão religiosa. Afirmando Deus e o Espírito, não pode o Estado Integral ser exclusivista em matéria de crença. [...] A luta contra a invasão materialista no mundo não pode tolerar, neste momento, divisões entre os filhos de uma mesma pátria, nem de partidos políticos, nem de classes sociais, nem de credos religiosos (BARROSO, 1937, p. 115-116).

Sendo assim, o que se realizou no Instituto Granbery no ano de 1933 foi uma união de interesses em comum, entre uma comunidade educacional e um movimento político em ascensão. Educadores do colégio, como Oscar Machado e tantos outros simpatizantes, aderiram à ideologia

integralista em prol de suas posições em relação à dominação intelectual que pretendiam estabelecer na formação de seus jovens alunos. O integralismo seria caminho certo a ser percorrido a fim de se alcançar a tão almejada formação de consciência coletiva.

Essa consciência priorizava a figura do intelectual como responsável pela intersecção entre ideologia e sociedade, que garantia propósitos de unidade, de hegemonia, através de um processo doutrinário que influenciasse em todos os campos sociais a decisão dos cidadãos. Era esse interesse em catalisar o poder doutrinário vigente, garantindo assim a dominação de uma classe sobre as demais, ou seja, dos intelectuais sobre o povo, que aproximou as divergências de uma instituição protestante em prol de um objetivo bem maior: a necessidade de se estabelecer domínio ideológico através da via educativa em questão.

Para tal, em um primeiro momento, Barroso utilizou-se em Juiz de Fora de três conferências ocorridas em outubro, no ano de 1933. A primeira, realizada no salão do Instituto Granbery da Igreja Metodista no dia 20, intitulada como *A Inquietação do século XIX e a Reconstrução do século XX*, pode ser analisada através de um capítulo do seu próprio livro, *Integralismo de Norte a Sul*, de 1934. Essa obra aborda as diversas palestras que o intelectual promoveu em vários estados do Brasil, inclusive em Juiz de Fora. Neste capítulo, o autor aponta para as atrocidades advindas do século XIX, em que o século XX seria o momento de reconstrução, onde os pioneiros desse processo resgatariam a excelência da alma, remodelariam o mundo em pútrida ordem.

A transformação, portanto, só seria admissível se realizada em torno da unidade, do resgate da nacionalidade, da aceitação das diferenças intrínsecas ao ser humano, da abominação da animalidade tantas vezes proferida aos homens, da prioridade à disciplina espiritualista, unir novamente política e moral.

A segunda conferência, como a primeira, foi realizada no Instituto, com o título *O sentido Novo da Política, da Educação e da Economia*, também referenciada em seu livro citado anteriormente. Essa teve importante tema, ainda mais ao se referir aos modelos de educação tão erroneamente aplicados pelas instituições de ensino que, ao ver do autor, estavam corrompidas por um modelo mecanicista de aprendizagem e seus mestres perdidos em seus valores em ambiente nada mais apropriado. O ensino estava por vezes a abandonar o primado espiritualista, admitindo e seguindo técnicas modernizantes que só propiciavam a inversão de valores.

Para Barroso, “a educação é a própria substância da vida, sobretudo da parte espiritual” (BARROSO, 1934, p. 109), em que a matéria estaria submetida ao espírito e não o contrário. Como o que acontecia era justamente uma inversão disto, que segundo o autor “se perdeu o verdadeiro conceito da unidade social e da harmonia social” (BARROSO, 1934, p. 109), estavam os comunistas e seus regimes individualistas e arbitrários, causadores de uma desordem moral que incutia em todos os ramos da vida social, tanto na educação, como na política e na economia, uma materialização do sentido da vida. Sendo assim, “o conceito verdadeiro da educação é levar o estudante à sabedoria, isto é, ao saber, primeiro, e a aplicação técnica, depois” (BARROSO, 1934, p. 114). A política, por sua vez, tornava-se cada vez mais influenciável e menos confiável. E em relação à economia, esta

estava, ao ver do intelectual, deteriorada por um liberalismo excludente, do qual o poder Estatal não mais consagrava os méritos ao qual foi criado e, por sua vez, apontava para uma real sucessão do comunismo através do liberalismo.

A terceira e última conferência realizada no dia 23, no Palace Hotel, recebeu o título de *Liberalismo, Comunismo e Integralismo*, também sendo encontrada no livro do autor citado anteriormente. O que Barroso esboça nas páginas do seu livro referente a esse tema é a caracterização de cada uma dessas ideologias, a intenção de suas políticas e o fundamento de suas filosofias. Suas críticas aos dois primeiros sistemas são vorazes, indicando as falhas que, para ele, conduzem a sociedade ao caos total. Sobre o liberalismo, “as garantias que o regime liberal dá ao eleitor, morais ou materiais, são tão precárias que o próprio regime o esconde num cubículo para votar” (BARROSO, 1934, p. 118).

O liberalismo não era confiável ao ver de Barroso, seu dismantelamento era visível e causava a desordem social em todas as relações sociais, fossem elas políticas, econômicas, educacionais ou mesmo religiosas. O comunismo, por sua vez:

Para os comunistas, a história é simples resultado do movimento automático da economia e das reações que produz. A sociedade toda se explica pelo desenvolvimento econômico. Naturalmente, essa visão lateral esbarre deante dos fenômenos superiores de ordem intelectual (BARROSO, 1934, p. 28).

O comunismo era a forma mais fatal de se conduzir uma nação e seus cidadãos, um sistema falso e contraditório, que se utilizava da luta de classes para retirar do Estado suas principais tarefas enquanto organizador e mantedor da ordem. “O verdadeiro criador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vem desde muitos centenários solapando os alicerces da civilização cristã. Ele influenciou o advento do liberalismo que abriu as portas ao comunismo” (BARROSO, 1934, p. 39). O integralismo era, portanto, a doutrina a ser seguida, e seus intelectuais eram os mais capacitados:

O liberalismo isolou o homem no individualismo e somente o considerou como cidadão-eleitor. O comunismo submerge-o no oceano da massa e o transforma em parafuso com estomago e libido dum maquinismo social. O mundo inteiro sente a imprescindível necessidade de uma síntese que combata análises unilaterais. No duelo travado entre burgueses e operários, os verdadeiros intelectuais entram em uma terceira forma de justiça social. Karl Marx não previu este aspecto da luta de classes. Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-nacionalismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo (BARROSO, 1934, p. 45).

Suas palavras proferidas nas conferências em Juiz de Fora traduziram-se em estímulo ao desenvolvimento do movimento integralista na cidade. O Instituto Granbery, que foi o pioneiro nessa empreitada ideológica, contou com a adesão de diversos ramos sociais, em um projeto de dominação ideológica das massas amplamente difundido pelo professor Oscar Machado “considerado nesse meio um detentor da intelectualidade formadora de opiniões” (GONÇALVES, 2007, p. 90). Uma influência

que não ficou restrita à vinda de Barroso e suas palestras, mas, contudo, pode ser considerada como o grande momento precursor do sucesso do movimento, que a partir de 1934 já contava com uma própria sede da AIB em Juiz de Fora, com merecido destaque nacional e estando no cargo de Chefe Municipal do integralismo no dia 6 de abril desse ano, o professor Oscar Machado. No final de 1933, a força da AIB já se mostrava presente, com a vinda do Chefe Nacional a Juiz de Fora.

O integralismo de Juiz de Fora contou com devido prestígio durante todo o seu funcionamento na cidade. Em março de 1934, uma nova caravana que passou pelo município contava novamente com a presença de Gustavo Barroso e Plínio Salgado. Em junho desse mesmo ano, a Milícia Integralista foi criada em Juiz de Fora e o jornal *Sigma* iniciou sua circulação quinzenalmente, o que depois foi remanejado para semanalmente. Dos dias 9 a 14 de julho, foi realizada a Semana Integralista em Juiz de Fora e em agosto providenciou-se a criação da Juventude Integralista.

A cidade foi palco de encontros entre forças integralistas de diversas cidades mineiras, atingindo grande repercussão nacional em seu envolvimento com o ideal integralista. Passados os anos, o ano de 1937 foi o último ano da legalidade da Ação Integralista Brasileira e as forças oposicionistas já ecoavam substancialmente em Juiz de Fora, assim como em todo o Brasil, findando-se no dia 2 de dezembro de 1937, pelo decreto-lei nº 37, assim como os demais partidos políticos da época. No dia seguinte ao decreto, fechou-se a sede local da AIB em Juiz de Fora, o integralismo juiz-forano terminou.

O que de fato se extinguiu era o integralismo como partido legal, dotado de grande influência e prestígio político nacional. Com o Golpe de 1937, uma nova era marcava o cenário brasileiro, sem, contudo, apagar da consciência e da formação intelectual dos cidadãos a bagagem inerente aos novos intelectuais e pensadores, através da influência doutrinária, mesmo que inconsciente, de diversas ideologias que, exemplificadas através do integralismo neste estudo, contribuiram para a fertilização e o desenvolvimento político brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo está intrinsecamente ligado ao entendimento da capacidade de tornar a ideologia uma delicada imposição. Desse modo, as atribuições ao intelectual Gustavo Barroso residem na utilização do integralismo como ideologia para sedimentar as relações sociais, relações essas que o intelectual está imerso, independentemente do período em que se estude o desenvolvimento de uma obra, tornando clara a relação existente entre um público-alvo e um trabalho bem estruturado.

Sendo assim, o trabalho utilizou-se da ideologia integralista e as estruturas conceituais que a cercam, utilizada por Gustavo Barroso, um membro intelectual da sociedade de 1930, analisado através de Gramsci e suas contribuições acerca da importância dos intelectuais, da conexão desencadeada através de um Instituto Educacional e pela busca a uma hegemonia cultural da qual

a influência ideológica é o grande álibi. Em função das três conferências proferidas por Barroso, através da experiência doutrinária em cenário pautado na preferência pela mocidade da época, o grande alvo ideológico, especificando-se a partir da cidade mineira de Juiz de Fora e do Instituto Granbery da Igreja Metodista, resumem-se na atividade aqui exposta.

Cabe aqui, compreender então que, através da persuasão condicionada ao integralismo como ideologia, houve incontestavelmente adesão de grande parcela da sociedade brasileira, mais, especificadamente, da comunidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, por meio da figura do intelectual orgânico esboçada através de Gustavo Barroso. E, acima de tudo, ratificar a importância de um movimento ideológico e seus contribuintes, os intelectuais, como construtores da consciência nacional de seu povo, via mecanismos doutrinários que longe de findar-se no tempo e no espaço, atravessam os anos e suscitam interesses ao longo da história.

REFERÊNCIAS

AMANCIO, Vanessa Aparecida Lobo. *Intelectualidade e Ideologia: Gustavo Barroso e o integralismo em Juiz de Fora*. 2009. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

BARROSO, Gustavo. *Integralismo e Catolicismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABC Ilimitada, 1937.

BEIRED, José Luís Bendicho. A função social dos intelectuais. In: AGGIO, Alberto (org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 121-132.

CORREA, Maurício de Castro. *Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Trabalho apresentado ao IIº Prêmio de Pesquisa DCE, 1973.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira. Tradição e cristianismo: o nascimento do integralismo em Juiz de Fora. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Edufrpe, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

O ESPÍRITO UNIVERSAL DO CATOLICISMO E A MÍSTICA INTEGRALISTA: MURILO MENDES REAGE À APROXIMAÇÃO ENTRE A IGREJA E A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA¹

RAFAEL VELLOSO MACEDO²

Após sua conversão, em 1934, o poeta juiz-forano, Murilo Mendes (1901-1975), fez do catolicismo um dos objetos centrais de seus textos. Ao longo da década de 30, a presença do tema, em sua obra, não se resumiria apenas a sua produção lírica, como no livro *Tempo e Eternidade* (1935) – realizado junto ao amigo Jorge de Lima. A este conjunto de poemas – cuja pretensão, nada modesta, seria a de “restaurar a poesia em Cristo” – podemos juntar muito do que foi publicado enquanto colaboração em periódicos, principalmente, os que ocuparam as páginas do jornal carioca *Dom Casmurro*.³

E é exatamente neste conjunto de textos publicados ao longo de 1937⁴, no mencionado periódico carioca, que podemos observar o embate travado pelo poeta diante da aproximação entre o

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir da dissertação MACEDO, Rafael Velloso. *Murilo Mendes nos jornais Boletim de Ariel e Dom Casmurro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

² Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professor de Língua Portuguesa no Colégio Rio Branco, na cidade de Campinas.

³ Além do jornal semanal *Dom Casmurro*, onde se encontram os artigos que serão analisados neste estudo, os periódicos que mais receberam a colaboração do poeta são: *Boletim de Ariel* e *Suplemento Letras e Artes* do jornal *A Manhã* (RJ).

⁴ Os nove artigos publicados no jornal *Dom Casmurro* foram: “A Comunhão dos Santos”, n. 19, 16 set. 1937; “Breton, Rimbaud e Baudelaire”, n. 16, 26 ago. 1937; “Cordeiros entre lobos”, n. 17, 2 set. 1937; “Integralismo, mística desviada”, n. 14, 12 ago. 1937; “O catolicismo e os integralistas”, n. 13, 5 ago. 1937; “Perfil do Catolicão”, n. 8, 10 jul. 1937; “Poesia Católica”, n. 20, 23 set. 1937; “Prendam o Papa”, n. 18, 9 set. 1937 e “Resposta aos integralistas”, n. 15, 19 ago. 1937. Como nosso interesse é investigar a postura do poeta frente a aproximação da Igreja, e do laicato católico, ao movimento integralista, ao longo dos anos 30, não recorreremos apenas às páginas de *Dom Casmurro* para contextualizar tal situação, buscamos também por artigos publicados na revista católica *A Ordem*, que reuniu grande parte dos textos produzidos por intelectuais católicos nesse período.

catolicismo (entenda-se alguns intelectuais católicos)⁵ e o integralismo, e onde começa a se desenhar o modo como Murilo interpretou tal relação. Nesse sentido, o objetivo deste breve estudo é mapear a crítica realizada pelo juiz-forano ao que entendeu como a redução do espírito universal do catolicismo ao imediatismo dos debates políticos da época, mais diretamente, à vinculação desse espírito à vertente autoritária e conservadora da Ação Integralista Brasileira (AIB).

DA REAÇÃO CATÓLICA AO CONTATO COM O INTEGRALISMO

Para melhor compreendermos a postura de Murilo diante da aproximação entre o catolicismo e o integralismo, é necessário observarmos a emergência dessa atuante intelectualidade católica no contexto do início do século XX – momento em que a Igreja Católica esboçaria uma reação diante de seu desencontro com a modernidade (COSTA, 2007, p. 55-67). O movimento reativo católico parte da tentativa de responder, de modo organizado, às inúmeras contestações impostas à Igreja desde a Reforma Protestante, ao final do século XVI, e que seriam reforçadas pelo advento do Iluminismo e pelos questionamentos propostos por intelectuais como Nietzsche, Marx e Freud, já na virada do XIX para o XX.

A chamada Ação Católica passou a ser entendida enquanto “participação dos leigos organizados no apostolado hierárquico da Igreja fora e acima dos partidos, para estabelecer o reino universal de Jesus Cristo.” (SOUZA, 2004, p. 62). O início deste processo, no Brasil, teria se dado a partir da Carta Pastoral⁶ de Dom Sebastião Leme aos fiéis de Olinda, publicada em 1916, onde se critica o catolicismo brasileiro como sendo uma religião apenas de hábito e de tradição. Para o cardeal, não poderiam os católicos, sendo “a maioria absoluta da nação”, permitir que o catolicismo não estivesse em todas as engrenagens da vida social.

É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação, não temos e não vivemos vida católica. [...] Ao católico não pode ser indiferente que a sua pátria seja ou não aliada de Jesus Cristo. Seria trair a Jesus; seria trair a pátria! Eis por que, com todas as energias de nossa alma de católicos e brasileiros, urge rompamos com o marasmo atrofiante com que nos habituamos a ser uma maioria nominal, esquecida dos seus deveres, sem consciência dos seus direitos. É grande o mal, urgente é a cura. Tentá-lo – é obra de fé e ato de patriotismo.⁷

⁵ Este momento de sua produção marca sua proximidade com o grupo de intelectuais católicos que se formara ao redor do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*. Segundo Maria Betânia Amoroso, “[...] não foi ainda suficientemente ressaltada a configuração do grupo de intelectuais ao qual o poeta mineiro esteve ligado: escritores e artistas que orbitaram ao redor de núcleos de católicos cariocas com topografia definida – tanto por instituições como o Centro D. Vital, a igreja do Colégio Santo Inácio e o Mosteiro de São Bento, quanto pelo grupo de amigos que se reuniam no consultório do médico e poeta Jorge de Lima ou na casa de Aníbal Machado. É preciso lembrar ainda toda uma rede de divulgação de ideias católicas que se desenha nos esforços empreendidos para a inserção desses intelectuais na vida política do país ou mesmo na criação da editora católica Agir.” (AMOROSO, 2012, p. 82-98).

⁶ A Carta Pastoral é considerada por M. T. da Costa como marco inicial da reação católica no Brasil. Mas é preciso deixar claro que a chamada Ação Católica, fundada pelo mesmo cardeal Dom Sebastião Leme, e inspirada no modelo italiano de organização, foi oficializada apenas em 1935. A Ação Católica Brasileira seguiu o pedido do Papa Pio XI, na encíclica *Non abbiamo bisogno*, de 1931, e foi uma iniciativa que tinha como objetivo congregar os leigos católicos nos projetos de atuação da Igreja Católica na sociedade civil (COSTA, 2007, p. 55-67).

⁷ CARTA PASTORAL de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1916.

Não apenas a figura de Dom Sebastião Leme, ao conclamar o laicato católico a participar do processo de “recristianização” do país, promoveu o movimento de reação católica no Brasil. Juntam-se ao cardeal, como principais agentes deste processo – que marcaria, nesse instante, uma tentativa de restauração da espiritualidade em todos os âmbitos da sociedade – Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. (VILLAÇA, 2006, p. 135)

Os três tiveram papel importante nesse período de mudança no modo de pensar o catolicismo, entretanto, Jackson e Alceu destacam-se por uma ideia de militância que se baseava em aspectos que seriam também caros aos integralistas.⁸ O fundador do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*, Jackson de Figueiredo, ficou marcado, segundo Francisco Iglésias, por sua postura conservadora e reacionária, a qual se deve, principalmente, à forte influência do pensamento conservador europeu:

Jackson de Figueiredo insurge-se contra as correntes políticas de seu tempo. Homem de sensibilidade para o ambiente, pronto a entender, a colaborar, a denunciar e a reagir, é natural que viva plenamente os problemas do Brasil, sobretudo em seus últimos anos, que são os da movimentada década de 20. As posições que assume, em defesa da ordem, fazem dele batalhador semelhante aos que se encontram nos países europeus: pela ordem e pela tradição, contra o que consideram a calamidade revolucionária, que pressentem em tudo, no liberalismo ou no socialismo, com as diversas colorações que tais correntes apresentam (IGLÉSIAS, 1971, p. 112).

Contrário à anarquia, que enxergava como característica da modernidade, Jackson Figueiredo pregava a manutenção de uma organização social estática e hierarquicamente estabelecida, valorizando o passado católico brasileiro. Propunha a formação de uma elite intelectual católica que, buscando estabelecer a ordem, estaria apta a aplicar as diretrizes da Igreja em todos os setores da sociedade.

Seu substituto na liderança do movimento católico e na direção do Centro Dom Vital e d’*A Ordem*, Alceu Amoroso Lima, mesmo não apresentando o mesmo radicalismo de seu antecessor, manteve o projeto de restauração e de expansão da participação da Igreja na sociedade. Segundo ele, o católico, enquanto membro do Estado, deve prestar seus serviços em benefício da vida civil. O “serviço” de eleitor que este exerce seria, segundo o crítico, de fundamental importância para que, “em meio à desorientação ambiente”, mantenha-se o mínimo do espírito cristão na vida pública. Esta seria, segundo ele, a exigência que o momento político impunha.

Diante de tal circunstância, e dada a preocupação em relação ao católico enquanto eleitor, fez-se necessária a criação de um órgão capaz de orientá-lo. Surgia, assim, em 1932, a Liga Eleitoral

⁸ “Com a consolidação do Centro Dom Vital no ano seguinte, reúne-se uma intelectualidade muito peculiar que toma para si a atribuição de exercer uma militância anti-individualista, antiliberal, antipositivista e anticomunista, tendo inicialmente, como base teórica, autores antirrevolucionários como Joseph De Maistre. [...] Esse duplo intuito de reatividade e especulação metafísica, por assim dizer, vai muito além de uma simples defesa da religião, visto que a ação organizada da parte de leigos, mais do que cumprir um trabalho pastoral ou teológico, deveria se dedicar a debater toda sorte de questão social, teórica ou política na intenção de fornecer um ponto de vista católico para esses e outros âmbitos de discussão.” (DÁVILA, 2015, p. 30).

Católica, ou L.E.C.⁹. Entretanto, a luta contra o liberalismo, contra a ideologia comunista, e em favor dos valores cristãos, levaria alguns católicos – movidos por um imediatismo da ação e diante de certa “passividade” de órgãos ligados à Igreja, como a L.E.C. – a buscarem, no integralismo, o caminho mais adequado aos seus anseios.¹⁰

Já em meados da década de 30, era inevitável perceber que a AIB surgia como um possível destino, se não para todos, pelo menos para aqueles católicos desejosos de uma atuação mais direta na sociedade.¹¹ Alceu Amoroso Lima – mesmo contrário a essa filiação partidária – frente ao que propunha o movimento de Plínio Salgado, entendeu como compreensiva a participação, na AIB, de jovens católicos, mesmo que com algumas ressalvas. Uma de suas principais preocupações foi a possível submissão da consciência católica à consciência política¹²:

[...] esse ambiente de entusiasmo, de dedicação e heroicidade militante, que será a marca indelével do movimento integralista nessa hora de abdicação que estamos vivendo e pelo qual lhe devem gratidão perene todos os corações bem formados – esse ambiente se apodera do católico que ingressa no integralismo. E vai exercendo sobre ele uma ação secreta, que pode levar às mais radicais transformações em sua vida interior. Dominado por esse espírito de purificação moral, temperado pela oratória inflamada das sessões, absorvido pelas tarefas de catequese política a que se entrega, e alimentado diariamente pela necessidade de uma ação imediata, violenta e exterior [...] – nesse ambiente se processa, insensivelmente, um retraimento da consciência católica ao contato da consciência política (LIMA, 1935, p. 5).

Os receios e condições apresentados por Amoroso Lima não seriam suficientes para tornar negativa sua percepção da aproximação entre católicos e o movimento integralista. Mesmo destacando certa inclinação ao totalitarismo, o crítico opta por uma atitude de cooperação em face do integralismo:

⁹ Em relatório das atividades desenvolvidas pelo Centro Dom Vital entre os anos de 1931 e 1932, publicado na revista *A Ordem*, em dezembro de 1932, anunciava-se a instalação oficial da L.E.C. em 8 de setembro de 1932, “no afã de alistar o maior e o melhor número de católicos para as futuras eleições, a fim de apoiar os candidatos à deputação que aceitem o seu programa de defesa da doutrina social da Igreja”. s/a. “Mais um ano de trabalho” relatório de atividades do Centro Dom Vital 1931-1932, *A Ordem*. Rio de Janeiro, nov. 1932, p. 334.

¹⁰ Ainda quanto às divergências em relação ao modo como se daria tal participação política, é necessário mencionar a vontade de fundar um partido, manifestada por alguns católicos. O próprio Jackson de Figueiredo teria sido favorável, anos antes da Revolução de 1930, mas acabou sofrendo forte oposição de Dom Sebastião Leme, que optou pela criação da Liga Eleitoral Católica. Posição esta que foi reforçada por Alceu Amoroso Lima, em artigo publicado no ano de 1932 e reunido em 1935, no livro *Pela Ação Católica*, onde afirmou que a ação católica, segundo definiu o Papa Pio XI, deveria se dar fora e acima dos partidos. Ver: (LIMA, 1935, p. 113-114).

¹¹ A Ação Integralista Brasileira, chefiada por Plínio Salgado, surgiu em 7 de outubro de 1932, quatro anos após a morte de Jackson de Figueiredo. Ainda assim, é possível perceber certa compatibilidade entre as ideias do líder católico e os pressupostos do então “chefe” do movimento integralista. Ambos eram contrários ao materialismo e ao liberalismo, e favoráveis a estruturas políticas baseadas na “ordem”, e que tivessem à frente uma elite, pois “a massa”, sozinha, não estaria apta para se autogovernar. Há ainda o caráter “espiritual” ao qual se apegavam, sendo a religião o aspecto principal da ideologia da ordem. Segundo Hamilton Nogueira, em artigo publicado na revista *A Ordem*, “não há nos escritos de Jackson de Figueiredo, pelo menos no que foi publicado, menção alguma sobre a forma de governo que ele considerava mais perfeita em relação ao ponto de vista brasileiro. É verdade [porém] que sua política antidemocrática deixa transparecer, naturalmente, sua tendência para os governos fortes e autoritários” (NOGUEIRA, 1929, p. 247).

¹² Além da necessidade de manter a consciência católica acima da consciência política, caberia ao interessado em ingressar no movimento integralista, segundo o autor, possuir vocação política, e não apenas certa inclinação social, cívica ou partidária, e não ocupar nenhum cargo de direção na Ação Católica. Ver: (LIMA, 1935, p. 5).

Como doutrina política pretende, em boa hora, restaurar o sentido frouxo da Autoridade, dar à Unidade Nacional o posto básico que lhe compete em toda a sociologia política do Brasil, defender as bases morais e jurídicas da família brasileira. Todos pontos de um programa excelente. Pode, entretanto, levar a exageros nacionalistas e sua concepção “totalitária” da vida que precisa ser bem esclarecida. [...] Devo dizer, entretanto, que as “diretrizes” integralistas, já publicadas, nada contêm que entre em choque com a orientação social da Igreja. [...] Entrego, pois, estas minhas modestas, mas honestas reflexões à prudência de nossos amigos e à crítica dos nossos adversários. Certo de que, para o bem da civilização cristã em terras do Brasil, só podem resultar benefícios do entendimento sincero e leal entre integralismo e catolicismo, nas condições especificadas (LIMA, 1935, p. 86).

A OPOSIÇÃO DO POETA FRENTE À PARTIDARIZAÇÃO DA IGREJA

De outra forma pensaria Murilo Mendes. Nos textos em que trata do tema, critica, de forma aguda, tal tentativa de proximidade e a postura reducionista de alguns católicos ao afastarem-se de princípios básicos do catolicismo. Os artigos “O catolicismo e os integralistas” (MENDES, 05/08/1937, p. 2), “Integralismo, mística desviada” (MENDES, 12/08/1937, p. 2) e “Resposta aos Integralistas” (MENDES, 19/08/1937, p.2), retomam o debate acerca da atuação política da Igreja – e, conseqüentemente, de alguns católicos.

Murilo, já quase no final da década de 30 e às portas do golpe que instaurou a ditadura varguista, toma como base os princípios definidos pela Ação Católica para criticar o modo de atuação do integralismo que, mesmo não se opondo à doutrina cristã, faz da fé católica instrumento para alcançar seus objetivos. Um dos pontos centrais de sua crítica é a confusão que o integralismo promove entre o plano temporal e o plano espiritual:

Está se desenvolvendo em nossos meios católicos uma mentalidade errada em relação ao problema catolicismo – integralismo. Que o integralismo como doutrina não se oponha, em seus princípios fundamentais, à doutrina católica, estou de acordo; mas que os católicos sejam obrigados a entrar para o integralismo a fim de “salvarem” a Igreja, a religião católica e o Brasil, aí é que começa a briga. Torna-se necessário fazer alguns esclarecimentos, porque a confusão aumenta dia a dia, passando da esfera privada para a esfera pública: efetivamente, revistas e jornais católicos estampam artigos e opiniões firmados por nomes autorizados, não só do laicato como do clero, onde se chega a pregar a obrigação, que têm os católicos de entrar para o Partido Integralista. [...] Ou o clero absorve o integralismo, ou o integralismo absorve o clero. Aumentará consideravelmente a onda anticlerical, permitindo a confusão entre o temporal e o espiritual de forma a autorizar a versão comumente explorada pelos nossos adversários a de que a Igreja é um partido político (MENDES, 05/08/1937, p. 2).

A forma como a AIB fora tratada por Alceu Amoroso Lima, no artigo “Catolicismo e Integralismo II”, de 1935, como uma via possível para o católico que buscasse uma atuação mais dinâmica e incisiva na política, na visão de Murilo Mendes, parece ter se transformado quase que

em única saída para a Igreja. Ao afirmar que membros autorizados do laicato e do clero pregavam a obrigatoriedade de adesão do católico ao partido, o poeta identifica uma inversão na hierarquia dos valores. Segundo Murilo, ignorando a separação dos planos temporal e espiritual, já indicada pelo papa Leão XIII¹³, os chefes do integralismo caminhavam no sentido de elevarem sua ação política ao plano divino, enquanto rebaixavam a Igreja a um mero partido.

Para José Chasin, a confusão entre o temporal (cultural) e o espiritual fazia parte da estratégia desenvolvida pelo integralismo para a realização de sua revolução. Esta, segundo o autor, iria se processar em dois planos simultaneamente: plano espiritual mediato e o plano cultural imediato. O primeiro relacionado à revolução subjetiva e o segundo à revolução objetiva, entretanto,

[...] se buscarmos distinguir os meios propostos para cada uma das revoluções apontadas, [...] observaremos que ambas convergem para o “aperfeiçoamento individual”, de modo que, em última análise, o que distingue a revolução subjetiva da objetiva, neste aspecto, é que a primeira é mais profunda, atingindo a matéria-prima do tecido social – a espiritualidade humana, enquanto que a segunda alcança constituir-se em instrumento da primeira, consubstanciando, assim, uma etapa auxiliar e preliminar. Ambos, em termos práticos, se confundem, figurando, pois, como momentos distintos de um mesmo processo (CHASIN, 1999, p. 508-509).

Tal confusão entre os planos, para Murilo, pode ser personificada na figura do chefe integralista. Em “Integralismo, mística desviada” (MENDES, 12/08/1937, p. 2), o poeta analisa discursos de Plínio Salgado, então líder do movimento e do partido, e procura “desmistificar” a ideia de transformar o Estado em algo divino: “o integralismo repousa em grande parte na mística do chefe temporal, [...] dá-se mesmo uma transferência da mística religiosa para o plano político.” (MENDES, 12/08/1937, p. 2). Retomando o que fora dito por Amoroso Lima no artigo “Catolicismo e Integralismo II”, Murilo Mendes via um risco para os jovens católicos, nesse momento. Os discursos inflamados e as propostas mais rígidas diante da ameaça comunista poderiam levá-los a transferirem “a mística de Jesus Cristo para a pessoa do chefe nacional” (MENDES, 12/08/1937, p. 2), no caso, Plínio Salgado.¹⁴

¹³ Segundo a Encíclica *Immortali Dei*: “Nos Estados em que a legislação civil deixa à Igreja a sua autonomia, e onde uma concordata pública interveio entre os dois poderes, a princípio, grita-se que é preciso separar os negócios da Igreja dos negócios do Estado, e isso no intuito de poder agir impunemente contra a fé jurada e fazer-se árbitro de tudo afastando todos os obstáculos. Mas, como a Igreja não pode sofrê-lo pacientemente, pois seria para ela desertar os maiores e os mais sagrados dos deveres, e como reclama absolutamente o cumprimento religioso da fé que lhe foi jurada, muitas vezes nascem, entre o poder espiritual e o poder civil, conflitos, cujo desfecho quase inevitável é sujeitar aquele que é menos provido de meios humanos ao que é mais provido. Assim, nessa situação política que muitos favorecem hoje em dia, há uma tendência das ideias e das vontades para expulsar inteiramente a Igreja da sociedade, ou para mantê-la sujeita e acorrentada ao Estado. A maior parte das medidas tomadas pelos governos inspiram-se nesse desígnio. As leis, a administração pública, a educação sem religião, a espoliação e a destruição das Ordens religiosas, a supressão do poder temporal dos Pontífices romanos, tudo tende a este fim: ferir no coração as instituições cristãs, reduzir a nada a liberdade da Igreja Católica, e ao nada os seus demais direitos”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html> Acesso em: 06 out. 2019.

¹⁴ Acerca da figura do chefe na AIB, Héglio Trindade diz que: “A organização integralista, inspirando-se nos modelos fascistas, é dirigida por um Chefe Nacional. Os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder *centralizado, total e permanente*. [...] O poder do Chefe é também total, na medida em que está presente em todos os setores importantes do movimento. Detém em seus poderes a definição da doutrina, a decisão política e o controle da ação. [...] O aspecto que caracteriza melhor a natureza do seu poder é seu caráter permanente. Os estatutos consideram que a pessoa do Chefe é ‘inatingível’ e sua função ‘perpétua’”. (TRINDADE, 1979, p. 172)

O perigo que denunciei acima não existira quando o católico já tiver a mentalidade formada. Mas poderá existir para o rapaz, para o estudante católico. O paganismo teosófico-cristão do chefe nacional entrou agora na fase delirante; a demagogia verde, sentinela avançada da propriedade burguesa, urra ao microfone, causando o sobressalto e a intranquilidade nos lares brasileiros. Em cada partidário das candidaturas José Américo e Armando Sales, o chefe nacional vê um agente disfarçado do Komintern, carregando planos que infalivelmente farão saltar o Brasil pelos ares em 24h! Descontrolado, receando que o grosso capitalismo o suspeite de infidelidade, o chefe nacional faz afirmações que só poderão ser recebidas pelos católicos com as maiores reservas (MENDES, 12/08/1937, p. 2).

Além de sua crítica quanto à tentativa de aplicação da mística católica ao plano político da AIB, Murilo mostra a diferença entre a missão do integralismo, destacada por Plínio Salgado, e aquela que cabe ao católico, desenvolvida pela Ação Católica. Citando o discurso proferido pelo líder integralista no dia 4 de agosto de 1937, o poeta destaca a seguinte frase: “combater o comunismo, eis tudo” (MENDES, 12/08/1937, p. 2). Parte daí sua observação quanto ao propósito limitado oferecido ao católico pelo movimento integralista: “Ora, isso tudo é muito pouco para o católico, que tem tarefas positivas para cumprir”. Murilo Mendes retoma os princípios básicos da Ação Católica, difundidos desde o começo dos anos 30, e já apresenta alguns motivos que deveriam levar o católico a repensar sua aproximação da AIB, um deles sendo o seu caráter militar e violento.

A palavra de ordem da Ação Católica é “restaurar todas as coisas em Cristo”; a do integralismo é “combater o comunismo”. Ora, o melhor meio de combater o comunismo é viver e propagar a vida cristã. Os Papas cansaram de repetir isto. Não é apelando para a polícia e para as forças militarizadas que se combate o comunismo; nem muito menos transformando o aparelho estatal em Onipotência (MENDES, 12/08/1937, p. 2).

A reação de Murilo Mendes recai sobre pontos já observados por Alceu Amoroso Lima. Todavia, enquanto o substituto de Jackson de Figueiredo buscou de todas as formas realçar os aspectos que tornavam vinculáveis catolicismo e movimento integralista – embora não tenha negado suas reservas diante de tal aproximação – o poeta mineiro apontou, a partir da análise de textos “oficiais” do próprio integralismo, o modo como tal movimento, principalmente por meio da figura de Plínio Salgado, tentou se utilizar das bases do catolicismo para ampliar sua atuação na sociedade brasileira.

Assim como o líder da Ação Católica, Murilo também observou com preocupação certo entusiasmo da juventude católica diante dos discursos inflamados do chefe do partido. Enquanto alguns membros da intelectualidade católica viam com certa naturalidade o deslumbramento de jovens que buscavam uma via mais direta para atuarem, a partir dos princípios de sua fé, no campo político – o que, como foi visto anteriormente, não se deu com a instauração da Liga Eleitoral Católica – o poeta juiz-forano atenta, sem negar a importância da manifestação política do jovem cristão, para um possível desvio de propósito quando o que os mobiliza é justamente a transferência da mística da figura de Cristo para a do chefe integralista:

Sem dúvida tua religião te impõe o dever de cooperar no plano político para a edificação da cidade. Usa, pois, harmoniosamente, dos teus direitos e dos teus deveres políticos. Mas não te deixes impressionar pelo fanatismo e messianismo político dos chefes integralistas. Reserva o melhor, o mais puro de tuas energias para o Chefe eterno, pedra angular, fundamento de tua vida total: para o Cristo, teu verdadeiro companheiro e amigo, que, prolongado até o fim dos tempos na tua Igreja, te oferece todas as inspirações de que precisares para o alimento de tua vida moral, intelectual e espiritual. Não te esqueças que o integralismo *aproveita e canaliza em seu benefício os desvios e distrações da mística religiosa* (MENDES, 12/08/1937, p. 2).

Por esta postura combatente frente ao integralismo, Murilo receberá críticas de outro intelectual católico, Tasso da Silveira¹⁵, assim como dos jornais vinculados à Ação Integralista Brasileira: *O Povo* e *Ação*¹⁶. Em “Resposta aos integralistas”, o autor rebate tais críticas e tenta desconstruir a imagem que Tasso da Silveira faz do integralismo: “Tasso da Silveira descreve no seu artigo o mal-estar e a confusão do mundo moderno e depois aplica o remédio para o Brasil: Integralismo!” (MENDES, 19/08/1937, p. 2). Na visão do poeta, o equívoco de alguns católicos, como Tasso da Silveira, foi enxergar nas propostas da AIB a única saída.

Para Murilo, o combate ao comunismo – principal bandeira dos chefes integralistas, como afirmou anteriormente o poeta – também era feito pela Igreja, mas restrita ao seu papel de divulgadora de ideais cristãos como o desapego material e a caridade. Em relação à tese de Tasso da Silveira, segundo a qual “ao comunismo deve-se opor o integralismo”, Murilo a considera “anticatólica e perigosa”, pois não estaria de acordo com o que declarava o Papa Pio XI na encíclica *Divina Redemptoris*, cujo trecho fora citado no artigo:

Se se pretende alcançar essa finalidade [desviar os povos do comunismo] com meios puramente econômicos e políticos, cai-se na trama de perigoso erro. Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais da terra, sejam embora os maiores e aos mais nobres podem dominar um movimento, que tem por base precisamente a demasiada estima dos bens terrestres (MENDES, 19/08/1937, p. 2).

Murilo vale-se da boa relação que entende haver entre Igreja e Estado no então governo brasileiro¹⁷ para destacar a divisão dos campos de atuação de cada um. Para o autor, a Igreja, nesse

¹⁵ O escritor paranaense, segundo Leonardo Dávila, “ainda que [...] contribuisse com o *Centro Dom Vital*, procurou dele sempre se distinguir, tendo suas próprias iniciativas e agrupamentos, os quais estarão em tensão com a visão espiritualista católica”. (DÁVILA, 2015, p. 107).

¹⁶ Segundo Renato Alencar Dotta, “O diário *Acção*, órgão da Ação Integralista Brasileira na capital paulista, teve seu primeiro número lançado em 7 de outubro de 1936, quarto aniversário de fundação da AIB. [...] Pretendia ser um jornal de circulação estadual (ou “provincial”, nos termos integralistas) e, se possível, ser lido em outros estados. Circulou ininterruptamente até 23 de abril de 1938, já durante a vigência do Estado Novo. [...] A *Acção* foi, sem dúvida, o maior investimento, em termos de imprensa, da AIB em São Paulo, tendo se tornado um dos mais importantes veículos publicitários do partido. (DOTTA, 2011, p. 1).

¹⁷ É preciso destacar que os artigos do poeta para o periódico *Dom Casmurro* foram publicados entre os meses de agosto e setembro de 1937, ou seja, praticamente dois meses antes de Getúlio Vargas instaurar seu governo ditatorial que ficaria conhecido como Estado Novo. Desse modo, a relação a que Murilo faz referência deve ser entendida como a que se estabeleceu entre Estado e Igreja até o momento anterior ao golpe.

momento, gozava de liberdade e contava com a colaboração dos órgãos oficiais. Dessa forma, caberia ao Estado não atrapalhar a atuação da Igreja em seu trabalho de evangelização, da mesma forma que não deveria a Igreja querer se manifestar diretamente no plano político.

Ciente do modelo de combate que deve exercer o católico, sua postura, duramente crítica em relação ao integralismo, constrói-se, principalmente, a partir de sua interpretação dos documentos oficiais da Igreja – como as encíclicas papais¹⁸, que aparecem com frequências em seus artigos – e de sua rejeição à ideia violenta de combate pregada pelo partido. Em seu entendimento, da AIB instaura um clima hostil desnecessário, pregando o ódio aos inimigos, ou seja, indo contra princípios básicos do catolicismo:

Ora, o principal trabalho da Igreja Católica na época atual consiste em libertar-se de incômodos compromissos de ordem política e temporal e que entravaram durante três séculos a obra da evangelização. A libertação da Igreja só poderá ser realizada pela Ação Católica, que é a continuação da obra da Redenção através dos tempos — e não pela sua aliança com partidos políticos, mesmo que estes contenham ideias excelentes, ideias rigorosamente católicas. Para que, portanto, um partido cujo chefe e cujos jornais usam a todo o instante uma linguagem anticristã, que falam frequentemente em “prestação de contas” e na perseguição implacável aos adversários? ... Para que essa ostentação antidemocrática e antibrasileira de forças, essas paradas militarizadas, esses comícios que semanalmente enlutam a família brasileira – para que, enfim, essa germanização da política nacional? ... Fala-se muito no agente de Moscou, mas não se fala no agente de Berlim, nessa atmosfera de terror que o integralismo desencadeou ultimamente entre nós. [...] Vingança! Justiça! Ódio aos comunistas! Matemos os judeus! Gritam os sigmáticos. Amor! Perdão! Clemência! Amemos nossos adversários! Preguemos-lhes a beleza e a universalidade do Evangelho! Adotemos o grego, o bárbaro, o russo, o judeu, o operário escravizado e lhes mostremos a superioridade da doutrina de Cristo encarnado na Igreja – devem responder os católicos (MENDES, 19/08/1937, p. 2).

É evidente o receio de Murilo quanto aos efeitos negativos da proximidade da Igreja (ou de alguns católicos) com um partido que prega a perseguição e a extinção dos seus inimigos. O poeta insiste no caráter universal do Evangelho e denuncia a concepção limitada de catolicismo proposta pelo integralismo, chamando atenção para o ataque que sofriam alguns intelectuais católicos por se mostrarem em desacordo com ideais autoritários e violentos¹⁹. No artigo “Prendam

¹⁸ A citação das encíclicas foi uma das estruturas argumentativas de Murilo. Entretanto, é interessante destacar que algumas encíclicas também condenaram o comunismo e justificaram perseguições realizadas por católicos ao longo dos séculos; e que a astúcia muriliana atua, aqui, no sentido de que o poeta soube lançar mão destes textos oficiais da Igreja de acordo com seu interesse. Ainda quanto às encíclicas, Maria Betânia Amoroso, ao tratar da influência de intelectuais católicos franceses que age sobre o pensamento católico brasileiro, afirma que “[...] embora as encíclicas papais sejam continuamente citadas por Murilo Mendes como a lei a ser obedecida, o pensamento filosófico que motiva e conduz os embates brasileiros sobre catolicismo e sociedade não vem de Roma; e não vem de Roma nem mesmo a inspiração para o intelectual laico que se dispõe a combater a Igreja tradicional. A fonte para essa visão moderna estava em Paris.” (AMOROSO, 2012, p. 82-98).

¹⁹ Cabe aqui ressaltar que, na série de artigos voltados à crítica ao integralismo, Murilo faz referências à Guerra Civil Espanhola, em curso naquele momento. Este evento foi bastante tratado nos meios católicos brasileiros devido aos ataques sofridos por igrejas, conventos, mosteiros e outras instituições católicas espanholas, realizados pelos movimentos populares de orientação socialista, comunista e anarquista. O episódio acirrou a repulsa que a intelectualidade católica brasileira nutria pelo comunismo e favoreceu o discurso do ódio deflagrado, principalmente, pela AIB.

o Papa” (MENDES, 09/09/1937, p. 2), o poeta defende a postura de um dos principais intelectuais católicos do século XX, Jacques Maritain, quanto à sua crítica ao fascismo. A defesa de Maritain passa necessariamente pelo ataque de Murilo Mendes à atitude pró-regimes fascistas de alguns órgãos da imprensa, principalmente, de jornais e revistas integralistas²⁰. O poeta questionava a análise limitada de jornais como *O Povo*, que se resumia em classificar os intelectuais antifascistas como comunistas:

Aumenta de volume a confusão que se estabeleceu na nossa imprensa e em certos meios católico em torno das atitudes de Jacques Maritain e outros católicos franceses em relação ao fascismo em geral e à guerra civil espanhola em particular. A tática atual consiste em denunciar os antifascistas como comunistas. Já chamei a atenção para os agentes de Berlim e Roma – entretanto, há quem só se impressione com o agente de Moscou... Duvido muito da sinceridade desses nacionalistas exacerbados que querem *nacionalizar* a nossa política e imitando os métodos germânicos e italianos... Já repararam que o título do jornal oficial integralista, *A ofensiva*, é a traduzido do jornal *Der Angriff*, do Sr. Goebbels, um dos maiores inimigos do cristianismo (MENDES, 09/09/1937, p. 2).

Murilo se vale da confusão que alguns órgãos da imprensa criaram em torno do comunismo para destacar a importância do envolvimento do católico com a doutrina, assim como de seu contato com as determinações da Igreja. Segundo o poeta, tal confusão poderia ter sido evitada com a leitura da encíclica *Quadragesimo anno*, na qual o papa Pio XI trata dos abusos do capitalismo enquanto “ditadura econômica” e da necessidade de se limitar a propriedade privada, ao mesmo tempo em que afirma que “a coletivização de certos bens pode e deve ser admitida para servir ao bem comum” (MENDES, 09/09/1937, p. 2). Recorrendo às encíclicas, Murilo Mendes coloca em questão o que declarava grande parte da intelectualidade católica brasileira: ser a AIB o que mais próximo estaria dos preceitos do catolicismo.

Ainda em “Prendam o Papa”, percebe-se mais uma vez a persistência do poeta no que diz respeito ao papel do católico na sociedade. Apesar de ele mesmo realizar a sua própria leitura do catolicismo e de suas normas, o poeta insiste, aqui, que o católico deve primar por seu conhecimento sobre o catolicismo e ser um estudioso da doutrina. Quando afirma que este conhecimento evitaria que o católico sofresse com interpretações erradas, transmitidas pelos jornais, Murilo qualifica sua atitude de interpretar a seu modo os pressupostos do catolicismo. Segundo ele, o perigo deste desconhecimento – ou de um conhecimento pautado – é o que levaria à adesão rápida da massa a ideologias belicistas, como a do integralismo, e ao ataque equivocado a importantes estudiosos do catolicismo, como foi com Maritain.

²⁰ Quanto aos debates políticos do momento, sobretudo acerca do Integralismo, Tania Regina de Luca afirma que “A questão da relação do jornal [*Dom Casmurro*] com os meios de controle da informação é bastante intrincada e variou de forma significativa ao longo do tempo. Nos primeiros anos de circulação, o semanário adquiriu reputação de publicação de esquerda, possivelmente por polemizar com os integralistas e reafirmar valores democráticos e liberais, tanto que o periódico foi impedido de circular nas semanas seguintes ao golpe de 1937, sob a alegação de fazer propaganda sutil do comunismo.” (LUCA, 2015, p. 43).

Que noção têm esses teólogos de última hora da estrutura espiritual da Igreja, da vida sobrenatural que circula no Corpo Místico de Cristo, da solidez inabalável do dogma, do caráter transcendente da Hierarquia eclesial, da eternidade, das promessas do Redentor, para virem à rua de apito na boca, zelosos, concitando os fiéis em massa para aderirem ao fascismo para “salvarem” a Igreja? O fato não mereceria comentário se o público tivesse tempo de separar o joio do trigo e estudar a doutrina (MENDES, 09/09/1937, p. 2).

Para Murilo Mendes, é nítido o desconhecimento sobre os fundamentos do cristianismo por parte de alguns católicos que, em meio à tentativa de inserção da Igreja na modernidade, enxergaram em movimentos de tendências autoritárias, tal qual o integralismo, a possibilidade de efetuar a participação em todos os setores da sociedade. Como visto anteriormente, o poeta juiz-forano não foi o único intelectual vinculado ao catolicismo a se mostrar temeroso em relação a essa proximidade. Alceu Amoroso Lima também faria ressalvas quanto à busca de jovens católicos que, ansiando por uma participação política mais efetiva e direta, foram atraídos pela AIB.

Todavia, Murilo foi o mais combativo quanto a isso. A sua crítica, mais direta e contundente, baseou-se na interpretação de documentos oficiais tais como as encíclicas papais e discursos do líder integralista, Plínio Salgado, para apresentar, em artigos publicados em 1937, a hipótese de que a AIB procurou fortalecer-se apropriando-se da mística do catolicismo e distorcendo aquilo que seria o “papel” do católico na estrutura social brasileira. Murilo Mendes organiza seus textos de modo a realizar um movimento de oposição entre as ideias que compõem o debate em torno do catolicismo, naquele momento.

Desloca-se, como crítico, de um local seguro, onde bastaria ao católico apenas manifestar-se contrário ao liberalismo, ao comunismo marxista e ao materialismo – aspectos que estavam de acordo com aquilo que pregava o movimento integralista – para ocupar uma posição de questionador diante das contradições que surgiam do que classificou como “redução do espírito universal do catolicismo” a pautas partidárias. Tal postura se evidencia quando essas pautas partidárias partem de premissas belicistas e violentas como as relacionadas ao integralismo. As recorrentes aproximações entre o fascismo (e o nazismo) e o integralismo brasileiro, ainda que de forma não direta, constituem sua retórica na tentativa de afastar qualquer possibilidade de se interpretar a AIB como única forma possível, ou a mais adequada, para a atuação política do que se entendia como o “ser católico”.

Para o poeta juiz-forano, o católico conhecedor, de fato, do catolicismo, vai ser contrário ao liberalismo burguês, mas vai também questionar a Igreja enquanto defensora da propriedade privada; em vez de suscitar o ódio contra o comunista, vai reconhecer na Igreja Católica a capacidade de promover a justiça social e de constituir uma verdadeira comunidade entre os homens. Para Murilo, essas são algumas das características do católico que devem distanciá-lo do integralismo e que, portanto, colocam-no como capaz de observar e de transformar a sociedade a partir de uma análise crítica e universalizante²¹.

²¹ “Murilo Mendes nos seus artigos e ensaios de militância católica [...] participa de um embate contra essa ignorância religiosa, bem conhecida e arraigada na elite brasileira, levado por inúmeros intelectuais e religiosos católicos nos anos 1920 e 1930 no Brasil, em luta contra a religião de hábito, por uma sofisticação do catolicismo como pensamento religioso e político, capaz de estabelecer novas bases, institucionais e doutrinárias, para que a Igreja Católica se apresentasse como uma força moderna de integração da sociedade.” (AMOROSO, 2012, p. 88).

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Maria Betânia. Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião. *Literatura e Sociedade*, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, São Paulo, nº 16, 82-98, 2012.
- CARTA PASTORAL de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1916.
- CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. 2. ed. Belo Horizonte; São Paulo: UNA: AD Hominem, 1999.
- COSTA, M. T. da. Los tres mosqueteros. Una reflexión sobre la militancia católica lega en el Brasil contemporáneo. *Prismas*, Buenos Aires, v. 11, n. 11, 55-67, 2007.
- DÁVILA, Leonardo. *Ordenar o espiritual: letras e periodismo católico no Brasil (1928-1945)*. 2015. 642 fls. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- DOTTA, Renato Alencar. Acção: A Lenta Agonia de um Jornal Integralista (1936 - 1938). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo*, 2011.
- IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LIMA, Alceu Amoroso. Catolicismo e Integralismo II. *A Ordem*, Rio de Janeiro, 5-15, jan. a jun. 1935.
- LIMA, Alceu Amoroso. Catolicismo e Integralismo – III. *A Ordem*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 86, fev. 1935.
- LIMA, Alceu Amoroso. Os católicos e a política. *A Ordem*. Rio de Janeiro, n. 55, 159-160, set. 1934.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Pela Ação Católica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Anchieta, 1935.
- LUCA, Tania R. de. O jornal literário *Dom Casmurro* e a condição do intelectual. In: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flávia Fernandes de.; GUERELLUS, Natália de Santana. (Orgs.) *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro, 1ª Edição, Mauad, Faperj, 2015.
- MACEDO, Rafael Velloso. *Murilo Mendes nos jornais Boletim de Ariel e Dom Casmurro*. 2016. 136 fls. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MENDES, Murilo. Integralismo, mística desviada. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 14, p. 12, 12/08/1937.

MENDES, Murilo. O catolicismo e os integralistas. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 13, p. 2, 05/08/1937.

MENDES, Murilo. Prendam o Papa. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 18, p. 2, 09/09/1937.

MENDES, Murilo. Resposta aos integralistas. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro. n. 15, p. 2, 19/08/1937.

NOGUEIRA, Hamilton. O pensador político. *A Ordem*. Rio de Janeiro, ano VIII, vol. 1, p. 240-248, jan. 1929.

SOUZA, Luiz Alberto Gomez de. *Do Vaticano II a um Novo Concílio?* São Paulo: Loyola, 2004.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª Edição. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DO FASCIO AO SIGMA: A PRESENÇA INTEGRALISTA EM BARBACENA (1934-1938)¹

EVERTON FERNANDO PIMENTA²

INTRODUÇÃO

Circunscrita a uma cidade do interior de Minas Gerais, cujo campo político (BOURDIEU, 1989, p. 133-136) possuía algumas especificidades, a análise da atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB) e de seus reflexos em Barbacena, no período compreendido entre os anos de 1933 e 1938, possibilita trazer novas luzes sobre a dinâmica deste movimento político, em comparação com aquilo que se verificou em grandes centros como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Deste modo, após se apresentar, brevemente, como se configurava o campo político barbacenense, dentre os objetivos precípuos deste capítulo, buscar-se-á perceber como, em meio às disputas que nele se colocavam, surgiu a defesa do ideário fascista, tendo como atores pioneiros desta os membros da coletividade formada pelos imigrantes italianos e seus descendentes radicados na cidade.

Num segundo momento, considerando-se as relações inicialmente mantidas entre os apoiadores do fascismo e a primeira liderança integralista local, o modo como a AIB surgiu em Barbacena, como se organizou e cresceu, será enfatizada a participação feminina em suas hostes, posto que esta é uma das características marcantes de sua presença na cidade.

Posteriormente, se examinará o período de maior otimismo e apogeu da atuação dos camisas e blusas-verdes locais para, por fim, no contexto de desmantelamento da AIB em todo país, se compreender como se deu a ruína dos mesmos em Barbacena destacando-se a forma como estes foram monitorados pelo DOPS-MG, a polícia política de Minas Gerais.³

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir da dissertação PIMENTA, Everton Fernando. *Dois lados de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945*. 2015. 362 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2015.

² Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), campus Salinas.

³ O Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS-MG) teve existência, com algumas alterações em sua estrutura, entre 1927 e 1989. Ver: (MOTTA *et al.*, 2003, 126-153).

O CENÁRIO POLÍTICO BARBACENENSE E O INÍCIO DA DEFESA DO FASCISMO ITALIANO

Desde o último quarto do século XIX, as principais disputas ocorridas no campo político barbacenense foram dominadas pelos agentes ligados às famílias Andrada e Bias Fortes que, uma vez unidas, mantinham a hegemonia nesta seara (LADEIRA, 2009, p. 55-76).

Todavia, embora grupos dissidentes tenham se feito presentes, não trouxeram alterações substanciais à configuração dos embates em tal ambiente, pois sua orientação era similar à verificada nas posições dos caciques políticos tradicionais com quem, não raro, também teceram alianças.⁴

Em tal cenário, frente à força e capilaridade de tais atores, a principal novidade ocorrida no campo político local decorreu do aparecimento da defesa do ideário fascista em meados da década de 1920 e, a partir dos anos iniciais da década seguinte, do surgimento de seu congêneres nacional, a AIB.

Sobre o primeiro ponto, em janeiro de 1924, verificou-se uma das primeiras demonstrações de que se tem conhecimento em apoio às ações realizadas pelo regime de Benito Mussolini por meio da publicação de um artigo, intitulado “Patria”. (*Apollo Jornal*, 01/01/1924, p. 1)⁵ No texto, seu autor, o italiano Aroldo Piacesi⁶, defendeu que o líder fascista atuava para reerguer sua terra natal e melhorar a vida das pessoas, numa perspectiva diferente daquela então em curso na Rússia, sob a liderança de Lênin:

Para que esta obra portentosa da evolução natural, para que esta imprescindível transição⁷ se opere benéfica, naturalmente como fructo já sazonado, é preciso não de Lenines que matam e destroem – mas de Mussolinis, capazes de reerguer a face da pátria acabrunhada, de elevá-la, prodigalizando a cada cidadão garantias e bem estar (*Apollo Jornal*, 01/01/1923, p. 1).

Passado este contexto inicial, no qual as primeiras demonstrações de apoio ao fascismo e a Benito Mussolini surgiram, sem que tenham sido abandonadas nos anos posteriores⁸, enfatiza-se que, na década seguinte, diversas manifestações de apreço semelhantes ocorreriam na cidade, com destaque àquelas vinculadas aos eventos realizados pelos órgãos de sociabilidades italianos que seriam cooptados pelo regime do ditador italiano.⁹

⁴ Este quadro só se alteraria no início da década de 1930 dados os desdobramentos da Revolução de 1930 e as disputas políticas mineiras, que levariam à ruptura entre as famílias Andrada e Bias Fortes. Ver: (PIMENTA, 2015, p. 179-183).

⁵ Anteriormente foi publicada no mesmo periódico uma nota de autoria desconhecida na qual se elogiou uma condecoração feita por Mussolini a dois empregados que, respectivamente, trabalharam para o mesmo patrão durante 28 e 50 anos. Ver: Nota sem título. Barbacena, *Apollo Jornal*, 04/11/1923, p. 3.

⁶ Aroldo Piacesi era um comerciante que se encontrava radicado na cidade desde o início do século e possuía uma grande atuação no interior dos órgãos de sociabilidade italianos, como a Associação Italiana Vittorio Emmanuele II e a Agência Consular. Seu texto foi publicado no jornal que tinha como finalidade divulgar o Cine Theatro Apollo, de propriedade de sua família.

⁷ Nesta e nas demais citações dos jornais presentes no capítulo será mantida a grafia original dos textos.

⁸ Exemplo dessa contínua manifestação de apoio ocorreu numa matéria publicada pela esposa de Aroldo Piacesi, Ines Piacesi, na qual ela chamou Benito Mussolini de o maior homem da Europa atual e de gênio da latinidade. (*Cidade de Barbacena*, 1927).

⁹ Tal qual ocorrido em outras localidades de Minas Gerais, em Barbacena, uma fundamental estratégia utilizada para a defesa e difusão do ideário fascista e dos feitos do governo italiano ocorreu por intermédio da conquista de espaço pelos partidários de Mussolini nestes órgãos associativistas que já se faziam presentes na cidade bem antes de 1922. Sobre a presença de Associações Italianas em Minas Gerais, que se fizeram presentes desde o final do século XIX, ver: (BIONDI, 2009, p. 41-66).

Logo, a análise dos eventos organizados pela Associação Italiana e Agência Consular se torna importante pois, concomitantemente ao processo que os transformaram em tentáculos da propaganda do regime de Mussolini e seu corolário, junto a eles foi criada uma instituição tipicamente fascista em Barbacena, o *fasci all' estero*.¹⁰

Desta feita, com tal estrutura à sua disposição, as manifestações de apoio ao fascismo em Barbacena se intensificaram a partir de 1932, ano no qual a Marcha sobre Roma completou seu 10º aniversário. Nas celebrações desta efeméride, além de se hastear as bandeiras do Brasil e da Itália nos edifícios da Sociedade Italiana e da Agência Consular, foi realizada também uma sessão solene no Cine Theatro Apollo, na qual vários oradores discursaram.¹¹

No ano seguinte, atestando a importância e o alcance das ações de tais instituições, numa pequena nota publicada no *Jornal de Barbacena*¹², confirmou-se o amplo apoio dado por parte da coletividade italiana da cidade a Mussolini e ao fascismo, com destaque para a presença de nomes conhecidos no interior desta e da sociedade de Barbacena em geral, como signatários da nota que publicizava o evento ocorrido na Sociedade Italiana:

Domenica 29 ottobre alle ore 14 (2 pomeridiane) nella Sede Sociale della Società Italiana do Beneficenza Vittorio Emanuele II, sarà commemorata La Marcia su Roma e La Vittoria di Vittorio Veneto – I connazionali che non avessero ricevuto l'invito sono pregati d'intervenire a questa manifestazione di patriottismo e italianità.

Oratori: Sig. Aroldo Piacesi e prof. Tem Gino Santi Tullini reduce di guerra e Camicia Nera.

La comissão Organizadora: Oreste Locarno – Rº Agente Consolare; Francisco Pardini – Luigi Bertolotti – Giuseppe Discaccati – Ferdinando Ceolin – Antonio Russo – Antonio Bertolucci – Antonio Mazzoni – Ernesto Discaccati – Luigi Santarosa – Aroldo Piacesi – Roberto Corrieri (*Cidade de Barbacena*, 28/10/1933, p. 3).

Em paralelo a tais celebrações, valendo-se das modernas ferramentas para a propaganda política então disponíveis, outras formas de se veicular os feitos e o ideário do regime de Benito Mussolini passaram a ocorrer por intermédio das exibições de filmes produzidos pela LUCE¹³ e pelas transmissões, via rádio, dos discursos do Duce nos órgãos associativos italianos, situação que se tornou uma constante no período.¹⁴

Em tal cenário, é digno de nota que, em 1934, nas comemorações do aniversário da Marcha sobre Roma, em meio às conferências realizadas por lideranças fascistas da coletividade italiana de

¹⁰ Além do *fasci all' estero*, outras instituições fascistas que foram criadas em diversas localidades do país são os Dopolavoro e as Casas d'Itália. Ver: (BERTONHA, 2001.)

¹¹ Sobre o tema, ver: (*Cidade de Barbacena*, 22/10/1932, p. 1 e *Jornal de Barbacena*, 30/10/1932, p. 1).

¹² Criado em 1924, o jornal era a continuidade de outro periódico que existia até o ano de 1923, *O Sericicultor*, cuja função era divulgar as atividades da colônia agrícola italiana, Rodrigo Silva, que existia, em Barbacena, desde 1888.

¹³ O instituto organizado e mantido pelo regime fascista denominava-se L'Unione di Cinema Educativo, também conhecido como Instituto nacional (LUCE). Ficava encarregado de produzir e distribuir filmes apologéticos do governo de Benito Mussolini, dos quais, a película intitulada "Italia-Abysii" foi exibida no Cine Teatro Apolo. Ver: (PIMENTA, 2015, p. 270).

¹⁴ Um exemplo destas ocorreu quando o Sr. Oreste Locarno divulgou o comunicado do Cônsul italiano sobre um discurso do Sr. Benito Mussolini, que foi ouvido pela coletividade na Agência Consular. (*Jornal de Barbacena*, 18/03/1934, p. 1).

Barbacena, a exemplo de Aroldo Piacesi e do Tenente Gino Santi Tulini, um novo orador passou a participar destes eventos, Humberto Caetano (*Cidade de Barbacena*, 31/10/1934, p. 1).¹⁵

A presença deste novo ator nestas celebrações é importante, pois, meses antes de realizar seu discurso na Sociedade Italiana, ele tornou-se o primeiro líder da AIB em Barbacena, exercendo também um intenso papel de divulgador de sua doutrina ao publicar em jornais locais textos que aproximavam ideológica e politicamente o fascismo e o integralismo.

Num destes escritos, após discorrer sobre o aparecimento do nazismo e situá-lo como um desdobramento do avanço fascista, objetivando apresentar a experiência italiana como a matriz comum de uma série de experiências políticas que se espalhavam pela Europa e outros continentes, ele mencionou os casos ocorridos na Inglaterra, Portugal, Espanha, França, Brasil e Japão, tipificando-os como membros de uma mesma “família fascista.” (*Cidade de Barbacena*, 02/05/1934, p. 1).

Sob tal prisma, tomando-se o integralismo como uma das experiências políticas de orientação fascista que se espalhavam por diferentes regiões do mundo, ao levar em conta as posições políticas assumidas pelas lideranças dos órgãos associativos italianos locais e as defendidas por Humberto Caetano, compreende-se como ocorreu a inicial aproximação entre os fascistas e integralistas barbacenenses, fruto do compartilhamento de uma similar compreensão não restritiva do fascismo ao caso da Itália.¹⁶

O SURGIMENTO E CRESCIMENTO DO INTEGRALISMO EM BARBACENA

Um dos primeiros indícios até então encontrados sobre a presença integralista em Barbacena data de janeiro de 1935. Trata-se de um anúncio publicado com o fito de informar que, por ocasião do aniversário de Plínio Salgado, seria realizada uma sessão solene na sede local dos camisas-verdes, na qual Humberto Caetano e outras lideranças discursariam (*Cidade de Barbacena*, 26/01/1935, p. 2).

Durante o evento, em fala eivada de teor otimista, além de elogiar as especificidades do integralismo frente a seus adversários políticos, situá-lo como o único capaz de salvar o Brasil e transformá-lo numa grande nação, Humberto Caetano preconizou que a AIB passaria por um grande crescimento, vindo a se configurar como uma grande associação (*Cidade de Barbacena*, 30/01/1935, p. 1-4);

Em outro trecho de seu discurso, após longa retrospectiva histórica, que abordou desde indus e gregos antigos, passando pela França e Rússia revolucionárias, ele postulou que a salvação contra a liberal democracia e o comunismo, que conteria o essencial das outras doutrinas, sem seus vícios, adviria do fascismo (*Cidade de Barbacena*, 30/01/1935, p. 1-4).

Adiante, ao versar sobre a situação vivenciada pelo Brasil, elencando uma série de problemas sociais, políticos e econômicos, Humberto Caetano responsabilizou o sistema liberal-democrata por tais males, afirmando que o integralismo seria a única força capaz de solucioná-los, tal qual havia ocorrido na Itália e Japão:

¹⁵ Em eventos antes realizados na Associação Italiana, Aroldo Piacesi e Gino Santi Tulini, já haviam sido oradores. Ver: (*Jornal de Barbacena*, 26/10/1933, p. 3).

¹⁶ Sobre a visão de fascismo aqui adotada ver: (PIMENTA, 2015, p. 127-130).

Eis, pois, caros companheiros, a tarefa imensa, que o integralismo tem que arrostar. Para isso terá que revolver, reformar, modificar o caracter dos brasileiros. O Estado totalitario quer a felicidade dos individuos e a grandeza da Patria. Mas para conseguir isso, elle exige de seus adeptos uma disciplina ferrea, uma obediencia militar. A nação será organizada como um exercito, para ter eficiencia. É necessario crer, obedecer, combater. [...] O Brasil ainda se pode salvar e ir para frente. O Japão, ha poucos lustros era uma nacionalidade sem Expressão, hoje assombra pelo seu progresso. Há 15 annos atraz a Italia era uma nação amesquinhada pelas outras, hoje é um pharol, que maravilha o mundo inteiro pelo brilho de sua luz civilizadora [...] (*Cidade de Barbacena*, 30/01/1935, p. 1-4).

Tal perspectiva situava o integralismo como uma experiência fascista que, além da superação dos problemas nacionais, poderia também impedir a escalada comunista, foi adotada por outros camisas-verdes e por membros da coletividade italiana local, que haviam aderido ao fascismo, pois não inviabilizava que uma pessoa defendesse o regime italiano e, ao mesmo tempo, militasse nas hostes do sigma.¹⁷

Portanto, junto desta presumível influência inicial exercida pelos órgãos de sociabilidade italianos e seus membros para que a AIB surgisse em Barbacena, quando esta já se encontrava instalada, tem-se que as ações de propaganda realizadas pelos próprios integralistas, como o envio de líderes em bandeiras para a realização de comícios e conferências em seus núcleos¹⁸, foram significativas para a consolidação dos camisas-verdes na cidade, a partir dos meses iniciais de 1935¹⁹

Nessa direção, para se construir um relato verossímil das atividades desempenhadas pelos integralistas na cidade, é preciso lançar mão de uma ampla gama de registros, dentre os quais, além dos periódicos locais, destacam-se as importantes informações extraídas dos documentos produzidos pela própria AIB em suas tarefas cotidianas, bem como pelo DOPS-MG20, durante o monitoramento que realizavam sobre os camisas e blusas verdes. Em conjunto, esses materiais ajudam a recuperar parte do cotidiano da AIB, de aspectos de sua estrutura, de seu perfil, bem como das ações e posições adotadas por alguns de seus líderes.

Com base nos registros produzidos pelos agentes do DOPS-MG sobre os integralistas, evidencia-se que a vigilância deles teve início poucos meses após a instalação do primeiro núcleo da AIB no município, que já se encontrava em funcionamento, ao menos, desde janeiro de 1935. (*Cidade de Barbacena*, 26/01/1935, p. 2) Assim, quase cinco meses depois de iniciadas essas ações

¹⁷ A italiana Ines Piacesi, esposa de Aroldo Piacesi, é um dos exemplos de pessoas que militaram em simultâneo no fascismo e na AIB. Além dela, na listagem dos membros da AIB de Barbacena, constavam outras pessoas que, se não nasceram na Itália, eram filhos de italianos, nascidos no Brasil ou seus descendentes, casos de Luiz Bertola, José Bertola ou de Geraldo Antonio Filardi. Ver: (PIMENTA, 2015, p. 231-239).

¹⁸ Uma destas ocorreu em abril de 1935, quando a cidade foi visitada por líderes da AIB como San Tiago Dantas e Olbiano de Melo. (*Cidade de Barbacena*, 10/04/1935, p. 4).

¹⁹ Bandeiras como esta também se fizeram presentes em Juiz de Fora no ano de 1933, concorrendo para a instalação de seu primeiro núcleo integralista. Ver: (GONÇALVES; CORRÊA, 2011, p. 212-220).

²⁰ Sob a guarda do Arquivo Público Mineiro, esse conjunto documental, que se encontra disponível no acervo DOPS-MG, é revelador acerca da lógica da suspeição policial que recaía sobre os integralistas, que continuou a existir mesmo depois do encerramento das atividades da AIB no estado.

de monitoramento, em 13/06/1935, foi enviado pela polícia política barbacenense um relatório à chefia estadual do DOPS-MG no qual se afirmou que a AIB local contaria com quarenta e quatro militantes identificados, sob a chefia de Humberto Caetano.²¹

Para se ter uma noção da organização da AIB na cidade ao longo do tempo, junto deste documento policial supracitado, importante se torna a análise de alguns textos de autoria da jornalista e blusa verde Ines Piacesi no ano de 1937. Elaborado em seu jornal, *Rubicon*, ao longo de várias edições, no painel que construiu acerca da estrutura dos camisas-verdes locais, constatou-se que, fora a sede central, foram criados o subnúcleo do Alto do Santo Antônio e os núcleos distritais de Ressaquinha, Bias Fortes e Desterro do Melo.²²

Obedecendo à hierarquia organizacional da AIB, os subnúcleos e núcleos distritais da cidade contavam com um líder que se subordinava à chefia municipal. Entretanto, a partir de março de 1936, a chefia municipal de Barbacena foi elevada à condição de sede de uma das vinte regiões integralistas nas quais o estado de Minas Gerais foi dividido, fato que conferiu mais poderes aos chefes integralistas barbacenenses.²³

Tais iniciativas, se por um lado não confirmaram a concretização do desejo de Humberto Caetano de que o movimento se tornasse uma organização forte a ponto de influir nas disputas que se colocavam no campo político da cidade, por outro, ao menos denotou seu crescimento e, conseqüentemente, atraiu cada vez mais a vigilância policial feita pelo DOPS-MG, aspecto que será abordado adiante.

A SECRETARIA DE ARREGIMENTAÇÃO FEMININA E DE PLINIANOS EM BARBACENA: UM ESPAÇO DE DESTAQUE PARA A ATUAÇÃO POLÍTICA DAS BLUSAS VERDES

A reestruturação, em plano nacional, pela qual a AIB passou no ano de 1936, redefiniu sua divisão hierárquica, remodelou suas secretarias, sua organização nos estados e, em efeito cascata, ao ensejar a criação da 6ª Região Integralista de MG, expandiu a área de atuação que ficava sob a supervisão dos líderes integralistas barbacenenses.

Nessas mudanças, especificamente sobre as blusas-verdes, a criação da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos (SNAFP) ocasionou o surgimento de sua unidade local,

²¹ APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagem 79.

²² Este painel foi construído em seu jornal *Rubicon* no intervalo das edições entre os números 84 até 99, do segundo semestre de 1937. Tal qual o *Apollo Jornal*, este periódico foi criado para divulgar o Cine Theatro Apollo que pertencia a sua família, mas acabou transformado, neste contexto, num órgão oficioso da imprensa integralista. Ver: (PIMENTA, 2019, p. 185-218).

²³ Além de suas atribuições ordinárias, a chefia municipal de Barbacena tornou-se responsável por dirigir a ampla 6ª Região Integralista, responsabilizando-se por coordenar as atividades políticas, as finanças e o repasse de verbas para a chefia provincial bem como por transmitir a seus núcleos subordinados as diretrizes advindas das chefias estadual e nacional. Geograficamente esta região era composta pelas cidades de Alto do Rio Doce, Carandaí, Lagoa Dourada, Prados, Rio Espera, Santos Dummont, São João del Rei e Tiradentes. (*Cidade de Barbacena*, 28/03/1936, p. 2)

a Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina de Plinianos (SMAFP) de Barbacena.²⁴ Liderada pela blusa verde Lygia Stella de Araujo Lima²⁵, esta nova secretaria, que estava em atividade desde os meses finais de 1936, se encarregou da coordenação das ações das integralistas da região, o que representou uma novidade para o período.²⁶

Para se mensurar como passou a ser estratégica a atuação das SMAFP, destaca-se que, obedecendo à legislação vigente, como apenas as pessoas alfabetizadas estavam aptas a votar, ficou sob sua batuta o encargo de organizar todas as atividades das blusas verdes na cidade e região voltadas para a alfabetização, o que possibilitaria o aumento do número de eleitores da AIB.²⁷

Nesse sentido, acompanhando o movimento de expansão pelo qual a AIB da cidade passou em 1937, ao ser inaugurada a nova sede dos integralistas, situada na rua principal do centro da cidade, foram mantidos os serviços de expediente, de café e uma escola no novo prédio, o que consagrava a importância das ações da SMAFP (*Rubicon*, 22/08/1937, p. 3).

Acreditando-se ter sido essa a primeira escola fundada pela AIB na cidade, embora não se saiba, com exatidão, o real alcance de suas atividades ligadas às pretensões eleitorais dos integralistas, em razão do modo como se estruturavam as disputas no campo político local, a vitória nas urnas não representou uma possibilidade exequível para os camisas-verdes, conforme se observou nos resultados das eleições locais do ano de 1936.²⁸

Outrossim, no lugar deste revés levar a um cenário de desânimo e causar a diminuição das ações realizadas pela SMAFP para a habilitação de novos eleitores mediante as atividades de alfabetização, desde então, o que se verificou foi o oposto, ou seja, a ocorrência de um crescimento dos esforços da secretaria para a efetivação destes intentos.

Por essa trilha, se a vitória política em nível local não se mostrava viável, no ano seguinte, acompanhando o clima de otimismo para o possível êxito de Plínio Salgado nas eleições marcadas para 1938, o aumento dos esforços da SMAFP se acentuou. Dentre inúmeras medidas, em 22/08/1937, foi instalado outro educandário integralista no subnúcleo do Alto da Fábrica, a Escola Integralista

²⁴ Um exemplo desse papel central em tal processo encontra-se num documento que a SMAFP recebeu da chefia do núcleo distrital de Desterro do Melo que trazia a relação dos plinianos e das blusas verdes daquela célula integralista, discriminado se estas eram alfabetizadas, se tinham título e se eram eleitoras juramentadas. (APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagem 3).

²⁵ Essa foi a primeira vez que se detectou a presença de uma mulher num posto de comando da AIB na cidade, pois, em outubro de 1935, na posse de Paulo Valério como o novo chefe integralista de Barbacena, não constava o nome de nenhuma blusa verde na alta hierarquia do núcleo municipal. (*Cidade de Barbacena*, 23/10/1935, p. 1).

²⁶ A criação da SMAFP possibilitou a entrada das mulheres no campo político, porém trouxe consigo o ônus de que as blusas verdes deveriam obedecer à definição oficial do integralismo sobre o que se entendia como o “papel ideal” feminino, ou seja, o exercício de funções condizentes com a “condição feminina”. Além do serviço assistencial, a atuação feminina vista como desejável se restringia a funções como as de professora, enfermeira, secretária. Contudo, se isto pode ser visto com um nítido sinal da desigualdade de gêneros no seio da AIB, e de fato o era, ainda assim, significava a conquista de um espaço antes vedado às mulheres, o campo político. Ver: (BARBOSA, 2013, p. 73-92).

²⁷ Desde então, os educandários integralistas receberam maior atenção por parte das chefias da AIB, pois seria por meio deles que, além de se alfabetizar crianças e jovens, inculcando-lhes sua doutrina, a oferta educacional aos adultos serviria para aumentar o número de seus eleitores nas eleições marcadas para janeiro de 1938.

²⁸ Os poucos votos obtidos pela AIB se devem ao domínio exercido pelos grupos liderados pelas famílias Andradas e Bias Fortes. Para se ter uma ideia disso, nas eleições de 1936, mesmo que se leve em conta notórias irregularidades no pleito, a diferença entre o total de votos obtidos pelos integralistas e os representantes destes grupos políticos foi gritante. Sobre os dados eleitorais do período ver: (*Cidade de Barbacena*, 02/07/1936, p. 1).

Dom Bosco (*Rubicon*, 29/08/1937, p. 3)²⁹ sendo que, simultaneamente a tais atividades do setor educacional, a secretaria também realizou ações filantrópicas e assistencialistas em Barbacena.

Sobre o primeiro aspecto, em novembro de 1937, foi anunciada a realização de um bingo em benefício do natal das crianças carentes, para quem seriam doados roupas, brinquedos e bombons, para o qual um dos prêmios ofertados aos vencedores era um quadro pintado pela líder integralista Lygia Stella de Araujo Lima (*Rubicon*, 23/11/1937, p. 2).

Já em relação às atividades assistencialistas, seguindo o discurso doutrinário integralista, que apregoava que a AIB trabalharia para melhorar a condição de vida do povo brasileiro, a SMAFP começou a atuar no setor de saúde ao auxiliar os atendimentos realizados no gabinete dentário, instalado por iniciativa do camisa verde Aristeu Caetano em 19/11/1937 (*Rubicon*, 21/11/1937, p. 3).

Desta feita, tendo em vista as atividades desempenhadas pelas integralistas subordinados à SMAFP, seja no setor educacional, assistencial ou filantrópico, evidencia-se que alguns nomes foram alçados a uma posição de maior destaque dentre as blusas verdes, a exemplo de Lygia Stella de Araujo Lima e da militante Ines Piacesi.

Como líder da SMAFP que comandava a 6ª região integralista do estado, Lygia Stella de Araujo participou, com frequência de eventos da AIB, sempre em posição de grande deferência. Nestes, frequentemente, exercia a função de oradora, elemento pouco comum no campo político do período, pois os discursos em eventos do sigma eram realizados pelos homens, sobretudo por aqueles que ocupavam postos de chefia.³⁰

No entanto, se Lygia Stella de Araujo Lima alcançou o mais alto posto ocupado pelas mulheres na hierarquia da AIB, ao ponto de ter sido chamada de “alma do integralismo em Barbacena” (*Cidade de Barbacena*, 24/11/1938, p. 2), o caso da italiana Ines Piacesi chegou a ser mais emblemático. Apesar de não integrar a alta hierarquia integralista, ela não só se tornou oradora em solenidades ocorridas nos núcleos locais do Sigma (*Rubicon*, 07/11/1937, p. 2), mas também se transformou na mais importante intelectual dentre as blusas verdes e numa das principais difusoras da AIB em Barbacena.

Isto é posto pois a professora Ines Piacesi, além de já ter, a essa época, consolidado sua posição de intelectual na sociedade local (PIMENTA, 2015, p. 84-124), por ser proprietária do Cine Teatro Apollo e do jornal *Rubicon* – tendo transformado este último num órgão oficioso de propaganda da AIB (PIMENTA, 2015, p. 179-183) – conseguiu atingir um amplo público que englobava pessoas letradas e analfabetas, contribuindo para a criação de uma imagem positiva do integralismo.

Se ambas alcançaram um papel proeminente nas hostes integralistas, mesmo mantendo suas atuações alinhadas ao que preconizavam os líderes nacionais da AIB como o “ideal” para participação das blusas verdes, sem adotar posturas radicais, romperam com os limites antes impostos para a atuação feminina, o que não era pouca coisa.

²⁹ Em sua inauguração, foi informado que a escola já contava com mais de trinta matrículas, atendendo crianças, jovens e adultos. Ver: (*Rubicon*, 31/10/1937, p. 2 e *Rubicon*, 07/11/1937, p. 2).

³⁰ Exemplo de um dos discursos ocorreu na sessão inaugural da escola integralista do Alto da Fábrica, no qual sua fala foi ladeada pela dos outros líderes municipais, todos homens, Paulo Alvim (chefe municipal da AIB), Heitor Lino de Moraes, Lygia Stella de Araujo Lima (SNAFP) Alberto Moreira da Costa (chefe do subnúcleo), Ary Monteiro, Humberto Caetano e José de Araujo Lima. (*Rubicon*, 29/08/1937, p. 3).

Não obstante, torna-se necessário mencionar que, graças à posição central por elas ocupada, ambas chamaram a atenção da polícia política local. Um claro exemplo disso ocorreu com Ines Piacesi que, em virtude da propaganda realizada do integralismo na escola onde lecionava, teria criado um mal estar na instituição ao ponto de o tenente Adelino Trindade ter remetido à Secretaria de Educação de MG um ofício pedindo providências:

Imagem 1 - Ofício enviado pelo tenente Adelino Trindade ao Secretário de Educação de Minas Gerais em 22/11/1937

Sr. Secretario, comunico-vos que a professora do Grupo Escolar local "Bias Fortes", INES PIACESI, hoje, pela manhã, por ocasião das aulas, pregava a seus alunos a doutrina do Sigma, dizendo que dentro de oito a vinte dias, a bandeira integralista flutuaria em todas as Prefeituras municipais. Peço vossas instruções a respeito para que a professora em apreço não continue incutindo aos seus alunos a doutrina integralista, trazendo assim embaraços naquela repartição.

Saudações

O Delegado Especial,

(a) Tte. ADELINO TRINDADE.

Comprei seu. Adelinho Trindade

C O P I A

OFICIO Nº 50.

DATADO DE 25 de Novembro de 1937.

Exm: Sr. Chefe de polícia

BELO HORIZONTE

Fonte: APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagem 9.

Em suma, tendo tais mulheres, grosso modo, “ultrapassado os limites” antes existentes para a atuação feminina no campo político, é patente que, a despeito das tentativas de limitação deste tipo de participação por parte da chefia nacional integralista, ela só se tornou possível pois elas souberam, muito bem, aproveitar os novos espaços que surgiam, movendo-se com astúcia por entre eles, tema que ainda merece um maior destaque nos estudos sobre a AIB.

Seja como for, feita a abordagem da atuação feminina em suas hostes, resta ainda a fazer a análise do momento de maior otimismo e efervescência das atividades integralistas em Barbacena, no qual se intensificaram as ações desempenhadas pelas blusas verdes, para depois se verificar como se deu o desmantelamento e encerramento das atividades da AIB na cidade.

APOGEU E QUEDA DA AIB EM BARBACENA, HUMBERTO CAETANO E A INTENTONA INTEGRALISTA

Pela proximidade da eleição presidencial, marcada para 1938, o ano de 1937 representou o grande momento de efervescência e otimismo pelo qual a AIB passou em Barbacena. Em paralelo às atividades ordinárias dos núcleos locais, aquelas realizadas pelas blusas verdes e à intensa veiculação de matérias de propaganda do sigma no jornal *Rubicon* e demais periódicos da cidade, em fevereiro,

foi realizada no salão do edifício Trieste uma conferência do chefe municipal da AIB em Juiz de Fora, Severino Bentmuler, sobre os fundamentos e as razões do estado corporativo defendido pelo integralismo (*Cidade de Barbacena*, 04/02/1937, p. 1).

No mês seguinte, a cidade novamente recebeu uma caravana integralista capitaneada por San Tiago Dantas, Secretário Nacional de Imprensa da AIB, que realizou uma conferência no mesmo local onde ocorreu a anterior, para a qual foi publicado um convite a todos da cidade num jornal local (*Cidade de Barbacena*, 13/03/1937, p. 4).

Tais ações que, em conjunto, marcaram o início da intensificação dos esforços de propaganda integralista no período, foram procedidas pela realização de outros eventos como o comício do lançamento da candidatura de Plínio Salgado à presidência (*Cidade de Barbacena*, 17/07/1937, p. 1), a palestra do chefe provincial da AIB em Minas Gerais na sede municipal dos camisas-verdes, Herberto Dutra (*Rubicon*, 10/10/1937, p. 4) e, por fim, a conferência do historiador e procurador Marítimo, Augusto de Lima Júnior (*Rubicon*, 14/11/1937, p. 3).

Dentre esses eventos que, indubitavelmente, atraíram ainda mais os olhares da polícia política sobre a movimentação dos integralistas, merece destaque o discurso de Augusto de Lima Júnior que foi realizado poucos dias antes de ter sido efetuado o golpe do Estado Novo, também foi um dos últimos registros de atividades da AIB em Barbacena (*O Nacionalista*, 09/11/1937, p. 4).

Vale destacar que, ocorrida no contexto de maior entusiasmo por parte dos integralistas, o teor de sua fala serviu de justificativa para o início da radicalização das ações de monitoramento e repressão do DOPS-MG sobre os camisas na cidade que, em pouco tempo, representaria sua derrocada.

Isto se coloca pois, Augusto de Lima Júnior acabou sendo preso para prestar esclarecimentos sobre os ataques que desferiu aos governos estadual e federal durante sua fala, vindo o mesmo ainda a acusar os agentes da polícia política de o terem conduzido com truculência:

Deixo o meu protesto contra a violencia que me é feita, não obstante exhibir a carteira de identidade de procurador marítimo, sendo, ainda maltratado pelo investigador que primeiro me foi ulterior a comparecer à delegacia de polícia sendo por êle acoimado de bebado Deixei de dar quaisquer explicações, não obstante a insistencia de autoridade por ser perfeitamente irrisorio, exhibir documentos do que acima ficou dito, conforme me exigiu autoridade detentora.³¹

Pouco tempo depois de tal incidente, no início de dezembro, com o decreto de Getúlio Vargas que ordenou a extinção de todos partidos políticos, o núcleo integralista de Barbacena foi fechado por ordem do tenente Adelino Trindade, sendo também retirada a placa de sua fachada, sem que tivessem ocorrido objeções de seus líderes ou militantes (*O Nacionalista*, 04/12/1937, p. 4).

Por conseguinte, refletindo certa resignação por parte dos integralistas locais frente a este novo cenário, no início de 1938, indicando que não mais acreditavam no retorno das atividades da

³¹ Sua prisão ensejou uma série de críticas à truculência da prisão e ao modo como foram conduzidas as oitivas. Ver: APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagem 44 e 46.

AIB, posto que as tentativas de mantê-la em funcionamento sob a forma de Associação Brasileira de Cultura haviam sido frustradas (MIRANDA, 2009, p. 51), os camisas-verdes de Barbacena doaram o mobiliário de sua sede central para o Instituto de Beneficência Padre Mestre Correa de Almeida, cuja presidência era também exercida por seu ex-líder, Humberto Caetano.³²

Entretanto, de um modo geral, a imagem pacífica dos integralistas que teriam aceitado sem grandes problemas o fechamento da AIB sofreria modificações, uma vez que dois meses depois os camisas-verdes voltaram a ganhar as páginas dos jornais locais em decorrência das notícias sobre uma malograda tentativa de golpe que realizariam para a deposição de Getúlio Vargas no dia 10/03/1938, no Rio de Janeiro.

Na esteira destes acontecimentos, evidenciando que, definitivamente, os integralistas haviam assumido uma postura insurrecional, a tentativa de levante de março foi procedida por uma outra, desta vez ocorrida em 11 de maio de 1938, – que ficou conhecido como Putsh Integralista ou Intentona Integralista – evento que simbolizou o derradeiro golpe sobre os camisas-verdes da cidade.

Num plano local, quando noticiou o Putsh Integralista em seu jornal, Ines Piacesi tentou demonstrar que os camisas-verdes de Barbacena se mantiveram ordeiros e teriam apoiado o novo regime, ao ponto de elogiar a ação da polícia política local que teria intimado os antigos líderes da AIB para prestar depoimentos (*Rubicon*, 22/05/1938, p. 1).

Sem embargo, tal narrativa não foi aceita pela polícia política, pois, desde a intimação de Humberto Caetano para prestar declarações no inquérito que investigou suas possíveis implicações no levante, o que se viu foi um aumento do arbítrio cometido por parte dos agentes do DOPS-MG.

Isto ocorreu pois, nesse período, seu estabelecimento comercial, a Casa Renascença, fazia uso de um bloco de notas que tinha em suas folhas o símbolo integralista, Sigma. Tal situação foi usada como justificativa para que Humberto Caetano fosse autuado pelo DOPS por seu suposto envolvimento no atentado contra o regime, sendo também apreendido o tal talão de impressos depois do depoimento do ex-líder integralista e de algumas testemunhas.³³

No prosseguimento das medidas tomadas pelos agentes da polícia política em Barbacena, que contou com a realização de inúmeras outras oitivas de testemunhas, o inquérito produzido foi encaminhado ao delegado Orlando Moretzsohn, chefe do DOPS-MG, que realizou o interrogatório do ex-líder da AIB barbacenense em Belo Horizonte.³⁴

Neste, Humberto Caetano defendeu-se em relação ao uso do bloco de notas apreendido alegando que, como haviam sido produzidos anteriormente em grande quantidade, por descuido, esqueceu-se de substituí-lo por um novo formulário sem o emblema de um partido de existência proibida.³⁵

³² Até onde se apurou, a instituição que recebeu os móveis não possuía qualquer relação com o integralismo que pudesse indicar uma tentativa dos integralistas se rearticularem à luz de uma organização insuspeita. Sobre isto ver: (*Cidade de Barbacena*, 24/01/1938, p. 2) e APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagens 34-37.

³³ APM/Fundo Dops – Pasta 2627, Imagens 3-5.

³⁴ APM/Fundo Dops – Pasta 2627, Imagem 21.

³⁵ APM/Fundo Dops – Pasta 2627, Imagens 19-20.

Sobre sua atuação na AIB, de modo mais amplo, mencionou que, além de ter sido seu fundador em Barbacena, exerceu outras funções de chefia, como a de Secretário de Assistência Social e Doutrina. Porém, aprofundou que, após a sigla dos camisas-verdes ter sido posta na ilegalidade, abandonou suas atividades nas hostes do sigma. Assim, a respeito da Intentona Integralista, declarou que não manteve vinculações com o levante por ser contrário às revoluções, ficando ciente dos eventos que a envolveram apenas por meio dos jornais.³⁶

Entretanto, para evidenciar os abusos cometidos pelos agentes do DOPS na cidade, é preciso fazer uma observação aqui em relação ao conteúdo do depoimento acima mencionado. Isto é posto uma vez que, quando o tenente Adelino Trindade enviou a documentação relativa às investigações realizadas sobre o envolvimento de Humberto Caetano e dos outros membros da AIB barbacenense com o levante integralista de maio de 1938 para o chefe da polícia política no estado, o delegado Orlando Moretzsohn, ele assim fez uma recomendação:

Os depoentes, como é natural nas cidades pequenas, sabedores do rigor que o Governo está sendo obrigado a usar na repressão do ultimo atentado contra a ordem, não quiseram carregar os seus depoimentos revelando, com franqueza o que ouviram do indiciado. No entanto posso afirmar que outras foram as expressões do Dr. Humberto Caetano. Pode V. Excia. interrogar-o ahi que, talvez colhido de surpresa, confessará toda a gravidade de suas afirmativas.³⁷

Tomadas de um modo mais amplo, as ações de repressão realizadas pelos agentes do DOPS-MG em Barbacena, ao mesmo tempo em que não comprovaram ter ocorrido a articulação dos integralistas da cidade com os preparativos e a efetivação da Intentona Integralista, também demonstraram como se davam as arbitrariedades no monitoramento sobre os ex-membros da AIB e como eles passariam a ser tratados desde então.

Nessa direção, se em relação aos abusos cometidos a situação parece ter sido evidente, conforme se verificou nos casos de Augusto de Lima Júnior e Humberto Caetano, no que tange à imagem construída sobre os integralistas pela polícia política, pode-se conjecturar que ela caminhou lado a lado com a representação de periculosidade construída sobre eles por parte dos jornais de grande circulação que foi reproduzida por alguns periódicos locais.³⁸

Assim, acompanhando o tom dos periódicos de grande circulação do estado ou da capital federal que condenaram a tentativa de insurreição, em alguns dos jornais locais a cobertura dada à Intentona Integralista, reforçando a imagem negativa que passava a ser vinculada aos camisas-verdes (SILVA: 2002, p. 87-170), contribuiu para que a AIB fosse enquadrada no mesmo rol de periculosidade que os comunistas eram tratados desde 1935.³⁹

³⁶ APM/Fundo Dops – Pasta 2627, Imagens 19-20.

³⁷ APM/Fundo Dops – Pasta 2627, Imagem 15.

³⁸ Esta discussão se encontra ampliada em: (PEREIRA; PIMENTA, 2020).

³⁹ Para se ter uma idéia disto, sobre a tentativa de levante de março de 1938, o jornal *Cidade de Barbacena*, num pequeno trecho, mencionou que os integralistas da cidade não tiveram quaisquer implicações com o evento. (*Cidade de Barbacena*, 26/03/1938, p. 1). Porém, em relação aos acontecimentos de maio, o mesmo jornal passou a adotar um léxico que aproximava a imagem construída sobre os comunistas e os acontecimentos de novembro de 1935 na medida. (*Cidade de Barbacena*, 29/07/1938, p. 1).

Por outro lado, pela análise de um dos poucos escritos subsequentes à Intentona Integralista de autoria de Ines Piacesi sobre a AIB publicados no *Rubicon*, percebe-se que os integralistas buscaram se esquivar desta pecha de radicais que passava a ser imputada a eles malgrado não tenham logrado êxito (*Rubicon*, 22/05/1938, p. 1).

Deste modo, como os danos impingidos à imagem dos camisas-verdes pareciam ser irreversíveis, a partir de então, nas páginas do *Rubicon*, o que se percebeu foi um esvaziamento das publicações com teor de cunho político, que só foi quebrado nos escritos nos quais Ines Piacesi elogiou Getúlio Vargas, o Estado Novo ou ainda quando se remeteu a fatos que envolviam o cenário geopolítico europeu (*Rubicon*, 17/09/1938, p. 1; *Rubicon*, 24/09/1938, p. 2).

Já em relação a Humberto Caetano e aos demais integralistas, sem desconsiderar a tentativa destes em também se esquivar da imagem de subversivos, percebe-se que, tal qual o ocorrido com a jornalista, de suas partes, a defesa do integralismo cessou por completo. Essa situação se reforçaria ainda mais quando, por conta da efervescência causada pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contra a Itália e Alemanha, o ex-líder integralista e alguns notórios simpatizantes locais do fascismo publicaram textos alegando que, se preciso fosse, estariam prontos a ir para o fronte de batalha em defesa do Brasil (*Cidade de Barbacena*, 25/08/1942, p. 4; *Cidade de Barbacena*, 28/08/1942, p. 3).

Para concluir, após se observar parte do histórico referente ao surgimento, crescimento e especificidades da presença da AIB na cidade de Barbacena, com o intuito de se tentar demonstrar uma dinâmica diferente daquela verificada em sua presença nos grandes centros urbanos, tem-se que, se os reflexos da Intentona Integralista, da representação de periculosidade construída sobre os camisas-verdes e os episódios envolvendo a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial poderiam ser vistos como o fim das atividades políticas pró fascismo e integralismo na cidade, terminado o conflito, esta situação se alteraria.

Isto ocorreria em meio ao contexto de redemocratização do país, posto que, notadamente sobre pilares diferentes dos visualizados na década anterior, os ex-camisas-verdes voltariam à baila no cenário político barbacenense sob a roupagem de Partido de Representação Popular (PRP), contando novamente com a figura de Humberto Caetano como seu principal líder, tema que precisa ser desenvolvido em um outro estudo a ser realizado futuramente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher e coração de criança. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar. (Orgs.). *Dos papéis de Plínio: Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira*. Rio Claro: Oca Editora, 2013.

BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. *Juiz de Fora, Locus: Revista de História*, v. 15, n. 01, p.41-66, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CORRÊA, Mauricio de Castro. Ação Integralista Brasileira: seus reflexos em Juiz de Fora, um resgate historiográfico. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). *Entre tipos e recortes: História da imprensa integralista*. Guaíba: Sob medida, 2011. v.1.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade. *Barbacena: Mal-Estar e Sociedade*, v. 2, n. 3, p. 55-76, 2009.

MIRANDA, Gustavo Felipe. *O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo*. 2009. 288 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá et. all. República, política e direito à informação: Os arquivos do DOPS/MG. *Varia História*, n. 29, p. 126-153, 2003.

PEREIRA, Marco Antonio Machado Lima; PIMENTA, Everton Pimenta. O perigo agora é verde!: o caso da Intentona Integralista por meio dos jornais mineiros. In: LAPUENTE, Rafael Saraiva; ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de; PIMENTA, Everton Fernando (Orgs.). *As direitas no BRASIL: DISCURSOS, PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES*. PORTO ALEGRE: FI, 2020. P. 16-43.

PIMENTA, Everton Fernando. *Duas faces de uma mesma moeda: recepção e circulação do ideário fascista e integralista em Barbacena-MG através do casal Ines e Aroldo Piacesi, 1924-1945*. 2015. 362 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2015.

PIMENTA, Everton Fernando. O *Rubicon* de Ines Piacesi: um jornal integralista em Barbacena-MG (1936-1937). In: Gonçalves, Leandro Pereira; Simões, Renata Duarte. (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista (volume 3)*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

SILVA, Giselda Brito. *A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. 2002. 277 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Recife, Recife, 2002.

FONTES PRIMÁRIAS

Apollo Jornal

Cidade de Barbacena

Jornal de Barbacena

O Nacionalista

Rubicon

ARQUIVOS EM GERAL

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. ACERVO DOPS-MG. BELO HORIZONTE

Pasta 2627 {Humberto Caetano} abr. 1938 – mai. 1938.

Pasta 4504 {Barbacena – Integralismo} set. 1934 – ago. 1939.

IMAGENS

Imagem 1 - Ofício enviado pelo tenente Adelino Trindade ao Secretário de Educação de Minas Gerais em 22/11/1937. APM/Fundo Dops – Pasta 4504, Imagem 9.

A ATUAÇÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA EM DIAMANTINA¹

ELIAS MARIA DE OLIVEIRA JÚNIOR²

O COMEÇO DO MOVIMENTO

A propagação das ideias integralistas, enquanto núcleo Municipal em Diamantina, a partir do jornal *Pão de Santo Antônio* é datada de 1934³, quando ocorre o relato de uma “Embaixada Integralista de Belo Horizonte a Diamantina”, composta dos Srs. “Dr. Samuel Teixeira Magalhães, ilustre médico; Osolino de Aguiar Tavares Mata Machado e Gentil Lins”. Esses fizeram um encontro no Edifício do Flamengo F.C., onde realizaram conferência sobre o integralismo aberta para a população, depois visitaram o recolhimento dos pobres do Pão de Santo Antônio, onde conheceram o seu Diretor, que falou um pouco sobre o funcionamento desta instituição “deixando os visitantes impressionados e admirados com o trabalho ali feito”. Na despedida do Pão de Santo Antônio, deixaram uma mensagem no livro de visitas:

Quem visita esta casa tem a impressão de aqui fala uma linguagem, em cujo colorido desponta um manancial sublime de amor, de fé, onde dinamiza⁴ a alguma hospitaleira de uma geração oprimida pelo desinteresse do Estado e pelo individualismo desunido. A Embaixada Integralista (*Pão de Santo Antônio*, 28/10/1934, p. 2).

A partir deste acontecimento, as matérias sobre o integralismo aumentaram no jornal *Pão de Santo Antônio*, demonstrando o interesse de algumas pessoas da cidade pelo movimento integralista, fato esse que contribuiu para sua divulgação junto à sociedade.

Neste período em diante, o movimento integralista se mostra atuante na cidade de Diamantina, convocando as pessoas para juntar-se a sua luta de “defesa da nação e implantar um Brasil integralista”,

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir do trabalho: OLIVEIRA JÚNIOR, Elias Maria de. *A Ação Integralista Brasileira (AIB) e suas influências na cidade de Diamantina na década de 30 – um estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Diamantina: Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, 2002.

² Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Especialista em História Regional pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina (FAFIDIA). Atualmente é professor de História da Rede Pública Estadual de Educação Básica e Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

³ O nome do jornal *Pão de Santo Antônio*, muda para *Voz de Diamantina* em 1935.

⁴ Nesta e nas demais citações dos jornais aqui utilizados será mantida a grafia original dos textos.

que transforme a sociedade brasileira, nos moldes pregados por Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB, publicando artigos na imprensa de Diamantina explicando o objetivo do movimento:

Manifesto de Outubro: Declaramos-nos inimigos de todas as conspirações, conchavos de bastidores, confabulações secretas, sedições. Nossa campanha é cultural, moral, educacional, social, as claras, em campo raso, de peito aberto, de cabeça erguida. Quem se bate por princípio, não precisa combinar coisa alguma nas trevas. Quem marcha em nome de ideias nítidas, definidas não precisa de máscaras (*Pão de Santo Antônio*, 24/02/1935, p. 3).

O AMADURECIMENTO DO MOVIMENTO

O movimento integralista de Diamantina se mostrou infiltrado em meio à comunidade, promovendo eventos para a divulgação da AIB, demonstrando seriedade dos seus atos na luta pelo movimento.

Foi comemorado na cidade, no dia 22 de setembro de 1935, o aniversário natalício do Chefe Nacional do integralismo, Plínio Salgado, organizado pelo núcleo municipal integralista de Diamantina, onde festejou-se essa data com a realização de uma missa na Igreja de São Francisco de Assis em ação de graças, celebrada pelo Vigário Geral “Monsenhor Antônio Pinheiro Brandão”, acontecendo também na sede do Flamengo F.C., outras manifestações, incluindo uma sessão solene, tendo como oradores os “Srs. Jorge Matta Bruce; Polínio Rabello e o Chefe do Núcleo integralista de Diamantina, Hamilton Leite”.

Esses acontecimentos se tornaram cada vez mais frequentes e o núcleo municipal da cidade passou a convidar a população local a participar de suas reuniões, que era realizada na sede do núcleo na “rua Dr. Francisco Sá (antiga da Quitanda) e suas sessões acontecendo aos Domingos às 14:00 horas, sendo franca a entrada.” (*Voz de Diamantina*, 20/07/1936, p. 3).

Uma das características da AIB era de exaltar o movimento, promovendo diversas comemorações sobre o integralismo, dentre essas atividades, incluía-se o casamento de seus integrantes, que era celebrado como todo um cerimonial para os noivos, com a participação dos companheiros e divulgando o evento na sociedade, através de jornais e revistas.

Na cidade de Diamantina também ocorreu casamento de integralistas, revelando o amadurecimento do movimento na sociedade:

Enlace de um Jovem Integralista. Realizou-se no dia 18 do fluente, nesta cidade, o enlace matrimonial do Sr. Salvador Borges da Cunha, filho do Sr. Clarinho Borges da Cunha e da exma. Sr^a D. Maria Júlia da Cunha, com a senhorinha Maria das Dores Santos, filha do Sr. Clarindo Xavier Santos e da exma. Sr^a D. Maria Margarida da Costa Santos. O acto religioso foi celebrado pelo Revendo Padre Moacyr Starling e o civil pelo Sr. João N. Ribeiro Ursini, Juiz de Paz deste districto [...]. Ao registrar esse casamento, devemos notar que é o primeiro enlace Integralista que se effectua em Diamantina e por isso mesmo, constitui jubiloso acontecimento para o Núcleo Integralista local, pois que é mais uma união Integralista que figura na lista dos vários casamentos realizados sobre a immensa carta geographica brasileira. Aos paes dos noivos,

nossas sinceras felicitações, aos noivos, de envolta com os nossos votos de uma existência feliz e venturosa, a nossa clássica saudação de: “Por Deus, pela Pátria e pela Família”. Anauê, pelo bem do Brasil. Um Integralista (*Voz de Diamantina*, 25/04/1936, p. 4).

A POLÍTICA ASSISTENCIALISTA DO MOVIMENTO

Seguindo a hierarquia da AIB, o núcleo integralista de Diamantina tinha seus quadros internos compostos de departamentos específicos de atuação na sociedade.

O Departamento de Assistência Social Integralista de Diamantina atuava junto aos pobres e companheiros mais carentes do movimento, distribuindo mantimentos e fazendo doações para o seu sustento. A atuação desse departamento em meio à sociedade mostrou-se eficaz e participativo e suas investidas junto às comunidades carentes eram relatadas nos meios de comunicação, mostrando transparência e competência, exaltando os ideais da AIB junto à população, conforme se observa a seguir:

Receita:	
Fevereiro	
- Donativos de companheiros	10\$000
- Producto da Tômbola de um livro	23\$000
Março	
- Producto da Tombola de vaso	10\$000
- Idem – Idem	2\$000
Somma: _____	45\$000
Despesa:	
Fevereiro	
- Medicamentos para um pliniano pobre	22\$000
Março	
- Compra de uma bacia para um pobre	4\$000
- Despendido com a compra de docê para um aluno da Escola Nicola Rosica; transporte de objetos de uma pobre; com uma lista e com pães para outros pobres	2\$500
- Assistência a um pobre; idem extraordinário a uma outra e auxílio de passagem na Estação de Ferro Central a um pobre para Monjolos	9\$000
- Assistência semanal a um pobre	3\$600
- Compra de uma colher para uma pobre	\$400

	41\$500
Receita	45\$000
Despesa	41\$500
Saldo para Abril 03	\$500
Diamantina, 10-8-36	
(<i>Voz de Diamantina</i> , 15/08/1936, p. 4)	

Esses trabalhos realizados pelo Departamento de Assistência Social do núcleo municipal integralista de Diamantina demonstram o caráter do movimento de assistencialismo às comunidades carentes, adquirindo o respeito das pessoas por prestar serviços sociais, fator que contribuiu para enaltecer a AIB na região e conquistar vários setores da sociedade diamantinense, ampliando os seus espaços de atuação, pelo fato de publicar na imprensa todos os atos realizados, principalmente de cunho social e cultural.

Balancete dos mezes de abril e maio	
- Saldo de mez anterior	3\$500
- Recibo provenientes da Tômbola de quattros vasos, effectuadas entre companheiros	29\$000
- Recebido de um companheiro	1\$000
- Recebido de uma companheira	2\$000
- Recebido de um festival no Theatro	564\$600
Somma	600\$100
Despesa:	
- Dinheiro para auxílio a doentes da Santa Casa	1\$000
- Assistência semanal a uma pobre do D.A.S	4\$500
- Dinheiro para remédio a uma pobre do D.A.S	4\$500
- Dinheiro a uma lista	1\$000
- Idem, para assistência a um doente	2\$000
- Idem, para assistência a um pobre do D.A.S	4\$000
- Idem, idem	3\$000
- Dinheiro para esmolos a porta	1\$000
- Idem para aviamentos de um caixão funerário	2\$600
- Idem para mortalha de uma menina pobre	9\$600
- Idem, com esmolos a porta	\$400
- Idem, com feitio de um caixão funerário	20\$000
- Idem para esmolos a porta	3\$000
- Aluguel para Theatro e outras despesas	165\$200
- Idem para esmolos a porta	1\$000
- Assistência extraordinária a uma família pobre	5\$000
- Assistência para uma passagem na Central a um doente	10\$000
- Idem, idem a um outro pobre	10\$000
- Dinheiro a assistência semanal da pobre do D.A.S	4\$500
- Idem, para vestido e lenço a uma pobre	6\$600
- Idem a assistência de uma família pobre	5\$000
- Idem para retratos para ficha de uma companheira pobre	6\$000
	<hr/>
	288\$700
Somma	288\$700
Receita	600\$100
Despesa	288\$700
Saldo que passa para Julho	311\$400
Diamantina, 17-8-36	
(Voz de Diamantina, 22/08/1936, p. 4)	

Além de todas essas atividades sociais, o núcleo integralista de Diamantina iniciou, no dia “1º de outubro de 1936, atendimento gratuito de serviços dentários aos companheiros Integralistas pobres – às quintas e sábados das 7:00h a 10:00h no gabinete do Cirurgião Dentista Gabriel de Souza Neves na rua do Rosário” (*Voz de Diamantina*, 26/09/1936, p. 3).

A COLUMNA INTEGRAL

O movimento integralista em Diamantina passou a conquistar cada vez mais espaço na sociedade, conseguindo a adesão de várias pessoas ao núcleo municipal, e um dos fatores para isso foi a postura de seus integrantes em infiltrar-se nos diversos segmentos da comunidade, divulgando a Doutrina da AIB, e um dos pontos-chaves dessa investida integralista foi a “*Columna Integral*”, publicação semanal no jornal *A Voz de Diamantina*, onde os leitores passavam a ter maior conhecimento da AIB, de seu Manifesto, da Doutrina do Sygma, dos acontecimentos integralistas de âmbito local e nacional.

A primeira publicação da “*Columna Integral*” no jornal *A Voz de Diamantina* foi no dia “19 de setembro de 1936” sob a direção do Secretário Municipal de Imprensa do núcleo integralista de Diamantina, tendo como “finalidade vulgarizar o mais possível a Doutrina Integral codificada pelo magistral codificador da Ideia Nova – Plínio Salgado, no seu Manifesto de Outubro de 1932, documento básico do integralismo”.

As matérias da “*Columna Integral*” variavam de conteúdo sobre a AIB, buscando chamar a atenção dos leitores sobre a sua Doutrina. Foram publicadas na *Columna*: O Manifesto de Outubro (*Voz de Diamantina*, 26/09/1936, p. 4); matérias sobre o movimento Integralista em outras cidades e Estados, expondo as situações ocorridas sobre a AIB, como no texto divulgado sobre o integralismo na Bahia (*Voz de Diamantina*, 03/10/1936, p. 4) onde são denunciadas pelos integralistas de todo o país as perseguições feitas pelo governador do estado Juracy Magalhães contra o movimento na Bahia; matérias sobre as datas comemorativas da AIB, como por exemplo os aniversários do surgimento do Manifesto de Outubro de 1932, A Noite dos Tambores Silenciosos (*Voz de Diamantina*, 17/09/1936, p. 4), que foi realizada pelo núcleo integralista de Diamantina no dia 07 de outubro de 1936, com uma missa na Igreja de São Francisco de Assis e sessão solene na sua sede na rua Dr. Francisco Sá, com a fala dos integralistas, Hamilton Leite e Olyntha Miranda; leitura de artigos de autores integralistas e várias outras matérias sobre a AIB.

Percebe-se claramente que as matérias da “*Columna Integral*” buscavam veementemente vangloriar os ideais do Sigma, como se fosse natural o seu movimento e quem dele fosse integrante seria a favor de um “Brasil Integral”, forte e coeso. Em contrapartida, quem não fosse simpatizante de suas convicções seria considerado um “traidor” dos interesses nacionais e comparado aos “abomináveis” comunistas e liberais que são constantemente criticados pelos integralistas em seus artigos.

A “Columna Integral” também era utilizada para se defenderem dos “ataques” que eventualmente são feitos ao movimento, principalmente quando ela é taxada por vários segmentos da sociedade, classificando-a de “extremista”, fazendo alusão à semelhança com o fascismo italiano.

São abordados também na Columna alguns números estatísticos sobre o movimento, buscando claramente convencer da crescente ascensão da AIB em todo o país. Segundo os camisas-verdes, em 1936, no dia 7 de outubro na comemoração da “Noite dos Tambores Silenciosos”, cerimônia que se realizava igualmente à meia-noite em todos os núcleos integralistas, cujos montantes dos dados relativos a esses órgãos e seus integrantes, assim foram apresentados no jornal *Voz de Diamantina*: “3.000 espalhados pelo Brasil, e que a quantidade de camisas-verdes já ultrapassava a cifra de 1.000.000” (*Voz de Diamantina*, 17/09/1936, p. 04). Essa foi uma preocupação constante da AIB, tentar se mostrar perante a sociedade como um movimento maduro e organizado. A procedência de tais estatísticas é da própria AIB, se é verídico ou não, é preciso um estudo aprofundando a respeito. Somente os dados do movimento integralista não são suficientes para tal afirmação.

A última publicação da “Columna Integralista” no jornal *Voz de Diamantina* foi no dia 24 de outubro de 1936, entretanto, outras matérias sobre o integralismo continuaram a ser publicadas.

OS ACONTECIMENTOS INTEGRALISTAS

Nos diversos núcleos integralistas espalhados pelo Brasil, era comum haver inúmeros acontecimentos ligados ao movimento, e em Diamantina não foi diferente, realizando várias manifestações de cunho cívico, social, político e cultural.

No dia 07 de setembro de 1936, o núcleo municipal integralista de Diamantina comemorou em sua sede na Rua Francisco Sá, às 13:00 h, o Dia da Pátria, aberto a toda a população e com a seguinte programação:

- I – Hynno oficial: Mocidade Brasileira.
- II – Conferencia do Companheiro Revmo Padre Joaquim de Sales.
- III – O Gênio da Pátria: Geraldo Mello – poesia por Olyntha de Miranda
- IV- Inauguração da aula de corte, pela professora Exaltina de Almeida
- V – Canção Integralista – Côro de Integralista e Sympathizantes
- VI – Poesia Integralista pela pliniana Eunice Rabello Mourão
- VII – Hynno Nacional e juramento de fidelidade ao chefe nacional.
Secretária de Estudos. (*Voz de Diamantina*: 05/09/1936, p. 2)

No dia 10 de outubro de 1936, comemorou-se, em Diamantina, através do núcleo municipal, o “4º aniversário do integralismo” que foi realizado na Igreja São Francisco, com missa e na sede na rua Dr. Francisco Sá, festejou-se o “4º aniversário de lançamento por Plínio Salgado do Manifesto de Outubro”.

Foi inaugurado também na cidade, por iniciativa dos integralistas diamantinenses, “o Sygma Sport Club”, no dia 12 de outubro de 1936, ou seja, associação esportiva que tinha por objetivo incentivar a valorização do esporte, dando ênfase igual à “Literatura, Música, Espetáculos” ou qualquer outra manifestação em que estimula-se “o desenvolvimento moral, material e intelectual dos associados”. Essa associação era composta de uma diretoria com os seguintes integralistas:

SYGMA SPORT CLUB

Presidente: Clarindo Geraldo dos Santos

Secretário de Finanças: Gabriel de Souza Neves

Secretário de Estudos: Hamilton Leite

Chefe de Expediente: Milton Moreira

Director-sportivo: Deusdedit CurvellanoFructuoso

Treinador-sportivo: José Gonçalves Cotta. (*Voz de Diamantina*: 16/01/1937, p. 3).

Foi possível constatar alguns membros da AIB do núcleo de Diamantina: o chefe municipal de Diamantina, inicialmente era Hamilton Leite, seguido do Ten. Cel. Targino Meirelles que atuou à frente do núcleo até o dia 05 de abril de 1937, data da posse do novo chefe municipal, Dr. Ephygênio Salgado por nomeação da Chefia Provincial de Minas Gerais, e que já tinha ocupado o mesmo cargo na cidade de Oliveira, oeste de Minas. Em 13 de setembro de 1937, é empossado como novo chefe municipal, o ex-Secretário das Corporações José Gonçalves Cotta.

Na data do aniversário de nascimento do Chefe Nacional do integralismo (22 de janeiro) foi “celebrada uma missa em ação de graças, na Basílica do Sagrado Coração de Jesus, às 7h da manhã”, organizada pelo núcleo municipal em janeiro de 1937, “realizando também na sede social uma sessão extraordinária” em homenagem ao líder da AIB.

A participação do movimento integralista diamantinense em meio à sociedade foi tão atuante que, em abril de 1937, foi fundado na cidade o Centro de Estudos Integralistas “Caetano Spinelli”, instituição cultural que ministrava cursos; realizava conferências; palestras para os integralistas e simpatizantes sobre “Política, Psicologia, História, Ciências”, tendo como chefe do Centro de Estudos o integralista Hamilton Leite.

O PLEBISCITO INTEGRALISTA

A despeito do que aconteceria em novembro de 1937, com a implantação do regime autoritário: chamado Estado Novo por Getúlio Vargas, os integralistas de todo o país realizaram, em seus núcleos, o plebiscito oficial à disputa eleitoral da AIB, para a escolha do candidato integralista a concorrer em 1938 ao cargo de Presidente da República.

No município de Diamantina foi realizada a votação, que incluía também “Monjolos, Vallo Fundo, Barão de Guaicuhy, Rio Preto, Buenópolis e Datas”. O resultado foi o seguinte:

Plínio Salgado	226
Gustavo Barroso	8
Dr. Lúcio dos Santos	1
Dr. Rocha Vaz	1
Dr. Belizário Penna	1
Pe. Leopoldo Seabra	1

- Resultado obtido até 30 de maio p. passado, pela junta plebiscitária Nacional, dão a Plínio Salgado, 508.114 votos (*Voz de Diamantina*: 05/06/1937, p. 2).

Após a realização do plebiscito integralista, os núcleos espalhados pelo país informaram seus resultados e, na cidade de Diamantina, o Secretário Municipal de Imprensa, o Sr. Milton Moreira, comunicou aos companheiros de movimento o resultado da votação nacional, onde “849.492 Integralistas votaram, sendo que o Chefe Nacional da AIB obteve 846.354 votos”, portanto Plínio Salgado foi escolhido o candidato dos integralistas às próximas eleições (*Voz de Diamantina*, 19/06/1937, p. 4).⁵

Entusiasmado com o resultado, o núcleo integralista de Diamantina, a exemplo dos demais núcleos espalhados pelo país afora, lançou, “Domingo, 4 de julho de 1937, na cidade, a candidatura oficial do Chefe Nacional da AIB, Plínio Salgado, a sucessão presidencial de 1938” em sessão solene na sede do núcleo com o discurso do chefe municipal Dr. Ephygênio Salgado, que também fez a leitura do Manifesto de Outubro de 1932 e do Secretário Municipal da Imprensa do Sr. Milton Meira, junto de mais alguns companheiros, sendo logo em seguida encerrada a sessão com a execução do Hino Nacional e juramento de fidelidade ao chefe nacional.

Os núcleos integralistas espalhados pelo país, buscavam a todo momento enaltecer a figura do chefe nacional e promoviam comícios, palestras, caravanas e todo tipo de manifestação em prol da campanha de Plínio Salgado à eleição presidencial de 1938.

E é nesse espírito de campanha, que tomou conta de todos os camisas-verdes em 1397, que veio a Diamantina e cidades vizinhas, em agosto, uma “caravana integralista” composta pelos universitários “Fábio de Araújo Motta, Dantas Motta e Dr. Juarez Bram” com uma única intenção, buscar fortalecer as manifestações de apoio à candidatura do chefe nacional da AIB.

Esse clima de eleições se tornou uma constante dentro do movimento integralista, os representantes do Sigma buscavam atrair mais simpatizantes para a sua causa, se tornaram comuns as visitas de integralistas de outros núcleos municipais entre si para fortalecerem a campanha da AIB. E foi nesse ambiente que, em agosto, o núcleo municipal de Diamantina recebeu a visita do “Chefe Districtal do núcleo de Felisberto Caldeira, o Rvmo. Pe. Leopoldo Seabra” que participou de uma sessão solene na sede do núcleo local, com a participação dos camisas-verdes e simpatizantes, onde se debateram assuntos diversos sobre: política, doutrina, eleições, combate aos “inimigos”, entre outros. Fizeram uso da palavra o “Chefe Municipal, Dr. Ephygenio Salgado; o

⁵ De acordo com a matéria do jornal *Voz de Diamantina*, de 19 de junho de 1937: “obtiveram os 2º e 3º lugares, respectivamente os Srs. Gustavo Barroso, com 1397 votos e Miguel Reale com 164 votos. Houve outros nomes menos voltados” (*Voz de Diamantina*, 19/06/1937, p. 4).

Ten. Cel. Targino Meirelles; Antônio Dias; Helena Bruce; o Secretário de Educação Moral e Physica, Clarindo Geraldo dos Santos; o Pe. Leopoldo Seabra e o Secretário Municipal de Imprensa, Milton Meira (*Voz de Diamantina*, 07/08/1937, p. 4).

Com esse clima, a AIB procurou impetrar uma campanha nacional de arrecadação de verbas para a sua campanha eleitoral sob a responsabilidade da Junta Executiva do Empréstimo do Sigma (JEES), onde cada núcleo municipal ficou encarregado de fazer esse trabalho. E o núcleo de Diamantina se mostrando atuante nessa tarefa repassou para a JEES uma soma de dinheiro doada pelo camisa-verde, o “Pe. Moacyr Starling, professor no seminário de Diamantina” que disponibilizou “um cheque de rs 1:702\$000 (um conto e setecentos e dois mil réis) para ser convertido em apólices do Sigma, de 100\$000 cada uma, sejam 23 apólices” ficando em seu poder apenas “a quantia de 13\$600 de todo o capital que possuía no Banco”. Segundo o Pe. Moacyr “entregue este dinheiro ao nosso inolvidável Chefe que Deus nos deu, para redenção do Brasil. Não somente dou de boa vontade os meus haveres para o serviço da nossa grande causa que é a do Brasil e da Religião, mas a minha própria vida está à disposição do nosso chefe” (*Voz de Diamantina*, 21/08/1937, p. 4).

A atitude do Pe. Moacyr Starling acabou provocando repercussões dentro da AIB, onde o próprio chefe nacional demonstrou sua gratidão com tal atitude, escrevendo uma carta de agradecimento ao prelado pelo seu ato em 30/08/1937:

Quando, às vezes, revoltado contra as injúrias, as calúnias, as perfídias dos maus e mais ainda revoltando contra a indiferença dos bons, pergunto-me: que papel de tólo estou fazendo, a arriscar a minha vida, sofrer insultos, injustiças, pretendendo salvar um povo que já se deveria ter levantado em massa, respondendo ao meu aviso desesperado? – são as cartas como a sua que revigoram meu espírito. São verdadeiros recados de Deus! Sim! É preciso lutar! É preciso! Obrigado pelas suas palavras. E receba um forte ANAUÊ. Plínio Salgado (*Voz de Diamantina*, 02/10/1937, p. 3).

As manifestações em favor da candidatura de Plínio Salgado ao cargo de Presidente da República aumentaram em vários estados, com realizações de atos públicos de apoio ao chefe nacional da AIB. Em Diamantina, foi organizado também, no dia 15 de agosto de 1937, pela Secretaria Municipal de Propaganda do núcleo integralista, um comício em favor de sua candidatura, em frente à sede do núcleo na rua Dr. Francisco Sá, às 20 horas, aberto a toda a comunidade.

A IMPRENSA A SERVIÇO DO SIGMA

Tornou-se comum em Diamantina o núcleo municipal utilizar-se dos serviços do jornal *Voz de Diamantina*, seja para qualquer esclarecimento, convites, programações oficiais, artigos doutrinários, ou seja, qualquer assunto de interesse dos camisas-verdes.

Chegava a ser comum a quantidade de matérias referentes aos comunistas, principalmente artigos enviados pela direção executiva nacional alertando aos camisas-verdes de algum “conluio” organizado pelos “vermelhos” contra os “cidadãos de bem”:

Atentado comunista de eliminação do chefe da AIB

Quando assistia da sacada de um prédio, na capital paulista, com demais autoridades integralistas, ao desfile de 20.000 camisas-verdes, o Sr. Plínio Salgado, foi brutalmente atacado, à bala, por comunistas entrincheirados no prédio de nº 735, defronte aquele, no qual, o chefe do Sigma, presenciava a parada integralista, em sua continência. Apesar das arruaças, desordem e ameaças vermelhas judaicas, os integralistas, realizaram, integralmente, desfile, debaixo dos aplausos do povo bandeirante, que mostrou a sua repulsa aos mashorqueiros e moscovitas. [...] Segundo declarações do chefe do Sigma, o ataque dos communistas, a sua pessoa – fazoa parte de um complôt soviético, que, com auxílio de estrangeiros, pretendiam eliminá-lo (*Voz de Diamantina*, 24/07/1937, p. 2).

Nessa linha de perseguição aos seus desafetos, os integralistas não poupam matérias contra os seus adversários, conforme se observa no texto a seguir, retirado de uma nota escrita na data de 20/08/1937 por Loureiro Junior, genro de Plínio Salgado e seu chefe de gabinete:

Tendo chegado ao conhecimento da chefia Nacional que elementos communistas estão adquirindo e mandando fabricar camisas-verdes e dstinctivos integralistas, com os quaes pretendem, não só provocar desordens, como tentar contra o regimen, o chefe Nacional determina a todos os integralistas do paiz:

- 1 – A começar desta data, até segunda ordem, fica suspenso o uso da camisa verde e dos distinctivos;
- 2 – Em caso de imminente perturbação da ordem, os integralistas devem procurar os pontos determinados, ahi aguardando o entendimento de seus chefes com a auctoidade constituída, a fim de receberem as directivas que o patriotismo e os supremos interesses das famílias dictarem.
- 3 – Todo integralista que souber qualquer coisa que julgue relacionar-se com qualquer machinação comunista, deverá, immediatamente communicar-se com o chefe de seu núcleo, ou com o chefe provincial, devendo este imediatamente transmitir o informe ao serviço competente (*Voz de Diamantina*, 28/08/1937, p. 4).

Animosidades à parte, os camisas-verdes diamantinenses também se utilizaram da imprensa para comunicar do surgimento de novos núcleos municipais da AIB na região. É o caso da criação do núcleo de Buenópolis que teve a participação do Secretário Municipal de Propaganda, Hamilton Leite, e do Ten. Cel. Targino Meirelles e a criação do núcleo integralista de Francisco Sá, com a participação do Sr. Ephygenio Salgado, ambos em agosto de 1937.

O núcleo de Diamantina também aproveitava do espaço do jornal para oferecer seus “produtos”, quer dizer, fazer propaganda de suas publicações: revistas, jornal, livros, manifestos, dentre outros, ofertando pacotes de assinaturas, como se observa no anúncio a seguir:

Leiam 'A OFFENSIVA'

ASSIG. DIARIA

Por anno.....60\$000

Por seis meses....35\$000

ASSIG. DOMINICAL

Por um anno.....15\$000

Por seis meses.....8\$000

Todo cidadão brasileiro, bem intencionado e desejoso de estar ao par do que se passa nos bastidores da política nacional, não pode descurar da leitura atenta e desprevenida da 'A OFFENSIVA', diário que se edita no Rio, à Rua da Quitanda, nº 51, e que expõe serenamente a doutrina do Sigma, e reluta magistralmente as objeções e ataques contra o movimento genuinamente nacionalista, de que é órgão oficial [...] (*Voz de Diamantina*: 04/09/1937, p. 4).

ANIMOSIDADE DO NÚCLEO DIAMANTINENSE

A impressão que o núcleo integralista de Diamantina transmitia através do jornal *Voz de Diamantina* era de harmonia e engajamento político de seus integrantes. As matérias integralistas demonstravam vigor, comprometimento ideológico, superioridade moral, principalmente em refutar seus adversários.

É neste ambiente de ofensiva que aparece a primeira matéria de atrito interno entre os camisas-verdes diamantinenses. Em relação ao movimento integralista nacional, as disputas eram constantes entre os seguidores do Sigma e seus ex-adeptos se tornavam perseguidores da AIB.

No núcleo de Diamantina, a desavença provocou repercussão, a ponto de ser destaque editorial, ocupando uma folha inteira, e com os dizeres do título da matéria indo direto ao assunto: "Razões que me levam a abandonar o núcleo integralista de Diamantina".

O litígio em questão foi protagonizado pela Secretária de Finanças, Lourdes Santos, que acabou se afastando do núcleo, motivada por uma parcela dos integrantes do núcleo municipal que fizeram uma repreensão a sua pessoa durante uma sessão solene na sede do núcleo, dia 7 de setembro de 1937, quando ela havia terminado de proferir um discurso sobre o papel da mulher na sociedade moderna de acordo com os princípios cristãos e integralistas.

Aos olhos do homem e da mulher da sociedade atual, o discurso proferido pela integralista Lourdes Santos é normal, chegando até a soar banal. Para o período em questão, o tema abordado causou polêmica, mas não chega a ser uma novidade, pois já era conhecido e discutido em esferas da sociedade brasileira.

O texto que causou essa polêmica é em essência feminista, escrito com lucidez e defendendo a autonomia intelectual e financeira da mulher moderna, em detrimento da "mulher do lar" que é submissa e escrava de uma sociedade moralista e de aparência.

Pelo fato de expor sua opinião, Lourdes Santos foi recriminada, acusada de contrariar os ideais da AIB, inclusive pelas outras mulheres do núcleo. A decepção dessa solitária integralista feminista foi profunda e revoltante, sua honra fora ferida e precisava ser justificada. Com esse pensamento escreve para o chefe nacional, remetendo uma cópia do discurso, explicando o acontecido, pedindo que ele se manifeste a respeito. E ele assim o faz através de uma carta enviada pelo seu chefe de gabinete, Joaquim de Araújo Lima, expondo seu ponto de vista. Analisemos um trecho da carta datada de 14/09/1937:

Digna patrícia:

O chefe nacional recebeu, com prazer vossa carta de 12 do corrente, acompanhada do discurso que proferistes no núcleo local. É sempre motivo de jubilo para o chefe, apreciar como as camisas-verdes cooperam no trabalho de aliciamento, para as fileiras integralistas, de todos aqueles que ainda sentem amôr pelo Brasil e são capazes de algum sacrifício desinteressado. A mulher brasileira, dentro do Sigma, tem sabido mostrar-se valorosa e combativa, o que quer dizer – não fugirá da linha de conducta que a tem glorificado através dos episódios mais significativos da história nacional. Deveis continuar com esse firme propósito de fazer integralismo vibrante e productivo. O momento que vivemos não comporta attitudes descançadas, muito menos dos que marcham sob a bandeira azul e branca.

VOSSO DISCURSO ESTÁ CONFORME A DOCTRINA INTEGRALISTA, e é de esperar que não descançareis na tarefa de propagar os altos propósitos do integralismo.

O chefe nacional vos manda estas palavras juntamente com a sua vibrante saudação. Pelo bem do Brasil, Anauê! (*Voz de Diamantina*, 25/09/1937, p. 3).

Com a carta de alforria em mãos, a nobre integralista foi expô-la aos seus algozes, que depois de ouvi-la explanar sua mensagem, a trataram mais uma vez com desdém, não se importando com o conteúdo da carta e nem seu autor.

Só restou uma atitude a tomar e a mais digna, ou seja, abandonar o núcleo diamantinense, mas não o movimento integralista, e foi o que fez, através de uma carta endereçada ao chefe do núcleo municipal interino, José Gonçalves Cotta. Observemos um trecho da carta datada de 22/09/1937:

Acto nº 2.

Jose Gonçalves Cotta, Chefe Municipal, interino, de Diamantina, usando das atribuições que lhe confere a AIB, resolve:

Exonerar, a pedido, do cargo de Secretária Municipal de Finanças, do Núcleo Municipal de Diamantina, a companheira Maria de Lourdes Santos, à vista do ‘pedido irrevogável’ do cargo que vinha occupando, de accôrdo com os termos de seu pedido, expresso em carta dirigida a esta Chefia Municipal, datada de 21 de setembro de 1937;

Elogia-la pelos optimos serviços prestados ao Núcleo Municipal, durante a sua gestã, como Secretária Municipal de Finanças;

Revogam-se as disposições em contrário.

Pelo bem do Brasil, Anauê! (*Voz de Diamantina*, 25/09/1937, p. 3)

Feito isso, a integralista Lourdes Santos finaliza as suas palavras no artigo escrevendo uma crônica, em que faz duras críticas às mulheres que a recriminaram, argumentando que elas preferem viver no ostracismo, viver de uma falsa moral, esconder seus sentimentos, ou melhor, camuflar, pois, na primeira oportunidade, vão desfrutar das vantagens de uma sociedade moderna, que retoricamente elas combatem. Analisemos alguns trechos da crônica:

Chronica do dia. Infelizmente, algumas mulheres se deixam levar pelo fanatismo que a conduz a suprimir os factos que pelas circunstância convêm a tal sociedade, etc., e a enfatizar enfaticamente os que lhe convêm. E levada pelo fanatismo que ostentam, até no andar, não procuram descobrir e disseminar a verdade, amesquinhando o que pertence a outrem, para satisfação própria, com a tendência de exaltar tudo quanto possuem. Mas,

mentir a si próprio não aumenta a felicidade agora, nem nunca. Ellas são infelizes em patentear as suas idéias, coitadas, pois não compreendem que o seu modo de encarar as cousas é irrisório, porque está em contradição com os seus actos. Vivem a gritar e a pregar que a missão da mulher é no lar; que a emancipação econômica é prejudicial à mulher, etc., etc.; entretanto, si formos a tal hora do dia procura-las no lar, não as encontraremos, porque estão fora do lar, aproveitando-se dos direitos que a emancipação econômica lhes conferiu, e, muitas vezes, (quem sabe?) as depararemos procurando colocações bem remuneradas para supprir as suas necessidades no lar. Falam que a missão da mulher é no lar, mas não deixam de fazer cavações, para arranjar empregos, preterindo, às vezes, a outras mais necessitadas; são contra a emancipação da mulher, mas exercem parte activa nos partidos políticos. [...] A negligencia das mulheres em aproveitarem as vantagens que a evolução lhes proporciona para exercer a missão social em benefício da religião e da pátria, dentro das leis, da moral e dos princípios christãos, concorrerá, fatalmente, para a assolação e a morte de nossa raça. [...]

Para que a mulher possa viver dignamente, é preciso que ella tenha seu meio de vida, e esse não pode ser algum dos de classe inferior, profissões penosas e pouco remunerativas a que, até há pouco, estava confinada à actividade feminina como: costureira, lavadeira, bordadeira, etc. [...]

E portanto, não posso admitir a ideia de certas mulheres que são contrarias à sua emancipação somente nas palavras, porque, nos actos, ellas vivem da emancipação econômica, o que se torna ridículo, porque pregar uma ideia e obrar em desaccôrdo com ella é dar atestado de... simplicidade... [...]

Lourdes Santos. (*Voz de Diamantina*, 25/09/1937, p. 3).

AS ÚLTIMAS ATIVIDADES INTEGRALISTAS

O chefe municipal de Diamantina, o Dr. Ephygênio Salgado, foi exonerado de seu cargo pelo Chefe Provincial de Minas, que indicou para seu lugar o Governador da 29ª Região, com sede na cidade, que por sua vez nomeou interinamente para o cargo de Chefe Municipal o ex-secretário municipal das corporações José Gonçalves Cotta, que foi empossado no dia 13 de setembro de 1937.

Outro acontecimento importante no núcleo integralista de Diamantina foi a realização da Semana Integralista, do dia 4 ao dia 10 de outubro de 1937, aberta a toda a população da cidade, e ocorrendo no salão da sede do núcleo na rua Dr. Francisco Sá às 20 horas. Programação:

Dia 4, segunda-feira – sessão doutrinária, em que se debaterão pontos contravertidos da doutrina integralista.

Dia 5, terça-feira – sessão artística, com números de música, pelo orpheão integralista, canto, recitativo, etc.

Dia 6, quarta-feira – sessão para operários em que se estudarão as maneiras pelos quais é encarada a questão social.

Dia 7, quinta-feira – quinto aniversário de lançamento do Manifesto nº 1 e documento básico do integralismo – O manifesto de outubro.

Feriado integralista

Pela manhã – Missa em suffragio das almas dos 23 martyres integralistas – Enthronização da imagem de Christo Crucificado, na sede, ocasião em que falará um – sacerdote – hasteamento das bandeiras Nacional e do Sigma.

À tarde- distribuição por grupos integralistas do Manifesto de Outubro e Manifesto – Programa a todos os lares diamantinenses.

À noite – sessão solene da ‘Noite dos Tambores Sileniosos’, segundo a praxe.

Dia 8, sexta-feira – sessão feminina, em que se explanara o papel da mulher no integralismo.

Dia 9, sábado – ‘Dia do livro integralista’ – Exposições de jornais e revistas – Inauguração da biblioteca ‘Jakson de Figueiredo’, do núcleo – sessão, em que se tratará dos seguintes volumes: ‘Democracia Integralista’ de Jayme Regalo Pereira; ‘Plínio Salgado’ de diversos; e ‘Integralismo e Catholicismo’ de Gustavo Barroso.

Dia 10, domingo – Durante o dia, sessão e desfile dos plinianos. À noite, comício público, no qual discursarão oradores de fora, em propaganda da candidatura do Brasil.

Nota – As reuniões serão effectuadas no salão da sede, a rua Dr. Sá, as 20 horas e durante as mesmas, usarão da palavra dois ou três oradores. Além das atividades mencionadas, haverá outras de caracter interno. (*Voz de Diamantina*, 02/10/1937, p. 3).

Em relação à “Semana Integralista”, acabou ocorrendo uma mudança em sua programação, o que não era esperado pelos camisas-verdes diamantinenses, especificamente no dia 10 de outubro. No geral, as festividades integralistas decorreram dentro do esperado, o que acabou destoando do idealizado foi a proibição da realização do comício público, pelo “Delegado de Polícia Especial”, que justificou estar em vigor o “Estado de Guerra e que havia rumores de perturbação da ordem pública, caso fosse realizado o comício.” (*Voz de Diamantina*, 16/10/1937, p. 4).

Os integralistas locais ficaram indignados com tal atitude, mas tiveram que acatar a ordem e cancelar o comício público de propaganda da candidatura do Chefe da AIB, que teria a participação do “Sr. Josias de Oliveira”, enviado especial do núcleo provincial a pedido do núcleo municipal diamantinense.

Outra preocupação dos integralistas foi a informação veiculada em diversos órgãos de imprensa, informando que o chefe nacional da AIB, Plínio Salgado, não poderia concorrer nas eleições presidenciais de 1938. Rapidamente, os membros do integralismo saíram em defesa do movimento, contra argumentando que o órgão oficial nacional de divulgação da AIB é a “A Offensiva, e esta, em seu nº de 31/8/1937, estampou o cabeçalho, que abaixo transcrevemos, e que se ajusta significativamente às incríveis invencionices, propaladas em torno do integralismo. Ei-lo: O integralismo só tem um objetivo: - O da dignidade do movimento do Sigma e de cada um dos seus adeptos. Por isso, no meio de todas as confusões, loucuras e boatos, os camisas-verdes repousam seu espírito nesta certeza: - Há piloto no leme”!.

Com o advento do golpe do Estado Novo em novembro de 1937, a nova ordem política pegou de surpresa todos os partidos políticos que deixaram de existir, inclusive os integralistas. Plínio Salgado, porém, declarou que, apesar de extinguido como partido político, o integralismo continuaria a existir como “Associação Cultural e Educacional”. Apesar da frustração dos integralistas, os núcleos espalhados pelo país afora continuaram a atuar, porém não com o mesmo vigor de outrora, e em Diamantina o núcleo municipal acatou o pedido do Chefe Nacional da AIB, e continuaram com o trabalho, entretanto, o movimento não voltou a ter força e atuação de antes, iniciando o declínio do movimento integralista em Diamantina e em todo o Brasil.

Plínio Salgado, ciente da nova ordem política, sabia que a AIB tinha a grande possibilidade de se tornar uma exceção e voltar a ter as atribuições de partido político com o consentimento do presidente Getúlio Vargas. Por esse motivo, se empenhou para que os camisas-verdes mantivessem com as atividades integralistas em todo o país. Veja:

A Acção Integralista Brasileira tem a sua existência e o seu funcionamento plenamente assegurados pela constituição promulgada no dia 10 do corrente. Em seu artigo 122, nº 9, a Constituição mantém a garantia à liberdade de Associação e em seu artigo 132 torna legítima a existência de associação da natureza da Acção Integralista Brasileira [...] (*Voz de Diamantina*, 20/11/1937, p. 4).

De fato, houve uma tentativa da direção nacional da AIB em demonstrar para seus membros que ainda havia uma esperança do movimento sobreviver a esse período de incertezas e turbulências. O integralismo passou a conviver com essa nova realidade, esperando o momento certo para alçar melhores posições na cúpula do poder.

Entretanto, um fato isolado, ocorrido no dia 10 de maio de 1938, que ficou conhecido como “Putsch Integralista”, congelou todas as possibilidades de a AIB galgar seus sonhos na política brasileira, e ela acabou gradualmente se definindo e perdendo entusiasmo na sociedade. Com o advento da 2ª Guerra Mundial e o seu desfecho, o movimento do Sigma acabou de fato sendo execrado pelos seus adversários. Restou somente a convicção de seus integrantes, que fizeram sua parte na conturbada história política do Brasil.

Contudo, a inserção que o integralismo obteve junto à sociedade neste período mostrou-se bastante significativa, no sentido de ter conseguido arrebatado milhares de jovens, pessoas, famílias, que acabaram criando vínculos com a ideologia de uma “nação soberana e forte”, o que, de certa forma, explica a grande aceitação da AIB pelos mais distantes rincões do país.

A AIB apresentou um amadurecimento estratégico no lidar com os diversos grupos e setores políticos da nação, onde essa tessitura de influência e de poder poderia ter levado o movimento integralista a voos mais altos na política brasileira, se não fosse a implantação do Estado Novo de 1937.

Apesar dos percalços, os camisas-verdes conquistaram seu espaço junto a uma parcela significativa da sociedade, e, até hoje, ainda mantém acesa essa chama de sonharem com um Brasil Integral.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA JÚNIOR, Elias Maria de. *A Ação Integralista Brasileira (AIB) e suas influências na cidade de Diamantina na década de 30 – um estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Diamantina, 2002.

PERIÓDICO PÃO DE SANTO ANTÔNIO

Integralistas. *Pão de Santo Antônio*. Diamantina, 28/10/1934, p. 2.

O integralismo não é extremismo. *Pão de Santo Antônio*. Diamantina, 24/02/1935, p. 3.

PERIÓDICO VOZ DE DIAMANTINA

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 19/06/1937, p. 4.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 07/08/1937, p. 4.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 21/08/1937, p. 4.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 28/08/1937, p. 4.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 02/10/1937, p. 3.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 16/10/1937, p. 4.

Acção Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 20/11/1937, p. 4.

Acção Integralista Brasileira. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 15/08/1936, p. 4.

Acção Integralista Brasileira. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 22/08/1936, p. 4.

Assistência Social da Acção Integralista do Núcleo de Diamantina. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 26/09/1936, p. 3.

Atentado comunista de eliminação do chefe da AIB. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 24/07/1937, p. 2.

Columna Integral. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 17/09/1936, p. 4.

Columna Integral. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 26/09/1936, p. 4.

Columna Integral. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 03/10/1936, p. 4.

Enlace de um jovem integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 25/04/1936, p. 4.

Leiam “A Offensiva”. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 04/09/1937, p. 4.

Núcleo Integralista de Diamantina. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 20/07/1936, p. 3.

O Dia da Pátria. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 05/09/1936, p. 2.

Plebiscito Integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 05/06/1937, p. 2.

Razões que me levam a abandonar o núcleo integralista. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 25/09/1937, p. 3.

Syigma Sport Club. *Voz de Diamantina*. Diamantina, 16/01/1937, p. 3.

REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS DO INTEGRALISMO NA IMPRENSA OLIVEIRENSE E POUSO-ALEGRENSE DA DÉCADA DE 1930¹

GEORGE RODRIGUES PEREIRA²

A década de 1930 no Brasil foi marcada por acentuados conflitos e embates políticos. Grupos partidários das mais diversas ideologias e projetos digladiavam-se continuamente buscando desacreditar seus adversários e professar a sua “verdade” para a sociedade. Nesse contexto, a imprensa teve uma participação muito importante enquanto meio difusor de ideias e posicionamentos políticos que desempenhavam um papel crucial na formação de opinião dos cidadãos. Em tal contexto, teve origem a Ação Integralista Brasileira (AIB) – organização política de âmbito nacional e inspirada no fascismo italiano, fundada por Plínio Salgado em 1932. A AIB teve uma acentuada participação no cenário político brasileiro dos anos 30, que reverberou nos mais variados meios de comunicação, sobretudo nos jornais, que se configuravam como verdadeiras arenas onde se travavam intensos confrontos entre os inúmeros atores políticos da época. Desta maneira, este trabalho visa compreender de que formas a imprensa de duas cidades do interior de Minas Gerais retratou a Ação Integralista Brasileira através de dois jornais publicados no período.

Embora vários pesquisadores tenham se debruçado no estudo da imprensa integralista³, o que vem gerando trabalhos significativos e que aos poucos vão preenchendo as lacunas existentes a respeito do tema, são poucos os trabalhos dedicados às publicações que não faziam parte da estrutura oficial de imprensa integralista. Desta maneira, este trabalho tem como foco de análise jornais do interior de Minas Gerais que não pertenciam à AIB. Assim, temos a intenção

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir do trabalho: PEREIRA, George Rodrigues. *Representações Jornalísticas do Integralismo na Imprensa Mineira da Década de 30*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Diamantina: Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, 2018.

² Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

³ Um dos trabalhos mais relevantes a esse respeito é o livro: (GONÇALVES; SIMÕES, 2011).

de entender como era a imprensa escrita fora da capital e dos grandes centros, e quais os seus posicionamentos em face de um movimento político expressivo como o integralismo – capaz de cooptar grandes contingentes de apoiadores e militantes nos vários estados brasileiros.

Os jornais selecionados para análise foram dois periódicos de regiões distintas de Minas Gerais: a *Gazeta de Minas*, da cidade de Oliveira, situada na região Oeste do estado; e *O Imparcial*, oriundo da cidade de Pouso Alegre, no sul de Minas. Estes jornais foram escolhidos pelo fato de que nos forneceram um conjunto significativo de edições, permitindo-nos uma visão mais abrangente de seu posicionamento político.⁴

Ao analisar os jornais, será feita a seleção de alguns termos e a investigação sobre como esses termos eram representados⁵ nas manchetes e nas matérias em que eram publicadas. Os termos escolhidos são: *AIB*, *integralismo* e *Plínio Salgado*. O critério para seleção das matérias analisadas foi a presença no título ou no corpo do texto de um ou mais destes termos.

A partir da análise do conteúdo de tais publicações, refletiremos acerca de seu comportamento face à atuação do movimento integralista. Assim, buscaremos compreender melhor o posicionamento político dos jornais, a forma como construíam seus discursos, suas ideologias, o que defendiam, além de suas posições em relação ao governo federal. Levando-se em consideração o conceito de produção do discurso de Foucault⁶, será interessante notar como cada veículo de comunicação estruturava seu discurso, fazendo as devidas seleções e exclusões que lhes eram convenientes, e nas quais se ocultavam seu desejo pelo poder.

As fontes documentais selecionadas neste trabalho foram edições dos dois periódicos citados e publicadas no período de 1932 a 1938, que compreende a fundação da AIB até os meses subsequentes à sua dissolução legal⁷. Porém, nossa análise mais detida recairá sobre os jornais publicados no ano de 1937, que é um ano chave para o integralismo, visto que o movimento alcançou uma grande expressão nacional acompanhada de uma intensa visibilidade nos meios de comunicação.⁸

⁴ Segundo Tania de Luca, a investigação a respeito das pessoas responsáveis pela linha editorial dos periódicos pode ajudar-nos a compreender melhor as motivações e interesses por trás do que era escolhido publicar. Ver: (LUCA, 2005, p. 132-138). No caso específico deste trabalho, apesar de não possuímos informações detalhadas a respeito dos colaboradores e editores dos jornais escolhidos, podemos minimamente identificar e traçar seu perfil político, seus valores, crenças, ideias, interesses e expectativas a partir do conteúdo dos textos que publicavam.

⁵ Neste trabalho, entendemos *representação* como o sentido de se referir às formas de apreensão e apresentação (sensível ou intelectual, interna ou externa) de um objeto intencional. O objeto em questão é, pois, o movimento integralista. Para maior compreensão, ver vocábulo “representação” em: (MORA, 2001, p. 2517).

⁶ Segundo Foucault, todo discurso produzido na sociedade está condicionado a um processo de controle, seleção e organização por parte de quem o profere, sendo que as interdições que o atingem revelam logo sua ligação com o desejo e com o poder. Ver: (FOUCAULT, 1996, p. 8-10).

⁷ Após a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas assina um decreto extinguindo todos os partidos políticos existentes no Brasil, dentre eles a AIB. Impossibilitada de existir legalmente como partido, a AIB torna-se então uma sociedade cultural.

⁸ Primeiramente, isto foi resultado de uma mudança estratégica da AIB, que ao abandonar suas pretensões revolucionárias, torna-se um partido e lança a candidatura de Plínio Salgado à presidência da república. Em segundo lugar, o integralismo inicia um processo de negociação com Getúlio Vargas, que culminaria no apoio da AIB a seu governo, e na promessa de um cargo ministerial para o líder integralista Plínio Salgado após a instauração do Estado Novo. Com isso, o movimento integralista foi alçado a um novo patamar no cenário político nacional, o que repercutiu em um amplo destaque dado ao partido pela imprensa da época.

A partir de agora, pelo cotejo dos jornais selecionados, evidenciaremos como a imprensa de duas cidades do interior de Minas Gerais, de regiões distintas, tratou do mesmo assunto, ou seja, da Ação Integralista Brasileira, entre os anos de 1937 e 1938. Será a partir da comparação entre o *que foi* e *como foi* publicado em cada um desses jornais que buscaremos assentar a análise deste trabalho, buscando salientar as questões abordadas em cada jornal em relação ao tema, o destaque conferido, o posicionamento político e suas semelhanças e discordâncias.

REPRESENTAÇÕES DO INTEGRALISMO NOS JORNAIS GAZETA DE MINAS (OLIVEIRA – MG) E O IMPARCIAL (POUSO ALEGRE – MG)

Tanto a *Gazeta de Minas*⁹ quanto *O Imparcial*¹⁰ possuíam periodicidade semanal e média de 4 páginas por edição, nas quais eram publicados editoriais emitindo opiniões políticas, notícias de âmbito local e nacional, curiosidades, notas de despesas municipais, avisos, esclarecimentos e propagandas entre os textos. As notas políticas e de maior destaque se encontravam sempre na 1ª página, podendo o texto se estender para concluir em alguma das páginas seguintes, exceto na 3ª, que era toda destinada a anúncios publicitários.

Em geral, a grande maioria dos textos sobre o integralismo se encontravam logo na 1ª página do jornal, sendo, no mais das vezes, o título de maior destaque, exposto em letras garrafais. É interessante notar o destaque conferido às matérias políticas nos dois periódicos analisados, evidenciando que “o universo jornalístico era a grande arena das lutas políticas nesse período” (ARAÚJO, 2008).

As primeiras matérias referentes ao integralismo publicadas na *Gazeta de Minas* em 1937 se situam entre os meses de fevereiro e abril. Estes primeiros textos se referem ao movimento integralista sem citar diretamente os termos *integralismo*, *AIB* ou *Plínio Salgado*. No lugar destes termos, são utilizadas expressões tais como “malfeitores da nossa civilização”, “conductores de uma civilização falsa”, “profanadores da liberal-democracia” e “falsos idealistas” (*Gazeta de Minas*, 21/02/1937, p. 1). É o que podemos ver, por exemplo, na matéria publicada na edição nº 7, de 14 de fevereiro de 1937, cujo título é “A Liberal-Democracia”. Nela, o autor exalta a liberal-democracia, conquistada através de muita luta e sacrifício. A partir do 6º parágrafo, o autor cita a ameaça que os novos projetos políticos configuravam para o Brasil e para o regime:

[...] A baixa politica não é pregada pela liberal-democracia. Os projetas extranhos que assolam o nosso paiz e que vivem num constante intercambio de ideaes com os paizes da Europa, são os unicos politiqueiros do Brasil, os verdadeiros malfeitores da nossa civilização.

⁹ Todas as edições do jornal *Gazeta de Minas* citadas neste texto se encontram digitalizadas e disponíveis em: <<http://www.gazetademinas.com.br/Acervo/>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

¹⁰ Todas as edições do jornal *O Imparcial* citadas neste texto se encontram digitalizadas e disponíveis em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 04 nov. 2019.

[...] Estes indivíduos que pregam ideas exóticas, que aproveitam da ingenuidade popular, são os exploradores da humanidade, os mercadores de livros. Para eles o nosso desprezo, a nossa eterna aversão. Lutemos corajosamente contra esses conductores de uma civilização falsa. Permitir que nos roubem a liberal-democracia, é tornarmos indignos dos nossos antepassados, é derrubarmos as suas obras grandiosas; é macular a sua memoria. Minas, a reliquia mais pura do Brasil, já está cansada de tantas affrontas. Não supporta mais estes falsos salvadores que pregam “livresca e palavrescamente”. [...] Luctemos entusiasticamente contra os D. Quixotes que arrastam o nosso paiz para o desespero e que desejam collocal-o, num ambiente de torturas cruentas e de loucuras interminaveis. [sic] (*Gazeta de Minas*, 14/02/1937, p. 1).

Cabe notar que, à época, a ameaça comunista já havia sido minimamente controlada pelo governo Vargas¹¹, neste sentido, “os projetos estranhos” ao qual o autor se refere era a Ação Integralista Brasileira, movimento inspirado no fascismo em voga no Velho Mundo.

Em outra edição do mês de fevereiro, há um texto que novamente se refere ao integralismo sem o citar diretamente, apesar de o título escolhido ser o lema oficial da Ação Integralista Brasileira: “Deus, Pátria e Família”. Nele, o autor nos diz que “partidos políticos novos” estão usurpando tal lema, sendo que este lema orienta originalmente todos os governos liberais-democratas (*Gazeta de Minas*, 28/02/1937, p. 1).¹²

O autor, por meio de exemplos, busca confirmar que o governo sempre se manteve fiel a esse lema, como, por exemplo, com o combate ao comunismo, a não oficialização do Carnaval, entre outras pautas. Podemos perceber, pelo menos inicialmente, um alinhamento de interesses entre a *Gazeta de Minas* e o governo estabelecido, visto que nestas duas edições há uma defesa do regime, em detrimento de novos projetos e alternativas políticas que se anunciavam no cenário político.

Esta primeira etapa de publicações da *Gazeta de Minas* – na qual há uma defesa da liberal-democracia e a contestação do integralismo – dura até meados de abril de 1937, com a publicação de uma nota assinada por Menotti del Picchia, intitulada “Alerta, Brasil!”. Nesta nota, del Picchia faz um alerta aos leitores acerca da ameaça que os regimes extremistas, “verde e vermelho”, representam para a democracia brasileira, reiterando, ao longo do texto, que fora da democracia há somente a ditadura.

O brasileiro é generoso, é inteligente, mas gosta muito de modas. Despreza, ás vezes, o que tem de bom, para procurar, lá fora, o que ha de ruim. Nossa democracia não é um modelo. Fóra da democracia, porém, o que offerece o mundo como regime politico? Apenas

¹¹ Na ocasião da malfadada insurreição levada a cabo por membros da ANL com apoio do PCB, em 1935, Getúlio Vargas, vitorioso, afastou o risco da ameaça comunista.

¹² “Majestoso, magnifico e soberbo é o lemna: “Deus, Patria e Familia”. É ele o lemna que tem orientado todos os governos liberaes-democrata; é ele o lemna que tem sido toda a felicidade do Brasil. Partidos políticos novos, que combatendo a politica são os maiores politiqueiros, que pregam doutrinas para salvar a Patria, tomaram para si, este precioso lemna, que há muitos anos orienta o nosso governo. [...] O que “Gazeta de Minas” quer, é unica e exclusivamente, chamar a atenção dos catholicos, principalmente dos catholicos de Oliveira, contra essa exploração que inimigos de todos os governos fazem com o lemna “Deus, Patria e Familia”, o lemna da liberal-democracia.” [sic]. (*Gazeta de Minas*, 28/02/1937, p. 1).

a ditadura. E o que é a ditadura? A perda das liberdades publicas. O regime camisa-de-força. A pratica do arbitrio e da violencia. [...] Longe de desprezarmos nossa democracia, [...] devemos tratar de conserval-a como um bem preciaso. Ella é o unico regime que se adapta á nossa tradição, á nossa indole, á nossa historia, e ao temperamento individualista do nosso povo. Nada, pois, de extremismos, nem vermelho e nem verde. [...] No instante em que, para se fazer jogo de correntes ou de interesses, namora-se o fascismo ou o comunismo, conforme a direcção dos ventos, é mister que todos os que têm alma brasileira se reúnam e se enfileirem nas cohortes destinadas a defender as liberdades publicas, expressas pela nossa democracia.¹³ [sic] (*Gazeta de Minas*, 25/04/1937, p. 1-2).

A partir de julho de 1937, há um considerável aumento da cobertura sobre o integralismo na *Gazeta de Minas*, além disso, os títulos e os conteúdos dos textos passam a se referir diretamente à AIB. Quase todas as edições semanais fizeram menção ao integralismo, seja acusando os integralistas de receberem armas e dinheiro do estrangeiro (*Gazeta de Minas*, 11/07/1937, p. 1)¹⁴, seja a divulgação de notas em que ex-chefes integralistas expunham o desligamento do partido e suas razões (*Gazeta de Minas*, 18/07/1937, p. 1)¹⁵. O tom de combate assumido pelo jornal em suas matérias é evidente, sendo que, independentemente do que está sendo exposto em relação ao partido, tudo possui uma conotação de crítica, ataque ou mesmo de desdém. O integralismo é referido de diversas maneiras, como “nazismo brasileiro”, “fascismozinho importado”, “extremismo verde”, e os integralistas chamados de “cérberos do Sigma”, “representantes nazistas” e “inimigos da democracia”.

Para reforçar seu discurso anti-integralista, o jornal *Gazeta de Minas* começa a publicar textos fundamentando suas críticas em questões de ordem religiosa. Dado o peso conferido à religião, o posicionamento de líderes católicos em relação ao integralismo era, pois, fator determinante na forma como muitos indivíduos enxergavam o movimento. Os textos mais significativos dessa retórica são as três edições publicadas no mês de agosto de 1937. O primeiro, cujo título é “O Neo-Paganismo do chefe nacional”, foi escrito por um padre do Rio de Janeiro, chamado Mont’Alverne, que condena as influências filosóficas de Plínio Salgado, que, segundo ele, são oriundas do idealismo alemão, sobretudo do pensamento de Hegel, e que influenciaram negativamente a concepção do líder integralista acerca de Deus. Por essa razão, era nocivo a uma nação católica como o Brasil, um movimento político e social conduzido por uma figura como Plínio Salgado (*Gazeta de Minas*, 08/08/1937, p. 1).

As duas edições seguintes da *Gazeta de Minas* apresentam matérias que apontam o risco que as ditaduras representam para o catolicismo, utilizando-se como exemplo a Alemanha nazista. Os leitores são exortados a terem cuidado com o integralismo, visto que o movimento é considerado pelo jornal como um “hitlerismo alemão fantasiado de verde”. Na edição de nº 32, podemos ler a

¹³ Alerta, Brasil! *Gazeta de Minas*. Oliveira, 24/04/1937, p. 1-2.

¹⁴ O Integralismo a soldo do estrangeiro! *Gazeta de Minas*. Oliveira, 11/07/1937, p. 1.

¹⁵ Perderam a fé no Sigma! *Gazeta de Minas*. Oliveira, 18/07/1937, p. 1.

matéria intitulada “O exemplo da Alemanha nazista: Catholicismo e Dictadura”. Acima do título da matéria, há uma frase de alerta, escrita em letras maiores e em negrito que diz “Catholicos, cuidado com o integralismo”. (*Gazeta de Minas*, 15/08/1937, p. 1).¹⁶ O artigo publicado na edição seguinte segue basicamente os mesmos moldes do artigo citado acima, falando novamente da perseguição que os católicos vinham sofrendo na Alemanha por parte do governo nazista, para então, no final, fazer o alerta aos leitores acerca do integralismo.

E o que é o integralismo no Brasil, senão hitlerismo allemão phantasiado de verde? O que é o integralismo senão uma imitação grosseira e ridicula do nazismo? O Sr. Plínio Salgado não passa de um grande imitador de Hitler. Até o seu bigodinho insolente é uma cópia perfeita do ornamento capillar que enfeita o labio superior do chancellor allemão. Na Alemanha, o sr. Hitler transforma Egrejas em centros nazista, da mesma forma que o sr. Salgado pretende transformal-as no Brasil em centros integralistas... Mas não conseguirá, Deus é grande! [sic]. (*Gazeta de Minas*, 22/08/1937, p. 1).

Podemos perceber que, nas edições da *Gazeta de Minas* analisadas, os discursos publicados buscavam sempre associar o integralismo aos regimes totalitários europeus, chamando a atenção dos leitores para o risco que tais governos representavam para os valores democráticos e cristãos do povo brasileiro.

As edições seguintes da *Gazeta de Minas* continuam a publicar textos ou pequenas notas e notícias ligadas ao integralismo. Em geral, estas notas buscam informar o público leitor de inúmeros incidentes envolvendo integralistas, como conflitos envolvendo militantes do partido e que resultaram em mortes (*Gazeta de Minas*, 22/08/1937, p. 1); problemas que adeptos do integralismo vinham causando em diversas localidades do Brasil e de Minas; textos que questionavam a postura “atual” da AIB, contraposta a declarações anteriores, explicitando, assim, suas contradições (*Gazeta de Minas*, 29/08/1937, p. 1); Podemos perceber que estas notas, em geral, vinham nas mesmas edições em que textos maiores e mais centrais sobre o integralismo eram publicados. Tais notas funcionavam como um adendo ao texto principal, auxiliando na criação e representação de uma imagem negativa em relação ao integralismo. Com isso, o espaço destinado à temática integralista

¹⁶ “A proposito da campanha que o Integralismo vem fazendo em todo o paiz, exclusivamente para conquistar adeptos, fazendo do culto de Deus o chamariz, a isca para seduzir os catholicos e arrancar-lhes o voto, O JORNAL CATHOLICO “A CRUZ” (edição de 31 de maio de 1936), publica substancioso artigo, apontando o PERIGO QUE AS DICTADURAS REPRESENTAM PARA O CATHOLICISMO. Nos seus brilhantes commentarios, o articulista catholico compara o inicio da acção do hitlerismo na Alemanha em 1933, quando os catholicos tiveram o mesmo apoio e agrado do futuro dictador, com a situação do catholicismo na Alemanha em 1936: “Estão fechadas todas as organizações religiosas, as da juventude, principalmente, cuja vida a concordata garantia e elle mesmo no seu decreto assegurava; os carceres estão cheios de sacerdotes e até de bispos. Choveram processos contra eclesiásticos, sob o falso pretexto de contrabandear moedas, e agora é o cumulo: os frades e padres são presos devido a observância do celibato eclesiastico. A policia secreta do Reich, a odiosa “Gestapo”, faria victimas que vão aos tribunaes depor contra os religiosos. Emquanto isso, toda a imprensa, todas as estações de radio, apontam os sacerdotes como dignos do desprezo publico. Cuidado, muito cuidado mesmo, com as dictaduras. O absolutismo e o estado totalitario, são erros grosseiros. Não se deve nem se pode conceber o estado que não tenha leis acima da cabeça daquelles que ocupam a curul do poder. Hoje são uma coisa e amanhã outra, se a tanto os levarem os interesses estupidos de suas ideologias”. Este é um exemplo, que precisa ser apontados aos catholicos de Oliveira, COMO UMA ADVERTENCIA! – Cuidado com a imitação do hitlerismo, com essa doutrina, PHANTASIADA DE VERDE e IMPORTADA DO EXTRANGEIRO, que a índole do nosso povo, sempre liberal e democrata, repelle com vigor!” [sic]. (*Gazeta de Minas*, 15/08/1937, p. 1).

teve um ligeiro crescimento, uma vez que pelo menos dois artigos ligados ao assunto eram publicados por edição (*Gazeta de Minas*, 10/10/1937, p. 2).¹⁷

Um fato relevante pode ser conferido na edição nº 34 da *Gazeta de Minas*, de 29 de agosto de 1937, onde, ao final de um texto intitulado “O integralismo TENEBROSO!”, é citado que o jornal recebera um bilhete anônimo exigindo o fim das publicações editoriais relativas ao integralismo. Na edição nº 42, ao lado de um texto que reitera a condenação da Igreja Católica ao movimento, foi publicado uma nota de destaque, assinada pela redação, dizendo não se intimidar com tais ameaças. É, pois, eloquente a defesa da república:

GAZETA DE MINAS tendo feito a campanha da Abolição da Escravatura, se bateu tenazmente pela implantação do Regime Republicano e agora ha de combater, custe o que custar, estas ideologias estrangeiradas que pregam a derrubada desse mesmo regime que ella ajudou a construir.

GAZETA DE MINAS combaterá o integralismo da mesma forma que o comunismo, porque entende que tanto um como outro são perniciosos e prejudiciais ao Brasil!

Não nos intimidam as ameaças anonymas que temos recebido, e saibam os profissionais do anonymato que havemos de combater o extremismo, seja ele da direita ou da esquerda, certos de que estamos prestando mais um grande serviço ao Brasil! [sic] (*Gazeta de Minas*, 24/10/1937, p. 1).

Desse episódio, podemos inferir a presença de adeptos do integralismo na cidade de Oliveira e/ou nas redondezas, além de constar que os jornais serviam de pano de fundo para o embate dos vários segmentos políticos. Fica claro, na última frase do trecho citado acima, o posicionamento que o jornal assume como órgão defensor dos interesses da nação, o que explicita o autoproclamado caráter de “espelho da sociedade” que as publicações do período apresentavam.

As próximas edições da *Gazeta de Minas* sobre as quais falaremos foram publicadas após o golpe de 10 de novembro de 1937, quando Getúlio Vargas instaura o Estado Novo. Neste novo regime, que seria uma ditadura, Vargas assina um decreto que extingue todos os partidos políticos existentes no Brasil, inclusive a AIB, e se nega a atender as reivindicações dos integralistas. Para os integralistas, esse foi um ato traiçoeiro, visto que haviam participado ativamente dos bastidores e articulações que culminaram no golpe, na esperança de negociar cargos ministeriais no novo governo. Diante de tal situação, um grupo desesperado de integralistas pratica um assalto ao Palácio da Guanabara, na tentativa de depor Vargas, porém, foram brutalmente rechaçados, sendo vários deles fuzilados nos jardins do palácio (FAUSTO, 2013, p. 101).

A primeira edição da *Gazeta de Minas* após o golpe é do dia 14 de novembro de 1937. Nela, na matéria intitulada “O integralismo não é mais integralismo”, o autor ironiza a situação do integralismo:

O sr. Plinio Salgado resolveu desapertar para a esquerda, ao verificar que o golpe de 10 de Novembro não tinha nenhum caráter integralista, como desejavam elle e seus correligionarios, e,

¹⁷ Dentre essas pequenas notas publicadas pela *Gazeta de Minas*, há uma em que se noticia que a AIB elegera um vereador numa cidade de Santa Catarina que não sabia falar português, pois era alemão. Com isso, o autor do texto ironiza e questiona o nacionalismo pregado pelos integralistas, que segundo ele é um “nacionalismo às avessas” (*Gazeta de Minas*, 10/10/1937, p. 2).

convencido da verdade dos factos, deitou falação a um vespertino carioca, na qual teve esta sahida maravilhosa: o integralismo, depois de 10 do corrente mez, [...] é tudo, menos integralismo... É club de foot-ball, é escolar publica, bibliotheca, ambulatorio, gabinete dentario, escola de box, emfim tudo, menos integralismo. Sonhou um dia o “chefe nacional” que o Brasil ia sofrer uma profunda modificação na sua organização politica e que elle seria o *primeiro ministro*, o batuta da zona... Mas de repente os homens que viam os horizontes verdes, passaram a vel-os negros e toca a desapertar para a esquerda... [...] E os adeptos do ardoroso doutrinador, com toda aquella ousadia de “valientes” improvisados, que lhes era peculiar, se acham hoje verdes de desaponto, de decepção e de mêdo... Foi-se a arrogância dos discursos insultuosos e dos anauês amolecados... Hoje os pobres sigmaticos não são verdes só nas camisas: estão *integralmente* verdes... de desaponto! [sic] (*Gazeta de Minas*, 14/11/1937, p. 1).

Ainda neste número, há duas notas a respeito do golpe de 10 de novembro, em que se percebe o mesmo ponto de vista da matéria principal, além do apoio da liderança política local, o prefeito de Oliveira, Jayme Pinheiro de Almeida. Há, inclusive, a transcrição de um radiograma enviado pelo governador do estado de Minas, Benedicto Valladares, ao prefeito, informando a outorga da nova Constituição, bem como de seu apoio a Getúlio Vargas. Ainda na mesma nota, o prefeito se dirige ao povo pedindo calma e confiança nos dirigentes políticos que guiarão a nação a partir daquele momento.

A *Gazeta de Minas* dedica um texto especial, ocupando basicamente toda a 1ª página da edição de nº 47, a respeito das modificações ocorridas após o golpe de 10 de novembro. A matéria é construída com base nas declarações oficiais do presidente Getúlio Vargas sobre as principais mudanças no governo. Podemos perceber que é claro e direto o apoio do jornal aos rumos tomados após o golpe, que, segundo seus editores, eram medidas necessárias dada a situação política e social do país. Em determinada passagem, ao ser perguntado por um jornalista sobre a situação do integralismo, Vargas responde que “NÃO HÁ COMPROMISSO ENTRE O INTEGRALISMO E O GOVERNO”. (*Gazeta de Minas*, 28/11/1937, p. 1).

Após o golpe, a *Gazeta de Minas* passa a publicar, ao menos uma vez no mês, alguma nota sobre o integralismo. Estas notas se concentram basicamente em comentar a situação do integralismo e a postura do líder integralista Plínio Salgado após a dissolução do partido. Estes textos criticam o fato de Plínio não querer dar declarações a respeito do novo governo (*Gazeta de Minas*: 19/12/1937, p. 1), e de ter afirmado não ter mais contato com a massa integralista após a dissolução legal do partido. (*Gazeta de Minas*, 02/01/1938, p. 1).

Enfim, podemos concluir que o conteúdo publicado pela *Gazeta de Minas* era declaradamente contrário à Ação Integralista Brasileira, aproveitando-se do espaço, do alcance e da voz que possuía no meio social, para combater o movimento. Podemos também perceber, por meio de seus editoriais, o claro apoio do jornal às autoridades constituídas e aos líderes locais e nacionais, sendo isso um indício da correspondência de interesses entre as partes.

A partir de agora, voltaremos nosso olhar para as representações do integralismo que eram veiculadas no jornal semanal *O Imparcial*, publicado na cidade de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais. Embora o jornal apresente menos edições com matérias a respeito do integralismo

publicadas no ano de 1937, o número de textos sobre a AIB por edição é consideravelmente maior, chegando, inclusive, à marca de três textos por edição.

Numa das primeiras edições de 1937, há um texto que comenta a procura da AIB por um candidato para concorrer à sucessão presidencial. O texto ironiza o fato de a AIB não escolher Plínio Salgado, tido pelos seus correligionários como “Chefe Nacional” e “Messias Nacional”. Na mesma edição, há ainda uma nota ridicularizando a visita de um adepto do integralismo à cidade (*O Imparcial*, 28/02/1937, p. 2), e outra na qual um deputado de Goiás fala sobre o baixo número de eleitores integralistas no estado. Em seu discurso, afirma ainda que o povo goiano recusa o extremismo, seja da direita ou da esquerda. Nestas matérias o integralismo é referido como “peste verde”, “galinhas verdes” e, inclusive de “comunismo verde”, adjetivações semelhantes às usadas pela *Gazeta de Minas*. Contudo, n’O Imparcial já vemos matérias explícitas sobre o integralismo desde o início do ano de 1937.

Em edição de março de 1937, num texto intitulado “Mentiras Extremistas”, o autor se refere ao integralismo como um movimento que se sustenta com base em mentiras que visam enganar a população e conquistar mais adeptos, valendo-se, inclusive, do uso da força. Assim, é feito um apelo para que as autoridades tomem medidas para impedir a propaganda e difusão de sua ideologia:

Fundando-se na força, têm os credos comunista, integralista, fascista, nazista e mais nomes que lhe queiram dar, se apresentado no Brasil, phantasiados, mascarados, e sempre envolvidos nas mais ílusorias formas. A mentira é a sua arma predilecta, os títulos pomposos são sempre usados pelos seus adeptos, e a propaganda de descrédito às autoridades constituídas são as suas esperanças. [...] Temos sido por demais tolerantes para com esses elementos extremistas que ameaçam as nossas instituições, infringindo castigos condenáveis aos indivíduos que não adhiram as suas antipathicas ideologias. [...] Os seus golpes serão luctuosos mas, felizmente infructiferos, porque, [...] em defesa do espírito democratico nacional, todos os bons brasileiros se hão de apresentar preparados e decididos, no momento decisivo. [sic] (*O Imparcial*, 25/03/1937, p. 1).

Podemos perceber no último trecho citado que este jornal também possui um discurso em prol da democracia, fato que fica ainda mais evidente nas edições posteriores.

Em um texto de junho – “O integralismo é inimigo do Brasil” – podemos ver mais claramente a defesa do regime liberal-democrata e um forte apelo para que o povo brasileiro combata o integralismo:

Os brasileiros de nossos dias, que ainda confiam, com razão fundamental, no futuro grandioso de nossa Patria e de nosso regime, e que ainda não corrompidos e contaminados pelos miseráveis bacilos da Praga Verde, isto é, a maioria absoluta dos brasileiros, hombraia neste momento, com a grande responsabilidade de perseverar a democracia, da acção destruidora do integralismo. [...] Brasileiros! Combatamos o integralismo, elle é inimigo do Brasil. [sic] (*O Imparcial*, 06/06/1937, p. 2)

No trecho acima, podemos notar a semelhança existente entre o discurso deste jornal e o proferido pela *Gazeta de Minas*. Em ambos, é informado aos leitores sobre o perigo que o integralismo representa para o país, e, a partir disso, conclamam o povo brasileiro a combater tal ameaça e preservar

a liberal-democracia. Outro ponto em comum é a constante associação do integralismo aos regimes considerados nocivos, como o fascismo italiano, o nazismo alemão e o comunismo soviético.¹⁸ Àquela época o comunismo era considerado uma ameaça a ser evitada a qualquer custo, nesse sentido, fica clara a estratégia dos jornais de equiparar o integralismo a esse grande mal.

As análises d'*O Imparcial* revelaram que o combate ao integralismo pela fundamentação religiosa foi um recurso pouco utilizado, diferentemente da *Gazeta de Minas*. A única exceção é uma matéria na edição de nº 196, de 18 de abril de 1937, na qual argumenta-se ser inconcebível uma conciliação entre o fascismo e o cristianismo (*O Imparcial*, 18/04/1937, p. 2). Porém, ela não ataca diretamente o integralismo, mas sim o fascismo de uma maneira geral, referindo-se aos governos de Mussolini e de Hitler.

Quanto ao que foi publicado por *O Imparcial* sobre o integralismo após o golpe de 10 de novembro, dispomos apenas de uma edição, datada do dia 26 de dezembro de 1937. A matéria comenta a transformação da AIB numa associação cultural, porém dando ênfase a uma declaração de Plínio Salgado em que diz que “o integralismo continuaria a viver porque é UMA RELIGIÃO”.¹⁹ Partindo dessa declaração do líder integralista, o autor da matéria infere que todo o fanatismo dos adeptos do Sigma seria também transportado para essa “nova fase” da AIB, o que resultaria num movimento religioso nocivo ao país:

Conhecidos os methodos de acção dos integralistas, sabido como o fanatismo domina nas suas fileiras, pode-se prognosticar-se, sem medo de errar, que eles vão crear no Brasil uma questão religiosa, de consequencias gravíssimas. [...]

Para os integralistas quando se tratava de salvar o Brasil por meio de uma doutrina de redempção politica, que não era integralista era comunista. Como não mudou a sua mentalidade, o processo psychologico será o mesmo e se traduzirá no seguinte dilema: quem não pertencer á Associação dos Brasileiros Christãos, passará a ser inimigo de Jesus Christo e deve ser fuzilado ou recluso, para maior gloria de Deus... [sic] (*O Imparcial*, 26/12/1937, p. 1).

A edição citada acima foi a última desse periódico a que tivemos acesso, e a única com matéria referente ao integralismo publicada após o golpe de 10 de novembro. Enfim, por tudo que foi demonstrado, fica evidente o apoio político ao governo federal e o combate ao integralismo, usando como estratégia promover a sua desqualificação e descrédito comparando-o aos regimes políticos totalitários em voga na época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O integralismo foi um movimento que alcançou grande expressão no cenário político nacional dos anos 30, e teve eco nos principais meios de comunicação da época, especialmente nos

¹⁸ Os integralistas são chamados inclusive de “comunistas-integraes” e a AIB considerada como um “grêmio de verdadeiros comunistas” em algumas edições do jornal *O Imparcial*.

¹⁹ Tal declaração foi feita por Salgado após ser questionado por um jornalista de qual seria o destino da Ação Integralista Brasileira após a divulgação do decreto que dissolvia todas as agremiações partidárias no país.

jornais. Ao analisarmos as publicações desse período – e que não pertenciam à imprensa integralista – pudemos constatar os reflexos dessa expressão alcançada pelo partido, seja pela constante presença do tema nos periódicos consultados ou por meio da intensa campanha de combate assumida pelos mesmos com o intuito de desqualificar e desacreditar o movimento integralista. Assim, cada jornal analisado estruturava seu discurso visando representar de maneira negativa a AIB, lançando mão das mais diversas formas de construções discursivas. Com isso, conseguimos minimamente perceber o caráter ativo da imprensa enquanto um mecanismo de intervenção na vida social, visto que atuava como agente participante no jogo político, se utilizando de seu potencial poder de comunicação na tentativa de influenciar a opinião pública.

O uso dos jornais como fonte histórica na confecção deste trabalho revelou-se uma fonte riquíssima, permitindo-nos compreender melhor o cenário e o imaginário político daqueles anos, além de revelar os posicionamentos e perfis políticos assumidos, suas expectativas, crenças e valores veiculados. Com isso, esperamos ter contribuído com a produção historiográfica referente ao integralismo no Brasil, e, por conseguinte, com os trabalhos que voltam o seu olhar para as publicações periódicas não pertencentes à imprensa oficial integralista.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nilton S. *Imprensa e Poder nos anos 1930: uma análise historiográfica*. 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. (Tema: 200 anos de mídia no Brasil – Historiografia e Tendências). 2008. UFF – Niterói / RJ, p. 1. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Imprensa%20e%20Poder%20nos%20anos%201930.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

FAUSTO, Bóris. A Vida Política. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *História do Brasil Nação vol. 4: Olhando para dentro (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. (Orgs.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011.

LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Tomo IV (Q-Z). São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PEREIRA, George Rodrigues. *Representações Jornalísticas do Integralismo na Imprensa Mineira da Década de 30*. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Diamantina, 2018.

A RESPOSTA DAS CARTAS: O INTEGRALISMO EM POUSO ALEGRE¹

IVAN TEODORO MARQUES²

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento político que tomou forma ao longo da década de 1930. O integralismo é tomado por alguns pesquisadores como sendo um movimento mimético (VASCONCELLOS, 1979) ao fascismo italiano, de onde teriam migrado suas configurações sendo que há também aqueles pesquisadores que, ao considerar esta influência do fascismo na formação da doutrina integralista, atestam que o movimento que se formou aqui era uma forma de ideal totalitário (DUTRA, 1997).

Esta pesquisa segue uma linha que enxerga o integralismo como uma reação ao modernismo burguês, uma crítica romântica ao capitalismo (RAGO, 1989) com intuito de frear o avanço das forças produtivas, uma utopia reacionária, ruralista e ultracatólica, sendo esse último ponto, o vínculo cristão com a doutrina integral, uma das distinções entre o integralismo e o fascismo europeu. Considerado por muitos pesquisadores como o primeiro partido político conservador do Brasil, o integralismo conseguiu alcançar diferentes grupos sociais nos mais diversos espaços.

Apontamos como as principais razões para a ascensão deste grupo de extrema-direita na década de 1930, a insegurança causada pelo avanço do comunismo, o crash da bolsa de Nova York, a ascensão do fascismo na Europa e com mais ênfase, a situação política vivida no Brasil naqueles tempos. Como se sabe, Getúlio Vargas assume o poder colocando fim à “República Velha” iniciando seu governo provisório. Com a constituição de 1934 e estabelecimento de Vargas no poder pela Assembleia Constituinte, a política nacional sofre mudanças como o voto secreto, o voto feminino e as novas leis trabalhistas.

Nessa conjuntura é que vai surgir a AIB, que buscava resgatar a memória dos “heróis” da pátria, que tinham suas atitudes pautadas na fé cristã, que diziam não aceitar as ideias vindas de fora, cujo grande exemplo dessas ideias, era seu principal inimigo, o comunismo. Esse último ao alcançar

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir da dissertação MARQUES, Ivan Teodoro. *O Jornal A Razão: representações e práxis integralistas em Pouso Alegre-MG*. 186f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-graduados em História - PUC-SP. 2020. Reflexões iniciais podem ser consultadas em: MARQUES, Ivan Teodoro. *Discursos e Formas de se Dizer da Ação Integralista Brasileira em Pouso Alegre* - MG. 2016. 100f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2016.

² Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Especialista em História, Sociedade e Educação pela e Licenciado em História pela Universidade do Vale do Sapucaí.

certo êxito em sua propagação no Brasil, com o surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e seus preceitos de radicalidade frente à expansão do capital, passou a exercer papel fundamental na construção do imaginário e dos discursos de Vargas e dos integralistas.

Sem perder de vista a presença da AIB nos grandes centros urbanos da época, utiliza-se como foco de pesquisa o movimento integralista a partir de uma representação no Sul de Minas Gerais, que alcançou certa relevância no cenário político. Desta maneira, ao nos atentar para a resposta de uma liderança integralista em relação ao questionamento feito sobre a presença do movimento na região, temos:

Agora, parece que o movimento foi forte também no sul de Minas? Foi, em Itajubá e Maria da Fé, na revolução de março de 1938 eu contava com 1.100 homens exatamente. Era uma região muito forte, Gilberto Ferraz, Pouso Alegre, São Lourenço (TRINDADE, 2016, p. 370).

Esta é a resposta dada por uma das lideranças do integralismo a Héglio Trindade, em uma parte de seu livro que apresenta entrevistas produzidas com ex-dirigentes da AIB, no qual podemos perceber a lembrança da atuação integralista no Sul de Minas, tendo entre as cidades lembradas por um dos depoentes, a cidade de Pouso Alegre onde a principal ferramenta na propagação de seus ideais foi o Jornal *A Razão*, que inicia suas publicações em 1936³.

Falar em jornais integralistas é quase o mesmo que falar na história do próprio integralismo nos anos de 1930 (colocando nas suas devidas proporções). [...] Percebe-se que, enquanto o movimento se desenvolve (crescimento no número de adeptos e estrutura organizativa), editam-se novos jornais. Ao mesmo tempo, são esses os periódicos responsáveis por levar a palavra aos futuros militantes; com a expansão de camisas-verdes surgem novos jornais e o ciclo se reinicia (OLIVEIRA, 2017, p. 33).

Tendo como intenção, entender um pouco da práxis integralista no solo sul-mineiro, esta pesquisa se constitui na análise das páginas do Jornal *A Razão*, editado na cidade de Pouso Alegre durante os anos de 1936 e 1937. Vale destacar a centralidade de Pouso Alegre para a região, sob o domínio das elites rurais, tendo em seu cenário político a forte presença e influência dos grandes fazendeiros, que buscavam exercer e permanecer em seu espaço hegemônico (CASTILHO, 2009). Nesse sentido, não é de se estranhar que ela assume uma significativa importância também para os camisas-verdes, sendo que de lá partiam integralistas para as cidades vizinhas como Borda da Mata, Silvianópolis, Santa Rita do Sapucaí, Jacutinga e outras que também contaram com a presença do movimento.

A fonte desta pesquisa foi a principal forma de divulgação dos integralistas na cidade de Pouso Alegre, bem como arma contra os comunistas da cidade, a maçonaria e em diversas ocasiões contra o poder público municipal, e também serviu como forma de estreitar laços com a Igreja Católica, a elite e o Comando do Exército na cidade.

³ Assim intitulado por conta da grande expansão do movimento integralista naquele ano.

O jornal *A Razão* circulou por 2 anos (1936 e 1937) tendo sido publicadas 84 edições, geralmente com 4 páginas. Sem a intenção de esgotar as possibilidades destas fontes, nos permitimos recortar algumas das passagens em que podemos observar um pouco da atuação dos integralistas e como o jornal influenciou na vida cotidiana desta cidade do Sul de Minas Gerais.

Assim sendo, iniciamos as discussões apresentando o integralismo em sua dimensão mais abrangente, definimos nosso recorte e agora seguimos para as temáticas encontradas no jornal. A primeira delas, o ser integralista, onde apresentamos ao leitor um pouco sobre aqueles sujeitos sociais que representaram o integralismo em Pouso Alegre, depois, discutimos o anticomunismo integralista no jornal *A Razão*, onde pretendemos demonstrar o quão significativo era sua presença no periódico, que servia como justificativa para a atuação integralista. Trabalharemos a importância das eleições municipais para a propagação dos ideais integralistas e a sua busca pelo poder.

Ainda abordaremos outras três colunas⁴ do jornal *A Razão*, nas quais observamos a construção de uma memória do grupo, a divulgação de seus preceitos morais, sua busca por novos membros na classe operária e uma de suas táticas de expansão com as bandeiras integralistas.

O SER SOCIAL

As representações dispostas no jornal *A Razão* revelam práticas, dogmas, ideias de sujeitos que encontraram na AIB identificação. Se faz necessário ressaltar, porém, que não se pode compreender os discursos registrados, sem ter em mente que são parte de algo muito maior e complexo, o ser social, por meio do qual são enunciados (os discursos), que os constrói, idealiza e propaga. Tendo esse marco teórico, vemos a necessidade de apresentar ao leitor, mesmo que rapidamente, os sujeitos que se faziam dizer pelo jornal, sabendo que “os escritos de um autor são apenas uma parcela da totalidade humano-societárias” (RAGO, 1998, p.40), ou seja, a busca pela particularidade histórica do integralismo em Pouso Alegre, deve levar em conta que sujeito e sociedade são inseparáveis e que por meio das nossas fontes não encontraremos a completude de tais relações.

A AIB tem uma estrutura organizacional hierárquica em todos seus âmbitos (nacionais, regionais e municipais) sendo que a construção deste ideal de respeito pela hierarquia pode ser facilmente encontrada no jornal. Para se ter uma ideia disso, durante os anos de atuação integralista aqui analisados, suas lideranças eram, comumente, assim definidas:

Chefe Nacional – Plínio Salgado reconhecido e proclamado pelo 1º congresso integralista Brasileiro, a 1º de março de 1934. Supremo Conselho Integralista – Everaldo Leite, Gustavo Barroso, Jaime Ferreira da Silva, Jaime Regalo Pereira, Cap. Jeová Mota, Madeira de Freitas, Miguel Reale, Raimundo Padilha, Rodolfo Josetti. [...] Em Minas a chefia do Sigma ficava por conta de João Rezende Alves, que em diversas ocasiões é citado por retransmitir ao núcleo pouso-alegrense as notícias das lideranças nacionais. Em Pouso Alegre por fim a direção era a seguinte: Chefe Municipal – João José de Queiroz, Isaltino Resende como Arreg. Sindical

⁴ Minha Coluna, Bandeiras Integralistas e Coluna Operária.

e Eleitoral, Benedito Ortiz como Chefe de propaganda, Dona Alcides Rezende como Arreg. Feminina e Juventude, Osvaldo de Oliveira na Imprensa, Djalma Carvalhais nas finanças, Celso Garcia de Faria na Cultura e José Fernandes de Souza na Assistência Social. (*A Razão*, 07/10/1936, p. 5).

Entre os sujeitos sociais que se destacam no jornal estão: seu diretor, o professor e promotor de justiça João José de Queiroz, chefe do núcleo municipal, Isaltino Resende dono da Livraria Resende, onde os jornais eram impressos e onde as primeiras reuniões do grupo em Pouso Alegre começaram.⁵ Ainda estão entre os líderes do movimento na cidade, em 1937, de acordo com fontes produzidas pelo próprio grupo, o professor do colégio São José, Benedito Ortiz, Djalma Carvalhais funcionário do banco de Pouso Alegre, o advogado Celso Faria, Olyntho Fonseca farmacêutico, a senhora Alcides Rezende, e outro professor, Paulo Nogueira D'Ávilla.

Em outras fontes que auxiliam a pesquisa, destaca-se a documentação disponibilizada pelo acervo da Polícia Política de Minas Gerais, onde podemos encontrar nomes daqueles integralistas que recebiam as mensagens do jornal. Por meio destes documentos, percebemos a que grupos sociais se destinavam os discursos do jornal. Foram identificados nomes de lavradores o que demonstra a ruralidade ainda em suas relações políticas e a influência das bandeiras integralistas na zona rural, alfaiates, operários, padeiros, estudantes, comerciantes, domésticas, dentre outras profissões desta classe média urbana sul-mineira em ascensão. O caráter cristão dos ideais integralistas e as lideranças católicas era emblemático:

A Igreja procura continuar exercendo sua influência na modelagem do viver urbano pousoalegrense mesmo sendo contestada por outras forças, principalmente em questões doutrinárias e em propostas educacionais, como os protestantes, a maçonaria e os espíritas, como também recebendo apoio de integralistas, do poder público e dos militares (SAMPAIO, 2009, p. 18).

Outro ponto a ser destacado é a uniformização dos membros do núcleo que segue os padrões do movimento:

O uniforme integralista era peça fundamental na padronização dos militantes. A camisa seria de cor verde inglês, a gravata de cor preta, gorro verde da cor da camisa, com distintivo idêntico ao do braço; calças pretas ou brancas; para as mulheres, saias brancas ou pretas. Cintos e sapatos de preferência pretos. Era proibido usar a camisa verde com suspensórios, e também usar a camisa “arregaçada”. [...] A camisa verde para os que desempenhavam algum posto de comando era obrigatória sempre, já para os militantes, a obrigatoriedade era nos desfiles, solenidades oficiais e reuniões, mas a camisa verde deveria estar sempre pronta para ser usada, já que ‘Sendo ela um símbolo do seu idealismo, todo integralista deve sentir orgulho de envergá-la’ (SCHIMIDT, 2008, p. 111).

⁵ Este último também foi o primeiro Chefe Municipal de Pouso Alegre vindo a se tornar também a Governador da 43ª região integralista que abrangia o Sul de Minas Gerais.

Através das formas com que os integralistas se vestem podemos perceber como estes estão sempre buscando causar impacto ao se apresentar nos espaços da cidade, pois a militarização de seu uniforme, mostra sua doutrina militar e hierárquica. Essa forma de se dizer, que é a uniformização, merece ser pensada como um dos principais meios de expressão do grupo além do jornal.

Os plinianos (SANTORUM, 2018) refletem a construção de um ideal nacionalista e cristão nos mais jovens, transmitindo uma ideia de continuidade dos ideais que empolgaram aqueles homens e mulheres. A presença feminina não pode ser ignorada mesmo que em baixa densidade elas estão presentes, tal qual os negros que vestiam o uniforme deste movimento extremista. No jornal pouco se encontra sobre ideais de raça, para além do antissemitismo. Quando citam os “homens de cor” é para divulgar algum evento do Clube 28 de setembro (RIBEIRO, 2016), o qual de certa forma apoiava.

Podemos pensar que os integralistas, ao se reunirem no ponto central da cidade de Pouso Alegre estão influenciando diretamente na política municipal. Aos seus inimigos demonstram sua força, poder de influência, materialização formal dos discursos do jornal. Para nós serve para lembrar que os seres sociais analisadas tinham rostos, eram pais, mães, filhos, que viram no integralismo razões para lutar e uma identidade à qual se filiar

O ANTICOMUNISMO

O anticomunismo vai servir como elemento mobilizador de grupos políticos e sociais que se unem na luta contra as ideias de cooperação da classe trabalhadora, que em 1935 vai atingir seu momento mais relevante. A tentativa revolucionária vai abrir caminho a uma política mais repressiva do estado e dá base ao discurso integralista de que os comunistas eram um perigo para a sociedade brasileira:

No bojo do anticomunismo integralista estava a aversão católica às ideias de transformação radical das bases econômicas, sociais, políticas e mesmo culturais do modo capitalista. Ainda, a crítica ao comunismo estendia-se ao liberalismo, como pensamento e prática que, de acordo com os intelectuais construtores da Doutrina do Sigma, mudara o mundo, rompendo a harmonia terrestre unida pela Igreja (CARNEIRO, 2012, p. 4).

É neste sentido que os integralistas de Pouso Alegre apresentam o comunismo como resultado da política liberal: “Em verdade, não há outro meio de acabar com o Comunismo senão acabando de vez com a liberal-democracia, terreno propício ao desenvolvimento de todos os micróbios virulentos” (*A Razão*, 16/04/1936, p. 3). Nessa direção, ao colocar a liberal-democracia, como razão da existência do comunismo, os integralistas criam sua visão de mundo e se apresentam como solução contra tais vírus:

Trata-se, portanto, de construir um grande movimento ascético de massas, uma frente contra o materialismo moderno. O reino das máquinas e a civilização materializada destroem, desse modo, a concepção de uma sociedade, orgânica e hierarquicamente, estruturada. [...] O mundo invertido, sem centro espiritual, abandonou o critério fundamental da regência harmônica

de uma ordenação social: Deus. O homem, que substitui-o pela humanidade, depois, pelo próprio homem individualizado, agora é obrigado a reconhecer: só o espírito do bem pode recompor o equilíbrio perdido com o advento da revolução capitalista (RAGO, 1989, p. 35).

Ainda refletindo sobre a questão antiliberal e anticomunista, em outra passagem, - presente na primeira edição do jornal - o redator apresenta as principais diferenças entre os regimes políticos do liberalismo, o comunismo apresentando, por fim, as vantagens do integralismo:

No liberalismo serás a eterna mercadoria sujeita a lei da oferta e da procura. No comunismo serás a maquina que produz para o Estado. No integralismo serás um homem no seu verdadeiro elemento, com aspirações espirituais, intelectuais e materiais. No liberalismo és o homem “cívico”, (mesmo morto de fome). No comunismo recibes a técnica do ódio. No integralismo aprendes a amar a Deus a Pátria e a Família. Terás trabalho garantido, salário justo e assistência social completa. Teus filhos terão instrução primaria e secundaria gratuita, sendo o ensino superior facilitado pelo Estado. Os Estados liberal e comunista possuem a mesma concepção materialista de fins do século XVIII. O integralismo é a doutrina do século XX, cuja base é o espiritualismo, base essa que norteará o século do espiritualismo cristão” (*A Razão*, 13/03/1936, p. 3).

Portanto, o integralismo se apresentava como única solução aos problemas daquela sociedade brasileira, que convivia com o problema da fome, da falta de trabalho, da imoralidade e falta de Deus. O espiritualismo deveria trazer aos brasileiros uma visão contrária ao materialismo então vigente. Por isso dizem que “Enfraquecer o integralismo é fortificar o comunismo. Combater a Ação Integralista é servir às forças secretas da Revolução”. (*A Razão*, 17/09/1936, p. 4),

Está na essência do anticomunismo, e neste ponto nos parece ser algo que perpassa todos os anticomunismos, a formação de idéias e conceitos sobre o comunismo. É necessário construir o inimigo para que a partir disto sejam reforçados valores significativos para certas classes ou valorizados outros elementos ideológicos. Neste sentido, o anticomunismo integralista não se diferencia de tantos outros, pois também partilha noções e elementos que outros grupos sociais consideram importantes (ALVES, 2008, p. 423).

Os integralistas encontraram em Pouso Alegre alguma resistência por parte dos comunistas. Os registros destes embates estão no jornal *A Razão*, mas aqui basta ressaltar a construção de um imaginário anticomunista na cidade, a luta discursiva contra o comunismo e a presença de uma consciência anticapitalista.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Esta é uma temática que perdura do início ao fim das edições do jornal na cidade, a questão das eleições. Logo na primeira coluna do jornal em sua primeira edição de 13 de março de 1936, “o integralismo e as eleições municipais” já destacavam a necessidade de ter uma chapa completa,

formada pelos integralistas, competindo por um espaço no poder público municipal, tanto para a prefeitura como para a câmara de vereadores.

Os integralistas ainda nesse texto destacam que “A chapa deverá constituir-se de elementos de todas as categorias sociais e profissionais, inclusive operários, lavradores, etc.” (*A Razão*, 13/03/1936, p. 1). Como podemos observar, os integralistas utilizam o termo categoria para definir as diferentes classes sociais provavelmente para não utilizar o conceito de classe, comum aos comunistas. No entanto, ainda se faz válido pensar, na necessidade do grupo em colocar a palavra “inclusive”, após já ter dito “todas as categorias profissionais”.

Sobre isso indagamos, pois, qual a necessidade de dizer que os operários e lavradores poderiam concorrer naquele espaço? Seria uma forma de convidar estes sujeitos que não tinham representação na política municipal ou pode ser interpretado como parte do processo de institucionalização destes grupos enquanto categorias de menor valor?

Em outra coluna, apresentam a pergunta “Porque vai às urnas o integralismo?”. Esse texto demonstra de forma aberta alguns dos posicionamentos do grupo, onde dizem que; “A participação do integralismo nas lutas políticas não significa a aprovação doutrinária do sufrágio universal. Vamos as urnas com o objetivo meramente tático, de propaganda das ideias sustentadas pela A.I.B e de conquista do poder.” (*A Razão*, 14/05/1936, p. 1).

Citado o sufrágio universal acredito ser de valor ressaltar que nas eleições municipais ali divulgadas, nenhuma mulher integralista concorre, fato que demonstra a pouca participação que era dada a elas em cargos significativos no integralismo pousoalegrense. Vale ressaltar neste ponto que:

A Ação Integralista Brasileira, entre 1933 e 1937, construiu em seu discurso textual e imagético padrões de feminino e masculino em consonância com sua filosofia e visão de mundo, intimamente ligadas aos argumentos dos discursos médicos eugênicos e de inspiração cristã desta época. Sendo assim foram delimitadas pela intelectualidade, dirigente ou não, do movimento representações dos gêneros, consolidando não somente as diferenças, mas também hierarquias entre eles (BULHÕES, 2016, p. 310).

Ainda refletindo sobre a atuação das mulheres cabe ressaltar que, nenhuma delas concorre nestas eleições e que os cargos que foram concedidos a mulheres na cidade, eram relacionados à educação feminina, ao serviço social, além da Secretaria das Mulheres.

Em 18 de Junho de 1936, o jornal traz o título “A Nossa Vitória” por ser a primeira edição após as eleições, claramente fazendo referência à disputa eleitoral. Neste texto, o autor João Queiroz, advogado e chefe municipal do integralismo diz que “O integralismo obteve, nas eleições do dia sete, cento e cinquenta e oito votos. Compareceram e votaram nesse pleito exatamente cinquenta e oito camisas-verdes, o que vale dizer que justamente cem eleitores não integralistas manifestaram-se favoravelmente ao Sigma.” (*A Razão*, 18/06/1936, p. 1).

Ele continua destacando que o integralismo apenas concorrera no intuito de propagar suas ideias e que de nada valeria um governo integralista sem o Estado Integral a não ser por ter uma

administração “livre da politicagem” mas esta afirmação se contradiz nas páginas seguintes onde o grupo comemora as vitórias que tiveram no estado de Minas Gerais dando a impressão de ser algo de muito valor aqueles sujeitos políticos (*A Razão*, 18/06/1936, p. 1).

Podemos constatar que os integralistas de certa forma atingiram seu objetivo de propagar a doutrina do Sigma, tendo nas eleições uma outra ocasião para se fazer dizer por meio de imagens e panfletos, fora o jornal que tinha nas eleições um tópico chamativo aos olhos dos leitores que estavam vivendo a apreensão gerada pelas mudanças que uma eleição poderia trazer à política municipal.

ESTA É A MINHA COLUNA

Assinada por Tapuia, codinome de um dos líderes do movimento na cidade, essa coluna, que está presente desde a primeira edição, conta sobre acontecimentos que envolveram o cotidiano dos integralistas na cidade, como as lutas contra os comunistas, as dificuldades para manutenção do núcleo e as razões para serem integralistas.

Isso podemos observar em algumas passagens desta, como a da primeira edição do jornal: “Esta é a minha coluna. Falarei aqui aos integralistas, aos simpatizantes do integralismo e aos inimigos do integralismo. Contarei a história do nosso aparecimento em Pouso Alegre” (*A Razão*, 13/03/1936, p. 2). É que ali seria construída a memória do grupo, as coisas que por eles mereciam divulgação, mereciam espaço em suas lembranças como atos de luta e resistência e de entrega a um ideal.

Por mais de uma vez no jornal os integralistas acusam os comunistas da cidade de não terem coragem de assinar seus boletins, de não mostrar a cara e colocar seu nome na linha de frente. Daí o estranhamento de como na principal coluna do jornal, no espaço reservado a sua tão preciosa memória, os integralistas optam por utilizar um codinome.

A utilização da palavra indígena nos remete a essa ideia de valorização da história nacional, da construção do nacionalismo integral. Para percebermos esta construção trazemos um recorte da segunda edição, onde o autor relata da chegada dos ideais à cidade com o seguinte texto:

DUAS CARTAS- A primeira pregação integralista em Pouso Alegre se fez através de duas cartas históricas. Uma de Olbiano de Melo (23 de Março de 1933), o iniciador do movimento nacionalista nas alterosas. [...] Nessa carta, dirigida ao companheiro Isaltino Resende⁶, Olbiano fazia a apologia do Estado Corporativo, concitando-o à fundação de sindicatos profissionais, segundo os moldes de uma nova doutrina, recém lançada em São Paulo. Foi a primeira semente. Mês depois, em setembro de 1933, Lopes Casalli, de São Paulo, endereçava ao mesmo companheiro outra carta, pregando a Revolução da Inteligência. Depois de salientar o papel mesquinho da inteligência brasileira, trabalhada pelos regionalismos sem conta, insulada nos compromissos políticos de toda espécie. [...] Encerrava-se essa carta com um pedido de resposta, em apoio ou em combate ao integralismo, Acompanhavam-na também alguns (os primeiros) boletins doutrinários (*A Razão*, 01/04/1936, p. 2).

⁶ Chefe Municipal do integralismo nas primeiras semanas do jornal *A Razão* substituído por João José de Queiroz. Também dono da livraria Rezende onde era produzido o jornal e vendido diversos livros que embasavam as lutas integralistas.

A historiografia sobre Olbiano de Melo (ARAÚJO, 1991) aponta que ele já vinha há anos publicando livros inspirados pela ideologia fascista, numa tentativa de enquadrá-los na realidade do Brasil, em 1932 já estava em comunicação com Plínio Salgado e após o fim da revolução constitucionalista participa da criação da Ação Integralista Brasileira e, por ser mineiro e ter muitos contatos políticos, se torna o principal divulgador dessa ideia no estado.

Assim passava para o campo das discussões, em casa e na rua, para a 'ordem do dia', enfim, a novidade nacional: o integralismo. Os desejosos de o conhecerem, procuram logo estudá-lo. Muitos não lhe deram a mínima importancia. Outros (o que é triste) não o conhecendo, deram-lhe logo combate. Essas duas cartas estão arquivadas religiosamente no nosso nucleo. Hoje, a não ser para nós integralistas, pouco ou quasi nenhum valor elas representam. Amanhã, porém, quando a posteridade se der ao julgamento sereno e imparcial deste movimento, desta arrancada decisiva de patriotismo, sem par na Historia da Patria, então elas hão de surgir circundadas de esplendido e extranho fulgor, proclamando na sua linguagem silenciosa esta verdade: a força de uma idéia (*A Razão*, 01/04/1936, p. 2).

Este recorte nos leva à reflexão da transformação que as informações acerca da AIB trouxeram para a cidade, passando a ser tema de debates, até a fundação do núcleo e o lançamento do jornal 3 anos após a chegada das cartas. Realmente, hoje, essas cartas teriam um valor histórico que não posso mensurar, poderíamos perceber com que palavras Olbiano de Melo se fez dizer aos pouso-alegrenses os conquistando e os fazendo aderir aos seus ideais, mas o relato do jornal para nós historiadores já é de grande valor na compreensão da expansão do movimento integralista.

Pode-se presumir, portanto, com base na leitura de tais materiais, que Olbiano, bem como os outros que podem ter entrado em contato com os cidadãos desta cidade, já sabiam que de alguma forma eles simpatizariam com aquelas ideias, por concordar com o regime fascista, ou por concordar com a revolução constitucionalista, algum ponto já os identificava como possíveis líderes deste movimento na cidade, e assim o foram.

AS BANDEIRAS INTEGRALISTAS

Por meio desta coluna os integralistas de Pouso Alegre exaltavam o trabalho que estavam fazendo na região levando o discurso integralista às cidades ao redor e à zona rural do município.

Constata-se a necessidade do grupo de se fazer representar não apenas no centro da cidade, onde encontrava-se a maior parte de seus adeptos, mas também de levar sua doutrina aos homens e mulheres do campo, numa cidade que até aquele momento era marcada pela ruralidade, assim buscavam formas de poder fazer participar do grupo os trabalhadores rurais.

A fim de tornar conhecida em toda parte a nossa doutrina, este nucleo empreende bandeiras integralistas a lugares deste município, onde não haja ainda nucleo fundado. Assim já realizamos bandeiras a Silvianópolis, Estiva, Imbuia e Borda da Mata. Durante o "Estado de Sitio" suspenderam-se as bandeiras. Logo que este termine, recomeçaremos as nossas atividades nesse sentido (*A Razão*, 13/03/1936, p. 2).

Em diversas passagens podemos observar que existiam integralistas na zona rural e que os líderes do movimento, mesmo com o estado de sítio, buscavam fazer reuniões nestes lugares mais distantes. Ainda é possível observar no jornal a importância que dão ao fortalecimento da doutrina não só na cidade, mas em toda a região, dando sempre notícias do que estava acontecendo com os integralistas ao redor e participando de diversos eventos em outras cidades.

Imponentes comemorações integralistas em Santa R. do Sapucaí. A presença e a oração do General Jorge Pinheiro. Domingo, o programa foi cheio. Pela manhã hasteamento das bandeiras, á frente da séde e missa, na matriz aos integralistas catolicos. Às 3 horas da tarde, na séde, Sessão Rural. Esta se realizou com a presença de mais de 500 lavradores, debaixo de intensa vibração patriótica. (*A Razão*, 03/12/1936, p. 2).

As bandeiras remetiam às incursões bandeirantes no solo brasileiro, na expansão do conhecimento sobre a “pátria”. Neste ponto ignoram mais uma vez o massacre dos povos nativos que diziam ser seu símbolo e utilizam a terminologia para dar significado a suas tentativas de expansão.

Pudemos constatar, portanto, que o núcleo municipal de Pouso Alegre, sede da 43ª região integralista, se mostrou um ponto de reuniões para os moradores da cidade e da zona rural, de lá partiram ordens, conselhos e homens dispostos a propagar a ideologia do Sigma pelas cidades do Sul de Minas.

A COLUNA OPERÁRIA

Por meio desta, os integralistas se posicionavam a favor do operariado ainda incipiente que ali surgia, na intenção de combater a expansão do comunismo na cidade e de angariar a classe trabalhadora a suas fileiras de adeptos.

Ainda poderíamos destacar o noticiário que informava sobre casamentos, viagens, visitantes e outras atividades da elite municipal, as propagandas que eram em grande parte de outros órgãos e publicações do Sigma, mas também de cursos, loja de tecidos, padaria e outros.

COLUNA OPERARIA

Um dos mais vivos propósitos da direção d’A RAZÃO é manter, neste jornal, uma coluna que se dedique exclusivamente ao interesse da classe operaria. Para ela solicitamos o apoio e a colaboração de todos os trabalhadores que honestamente desejam o progresso e solidas garantias de vida ao proletariado nacional. [...] Os operários de Pouso Alegre terão, nestas colunas, um meio de se manifestarem a respeito de seus interesses de classe. Nelas poderão ser ventilados livremente todos os assuntos desde que se respeite a inquebrantável linha que nos impusemos – serenidade e elevação (*A Razão*, 13/03/1936, p. 3).

A importância dos trabalhadores para a tomada do poder sonhada pelos integralistas é clara. Porém, pode causar estranhamento a presença de uma coluna operária numa cidade que ainda dava seus primeiros passos rumo à industrialização. O número de indústrias na cidade era

baixo não sendo relevante uma coluna direcionada a esses trabalhadores, faria mais sentido uma coluna aos trabalhadores rurais que eram a maioria.

Contudo, podemos pensar que a presença da coluna fosse para minar o principal ponto de influência dos comunistas na cidade, por meio das críticas que diziam que o comunismo nada tinha a favor dos operários e sim de suas causas e propósitos individuais.

Desde que se criou no Brasil o Ministério do Trabalho, surgiu então a chamada luta de classe, até então quase inexistente. Creado por forças ocultas sua finalidade no país tem sido quasi nula. Possuindo uma legislação imperfeita, aquela Secretaria de Estado tem servido mais para intensificar a propaganda comunista, do que mesmo realizar as justas reivindicações dos trabalhadores. Os seus varios departamentos, dirigidos por elementos na maioria comunistas, tem influenciado na direção dos varios sindicatos. Estes possuíam em suas diretorias, maioria de comunistas, pois os trabalhadores, desconhecendo a tática moscovitas, e na certeza de que seus interesses seriam defendidos entregavam a direção áqueles elementos (*A Razão*, 01/04/1936, p. 3).

Percebe-se a crítica a algumas decisões políticas do governo instituído por Getúlio Vargas, como a criação do Ministério do Trabalho. Interessante pensarmos em como é construída a ideia da luta de classes, onde eles não negam a sua existência no país, porém dão a ela um caráter de simples imaginação, algo do qual se não falassem simplesmente desapareceria.

Nesse sentido, os integralistas acusam a Secretaria de Estado de estar cheia de comunistas mesmo sabendo da luta anticomunista varguista, chegam até a criticar a atuação deles dentro dos sindicatos, criados provavelmente com a influência de pensadores do fascismo italiano e talvez também de integralistas.

Como forma de desqualificar os ideais comunistas e sua atuação no Brasil, os integralistas de Pouso Alegre por meio do jornal, criam um meio de comunicação com o ainda incipiente operariado da região, a Coluna Operária vai servir como espaço de reflexão sobre as questões trabalhistas, mas principalmente para transmitir seu anticomunismo para os trabalhadores da região. Nesse sentido, os camisas-verdes se colocam contra as greves por serem defensores da ordem, se colocam contra o sufrágio universal, são contra o ministério do trabalho, mas dizem que são os maiores e melhores defensores dos direitos dos trabalhadores.

Os comunistas jamais se interessaram seriamente pelos trabalhadores. Eles precisam de agitação, de desordem, de choques, pois vivem das desgraças alheias. São burgueses no agir, ou no pensar; demagogos e exploradores com uma doutrina falha, que jamais foi aplicada em país algum, mas cuja finalidade é enriquecê-los á custa de sacrifícios imensos por parte dos operarios, os quais são os mais vilipendiados (*A Razão*, 01/04/1936, p. 3).

Portanto, os integralistas eram aqueles que lutariam pelos direitos dos trabalhadores, diferente dos comunistas que insuflavam “greves sempre prejudiciais aos operários”, no Estado Integral a ser construído pela AIB elas não existiriam, “pois o integralismo prega a ordem e o respeito às autoridades” (*A Razão*, 01/04/1936, p. 3).

Por meio da Coluna Operária os integralistas criaram um espaço de diálogo com o incipiente operariado da cidade. Ela mostrou suas intenções como a formulação de sindicatos, expressou seu ódio ao comunismo, criando sobre ele uma sombra de deslealdade e desrespeito para com a ordem e com os próprios trabalhadores; se fez dizer representante e solução aos problemas da classe operária em tempos de crise.

Pode-se perceber que no sul de Minas Gerais, os ideais nacionalistas, as simbologias e o intenso anticomunismo, encontraram diversos sujeitos sociais dispostos a fazer dessa luta, parte de suas práticas cotidianas. Fica evidente que, em Pouso Alegre, a Ação Integralista Brasileira foi capaz de angariar sujeitos que, por meio de suas práticas, transformaram o viver urbano dos fins da década de 1930.

O comunismo, a maçonaria e os políticos liberais passaram a ter um novo inimigo declarado, que utilizou das mais diversas ferramentas discursivas para desqualificar suas intenções. Essa pesquisa buscou refletir sobre a regionalidade do integralismo no Sul de Minas Gerais, entendendo a importância de se conhecer as táticas e os discursos desse movimento, que conquistou a atenção dos brasileiros durante tanto tempo e que na dialética do tempo nunca deixou de ser parte da conjuntura política nacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiano Cruz. O Integralismo e sua influência no anticomunismo baiano. *Antíteses*, vol. 1, n. 2, p. 423, jul.-dez. 2008.

ARAÚJO, Célia Cerqueira de. *A ideologia integralista de Olbiano de Melo: estudo sobre o pensamento político de Olbiano de Melo nas décadas de 1920 e 1930*. 1991. 147 fls. Dissertação. (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

BULHÕES, Tatiana da Silva. *Fotografias, Gênero e Autoritarismo: Representações do Feminino pela Ação Integralista Brasileira*. In: Silva, Giselda Brito. *Estudos do Integralismo no Brasil*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Uma velha novidade o integralismo no século XXI. In: *Revista Eletrônica Tempo Presente* v. 1, p. s/p-s/, 2012.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. *Economia Sul-Mineira: O Abastecimento Interno e a Expansão Cafeeira (1870 – 1920)*. In: *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, v. 4, n. 6, Jan-Jun 2009.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O Ardil Totálitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Editora UFMG: 1997.

MARQUES, Ivan Teodoro. Anticomunismo: o Sigma em Pouso Alegre-MG. In: DOMINGUES, Andrea; SALLES, Atilio Catosso. *História, educação e sociedade*. Pouso Alegre: Univas, 2018.

MARQUES, Ivan Teodoro. *Discursos e Formas de se Dizer da Ação Integralista Brasileira em Pouso Alegre - MG*. 2016. 100 fls. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2016.

MARQUES, Ivan Teodoro. *O Jornal A Razão: representações e práxis integralistas em Pouso Alegre-MG*. 186 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *A imprensa da Ação Integralista Brasileira em Perspectiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre Tipos e Recortes: Histórias da Imprensa Integralista*. Volume 1, 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

RAGO, Antonio. *A Crítica Romântica à Miséria Brasileira: O Integralismo de Gustavo Barroso*. 1989. 443 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

RAGO, Antonio. *A Ideologia 1964: Gestores do Capital Atrófico*. 1998. 391 f. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SAMPAIO, Carlos Leonardo Teixeira. *A igreja Católica e a transformação do espaço e do viver urbano de Pouso Alegre-MG (1936-45)*. 2009. 153 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SCHIMIDT, Patrícia. *Plínio Salgado: O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação*. 2008. 170 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. *Fascismo à Brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. 2018. 218 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RIBEIRO, Jonatas Roque. *Escritos da Liberdade: trajetórias, sociabilidade e instrução no pós-bolição sul-mineiro (1888-1930)*. 2016. 142 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

TRINDADE, Héglio. *A Tentação Fascista no Brasil: Imaginário de Dirigentes e Militantes*. Porto Alegre; Editora UFRGS, 2016.

VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira: Análise do Discurso Integralista*. Editora Brasiliense, 1979.

OS ANAUÊ NA TRILHA DOS UAI: A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA NAS PÁGINAS DO JORNAL “A RAZÃO” DE POUSO ALEGRE (1936 - 37)¹

MÁRCIO TIAGO RODRIGUES DE OLIVEIRA²

INTRODUÇÃO

Este texto visa principalmente analisar, por meio do jornal *A Razão* de Pouso Alegre, diversos aspectos da organização e do funcionamento da Ação Integralista Brasileira, pelo exemplo mineiro, nos anos de 1936 e 1937, até seu fechamento devido à instalação do Estado Novo com suas medidas autoritárias. Esse periódico faz parte do grupo *Sigma – Jornais Reunidos*³ de imprensa integralista, e nos centramos especialmente em dois espaços recorrentes do jornal: “Minha Coluna”, que estava presente em boa parte dos fascículos, vinha sempre assinada por codinomes indígenas - Tapuia e Tupi; tratava de assuntos diversos, do anticomunismo até a realidade do cotidiano integralista na cidade. Já “Coluna Operária” tinha seus autores mais diversos, pois como o objetivo era ter um espaço destinado aos trabalhadores no jornal, vários deles se utilizavam dessa ferramenta para a divulgação de notícias e orientações variadas, desde reuniões do sindicato até legislação trabalhista, porém o tema que aparecia com maior frequência também era o anticomunismo.

É importante, de antemão, ter a consciência de alguns riscos que a utilização de periódicos como fonte histórica apresenta. Conforme aponta Tânia Regina de Luca (2005, p. 111-151), há um risco inicial de tentar, forçosamente, comprovar sua hipótese a partir dos jornais, ou seja, forçando-o

¹ Este capítulo foi desenvolvido a partir do trabalho: OLIVEIRA, Márcio Tiago Rodrigues de. *Os Anauê na trilha dos Uai: a Ação Integralista Brasileira nas páginas do jornal A Razão de Pouso Alegre (1936-37)*. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Alfenas: Universidade Federal de Alfenas - Unifal, 2015.

² Graduado em História pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

³ Além de ser o nome de uma cadeia de jornais integralistas, o sigma também era seu símbolo. O integralismo atribuía muita importância aos símbolos. Entre estes, o principal era a letra grega sigma maiúsculo, que assim como na matemática, simboliza a ideia de “somatório”. Ou seja, indica que o desejo da Ação Integralista Brasileira de somar valores e pessoas, enfim, todas as forças sociais do país a fim de conquistar a verdadeira nacionalidade. (*Protocolos e Rituais da AIB*, artigo 12).

a corresponder a ela, sem um levantamento adequado e apurado de todos os interesses que giram em torno de tal fonte. Também é necessário levar em consideração sobre a imprensa, de modo geral, outro fator, tal como: narrações daquilo que os organizadores daquele meio pensam ser necessário para o conhecimento do público. De Luca ainda demonstra quão rica é tal fonte, pois podemos encontrar informações diversas, e não apenas de cunho político e econômico, mas também o cultural, bem como pesquisas que se utilizam da própria imprensa como objeto de investigação com uma análise crítica, compreendendo os jornais como formadores de opinião e cumpridores de interesses de certa parte da população. Além disso, há também informações importantes para traçar uma sociologia dos leitores, como raça e gênero, por exemplo.

Importante veículo de opinião, os periódicos eram a principal ferramenta para a divulgação dos ideais integralistas. O jornal se utilizava de uma linguagem geralmente virulenta, reforçava a ideologia integralista na diferenciação, principalmente com os regimes fascistas, comunistas e liberais. Essa diferenciação se daria, pois o interesse dos intelectuais “camisas-verdes”, principalmente aqueles ligados a Plínio Salgado, que tinham nas propostas do grupo verde-amarelo, fruto da semana de 1922, a ideia de uma política genuinamente brasileira, não poderiam aceitar uma cópia de algo que é externo, sem a devida adaptação para a realidade nacional. A preocupação em se mostrar como legitimamente brasileiro, preocupado com os fatores nacionais, são marcas comuns em todos os fascículos. Um método muito utilizado, foi a utilização dos esquemas de perguntas e respostas, que buscaram facilitar o entendimento sobre suas concepções e divulgar o movimento.

1936: O JORNAL A RAZÃO E O “ANO VERDE”

Na cidade pousoalegrense, o jornal *A Razão* circulou no período de 1936 a 1937, no início, nos meses de março e abril, publicado quinzenalmente, e logo no mês de maio passa a ter uma edição semanal, o que nos sugere sua rápida aceitação. Seu interesse era de cunho pedagógico, ensinar e divulgar os ideais integralistas, para isso se utilizavam de uma linguagem simples de fácil entendimento. Essa ligação de periódicos e agremiações políticas, segundo José Murilo de Carvalho (2000, p. 145) e Ana Paula Goulat Ribeiro (2003, p. 147-160), era muito comum na década de 30. Sua curta duração se deve ao golpe de novembro de 1937 inaugurando o Estado Novo e instalando a ditadura e toda sua estrutura de censura.

Sobre a linguagem que era simples e direta, consideramos duas proposições: a primeira de que o estilo retórico, por demais requintado, dificultaria o entendimento por parte do público a que se destinava; e, em segundo lugar, a tendência da utilização de uma escrita rebuscada, como aponta Ana Paula Goulart Ribeiro, perdia espaço para uma vida mais atribulada com as questões do trabalho, ou seja, o indivíduo não tinha o tempo necessário para aquele determinado tipo de leitura, fazendo com que os textos se tornassem cada vez mais curtos e diretos. Em suma, existe uma mudança substancial na sociedade brasileira, uma crescente industrialização, algo que além de levar a um declínio a elite

agrária rural, substituindo-a por uma burguesia industrial, também transforma a maneira como o indivíduo se relaciona com o tempo, pois agora o ritmo das cidades e das fábricas é completamente diferente a das lavouras, e isso também influencia a maneira de como se dava a leitura.

A primeira edição do jornal *A Razão* de Pouso Alegre foi publicada no dia 13 de março de 1936, e este ano foi considerado, segundo Chauí (1978), como o ano de maior importância para a Ação Integralista Brasileira, o “ano verde”, como é chamado em referência à cor da camiseta integralista. Foi nesse momento que a Ação Integralista Brasileira deixou de ser um movimento cultural e se tornou partido, com um crescimento espetacular. A importância do ano de 1936 pode ser notada por alguns números do integralismo à época em nível nacional. Esses números são coletados em “Coluna Operária” do dia 01 de maio de 1936. Fazendo um pequeno histórico do movimento, afirmava que havia começado com uma pequena marcha no dia 23 de abril de 1933, havia chegado a mais de 800 mil integralistas localizados nos mais de 2 mil núcleos brasileiros. Já na cidade de Pouso Alegre é possível perceber o crescimento a partir das descrições feitas de suas sedes. A primeira delas, uma casa, é descrita da seguinte maneira: “Aquele seu conjunto assimétrico, aquela arritmia de suas linhas, a má disposição de suas janelas e a modéstia tão pobre de dentro e de fora, tudo me encantou.” (*A Razão*, 28/05/1936, p. 2). O autor da coluna cita, de maneira saudosa, a casinha simples que valia tanto quanto o maior dos palacetes. Pouco tempo depois, já se reuniam em salas comerciais alugadas no centro da cidade, e por último chegaram a um montante expressivo, em uma sede maior, se apresentam como seiscentos integralistas na cidade. Um crescimento rápido, desde sua fundação em 14 de fevereiro de 1935, até 15 de outubro de 1936, em pouco mais de um ano cresceu mais de 300 vezes o número inicial de 18 membros.

A Ação Integralista Brasileira em Pouso Alegre tem como os primeiros passos para a fundação de um núcleo na data de 23 de março de 1933. Conforme o jornal *A Razão*, a troca de cartas entre Olbiano de Melo⁴, iniciador da AIB em Minas Gerais, e Isaltino Rezende, fundador e primeiro Chefe do núcleo da Ação Integralista em Pouso Alegre, é a pedra angular do movimento na cidade. Nesta carta, publicada pelo jornal, Olbiano “fazia apologia do Estado Corporativo, concitando-o à fundação de sindicatos profissionais, segundo os moldes de uma nova doutrina, recém lançada em São Paulo.” (*A Razão*, 01/04/1936, p. 3) Porém, a fundação real do núcleo é datada de 14 de fevereiro de 1935, com seus 18 primeiros membros. Em uma descrição sobre os primeiros integralistas da cidade, o jornal apresenta o integralismo como oriundo dos setores mais populares da sociedade pouso alegre: “Excetuando-se um ou outro de condição de vida um pouco melhor, são todos modestos operários. Como em toda parte, o integralismo nasceu, também aqui, com gente humilde”, e ainda uma vez mais “O integralismo nasceu com os operários e com eles vencerá, a despeito de tudo. Si outra glória não

⁴ Olbiano Gomes de Melo nasceu no município de Teófilo Otoni (MG) em 12 de dezembro de 1892, filho do capitão José Gomes de Melo e de Ana Antônio de Sousa Melo. Em seus livros, Olbiano defendia um regime fascista adaptado às condições brasileiras como solução para o problema social, e, segundo ele, o Governo Provisório formado depois da vitória da Revolução de 1930 baseou-se neles para elaborar a legislação trabalhista e de previdência social, bem como para incluir a representação classista na composição da Assembleia Nacional Constituinte convocada em 1933. Através da correspondência sistemática com seus leitores, Olbiano começou a criar grupos organizados em cada capital. (Olbiano de Melo In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro 2019).

tiverem estes na sua vida, poderão desde já glorificar-se de levantarem aqui o facho de uma revolução ideológica, iniciadores da marcha, batedores dos novos dias brasileiros.” (*A Razão*, 04/06/1936, p. 2).

É importante enfatizar que, apesar de o jornal *A Razão* afirmar que em Pouso Alegre o grupo de operários era a maioria dentro do movimento integralista, também na camada dirigente, boa parte dos historiadores apresentam uma outra ideia. Mesmo com toda dificuldade de se definir o que viria a ser classe média no Brasil da década de 30, boa parte desses pesquisadores, como Hégio Trindade (1981, p. 235-299), acredita que os dirigentes do integralismo são formados em sua maioria por esta.

Segundo “Minha Coluna”, nas primeiras reuniões integralistas da cidade havia grande receio sobre a ação dos inimigos comunistas contra a AIB e seus simpatizantes ou membros. Por essa razão, as reuniões duravam “cerca de 40 minutos com as portas semi-fechadas”. O jornal, produzido por membros integralistas, funciona também como uma divulgação dos atos desses colaboradores: o autor de “Minha Coluna” nos diz que, no início as reuniões aconteciam na casa de um de seus membros, e que ele mesmo, na ausência de bons oradores, ficava como “explicador” do integralismo. “Receosos, medrosos, aos poucos fomos vencendo os desconfiados para crescer na cidade.” (*A Razão*, 1806/1936, p. 2)

O ANTICOMUNISMO INTEGRALISTA PRESENTE NO JORNAL A RAZÃO

O registro do Partido Comunista do Brasil é visto com indignação pela Ação Integralista, segundo a “Minha Coluna”, fazendo uma menção de maneira irônica e um tanto quanto jocosa, referindo-se a Aliança Nacional Libertadora⁵, como Nacional Libertina, diminuindo a criação do novo partido, fundado em Pouso Alegre em junho de 1935. Com a fundação do partido fica clara a perseguição dos integralistas aos comunistas, marcando seu “território”, tendo como uma importante tática definir e criticar seu inimigo, a fim de delimitar melhor sua ideologia e seu campo de ação. Nessa disputa, os comunistas são descritos como covardes. Além disso, os integralistas usavam frequentemente uma retórica maniqueísta, relacionando o comunismo ao mal e ao diabo.

No primeiro ano de publicação do jornal, pode-se inferir uma certa doutrinação, em razão disso, a apresentação de seus principais inimigos já aparece nos primeiros números. Em “Minha Coluna” de 16 de abril de 1936, os comunistas são apresentados como principais inimigos dos integralistas. São os comunistas, para o autor da coluna, que de alguma maneira também são os propulsores do integralismo, pois ao tentarem diminuí-lo, só fazem aumentar o interesse dos “camisas-verdes” em manter-se firmes no seu propósito. O jornal estabelece uma diferenciação

⁵ Organização política de âmbito nacional fundada oficialmente em 12 de março de 1935, embora sua ata de fundação seja datada do dia 23 e sua instalação pública tenha ocorrido no dia 30. Constituiu uma frente ampla em que se reuniram representantes de diferentes correntes políticas — socialistas, comunistas, católicos e democratas — e de diferentes setores sociais — proletários, intelectuais, profissionais liberais e militares —, todos atraídos por um programa que propunha a luta contra o fascismo, o imperialismo, o latifúndio e a miséria. Foi fechada em 11 de julho de 1935, continuando a atuar na clandestinidade até a eclosão da Revolta Comunista, no mês de novembro do mesmo ano. (Aliança Nacional Libertadora. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro 2019.

entre os movimentos comunista e integralista na cidade, pois, segundo ele a covardia era a marca indelével da trupe bolchevique, que não assinava seus nomes nem em seus manifestos, porém, a crítica é feita a eles mesmos, pela falta de uma maior ação e demonstração do orgulho de pertencer à Ação Integralista Brasileira, e em tom de ironia agradece aos comunistas.

Segundo Chauí (1978), estava no anticomunismo o principal motivo de adesão à Ação Integralista Brasileira, tanto por boa parte da classe média,⁶ que se via ameaçada do perigo, quanto dos operários que eram convencidos desse perigo e se alistavam, mas ainda havia uma importante parcela que era simpática ao regime fascista europeu. Dessa forma, afirma, baseando-se em Hélio Trindade, que a principal característica desse anticomunismo não é o nacionalismo, mas justamente uma concepção fascistizante. A conclusão de Trindade é que tais motivações confirmam a hipótese de que o anticomunismo era puro mimetismo face aos movimentos fascistas europeus e não uma clara percepção de algumas ameaças internas. Dessa forma podemos afirmar que os comunistas funcionavam como paradoxos para os integralistas: ao mesmo em tempo que temiam, por serem constantemente vigiados, eles também contribuía para o crescimento da Ação Integralista, por serem eles o principal inimigo a ser combatido.

O embate entre os integralistas e comunistas foi recorrente no jornal. Os “camisas-verdes” reclamavam de constante perseguição pela “trupe vermelha” da cidade e que eles os espreitavam, no dia a dia: “Além de tudo o olho comunista nos focalizava pelas guaritas das ruas, para nos pôr ao ridículo e ao esporeamento” (*A Razão*, 14/05/1936, p. 2). Um relevante fato nos revela a sagacidade dos comunistas, e como procediam no enfrentamento cotidiano da cidade. Nesse relato, o jornal nos apresenta uma ação na qual houve uma denúncia de que no lugar de uma reunião integralista, na verdade haveria uma organização comunista.

Terminada a nossa reunião do dia 14 de Fevereiro de 1935, na casa 465 do Parque, logo após a nossa saída, ali estacou um caminhão do 8º R.A.M, lotado de soldados empunhando fuzis. O comandante daquele efetivo deu ordem de prisão ao comp. João Azevedo, ali residente, procedendo depois a uma rigorosa investigação no interior da casa. Estranhando aquele ato, exigiu o comp. referido uma exposição do motivo porque era preso, declarando-lhe o comandante estar ali para impedir a realização de uma anunciada reunião comunista. Deante disso, o comp. João Azevedo explicou o acontecido, retirando-se, incontinenti, as forças militares. Soubemos depois que os nossos inimigos, para estabelecerem a confusão, cientificaram o comandante do 8º R.A.M sobre a realização, naquela casa, de uma reunião vermelha. Mal informados, com certeza deram a hora errada, sucedendo ali chegarem os soldados quando já nos havíamos retirado. Fato que suscitou a ideia de que estávamos com problemas com a polícia, o que segundo ele animou, pois perceberam que eles eram um problema para o avanço da Rússia, “Dentro de nós uma voz tropejava: “Inimigo à vista! Preparar para o combate!”. (*A Razão*, 11/06/1936, p. 2).

Para os membros da AIB, o “[...] maior trabalho dos integralistas é justamente esse, vigiar os passos dos inimigos da Pátria [comunistas], descobrir as suas manobras, executadas à sorrelfa.”

⁶ Entendemos classe média como uma parte da sociedade que não pertence à classe dominante, mas se alia a ela.

(*A Razão*, 27/08/1936, p. 2). O principal motivo da existência da Ação Integralista Brasileira é “salvar o Brasil da sua fraqueza, da politicagem que o infelicitiza, do comunismo que o ameaça. Precisamos dar-lhe um regime de justiça e de liberdade e não esse regime de tapeações e de misérias, onde só vencem os fortes, os poderosos, os ricos e os astutos” (*A Razão*, 17/12/1936, p. 2).

Além disso, responsabilizam os comunistas pelo início das lutas de classe, estes não se interessariam realmente pelos trabalhadores, e sim pela agitação e da desordem. Segundo o jornal *A Razão*, até mesmo o Ministério do Trabalho seria, para os integralistas, uma forte propaganda dos ideais comunistas. Segundo “Coluna Operária” de 01 de abril de 1936, “Desde que se criou no Brasil o Ministério do Trabalho surgiu as chamadas lutas de classe, até então quase inexistentes”. (*A Razão*, 01/04/1936, p. 3). O jornal demonstra certa inquietação com o perigo do crescimento comunista, em quase todos os números a repetição sobre o anticomunismo é característica indelével. Em “Coluna Operária”, por exemplo, fica claro que essa preocupação da influência comunista se dava principalmente em meio aos operários, pois segundo os próprios integralistas, seria essa a classe mais sujeita, pois os sindicatos estavam cheios de pessoas com esses ideais. Dessa maneira, a tática utilizada pelos integralistas para conquistar esses operários é demonstrar o quanto o integralismo poderia ser mais importante para suas vidas do que a ideologia comunista, ou seja, demonstrar o integralismo como única saída possível, para uma melhora efetiva da vida do operariado. Com isso, a AIB poderia ampliar seu número de membros, conquistando um importante aliado nas suas pretensões de comandar a nação brasileira.

A criação de um sindicato na cidade de Pouso Alegre é vista como um marco importante, pois com a finalidade corporativa, a criação de sindicatos é de grande valor. Porém, é visto com um certo temor, segundo o jornal, “Há todavia, por parte dos dignos operários pouso alegrenses, um grande mal a evitar e que infelizmente, é comum acontecer em iniciativas dessa espécie. Queremos nos referir à infiltração comunista, que se disfarça de todos os modos, agindo o mais sub-repticiamente possível.” (*A Razão*, 11/06/1936, p. 3).

Percebemos, ao longo das edições do jornal e da “Coluna Operária”, uma constante vigilância do sindicato, mas também uma relação amigável com os coordenadores locais, tanto que eram convidados para participar em reuniões em importantes datas, como a da Proclamação da República. Em nota, logo após a notícia sobre a solenidade: “A Ação Integralista Brasileira, sociedade civil, especialmente convidada pela comissão organizadora da solenidade, fez-se representar por uma comissão de camisas-verdes.” (*A Razão*, 10/11/1936, p. 2).

Os sindicatos em alguns casos tinham em sua liderança membros integralistas. Uma vez mais nos sugere que se não houvesse uma prática operária, também não haveria um perigo comunista, justificando a ideia de que havia uma sociedade polarizada e mobilizada no início da década de 30. Havia, por exemplo, reuniões com os integralistas antes das eleições, a fim de orientar os operários para o risco da infiltração dos ideais comunistas. O sindicato funcionaria como um orientador para os trabalhadores. Suas reuniões eram as terças e sextas-feiras, “sob orientação segura de um

pugilo de trabalhadores dignos e bem intencionados, que não medem sacrifícios no sentido de ver realizadas as justas aspirações do trabalhador pousoalegrense.” (*A Razão*, 17/09/1936, p. 3). Dentre as orientações que o sindicato oferecia, estavam os mais diversos assuntos tais como: registro em carteira de trabalho, novas leis, entre outras. O crescimento e aceitação do sindicato foram imediatos, inclusive tão logo sua fundação, já se pedia uma ampliação, pois de início se direcionava apenas aos trabalhadores da construção civil, e a sugestão do jornal era para que pudesse aceitar as demais profissões.

A RAZÃO E AS TÉCNICAS DE RETÓRICA INTEGRALISTAS E O CULTO AO CHEFE NACIONAL

Importante enxergar dentro do discurso integralista, presente no jornal, o desejo de diferenciação do autoritarismo aos moldes europeus e aquilo que seria a prática da organização integralista. Segundo o *A Razão*: “O Estado corporativo brasileiro é uma democracia orgânica, pois resulta dos sufrágios dos sindicatos, das federações e corporações. O governo vem debaixo para cima” (*A Razão*, 04/03/1937, p. 2). Começa nas famílias, que formam os Municípios. O Estado corporativo italiano; como o alemão é diferente. O impulso parte de cima. “As corporações na Itália e na Alemanha refletem os Estados; no Brasil produzem o Estado.” (*A Razão*, 04/03/1937, p. 2), o integralismo se faz entender por meio da comparação, justificando seu modo de agir, a partir dessa comparação.

A primeira marcha integralista nacional ocorreu no dia 23 de abril de 1933, a partir de então, todos os núcleos integralistas comemoravam a data realizando uma apresentação pública similar, para relembrar e homenagear o fato. Em virtude disso, Pouso Alegre fez sua primeira marcha, realizada no dia 23, no ano de 1935. Segundo o jornal, justificava “Comemorando o aparecimento do integralismo no Brasil, com a primeira marcha sobre o asfalto da capital paulista debaixo de uma atmosfera caliginosa, nós aparecíamos também em Pouso Alegre, aos olhos do público debaixo de uma atmosfera de indiferença, com poucos, mas decididos companheiros” (*A Razão*, 09/07/1936, p. 3).

Os discursos presentes no jornal fazem constantes referências às datas consideradas importantes ao movimento, a maioria delas era comemorada. Percebe-se, por meio das referências históricas que são citadas pelo jornal, a finalidade de construir uma ação que é legitimadora do discurso e fomento para a ação de seus integrantes. O jornal *A Razão*, por exemplo, faz uma pequena comparação entre os 18 primeiros integralistas de Pouso Alegre, com episódio “18 do forte de Copacabana”.

A primeira visita de Plínio Salgado à cidade de Pouso Alegre acontece no dia 31 de maio de 1936, aliás, essas visitas se tornaram uma prática comum. A visita funcionaria como fomento à iniciativa integralista nas cidades por onde ele passou. A julgar pela existência do jornal integralista, eram muitas. A visita foi um momento especial da vida do integralismo na cidade, segundo o jornal,

toda a preparação foi realizada com extremo cuidado e o clímax, como não poderia deixar de ser, foi a fala de Plínio Salgado, que foi saudado pelos gritos de “Anauê” Plínio, segundo *A Razão*, orador original tinha:

[...] a facilidade de expressão, a serenidade com que penetra os mais áridos campos das argumentações filosóficas e o desembaraço com que sai deles, a profusão de imagens e as perorações extranhamente fascinadoras, tudo faz dele um orador diferente dos demais e digno de ser ouvido (*A Razão*, 30/07/1936, p. 2).

O ano de 1936 termina com um grande sucesso da Ação Integralista Brasileira, seu crescimento chamou a atenção, algo que seria ainda mais destacado no ano de 1937 com o plebiscito integralista.

1937 - O PLEBISCITO E O FIM DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Os resultados das eleições municipais do ano de 1936 seguiam dando importantes sinais do crescimento da Ação Integralista Brasileira, tanto que logo no início de 1937 o jornal noticiava os números do pleito, citando vários integralistas eleitos em diversas cidades brasileiras. Segundo Marilena Chauí (1978), nas eleições municipais, os integralistas conseguiriam 250 mil votos, elegendo 500 vereadores e 24 prefeitos em todo o Brasil.

Na cidade de Pouso Alegre, os “camisas-verdes” conseguiram uma cadeira na legislatura e já chegavam ao número de 984 membros. Homens ainda eram a maioria, com 315 aspirantes e 278 juramentados; as mulheres 87 aspirantes e 22 juramentadas. Essa divisão, entre aspirantes e juramentados (as), acontecia devido ao rito de passagem integralista. O juramento, segundo o jornal, seria o último momento de aceitação de um novo membro. Nele se afirmava: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando sem discutir as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores” (*A Razão*, 26/01/1937, p. 2). Esse ritual é considerado o ponto definitivo do ingresso do novo membro integralista; seria o momento no qual, frente aos demais, se apresenta como Integralista e passava de aspirante a integralista juramentado. Aspecto importante, segundo Amado (2012), era a submissão, subordinação ao chefe nacional, expressa claramente na frase proferida em juramento, “sem discutir as ordens do Chefe Nacional e dos meus superiores”.

A Ação Integralista Brasileira também era constituída por crianças em Pouso Alegre, e somavam o número de 150 “Plinianos”, do sexo masculino, e 72 “Plinianas”, do sexo feminino (*A Razão*: 21/01/1937, p. 2). Segundo o jornal, todo cidadão Brasileiro poderia ser integralista, porém as crianças são “as meninas dos seus olhos”. A criança poderia ingressar nas fileiras integralistas a partir dos 5 anos de idade. Esses pequenos membros recebiam nomes sugestivos, “Plinianos” e “Plinianas”, chamados de “Infantis”, “Vanguardeiros” ou “Bandeirantes”, conforme a idade, até

⁷ A saudação entre militantes era feita com o braço direito levantado, como nos fascismos europeus. O gesto era acompanhado de uma palavra de origem indígena, “Anauê!”, que significa na língua tupi um grito de guerra ou uma saudação (“você é meu parente”). (Anauê. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro de 2019.

15 anos” (*A Razão*, 18/03/1937, p. 2). A justificativa sobre a busca dessa parcela da sociedade é que, “sendo um movimento que se destina a construção da grande Nação do futuro, não pode desprezar as crianças que serão amanhã os seus soldados, os verdadeiros integralistas, os melhores brasileiros.” (*A Razão*, 18/03/1937, p. 2).

Corroborando essa informação sobre a pretensão de controle sobre as crianças, Chauí (1978) cita que em 1937 havia cerca de 1.285 escolas primárias de caráter integralista, isso apenas no estado de São Paulo. Muito embora não tenhamos encontrado no jornal “A Razão” algo que faça referência a uma escola integralista em Pouso Alegre, apenas relato sobre instruções complementares, na sede integralista aos jovens Plinianos e Plinianas, que contudo não funcionavam como escola.

Os integralistas se dizem satisfeitos com o jornal *A Razão* em Pouso Alegre, tanto que em 13 de Março de 1937, completando um ano de circulação, ainda permanecia firme no propósito de divulgação da ideologia integralista. A divulgação de listas com sugestões de leitura de livros e textos produzidos pelos intelectuais “camisas-verdes”, contribuía para propagar a doutrina. Essas listas aparecem em várias edições. Dentre as diversas indicações, podemos destacar: “O que é Integralismo”, “A Quarta Humanidade” e “Geografia Sentimental”, de autoria de Plínio Salgado; “O Estado Moderno” e “ABC do Integralismo”, de Miguel Reale; “O Que o Integralista Deve Saber”, de Gustavo Barroso; “Levanta-te Brasil”, de Olbiano de Melo, e outros autores como: Ferdinando Martino Filho, Helio Vianna, Ovidio Cunha, Oswaldo Correa.

O jornal de 20 de maio de 1937 nos apresenta o plebiscito interno para a escolha do candidato integralista às eleições para a presidência, prevista para aquele ano. Convoca todos seus membros para a votação, que ocorreu nos dias 22 e 23 de maio. Além disso, o regulamento completo vem em destaque nesse dia e apresenta aspectos de como ocorreria aquela escolha. A simples possibilidade da escolha já demonstra a confiança de Plínio Salgado em seus comandados, o que também pode nos sugerir um enfrentamento dos seus opositores dentro do partido, uma grande demonstração de força.

O regulamento demonstra o interesse de ampliar ao máximo possível o movimento, apresenta aspectos interessantes, tais como o voto universal, de todos os membros da Ação Integralista Brasileira, acima dos 17 anos, inclusive analfabetos, que poderiam pedir ajuda a um companheiro para realizar seu voto. O voto não secreto funcionava da seguinte maneira: um livro no qual havia duas colunas, uma denominada votante e outra candidato; cada membro assinava seu nome e logo em seguida o nome de seu candidato, que poderia ser qualquer um dos membros integralistas. Feito isso, o “camisa verde” virava-se para os demais companheiros e anunciava seu voto em voz alta. O integralista poderia votar em qualquer um dos cerca de 2000 núcleos espalhados, bastando apresentar sua carteira de membro e votar. No regulamento estava prevista também uma verificação do resultado por um cidadão que não estava alistado nas fileiras integralistas.

Em Pouso Alegre o resultado foi: Plínio Salgado 383 votos, Gustavo Barroso 3 votos, Miguel Reale 1 voto, Lúcio dos Santos 1 voto, José M. Pereira 1 voto, Afonso Pena 1 voto, em branco 5 votos. Nos núcleos distritais: em Estiva, o resultado foi o seguinte: Plínio Salgado 53 votos, Gustavo Barroso

10 votos, Raul Leite 2 votos; Sertãozinho: Plínio Salgado 52 votos, Gustavo Barros 1 voto; Bateia: Plínio Salgado 62 votos. (*A Razão*, 27/05/1937, p. 1).

O plebiscito em Pouso Alegre reflete o resultado do Brasil, e foi visto com entusiasmo pela demonstração do tamanho que esse partido político atingira. Os números finais, que saíram mais de 15 dias depois do pleito, confirmaram essa grandiosidade. Segundo o jornal *A Razão* de 17 de junho de 1937, cerca de 849.375 votantes sagraram Plínio Salgado vencedor com 846.354 votos, garantindo algo em torno de 99% dos votos, contra 1.387 de Gustavo Barroso e 164 de Miguel Reale.

O ano de 1937 leva a Ação Integralista da glória ao caos, num ano que a candidatura do partido se mostrou forte para as eleições prometida por Getúlio. Segundo Calil (2010, p. 65-86), as constantes demonstrações de apoio a Vargas, como o caso de uma marcha em 1º de novembro de 1937 (também para demonstrar sua força), levou muitos integralistas a desfilarem em frente ao Palácio do Catete. Porém, esse ato acabou sendo prejudicial para a AIB, pois foi ela um motivo a mais para que Vargas desejasse liquidar o movimento, por receio de perder a estabilidade de seu governo.

A AIB via o golpe de Vargas como uma vitória e se sentia protegida, pois os seus principais inimigos, os comunistas estavam sendo fortemente repreendidos, porém a realidade começa a incomodar ao integralismo, pois o novo governo já dava sinais de que não gostaria de mais ninguém para dividir o poder. Porém, Getúlio Vargas faz com que essa esperança de Salgado caísse por terra, logo em seu primeiro discurso, quando não faz sequer uma menção ao integralismo, deixando-o em segundo plano, fazendo com que surgisse o inconformismo nos “camisas-verdes”.

Com o início da censura no Estado Novo, o jornal *A Razão* deixa de circular, a Lei de Segurança Nacional, tanto usada pelos integralistas, passa a ser empecilho e motivo de perseguição. Em dezembro de 1937, Getúlio Vargas decretou o fechamento de todos os partidos e, por conseguinte, da Ação Integralista Brasileira, juntamente com todas as demais organizações políticas do país, constituindo um governo sem compromissos dogmáticos. Segundo Gilberto Calil (2010, p. 65-86), “O Cancelamento do Registro da Ação Integralista Brasileira foi complementado por uma campanha sistemática contra os camisas-verdes. Sedes locais da AIB foram fechadas, reuniões impedidas e em vários casos, membros do partido encarcerados.” (2010, p. 69).

O partido da Ação Integralista Brasileira propunha reformar o Estado sem a necessidade da luta armada, tinha como ideal garantir a unidade nacional e a harmonia social, que surgiriam principalmente por meio das corporações de ofício. Porém, mesmo com ideais semelhantes ao do comandante da Nação, eles fracassaram, pois de alguma maneira ameaçaram o poder de Getúlio Vargas. Ameaçavam no sentido de que não interessava ao presidente nenhum partido para controlar o Estado, Getúlio soube bem negociar com os vários setores da sociedade, até mesmo com os comunistas.

O isolamento criado pela perseguição e com exílio de seu líder, além de sua imprensa proibida, contribuiu para o esfacelamento do integralismo, “Assim, o integralismo encontra-se, naquele momento, derrotado, dividido e sem capacidade de iniciativa. Situação que o levaria, poucos meses depois, a opção pela ação armada”⁸ (CALIL, 2010, p. 70), porém fracassada.

⁸ Levante irrompido em 11 de maio de 1938, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, sob a liderança dos integralistas e com o apoio de opositoristas liberais, visando à deposição do presidente Getúlio Vargas. Plínio Salgado, principal líder, foi exilado em Portugal.

REFERÊNCIAS

- Aliança Nacional Libertadora. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro 2020.
- AMADO, T.C. *A Nação Despertou? O Integralismo e sua cenografia, 1932-1937*. 2012. 92 fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- Anauê. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro 2020.
- CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: Revista de História*, v. 16, 65-86, 2010.
- CARVALHO, José Murilo. História Intelectual no Brasil: A Retórica Como Chave de Leitura. *Topoi*, n.1, 145, 2000.
- CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo: CEDEC/Paz e Terra, 1978.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-151.
- Olbianio de Melo In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 15 janeiro 2020.
- OLIVEIRA, Márcio Tiago Rodrigues de. *Os Anauê na trilha dos Uai: a Ação Integralista Brasileira nas páginas do jornal A Razão de Pouso Alegre (1936-37)*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2015.
- RIBEIRO, A. P. G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos - CPDOC/ FGV*, Rio de Janeiro, v. 31, 147-160, 2003.
- TRINDADE, Helgio. Integralismo: teoria e praxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Bóris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1981.

AÇÃO INTEGRALISTA EM VARGINHA: ARQUIVOS DA POLÍCIA POLÍTICA (1935-1938)¹

JOSÉ ROBERTO SALES²

Em 1935, o município de Varginha possuía uma população de 30.000 habitantes, sendo 12.000 habitantes na sede. O total inclui as populações do distrito de Carmo da Cachoeira e do povoado de São Bento (*ALMANAK LAEMMERT*, 1935, p. 306-262), atuais municípios de Carmo da Cachoeira e São Bento Abade. Nessa época, a economia do município era movida, principalmente, pelas atividades domésticas, escolares e de agricultura, pecuária e silvicultura.³ A estimativa populacional para o município, no ano de 2019, foi de 135.558 habitantes.⁴ Na segunda metade da década de 1930, durante o Estado Novo, a preocupação da polícia política de Minas Gerais era, principalmente, com a Ação Integralista Brasileira, associada à influência fascista.

Os integralistas se preocupavam com a instrução pública (educação escolar) como instrumento de doutrinação das massas, com a abertura de ambulatórios médicos, com a participação política, inclusive por meio de sindicatos para “disciplinar a massa” (*A Razão*, 02/07/1936, p. 3), com a colocação de desempregados e com a infraestrutura dos municípios. No dia 15 de julho de 1936, os integralistas varginhenses abriram uma escola de alfabetização no povoado de São Bento (*A Razão*, 23/07/1936, p. 1). Vários integralistas concorreram às eleições municipais em Varginha e em municípios da região. E, segundo eles: “O segredo do progresso de Varginha está, quase exclusivamente, na existência de uma ótima rede de estradas que se irradiam daquela cidade para as vizinhas, como verdadeiros tentáculos” (*A Razão*, 16/07/1936, p. 1-2).

¹ Este trabalho é uma síntese da pesquisa publicada no livro SALES, José Roberto. *Estudo sobre o Integralismo e o Comunismo em Varginha (MG): a Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências e a Polícia Política de Minas Gerais 1936-1972*. Varginha: José Roberto Sales, 2016.

² Especialista em História e Construção Social do Brasil pela Universidade em Três Corações (UninCor). Formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Varginha (FAFI). Capacitado em Gestão de Documentos (Fundação João Pinheiro). Pesquisador da Fundação Cultural do Município de Varginha (MG).

³ IBGE. Recenseamento Geral de 1940. Minas Gerais. Varginha, p. 564-565. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

⁴ IBGE. Estimativa populacional para Varginha (MG) 2019. Disponível em: <idades.ibge.gov.br/Brasil/MG/panorama>.

Em 07 de agosto de 1935, uma carta do investigador José da Rocha Viana Júnior para Orlando Moretzsohn, Delegado de Ordem Pública de Belo Horizonte, informava que o referido investigador estava trabalhando na organização de uma lista de integralistas em Varginha.⁵

As listas manuscritas e datilografadas, pertencentes ao antigo Departamento de Ordem Política e Social, citam os nomes de integralistas, de eleitores e de simpatizantes do integralismo em Varginha.

1. “Relação dos fazendeiros do município de Varginha”⁶ com 82 nomes datilografados dos quais 31 são marcados com as letras “I” – integralista ou “S” – simpatizante.
2. “Lista dos camisas-verdes que inscreveram novos integralistas”⁷, de autoria dos integralistas, manuscrita, com 95 nomes, sendo 66 homens e 29 mulheres.
3. “Integralistas de Varginha – Fichas remetidas Arquivo”.⁸ Lista datilografada, com trinta nomes, sendo 25 homens e cinco mulheres.

Alguns nomes são seguidos das siglas CD, CM, DME, SDCSE E SMOP, sem legendas. Segundo periódicos integralistas consultados, dentre eles, *A Razão*, editado em Pouso Alegre (MG), as siglas se referem a Chefe Distrital (CD), Chefe Municipal (CM), Diretoria Municipal de Estudantes (DME) e Secretaria Municipal de Operação Política (SMOP).

Em 1935, três anos após a sua fundação, a Ação Integralista Brasileira em Varginha ainda parecia contar com poucos adeptos, segundo se deduz das informações do documento redigido pelo investigador Viana Júnior. Ele informava aos seus superiores que poucas pessoas pertenciam ao integralismo, embora meia dúzia de colegas pretendessem criar o núcleo na cidade com o auxílio do núcleo já instalado da cidade vizinha de Três Corações.⁹

O auge do Movimento Integralista em Varginha foi nos anos 1936 e 1937, período marcado pela visita de Gustavo Barroso (1888-1959) à cidade. O *Correio do Povo*, periódico local, relatou a visita em detalhada e extensa nota: Barroso foi saudado na estação ferroviária de Varginha “pelos camisas-verdes com dois Anauês do estilo. Acompanhado ao hotel em que devia hospedar-se por todos os integralistas presentes, em número superior a 600 e por todas as pessoas da sociedade varginhense que foram assistir à sua chegada”. Ainda segundo a mesma nota, aguardava por ele, no Cine-Teatro Capitólio, grande multidão, “composta dos melhores elementos da nossa sociedade [...]: médicos, advogados, políticos, professores, banqueiros, comerciantes, fazendeiros, operários, funcionários públicos e muitas senhoras e senhoritas com calorosa salva de palmas” (*Correio do Povo*, 22/01/1937, p. 109).

⁵ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4999, documentos 99 e 100. Carta manuscrita de José da Rocha Viana Júnior. Três Corações, 07/08/1935.

⁶ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 9, sem assinatura e s.d. [1935?].

⁷ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 11-14, sem assinatura e s.d. [1935?].

⁸ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 17, sem assinatura e s.d. [1935?].

⁹ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4999, documento 94. Serviço de Investigações. José da Rocha Viana Júnior, investigador 90. Belo Horizonte, 26/08/1935.

No início de novembro de 1936, um relatório de diligência da Polícia de Minas Gerais enviado ao Chefe do Serviço de Investigações, em Belo Horizonte, informava que o núcleo integralista de Varginha estava se desenvolvendo e contava com cerca de duzentos adeptos na sede (cidade de Varginha) e, com cerca de trezentos, no distrito de Carmo da Cachoeira. O chefe desse núcleo era o comerciante Odorico Venga Filho (1908-1980), considerado moço de bons costumes e que gozava de muita simpatia dos varginhenses. Ele era auxiliado por Dr. Plínio Pinto, João Alexandre Cruz, José Vernan, Washington Ferreira e Sebastião Cardoso Braga (1917-1996). Ainda segundo o documento, esses associados cogitavam fundar em Varginha um núcleo da Ação Imperial Patrianovista Brasileira. O distribuidor dos prospectos desse novo partido político era Joaquim de Oliveira Tatim. O investigador adquiriu um folheto de propaganda do movimento e o anexou ao relatório. Ele comunicou ao seu superior que “Deve ter surgido à luz de publicidade, no sábado último, em Varginha o semanário intitulado “TACAPE”, órgão defensor da doutrina do Sigma, cujos editores deveriam ser o Dr. Plínio Pinto e o estudante Renato Bhering¹⁰. Além das atividades integralistas, Joaquim de Oliveira Tatim, citado no relatório, também foi investigado pela polícia política por ser, supostamente, comunista. O arquivo da polícia política possui vários relatórios sobre as atividades políticas praticadas por ele.

No relatório supracitado, percebe-se que o agente de Estado confunde dois movimentos políticos distintos, mas que possuíam um ideário de propostas com alguns pontos semelhantes: a Ação Integralista Brasileira e a Ação Imperial Patrianovista Brasileira. A Ação Imperial Patrianovista, idealizada pelo líder negro Arlindo José Veiga dos Santos (1902-1978), foi fundada em 03 de março de 1928. O Patrianovismo era baseado em uma filosofia política conservadora, representava o pensamento neomonárquico brasileiro e visava à (re)instauração do Império com o III Reinado¹¹. Apesar de alguns pontos em comum, como a defesa de um ideário conservador, católico e nacionalista, o Patrianovismo e o integralismo foram movimentos políticos com objetivos diferentes.

No início de 1937, último ano da existência legal da Ação Integralista Brasileira, os ânimos políticos estavam exaltados no município de Varginha. Podia-se perceber uma divisão ideológica entre a população adepta do integralismo e a contrária a ele, o que poderia levar à violência física, ao vandalismo e à perturbação da ordem pública. Há indícios de que o acirramento dos ânimos foi-se agravando no decorrer do ano, conforme se constata das correspondências oficiais trocadas entre a Delegacia de Polícia de Varginha e a Delegacia de Ordem Pública, em Belo Horizonte.

Em janeiro desse ano, uma carta de Domingos Ribeiro de Rezende (1877-1943), endereçada ao capitão Dornelles, Delegado da Ordem Pública de Belo Horizonte, dá notícia de provocações feitas pelos integralistas aos seus opositores no povoado de São Bento, que, segundo relatos, estavam

¹⁰ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4999, documentos 90 e 91. Serviço de Investigações. Investigador 111, que assina Aldem... [ilegível]. Belo Horizonte, 09/11/1936.

¹¹ CEDIC. PUC-SP. Centro de Documentação e Informação Científica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coleção Ação Imperial Patrianovista. Contextualização. História. Administração/Biografia. Disponível em: <www.pucsp.br> Acesso em: 15 dez. 2019.

realizando exercícios militares em atitudes agressivas¹². O tipo de provocação e de atitude agressiva não foi especificado no documento.

Em 20 de agosto de 1937, a exaltação de ânimos ainda persistia, agora, no distrito de Carmo da Cachoeira. Dessa vez, foram os integralistas que solicitaram proteção policial, pois os ativistas residentes no distrito teriam sido avisados de que elementos anarquistas pretendiam invadir a Sede do Núcleo, intimidando cidadãos na fase de qualificação eleitoral. Antonio Lobato Ribeiro de Castro, representante da Ação Integralista Brasileira, Província de Minas Gerais, assinou a correspondência em nome da Ação Integralista Brasileira.¹³

No dia seguinte, a Delegacia de Ordem Pública de Belo Horizonte expediu um ofício para o Delegado de Polícia de Varginha em que solicitava a apuração do fato, que ameaçava a perturbação da ordem em Carmo da Cachoeira, “por questões doutrinárias entre elementos do integralismo e pessoas que combatem este partido”.¹⁴

Em 07 de novembro de 1937, apenas três dias antes da instauração do Estado Novo, o movimento integralista em Varginha ganhara impulso suficiente para inaugurar a nova sede do Núcleo Integralista Municipal, localizada no pavimento térreo de um sobrado residencial, na Avenida Rio Branco, principal logradouro público da cidade, à época. O imóvel era de propriedade do Coronel José Antônio da Silveira Bragança, alocado para os integralistas por Rs 200\$000 (duzentos mil-réis) mensais. O fiador e responsável pelo aluguel foi o advogado e integralista José Pinto de Rezende.¹⁵

O Chefe Municipal da Ação Integralista em Varginha era Alfredo de Angelis¹⁶. O coronel Silveira Bragança era um capitalista – para usar um termo da época – do ramo cafeeiro. Pessoa de destaque no meio social e político da cidade, foi presidente da Associação Comercial de Varginha – Aciv, entre 1933 e 1935. Devido à sua influência política no município, na década de 1930, ele integrou a comitiva varginhense recebida pelo presidente Getúlio Vargas para uma conversa informal em março de 1931, em um hotel da estância hidromineral de São Lourenço (*Diário da Noite*, 04/03/1931, p. 4).

No núcleo urbano do município de Varginha, houve tensão entre a polícia e os integralistas, conforme se percebe no ofício enviado pelo integralista Antonio Lobato Ribeiro de Castro ao Delegado de Ordem Pública em Belo Horizonte. Segundo Castro, o Delegado de Polícia de Varginha estava cerceando a propaganda política da Ação Integralista Brasileira e realizando prisões sem motivo, o que criava um ambiente de constrangimento e de insegurança pública.¹⁷

¹² APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 51. Carta manuscrita de Domingos Ribeiro Rezende ao Delegado de Ordem Pública. Varginha 04/01/1937.

¹³ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 49. Ofício de Antonio Lobato Ribeiro Castro, em papel sem timbre, para o Delegado de Ordem Pública em Belo Horizonte. Belo Horizonte, 20/08/1937.

¹⁴ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 48. Ofício de Orlando Moretzsohn, Delegado de Ordem Pública de Belo Horizonte para o Delegado de Polícia de Varginha. Belo Horizonte, 21/08/1937.

¹⁵ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 3, 41, 42 e 43. Varginha, 07/11/1937.

¹⁶ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 3. Carta-convite à população assinada por Alfredo de Angelis. Varginha, 04 nov. 1937.

¹⁷ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 46. Ação Integralista Brasileira. Província de Minas Gerais. Carta de Antonio Ribeiro de Castro. Belo Horizonte, 08/11/1937.

Alguns documentos assinados por agentes públicos, do período imediatamente anterior à instauração do Estado Novo no Brasil, revelam, explicitamente, o desejo de extermínio dos adversários políticos, inclusive em uma cidade pequena como Varginha, à época. De um relatório do capitão Neactor de Oliveira, Delegado Especial de Polícia em Varginha, consta: “o Governo tem grande interesse no extermínio de extremistas”.¹⁸

Exterminar também pode ser sufocar e asfixiar as potencialidades, aspirações e práticas políticas, científicas e artísticas de determinado cidadão ou grupo social, ou seja, o extermínio das aspirações e da liberdade de expressão pode ser compreendido como a morte em seu sentido velado e metafórico e nem por isso menos cruel.

Em novembro de 1937, quando a Ação Integralista Brasileira foi extinta após a instauração do Estado Novo, algumas medidas foram tomadas em Varginha para encerrar as atividades do integralismo no município.

Todos os Núcleos Integralistas da sede (Varginha), e, do então distrito de Carmo da Cachoeira e do povoado de São Bento foram fechados no dia 07 de dezembro de 1937. O capitão Neactor de Oliveira, Delegado Especial em Varginha, enviou um radiograma ao Chefe de Polícia, em Belo Horizonte, em que comunicava o fechamento das salas onde as reuniões eram realizadas, disse estar de posse das chaves e que a operação foi realizada “sem alteração”.¹⁹ Pela expressão “sem alteração” o delegado quis dizer que não houve resistência popular com o fechamento dos núcleos nem perturbação da ordem pública. Assim, a nova sede do núcleo integralista de Varginha foi fechada exatamente um mês após a sua inauguração.

No final de dezembro, em um ofício, o mesmo capitão Neactor de Oliveira informou à Chefia de Polícia que, após ter procedido ao imediato fechamento dos núcleos integralistas de Varginha e de seus distritos, instaurou os respectivos inquéritos policiais para a devida apuração dos fatos.²⁰

Um ofício do advogado José de Rezende Pinto, outro Chefe Municipal da Ação Integralista Brasileira em Varginha, endereçado ao chefe da Polícia Militar de Minas Gerais, comunicava que, em obediência ao Decreto-Lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937, o capitão Neactor de Oliveira, delegado especial do Município de Varginha, fechara e interditara a sede do núcleo local da extinta Ação Integralista Brasileira, apreendendo arquivo, bandeiras, distintivos e chaves do prédio, onde se achava instalado o antigo Núcleo. O advogado ainda comunicou que os móveis existentes na antiga sede poderiam ser retirados pela polícia, ou então, depositados, depois de devidamente inventariados, em outro qualquer cômodo, de aluguel mais barato.²¹

¹⁸ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4999, documentos 67 e 68. Polícia de Minas Geraes. Relatório do capitão Neactor de Oliveira. Varginha – MG, 08 nov.1937.

¹⁹ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 44. Radiograma de Neactor de Oliveira para o Chefe de Polícia de Belo Horizonte. Varginha, 07 dez. 1937.

²⁰ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 43. Varginha, 20 dez. 1937.

²¹ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 41 e 42. Carta de José de Rezende Pinto para o chefe da Polícia Militar de Minas Gerais. Varginha, 20 dez. 1937.

O Decreto-Lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937, citado pelo advogado, dispunha sobre partidos políticos e determinou, no art. 1º, a dissolução de todos os partidos políticos do Brasil, a partir dessa data. No art. 2º, estabeleceu-se a proibição de uniformes, estandartes, distintivos e outros símbolos dos partidos políticos, o que atingia diretamente uma das principais formas de propaganda e de identificação dos membros da Associação Integralista Brasileira.²²

A sede do núcleo integralista de Varginha foi fechada, definitivamente, em 07 de dezembro de 1937. Apesar disso, a Delegacia de Ordem Pública de Belo Horizonte ainda solicitou à Delegacia de Polícia de Varginha, em fevereiro de 1938, a investigação de um cidadão suspeito de prática de atividades integralistas no município. O suspeito era Antonio Gomes Horta Júnior, médico veterinário residente em Varginha “e que, segundo consta, está exercendo misteriosa atividade integralista”.²³

Em 23 de fevereiro de 1938, o Delegado de Polícia de Varginha, Marcello Caetano, comunicou ao Delegado de Ordem Pública de Belo Horizonte ter tomado providências para realizar as investigações necessárias sobre as atividades consideradas suspeitas, exercidas pelo médico veterinário citado. A finalidade das investigações era verificar se as denúncias possuíam fundamento; com esse propósito, o delegado escalou um soldado à paisana para entrar em contato com o investigado.²⁴ Os Arquivos da Polícia Política não contêm outros documentos sobre esse assunto a partir do segundo semestre de 1938, portanto, não dispomos de informações sobre o resultado dessa investigação.

O texto do ofício deixa clara uma das estratégias de investigação praticada pela polícia política desde o início do Estado Novo: a de colocar investigadores à paisana para travar contato social com o suspeito, a fim de obter informações sem provocar desconfianças, nem do investigado, nem das pessoas com as quais ele convivia.

Conforme admitiu Foresti em depoimento sobre seu pai, o integralista Sebastião Cardoso Braga (Nôca), “mesmo com a proibição do funcionamento de qualquer agremiação política, em novembro de 1937, Nôca Braga continuou participando do Movimento Integralista Brasileiro – MIB, na clandestinidade”.²⁵ Uma vez que a prática política é uma atividade social realizada, evidentemente, por meio de relacionamentos interpessoais, não é demais supor, portanto, que a mesma situação possa ter ocorrido com outros membros da Ação Integralista Brasileira em Varginha.

Em 1935, Sebastião Braga, com dezoito anos de idade, entusiasmou-se com os princípios ideológicos de resgate da cultura nacional, defesa da propriedade privada, valores morais, nacionalismo, prática cristã e combate ao comunismo. Apenas em 1938, percebeu uma facção fascista na AIB, momento que resolveu se desfiliar do movimento. Na maturidade, não gostava de comentar

²² DECRETO-LEI Nº 37, de 02 de dezembro de 1937. Art. 1º e 2º. *Diário Oficial da União*. Seção 1, 04 dez. 1937, p. 23961.

²³ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 36. Radiograma de Orlando Moretzsohn, Delegado Ordem Pública ao Delegado de Polícia de Varginha, 17 fev. 1938.

²⁴ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 34 e 35. Varginha, [4 ou 21?] fev. 1938.

²⁵ Arquivo particular do autor. Correspondência eletrônica de Lydia Maria Braga Foresti para José Roberto Sales. Varginha, 18 set. 2015.

sobre o período em que dizia ter se iludido pela tríade: Deus, Pátria e Família.²⁶ Escritor e membro da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, Braga, não deixou seu depoimento sobre sua participação no movimento e sobre as circunstâncias em que ele se estabeleceu, desenvolveu e foi proscrito em Varginha.

Os documentos e materiais apreendidos no Núcleo Municipal Integralista de Varginha foram remetidos para Belo Horizonte, por via férrea, em maio de 1938, cinco meses após a polícia ter fechado a sede. O capitão Neactor de Oliveira foi Delegado de Polícia Especial em Varginha, pelo menos até o final de janeiro de 1938, sendo substituído, em seguida, pelo Delegado Regional Abelardo Ribeiro Freire, que despachou o caixote com o material apreendido para a Delegacia de Ordem Pública, na Capital. O referido caixote pesava 27 quilos e continha todo o material existente na Delegacia, apreendido pelo delegado anterior, na sede da extinta Ação Integralista Brasileira do município.²⁷

O conteúdo do material remetido, não especificado no ofício de 23 de maio de 1938, constava do ofício anterior, datado do dia 02 do mesmo mês e ano: “uns livros contendo os nomes de associados, outros livros de apontamentos referentes às despesas etc., outros papéis de menor importância, bandeira e escudo”.²⁸

Em 28 de maio de 1938, a agência dos Correios e Telégrafos de Varginha recebeu um pacote considerado suspeito endereçado ao delegado de polícia local. O pacote foi aberto e inspecionado pelos agentes postais que lavraram um auto sobre a ocorrência antes de encaminhá-lo à Delegacia de Polícia. O material encontrado na inspeção, referente à Ação Integralista Brasileira, continha um cartucho de fuzil *mauser*. A cápsula estava envolvida por um pedaço de papel branco que trazia no impresso sobre o mapa do Brasil o distintivo usado pelos integralistas. Escrito a lápis preto, em letra de forma, a palavra de ordem AVANTE!, título do hino dos integralistas. Os agentes postais-telegráficos tiveram o cuidado de vistoriar o pacote em nome da segurança pública, mas, conforme alegaram, sem a violação da correspondência em anexo.²⁹

A suspeição sobre a posse do material ilícito recaiu sobre dois fazendeiros, um residente no povoado de São Bento, município de Varginha e, o outro, no então distrito de Luminárias, município de Lavras: Aureliano Ferreira de Oliveira, conhecido como Licas Ferreira, residente na fazenda da Lage, e Cláudio Fachardo Junqueira, chefe do núcleo integralista de São Bento, esse último identificado em outro documento. Corriam boatos da existência de material bélico na casa de residência da fazenda do chefe da extinta Ação Integralista no povoado de São Bento.³⁰

²⁶ Arquivo particular do autor. Correspondência eletrônica de Lydia Maria Braga Foresti para José Roberto Sales. Varginha, 18 set. 2015.

²⁷ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 30. Ofício do Delegado Regional Abelardo Ribeiro Freire para o Delegado da Ordem Pública de Belo Horizonte. Varginha, 23 maio 1938.

²⁸ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 32. Ofício do Delegado Regional Abelardo Ribeiro Freire para o Delegado da Ordem Pública de Belo Horizonte. Varginha, 02 maio 1938.

²⁹ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 29. Auto [de abertura e vistoria em objeto postal suspeito]. Varginha, 28 maio 1938.

³⁰ APM. APP APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 24-27. Delegacia Regional de Polícia de Varginha. Varginha, 04 jun. 1938.

Após as investigações realizadas, o delegado declarou em seu relatório: “Nada encontrei: nem armas, nem munições, papéis ou boletins do integralismo”.³¹ Mesmo assim, ele manteve a convicção da culpabilidade dos suspeitos e as investigações ainda prosseguiram.

Dando continuidade à mesma investigação, em 17 de junho de 1938, o Subdelegado de Polícia de Luminárias, Antonio Garcia Netto, realizou busca na fazenda de Aureliano Ferreira de Oliveira e apresentou o relatório ao Delegado de Polícia de Lavras.³²

As duas buscas realizadas não localizaram nenhum armamento que pudesse ser considerado de porte ilegal, tanto pelo tipo quanto pela quantidade, nem material algum relacionado ao integralismo. Os depoentes alegaram que as denúncias contra eles poderiam ter sido motivadas por questões de ordem pessoal como antipatias, ressentimentos, rixas familiares e desavenças político-partidárias.

A análise do ofício do Delegado de Varginha, datado de 04 de junho de 1938, além de outros documentos de mesmo teor do Arquivo da Polícia Política, consultados para a realização desta pesquisa, revelam aspectos fundamentais das condições de trabalho na Delegacia Regional de Varginha, e, aspectos do *modus operandi* dos agentes da Polícia Política, no final dos anos 1930, em Varginha, para investigar os suspeitos de serem integralistas e comunistas:

1. Acatamento pelos agentes do Estado de denúncias anônimas.
2. Utilização de policiais à paisana para a investigação de suspeitos.

3. Formação de suspeição da autoridade policial sem provas ou indícios consistentes: os delegados de polícia costumavam proceder a diligências, investigações e inquéritos muitas vezes baseados apenas em “boatos aqui reinantes”, boatos que “tomaram maior vulto”, “bilhetes anônimos denunciando vagamente a inquietação” e outras suposições similares, cujos termos constam das documentações.³³

4. Improvisação de ações policiais: em uma das ocorrências registradas em documento, para realizar uma inspeção policial, o delegado obteve emprestado um caminhão para o transporte dele próprio, dos policiais e do escrivão até o local a ser vistoriado. O relatório não esclarece se o caminhão foi oficialmente emprestado por algum órgão público federal, estadual ou municipal ou se por particulares, de modo informal.³⁴

5. Relatórios com omissão de dados essenciais de identificação: alguns relatórios policiais não traziam as assinaturas nem registravam a identificação dos policiais participantes das vistorias, buscas ou apreensões, dos suspeitos ou investigados e não informavam o endereço do local onde a vistoria foi realizada. Em um Estado democrático de direito, falhas técnicas desse tipo podem ensejar a nulidade do documento, caso ele seja utilizado como prova contra os suspeitos ou indiciados.

6. Interceptação, inspeção e/ou abertura de encomendas consideradas suspeitas, recebidas na agência local dos Correios e Telégrafos, com prováveis violações de correspondência.

³¹ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 25. Delegacia Regional de Polícia de Varginha. Varginha, 04 jun. 1938).

³² APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 20. Ofício manuscrito de Antonio Garcia Netto. Luminárias (distrito de Lavras), 17 jun. 1938.

³³ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 24-27. Ofício da Delegacia Regional de Polícia de Varginha ao Delegado de Lavras, assinado por Abelardo Ribeiro Freire, Delegado Regional, Varginha, 04 jun. 1938.

³⁴ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 20. Ofício manuscrito de Antonio Garcia Netto. Luminárias (distrito de Lavras), 17 jun. 1938.

7. Fatos x suposições: um exemplo da preponderância das suposições sobre os fatos pode ser encontrado na vistoria realizada na fazenda do integralista Cláudio Fachardo Junqueira, no povoado de São Bento. Os policiais encontraram apenas uma cartucheira do Exército e nenhum armamento e material de propaganda do integralismo. Isso levou o delegado a levantar uma nova suspeição: a de que o fazendeiro Aureliano Ferreira de Oliveira, amigo do investigado, teria recebido e escondido o armamento em fazenda de sua propriedade, no distrito de Luminárias. Realizada a vistoria nessa segunda fazenda, nada foi encontrado.³⁵

8. Abuso de poder por parte de delegados e de autoridades policiais.³⁶

9. Material de trabalho de rotina: a Delegacia de Polícia de Varginha não contava com o material básico necessário para a realização de exames periciais de impressões digitais (datilogramas). O Delegado Regional citou a falta dos seguintes materiais: pós de alumínio, de fumo, iodo cristalizado e um cadinho (pequeno vaso para a mistura de materiais).³⁷

Durante os dois últimos anos da Ação Integralista em Varginha, foram Delegados de Polícia na cidade: Lourival Silvério (set. 1937), o capitão Neactor de Oliveira (nov. 1937-jan. 1938), Marcello Caetano (fev. 1938) e Abelardo Ribeiro Freire (maio/jun. 1938). Neactor de Oliveira e Lourival Silvério assinaram os documentos como Delegado Especial; Marcello Caetano, apenas como Delegado e Abelardo Ribeiro Freire, como Delegado Regional. As datas entre parênteses correspondem às dos períodos dos documentos assinados por eles e não às dos períodos exatos de permanência nos cargos.³⁸

O Livro de Actas da Câmara Municipal de Varginha 1936-1945, que contém as atas do período entre 28 de julho de 1936 e todo o ano de 1938, não faz nenhuma referência à Ação Integralista Brasileira. A turbulência política do final de 1937, no entanto, foi registrada, de modo dramático: “O país atravessa, nesse momento, uma fase de suma gravidade. Elementos criminosos procuram subverter a ordem e empapar de sangue o solo da Pátria. [...] sombras que ameaçam cobrir o céu do Brasil com a anarquia que arruinará a Pátria, a Família e Deus”.³⁹

Nos anos de atividade da Ação Integralista Brasileira, a polícia política mineira se preocupava, simultaneamente, com a identificação dos comunistas, defensores do pensamento político de esquerda, referidos na documentação pesquisada da Polícia Política de Minas Gerais com variados termos: marxistas, comunistas, vermelhos, rubros, esquerdistas, extremistas, subversivos e marginados. O marxismo foi também denominado “doutrina vermelha” e seus divulgadores “ideólogos marxistas”.⁴⁰

³⁵ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documento 20. Ofício manuscrito de Antonio Garcia Netto. Luminárias (distrito de Lavras), 17 jun. 1938.

³⁶ Segundo preceitos estabelecidos na Constituição de 1934, em vigor até 09 de novembro de 1937 e nos Decretos nº 847, de 11 out. 1890 (Código Penal) e nº 22.213, de 14 dez. 1932 (Consolidação das Leis Penais de Piragibe), ambos em vigor durante o período estudado.

³⁷ APM/Fundo Dops-MG. Pasta 4994, documentos 24-27. Ofício da Delegacia Regional de Polícia de Varginha ao Delegado de Lavras, assinado por Abelardo Ribeiro Freire, Delegado Regional, Varginha, 04 jun. 1938.

³⁸ APM/Fundo Dops-MG. Documentos variados do período 1935-1938.

³⁹ LIVRO DE ACTAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA 1936-1945. Ata de 08 nov. 1937, p. 98-99. Fundação Cultural do Município de Varginha – Centro de Documentação Histórica – CEDOC.

⁴⁰ APM/Fundo Dops-MG. Documentos variados do período 1927-1938.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos 55 anos de atividade da polícia política em Minas Gerais, entre 1927 e 1982, os agentes da vigilância pública produziram uma grande massa documental, resultado do trabalho investigatório de centenas de agentes do estado. Parte expressiva dessa documentação foi deliberadamente destruída, antes que o conjunto restante, enfim, passasse à proteção oficial, em 1998, sob a guarda do Arquivo Público Mineiro. Devido à perda, é bastante escassa a documentação referente à Ação Integralista Brasileira em Varginha, pertencente ao referido arquivo.

As pastas 4994 (Varginha, rolo 074, out. 1936 a jun. 1938, 52 imagens) e 4999 (Varginha – Comunismo, rolo 075, jul. 1935 – maio 1956, 104 imagens), dos Arquivos da Polícia Política, são as que contêm o maior número de documentos com informações sobre o integralismo em Varginha.

A pesquisa aqui apresentada realiza o cotejamento da documentação oficial da Polícia Política Mineira com o Livro de Actas da Câmara Municipal 1936-1945 e com notas e artigos publicados pela imprensa do período em estudo. Tal trabalho constitui uma tentativa de construção de uma narrativa histórica que permitem iluminar alguns aspectos relevantes da trajetória da Ação Integralista Brasileira em Varginha.

REFERÊNCIAS

ALMANAK LAEMMERT Guia Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Laemmert, 1935.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE (Brasil). Vol. II. Textos temáticos. Cap. 7. Ditaduras e homossexualidades, p. 302. Disponível em: <www.cnv.gov.br>. Acesso em: 21 set. 2019.

DECRETO-LEI Nº 37, de 02 de dezembro de 1937. Art. 1º e 2º. *Diário Oficial da União*. Seção 1, 04 dez. 1937, p. 23961.

IBGE. *Recenseamento Geral de 1940*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

LIVRO DE ACTAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA 1936-1945. Ata de 08 nov. 1937, p. 98-99. Fundação Cultural do Município de Varginha – Centro de Documentação Histórica – CEDOC.

SALES, José Roberto. *Estudo sobre o Integralismo e o Comunismo em Varginha (MG): a Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências e a Polícia Política de Minas Gerais 1936-1972*. Varginha: José Roberto Sales, 2016.